

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

ESTER PAIXÃO CORRÊA

**Mulheres na estrada:
Encontros etnográficos nas rotas da América do
Sul**

NATAL/RN
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

ESTER PAIXÃO CORRÊA

**MULHERES NA ESTRADA: ENCONTROS ETNOGRÁFICOS NAS ROTAS DA
AMÉRICA DO SUL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do Título de Doutora em Antropologia Social.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Elisete Schwade.

NATAL/RN
2023

ESTER PAIXÃO CORRÊA

**MULHERES NA ESTRADA: ENCONTROS ETNOGRÁFICOS NAS ROTAS DA
AMÉRICA DO SUL**

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Elisete Schwade (UFRN)
(Orientadora)

Prof.^a Dr.^a Angela Facundo Navia (UFRN)
(Examinadora Interna)

Prof.^a Dr.^a Rozeli Maria Porto (UFRN)
(Examinadora Interna)

Prof.^a Dr.^a Susana Margarita Rostagnol Dalmas (Udelar)
(Examinadora Externa)

Prof.^a Dr.^a Renata de Godoy (UFPA)
(Examinadora Externa)

Prof. Dr. Paulo Victor Leite Lopes (UFRN)
(Examinador Suplente)

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI

Catálogo de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - CCHLA

Corrêa, Ester Paixão.

Mulheres na estrada: encontros etnográficos nas rotas da América do Sul / Ester Paixao Correa. - 2023.
298f.: il.

Tese (doutorado) - Centro de Ciências Humanas e Letras e Artes, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2023.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Elisete Schwade.

1. Mulheres. 2. Viajantes. 3. Agência. 4. América do Sul. 5. Deslocamentos. I. Schwade, Elisete. II. Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 39-055.2

Dedico

À minha amada mãe, Rita Corrêa.

AGRADECIMENTOS

Os trajetos e rotas que me trouxeram até aqui não se construíram sozinhos. Esta é uma realização coletiva, minha e de muitas pessoas que cruzaram meu caminho antes e depois que eu decidi *jogar meu corpo no mundo*, com duas mochilas, cruzando do Pará para o Rio Grande do Norte.

Agradeço à minha mãe Rita Corrêa, uma dessas mulheres anônimas desse Brasil rural, que investiu todo o seu trabalho em filhas e filhos por acreditar em um futuro melhor por meio da educação. Obrigada, mãe, por acreditar em mim, por investir nos meus sonhos e por estar sempre orando por mim. Perdão pelas ausências e por eu *viver pelo mundo*. Teu esforço me projetou para estar aqui: eu consegui, mãe, obrigada por tudo.

Agradeço às viajantes com quem cruzei nesses anos de pesquisa, gratidão pelas trocas e por me deixar viajar com vocês. Gabi e Rosa, eu não sei o que teria sido de mim se não tivesse encontrado vocês no meio daquele caos da Bolívia. Nanda obrigada por compartilhar da tua sacada e da tua vida comigo. Sou grata a todos os diálogos proporcionados por Lanna, Flora, Liz, Carol, Júlia e Juana. E meu mais que especial agradecimento à Jak, por toda a contribuição intelectual com a leitura e revisão deste texto, obrigada pelo carinho e por tantos momentos compartilhados. Agradeço em especial à Leninha Alves por tanto diálogo sobre a malucada de Br. Obrigada por tudo. Vocês me inspiram a seguir na estrada. Mulheres, nos vemos na estrada!

Agradeço à minha orientadora Elisete Schwade pela amizade, por ter me acolhido, por ter acreditado na minha pesquisa desde o início e por ter sido compreensiva com todos os meus momentos de dúvidas e ansiedade. Além do agradecimento pela contribuição enquanto orientadora, também sou grata por todo conhecimento trocado em sala de aula, na disciplina de Antropologia Contemporânea, que foi especialmente transformadora para mim. Você é uma mulher inspiradora!

Considerando que nossas trajetórias intelectuais são também conexões entre ideias e afetos, me estendo para agradecer de forma especial a Dra. Ângela Facundo e a Dra. Rozeli Porto por todo conhecimento compartilhado em sala de aula, mas também pelo afeto compartilhado. Por fortalecerem meu *corre* quando eu mais precisei, comprando minhas artes e também me incentivando, me fazendo sentir capaz e querida. Obrigada por partilharem da minha trajetória acadêmica desde a sala de aula, passando pela minha banca de qualificação e agora nesta banca final. Estou me inspirando em vocês.

Agradeço aos diálogos estabelecidos em sala de aula nas disciplinas em que cursei com o Dr. Paulo Victor Lopes, Dra. Rita Neves, Dr. Carlos Guilherme do Valle. As/aos demais

professoras e professores que compõem o PPGAS/ UFRN: obrigada por todo esforço para construir e consolidar a excelência do programa, assim como por todos os diálogos institucionais proporcionados nos eventos organizados com tanto esforço, principalmente nos últimos anos passados, em que houve o sucateamento da universidade pública. Dentre estes, destaco aqui meu agradecimento especial à Dra. Lisabete Coradini por todas as recomendações, por lembrar de mim e da minha pesquisa, sempre que sabia de algo relacionado. À Dra. Francisca Miller e Dr. Paulo Victor Lopes por me receberem no estágio docência. Deixo um especial agradecimento à Geiza Pimenta e Gabriela Bento, que foram responsáveis pelos processos burocráticos, por estarem sempre à disposição para responder dúvidas e procurar soluções.

Minha especial gratidão ao meu companheiro de vida, Andrey Moraes, por toda compreensão, por todo apoio, pelas parcerias artístico-amorosas, e principalmente, pela disposição em viver comigo nessa estrada da vida e nesse constante movimento. Obrigada por tentar manter minha coluna ereta, não sei o que seria de mim sem todas aquelas massagens.

Meu agradecimento especial às amigas e amigos que tornaram esse processo uma *antropologia dapiranhagem*, obrigada por todo afeto e aprendizado compartilhado, Pietra Azevedo, Telma Bezerra, Iadira Impanta, Thaís Valim, Jannayna Amorim, Ricardo Ximenes - obrigada por articular a *vaquinha* do amor -, Cândido Júnior, Ysmael Ventura, Diego Alano Pinheiro, Deyse Brandão, obrigada por sempre transformar as mesas dos bares em diálogos antropológicos e exercícios etnográficos, que se perdiam madrugada adentro. Obrigada também por todos os diálogos e parcerias nos espaços institucionais. Meu afetuoso agradecimento a Aelton Araújo, pela amizade, por me abrigar e por todas as *pancas*. Obrigada também por revisar meu inglês, sempre que preciso.

Igualmente sou grata pelos diálogos e por toda força coletiva nos momentos delicados emanados das/os amigas/os e parceira/os de turma Jeannie Carneiro, Ana Moura, Tayane Soares, Ivanildo Lima e Ricardo Braga. Toda admiração por vocês. A UFRN também me proporcionou outros encontros afetivos pelos quais agradeço o afeto compartilhado. Saúdo esse encontro para toda a vida, Sara Noruga. Gratidão por todo incentivo Danycelle Pereira, e à Janaína Henrique pelas ideias compartilhadas.

Agradeço à parceria e incentivo das amigas paraenses que mesmo à distância continuam torcendo, vibrando e produzindo comigo. Obrigada Mhorgana Santos, Bianca Araújo, Jhulie Cabral por dividir sonhos e planos artísticos interioranos. E também a José Sena por todo o carinho e ensinamento partilhado. Márcia e Ilana pela leitura carinhosa do texto. À Lilian Sales

por sempre incentivar tua filha rebelde. Ainda nesta longa lista de amigos que construíram, impossível não agradecer ao meu amigo Negro (Juan Alberto), quem me recebeu com uma cerveja artesanal e um pote de carinho em Rojas. Obrigada por me fazer sentir em casa na Argentina, por todo o *mate* quentinho e por toda irmandade construída. Federico, *gracias* pela acolhida cheia de carinho, pelos *rolês* por Rosário e por me emprestar o apartamento em Buenos Aires. Antônio que me recebeu na comunidade Aymara de Lojpaya, *graciashermano*. Jallalla Bolívia!

Meu eterno agradecimento à CAPES por me conceder uma bolsa, que possibilitou a realização desta pesquisa. Igualmente agradeço ao PPGAS/UFRN pelos auxílios que contribuíram na realização das viagens de pesquisa, e também garantiu participação em eventos. Agradeço a participação em redes de pesquisa com as quais tenho aprendido muito e a/os companheiras/os dos grupos de pesquisa GCS/UFRN, GUETU/UFPB e GATA/UFPA. Sou grata a todo conhecimento compartilhado na Revista Equatorial e a todos os afetos construídos nesse espaço.

Agradeço a todas/os que compraram minhas artes, minhas artesanias, principalmente na fase difícil quando estive sem bolsa.

Agradeço ainda a Dra. Susana Rostagnol e a Dra. Renata de Godoy pelas importantes contribuições na banca de avaliação.

À todas as encantadas da Amazônia que caminham ao meu lado, onde quer que eu vá!

*Armar tu vida.
Irla haciendo como rompe-cabezas.
Conjurar el futuro.
Construir la esperanza.*

*Aunque a veces te sintás marchita, cerrada, envuelta en noche amarga, punzante tu centro,
sabés que siempre habrá sol para revivirte, zarandearte, para que levantés la cabeza y volvés
a sonreír, a estar, con esa fuerza vital.*

Gioconda Belli

RESUMO

As diversas formas que as mulheres *pegam a estrada* na América do Sul são marcadas pela maneira de organizar, executar e perceber uma viagem de mochila na região. Há vários contornos possíveis nessas produções culturais, que narram outras perspectivas de uma prática historicamente masculinizada e associada ao risco e ao perigo. Busco por meio desta etnografia multissituada, estabelecer um diálogo entre antropologia feminista, geografia feminista e as viagens de mochila, com o objetivo de analisar as experiências das mulheres que viajam de mochila pelas rotas da América do Sul. Motivada por transformar uma experiência social em tema de pesquisa, e incentivada por certa experiência pessoal enquanto viajante, realizei pesquisa de campo etnográfica multissituada entre os anos de 2019 e 2022. Chamei essa empreitada de *mochilão etnográfico*. Este consistiu em experimentar o trânsito para encontrar outras viajantes na estrada. O itinerário foi construído entre diferentes países: Bolívia, Peru, Chile, Argentina e Brasil. Os encontros etnográficos ocorreram no decorrer do trajeto da pesquisa, tanto em espaços físicos quanto digitais. Utilizar o encontro como estratégia metodológica possibilitou estabelecer 10 interlocuções com mulheres viajantes latino-americanas de diferentes nacionalidades, perfis sociais e estilo de viagem. Por meio da experiência compartilhada foi possível a reconstrução dos trajetos, caminhos e percursos; a contextualização de lugares, espaços, eventos, trajetórias; a contrastação das experiências e, também, a explicitação de categorias e formas de ser, se deslocar e permanecer, comum aos diferentes grupos. Dessa forma, os achados de pesquisa dão conta que as categorias de viajantes são construídas mediante as formas de trabalho desenvolvidas durante o trajeto e a escolha dos meios de deslocamento e hospedagem utilizados. Os encontros na estrada e os desembarques se constroem como parte igualmente importante da experiência. Foi possível perceber, ainda, que essas viagens são experiências culturais multifacetadas, que desafiam construções culturais estabelecidas, como a ideia do perigo, e expandem os processos de formação de si. Ademais, são sustentadas por meio das práticas de trabalho, das estratégias de deslocamento físico e subjetivo, e também pela transposição de fronteiras.

Palavras-chave: Mulheres. Viajantes. Agência. Deslocamentos. América do Sul.

ABSTRACT

The different ways women hit the road in South America are marked by how they organize, execute, and perceive a backpacking trip in the region. There are several possible contours in these cultural productions, which narrate other perspectives of an historically masculinized and risk- and danger-associated practice. I intend to establish through this multi-sited ethnography a dialogue between feminist anthropology, feminist geography, and backpacking trips, with the aim of analyzing the experiences of women who backpack along the routes of South America. Motivated by turning a social experience into a research topic, and encouraged by particular personal experience as a traveler, I conducted multisite ethnographic field research between 2019 and 2022. I called this endeavor “ethnographic backpacking”. This consisted of experiencing transit to meet other travelers on the road. The itinerary was built between different countries: Bolivia, Peru, Chile, Argentina, and Brazil. The ethnographic encounters occurred along the research route, both in physical and digital spaces. The use of encounters as a methodological strategy made it possible to establish 10 interlocutions with Latin American women travelers of different nationalities, social profiles, and travel styles. Through the shared experience it was possible to reconstruct the routes, paths and tracks; the contextualization of places, spaces, events, and trajectories; the contrasting of experiences and also the explicitness of categories and ways of being, moving and staying, common to the different groups. In this way, the research findings show that the categories of travelers are built through the forms of work developed during the trip and the choice of the means of transportation and lodging used. The encounters on the road and the landings are built as an equally important part of the experience. It was also possible to realize that these trips are multifaceted cultural experiences that challenge established cultural constructions, such as the idea of danger, and expand self-formation processes. Moreover, they are sustained through labour practices, strategies of physical and subjective displacement, and also by the crossing of borders.

Keywords: Women. Travelers. Agency. Displacements. South America.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Rosa e Gabi no Parque Urbano, Santa Cruz de la Sierra.....	32
Figura 2 - Diário de Campo manual	44
Figura 3 - Trajeto do <i>mochilão etnográfico</i> , 2019	50
Figura 4 - Trajeto do <i>mochilão etnográfico</i> , 2022	52
Figura 5 - Rosa no Parque Urbano de Santa Cruz de la Sierra.....	56
Figura 6 - Mapa dos itinerários na Bolívia.....	59
Figura 7 -Liz em Huacachina, Peru.....	60
Figura 8 - Mapa dos itinerários no Peru	61
Figura 9 - Itinerários percorridos na Argentina.....	62
Figura 10 - Juana no Museu de Arte Contemporânea de Salta	63
Figura 11 - Lanna de mochila no Salar do Uyuni – Bolívia.....	66
Figura 12 - Nanda e Flora em uma praça de Jardín, na Colômbia	68
Figura 13 - Júlia em Montevideo.....	69
Figura 14 - Jak no Lago Titicaca.....	72
Figura 15 - Carol realizando performance em tecido.....	74
Figura 16 - Júlia na entrada da Amazônia Boliviana na cidade de Guayaramerin.....	80
Figura 17 - Mochilas de Lanna em Montevideo	89
Figura 18 - Monumento em homenagem a Juana Azurduy, Buenos Aires.....	91
Figura 19 - Livro de Guevara	98
Figura 20 - Registros da viagem de Beatriz Sarlo	99
Figura 21 - Passaporte com autorização do marido para viajar.....	100
Figura 22 - Cartaz do filme equatoriano <i>Qué tan lejos</i> . Direção: Tania Hermida.....	103
Figura 23 - Um postal de Lanna escrito: “Você é louca!”	106
Figura 24 - Juana no Norte da Argentina.	122
Figura 25 - Trajetos de Juana pela Argentina.....	123
Figura 26 – Mapa dos trajetos de Juana	123
Figura 27 -Alguns pontos no itinerário de Liz na América do Sul	125
Figura 28 - Mapa dos trajetos de Liz.....	126
Figura 29 - Liz posa ao lado das “cholitas”, em Cusco, Peru	127
Figura 30 - Flora e Nanda comem sanduíches enquanto esperam por carona na Colômbia.	129
Figura 31 - Trajeto das irmãs viajantes	130

Figura 32 - Gabi e Rosa no alojamento em Santa Cruz de la Sierra.	132
Figura 33 - Gabi na fronteira entre Brasil e Bolívia.	133
Figura 34 - Itinerário de ida de Gabi e Rosa	134
Figura 35 - Mapa do itinerário de Gabi	134
Figura 36 - Itinerário de Jak	136
Figura 37 - Mapa do itinerário de Jak	136
Figura 38 - Jak em Machu Picchu	137
Figura 39 - Júlia no limite físico entre Venezuela e Brasil	138
Figura 40 - Desenho de alguns itinerários de Júlia.....	140
Figura 41 - Fronteira entre Brasil e Bolívia.....	141
Figura 42 -Os trajetos de Lanna pela América Latina.....	143
Figura 43 - Lanna pedindo carona para Cabo Polônio, Uruguai.	144
Figura 44 - Desenho de alguns trajetos percorridos por Carol.	146
Figura 45 - Carol em performance de suspensão no Brasil.....	147
Figura 46 - Fronteira de Desaguadero, no sentido Peru - Bolívia.	163
Figura 47 - Street View da rodoviária do Chuí	168
Figura 48 - Cartaz “Frena el acoso sexual” em um ônibus no Peru	171
Figura 49 - Controle fronteiriço de Paso Jama.	172
Figura 50 - Controle fronteiriço de Paso Jama II	173
Figura 51 - Chicken bus na Guatemala	175
Figura 52 - Mapa ferroviário da Ferrovia Oriental, chamado de “trem da morte”	177
Figura 53 - Roteiro de Angela Xavier	178
Figura 54 - Carol na viagem a Patagônia argentina.	186
Figura 55 - Hostel em Cusco	193
Figura 56 - Alojamento em Santa Cruz de la Sierra.....	194
Figura 57 - Artesania em macramê produzida por Gabi.	200
Figura 58 - Card de divulgação do hostel em Cusco.....	208
Figura 59 - Uma pedra em Salvador, Bahia.	215
Figura 60 - Ceviche em Cusco.	229
Figura 61 - Jak na Isla del Sol, no Lago Titicaca.	234
Figura 62 - Juana de mochila na Patagônia argentina.	238
Figura 63 - Carol treinando a suspensão em tecido na Chapada Diamantina.	248
Figura 64 - Júlia em Machu Picchu.	254

Figura 65 - Site do projeto “Elas viajam sozinhas”.....	264
Figura 66 - Fotografia capturada por Flora.	267

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -Roteiro do <i>mochilão etnográfico</i> em 2019/2020.....	48
Tabela 2 - Roteiro do <i>mochilão etnográfico</i> pela Bahia.....	53
Tabela 3 - Interlocutoras – Primeiro Embarque.	64
Tabela 4 - Interlocutoras – Entrevistas virtuais e presenciais.....	70
Tabela 5 - Interlocutoras – Segundo Embarque.	73

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
Embarques	14
Mochilar é se mover...	24
Viajar e etnografar	27
CAPÍTULO 1	31
Rotas da pesquisa e encontros da/na estrada	31
Construindo um campo multissituado e em deslocamento	33
Uma etnografia viajante	42
Dispositivos de registros	44
Embarques etnográficos	47
Embarque 1	47
Embarque 2	51
Abrindo os mapas dos encontros	54
Parte I – Encontros na estrada	55
Parte II – Viagens e encontros na era da pandemia: estradas digitais	64
Parte III – Embarque “pós” pandemia	71
Cruzando algumas fronteiras entre “eu” e “elas”	75
CAPÍTULO 2	88
Caindo na estrada	88
Rompendo fronteiras do perigo	90
Mulheres construindo uma viagem individual	96
Assumindo riscos: <i>Você é louca!</i>	105
Motivos e começos	111
Organizar e percorrer itinerários sul-americanos	118
Un viaje diferente: voluntariando pela Argentina	121
Conexão México-Ecuador: trocando a mala de “rodinha” pela mochila	124
Duas irmãs de mochila pela América do Sul	128
Amigas, estrada e trampo: de Campinas a Santa Cruz de la Sierra	131
10 meses de mochila com a prima	135
Fronteiras desde a Amazônia aos Andes	138
Sete meses sozinha de mochila pela América Latina	141
Sozinha é outra vibe: Um rolê da Patagônia à Chapada Diamantina	144
CAPÍTULO 3	149
Subjetividades em trânsito: movimentos, espaços e <i>mangueios</i>	149
Habitar a estrada	151
Movimentos por entre as fronteiras sul-americanas	153

Mulheres viajantes nas zonas fronteiriças	158
I - Dos deslocamentos físicos: tudo que se move	167
Janela do ônibus	167
Combinações e baldeações	173
Caronas e trem	176
II - Formas de permanecer: alojamentos, <i>hostel</i> , <i>camping</i> e outras dormidas	187
Hospedagem solidária	188
O hostel	192
Alojamentos e mocós	194
Casas culturais	196
III - Trabalhar viajando e viajar trabalhando: farol, voluntariado e outros <i>mangueios</i>	197
Viajar, produzir e manguear	198
Voluntariado	205
La plata se hace	211
As cidades sul-americanas como galeria aberta de arte	213
CAPÍTULO 4	217
Cruzamentos, aprendizados e fins de rotas	217
I - Encontros e cruzamentos: fluir com o universo	219
A arte do encontro	220
A dimensão do encontro e da troca	225
II - Aprendizados e descobertas de si	231
É na viagem que descobrimos quem somos	233
A América Latina bate muito forte	240
III - Desembarques ou quando termina uma viagem	244
Ser mulher cansa	244
Por mais que eu queira ficar num canto, sempre vou dar rolê	248
IV - Continuidades da viagem e outros fluxos	249
Voltando para o porto seguro	249
Mudanças, transformações e outros voos	256
Descobrimo novas formas de me expressar no mundo	259
Contar a viagem: embarcar, aprender e repassar	262
Sujeitas móveis e em transformação	267
CONSIDERAÇÕES FINAIS E OUTROS MOVIMENTOS	273
BIBLIOGRAFIA	289

Aeroporto

*Ruído inaudível. Mil decibéis
Turbinas em vóleos
Corpos eretos
Rostos ansiosos, faces sisudas...
Da espera...
Da chegada...
Do novo.
Do comum*

*Tarde no aeroporto.
Sons hipersônicos.
Podiam alienar,
Mas não afastam
A angústia interna
Da espera do que está
Do voo que se pretende
Para outro porto*

*Porque, planar é preciso
Viver não é.
Sinais, códigos, bandeiras
Controles e torres
Onde minha torre?
Para onde volto?
Qual o meu porto?*

*Te recordo grande Tejo
De Pessoa.
Te recordo grande Cuanza
De escravos.
Te recordo grande Tapajós
Jorro de separação amazônico
Te recordo tudo o rio que deságua
Simplesmente deságua*

*Corro minhas lágrimas
Como meu corpo nessa cama nua,
Com este calor de quarenta graus
Deságues minha vida
Como a percebi e a queria
Como a prometi a mim*

*Te recordo grande Atlântico
Que me beira
Que me rejeita
Esquecendo nossa aliança inicial:
De ti nasci
A ti quero voltar
Como peixe atento
Como tartaruga silente
Como baleia distraída*

*Aeroporto porto do ar
Aterrisse minha paz
Sem volteios circundantes
Sem choques no concreto*

*Sem não-sei-a-quê direção
Aterrisse simplesmente
Todo o ruído
Paralise todas as turbinas
Quebre minhas fronteiras
Atréadas no inferior
Sem refúgio orgânico
Como John in "just a jealous
Guy", no cry...
Quebre-me as cadeias
Deste imenso amor*

Beatriz Nascimento

INTRODUÇÃO

Embarques

Cambaleei por um instante, com as pernas bambas, quando desci daquele táxi no meio de uma rodovia federal que ligava o centro da cidade de Santa Cruz de la Sierra ao aeroporto Viru-Viru. Era próximo às 7h da manhã e havia uma aglomeração em torno do bloqueio que dividia a rodovia: de um lado, os taxistas com ligação para o aeroporto, a poucos metros, no sentido contrário, os taxistas com ligação para o centro da cidade. Precisava cruzar aqueles poucos metros e encontrar um taxista que me levasse até a Avenida Intermodal, nas proximidades do Terminal Bimodal, onde planejava me hospedar. Ainda estava atordoada e com sono, após uma noite mal dormida no chão do aeroporto, onde sequer havia cadeiras disponíveis para sentar.

O avião aterrissou aproximadamente às 2 horas da manhã, horário de Santa Cruz de la Sierra, como avisou o comandante ao chegarmos no aeroporto de Viru-Viru. Desembarquei após algumas horas de voo desde que saí na tarde anterior do aeroporto de João Pessoa - Paraíba, Brasil. Fui logo esperar minha mochila na esteira de bagagem. Havia chegado à Bolívia, um país que já conhecia de outra viagem anterior, a primeira internacional, que foi também meu primeiro *mochilão*, em 2011. Planejei a viagem de pesquisa com certa tranquilidade de quem já estava familiarizada com o país. Isso me trazia algumas seguranças e certezas. Porém o que me esperava do aeroporto para fora era outro país, que não transmitia a mesma segurança, pois o contexto político daquele dia 22 de outubro de 2019 era outro.

Esperava a minha mochila com uma ansiedade redobrada, tentando mostrar tranquilidade ao lado da esteira. Precisava ainda passar pela imigração e *dar entrada* no país, um procedimento de fronteira que me põe um pouco ansiosa, porque sempre parece uma ameaça. O receio estava sempre presente embora tivesse a consciência de que no âmbito das relações entre os países da América do Sul, ser brasileira me conferia alguma vantagem, assim como entrar de avião em outro país utilizando o passaporte é um privilégio. Meu *status* de pesquisadora também me conferia algum privilégio, ou seja, sabia que eu não teria problemas, mas ainda assim estava ansiosa, principalmente por toda a situação que acontecia “lá fora”.

Enfrentaria um país na iminência de adentrar em um caos político, o qual naquele instante eu ainda não podia mensurar a que ponto chegaria. Além de enfrentar a ansiedade

costumeira de viajante, agora estava nervosa também pela responsabilidade de uma viagem como pesquisadora. A ansiedade redobrada havia começado ainda na noite anterior, quando estava fazendo escala no aeroporto de Guarulhos, em São Paulo, o aeroporto internacional brasileiro por onde passam quase que obrigatoriamente todos os voos internacionais - é um dos maiores da América do Sul e o mais movimentado do país. Estava na sala de embarque quando recebi uma mensagem, via *Facebook*, de uma mulher que conheci da outra vez que estive na Bolívia. Quando soube da minha viagem entrou em contato pela rede social, me ofereceu ajuda, além das boas-vindas de volta ao seu país: *Hola Ester creo que llegarás a una Bolivia revuelta en conflictos espero puedas movilizarte por que [sic] mañana será paro cívico en santa cruz [sic] y en los demás departamentos también están uniéndose y si necesitas algo no dudes en escribir saludos.* Z.

A mensagem não me pegou de surpresa, estava informada pelas redes sociais sobre o processo eleitoral que culminou na reeleição de Evo Morales, gerando uma série de insatisfações, que se tornaram manifestações e a indicação de uma greve por tempo indeterminado. As eleições ocorreram no dia 20 de outubro e dois dias após o evento já havia indicação da vitória de Evo em primeiro turno. Os manifestantes reclamavam de fraude na contagem dos votos e exigiam a recontagem, mas as reivindicações foram mudando conforme o contexto. Inevitavelmente passei todo o trajeto de Guarulhos a Viru-Viru pensando sobre o que me esperava, torcendo para que tudo fosse temporário, que se resolvesse rapidamente e também que o povo boliviano tivesse sapiência para resolver os novos problemas políticos internos.

Evo Morales era o último daquele grupo de governos progressistas, com inclinações à esquerda, que governaram vários países da América do Sul desde o início dos anos 2000. Durante um período a região experimentou considerável estabilidade política e econômica durante os governos de Lula no Brasil, Evo Morales na Bolívia, Cristina Kirchner na Argentina, Rafael Correa no Equador, Hugo Chávez na Venezuela, dentre outros que formavam governos progressistas e/ou de esquerda, alinhados ideologicamente em algum grau, permitindo que a região experimentasse uma onda de melhorias e garantias sociais com os governos populares, muitos dos quais dialogavam entre si.

Houve um fortalecimento do Mercosul, com isso era possível viajar de avião desde o Brasil, comprando passagens aéreas a preços acessíveis à “camadas mais populares”, o dólar estava controlado e tinha uma cotação muito vantajosa para

brasileiras/os em relação às outras moedas dos países da região. Certa integração política, econômica e cultural fortaleceu a circulação de pessoas, que já existia pelos países do Mercosul. Era possível viajar, por exemplo, usando apenas o documento de identificação nacional, sem necessitar de passaporte.

O voo foi permeado por reflexões políticas e pela frustração de perceber que eu tinha sido romântica demais ao cultivar minhas memórias afetivas da Bolívia com grande afinho. Eu iria conhecer outra Bolívia, ter outras experiências e, talvez, o conhecimento prévio não fosse tão útil quanto pensava. Não apenas o país experimentava as tensões políticas. No Brasil, Lula estava preso desde abril de 2018, uma prisão política sem provas, que o impediu de ser candidato a presidente, complexificando um processo eleitoral que culminou na eleição de um político genocida, que governou no sentido de destruir as diversas garantias sociais e políticas que conquistamos na década anterior – na verdade, representou um retrocesso democrático sem precedentes. Muitas dessas garantias, como o acesso ao trânsito e ao lazer, se deram por meio de acordos e outros investimentos políticos em um esforço de fomentar a integração entre os países da região durante os governos de Lula da Silva.

Nesse mesmo contexto, o Equador vivia intensas manifestações populares protagonizadas pelos indígenas. O Chile iniciava uma revolução popular, o *estallido social*, que gerou um processo político ainda estava em curso quando iniciei a escrita deste texto, foi interrompido pela pandemia e retomado na histórica eleição presidencial. A Colômbia também teve seu instante de efervescência com a greve geral de 2019, que fomentou uma mobilização nacional estendida por meses. A Argentina ainda estava com a economia devastada, altos índices de inflação e desvalorização da moeda após um desastroso governo neoliberal. As pessoas progressistas viviam a expectativa de que Alberto Fernandez atendesse algumas demandas mais urgentes dos trabalhadores e aposentados, por exemplo, e também pudesse avançar com pautas sociais, como a legalização do aborto e a regulamentação do uso da *cannabis*. Atravessar parte desse contexto político deu um sentido diferente a esta experiência de viagem.

Segui refletindo, entre uma preocupação e outra, lembrava que já havia enfrentado muitas situações adversas em outras aventuras. E que sempre tinha uma saída. Os chamados *perrengues* são muito presentes no mundo de mochileiras/os e viajantes, e costumam render boas histórias compartilhadas na pós-viagem com muito humor, para entretenimento e para falar de nossas proezas, do enfrentamento do perigo ou simplesmente para a coleção de histórias engraçadas nas nossas narrativas de viagem.

Coleciono algumas histórias desses *perrengues*, mas eu jamais imaginaria que começaria desta forma minha viagem de pesquisa. Precisava desenvolver estratégias para momentos de emergências e mudar de planos, pois estava à mercê das circunstâncias.

Desembarquei e, após os procedimentos, passei pela aduana, onde me fizeram algumas poucas perguntas antes de dar a permissão de entrada. Perguntaram se era minha primeira vez no país, respondi que não. Qual era o meu destino ou onde me hospedaria, indiquei um alojamento no centro. Perguntaram também qual minha profissão – me identifiquei como antropóloga – e quanto tempo ficaria. Calculei que seriam duas semanas, deram uma permanência de 30 dias. Sem mais perguntas, depois tive que passar minhas mochilas por uma máquina de raio-x que verificava o conteúdo da bagagem. Sem mais procedimentos adentrei o território boliviano e fui para a área comum do aeroporto. No saguão do aeroporto, um trânsito de pessoas que parecia incomum para o horário, havia muita gente dormindo pelo chão. Meu voo chegou pela madrugada, então já previa que não seria possível chegar facilmente ao centro da cidade e essa visão do saguão só confirmava a gravidade da situação.

Primeiramente busquei informações sobre o bloqueio e tudo parecia muito difuso. Procurei um lugar para deitar um pouco e descansar, ali mesmo no chão gelado do aeroporto, pois não havia cadeiras disponíveis. Havia muitas pessoas dormindo pelo chão e pelas cadeiras: das *señoras de pollera* (conhecidas como “cholas”¹) e famílias bolivianas à turistas/viajantes europeus. Coloquei as duas mochilas no chão frio e apoiei a cabeça no meu *mochilão* o fazendo de travesseiro. Era também uma forma de proteger minha bagagem. Assim consegui cochilar alguns minutos, abraçada com minha mochila menor, antes do dia amanhecer e eu pensar em uma estratégia para sair dali.

Quando o dia amanheceu fui buscar informações sobre como chegar ao centro. A primeira fonte de dados foram os taxistas. Perguntei sobre a situação e me informaram que não era possível atravessar a cidade, ninguém conseguia ultrapassar as barricadas armadas pelos manifestantes. Existia apenas uma opção, o taxista me explicou que estavam operando da seguinte maneira: levavam o passageiro até o bloqueio mais próximo, em uma rodovia principal que dava acesso à cidade. Dali, a pessoa ultrapassava a pé o bloqueio e tomava outro táxi até o centro da cidade. Confiei nas deusas e fui!

¹*Chola* é um termo colonizador, relacionado à mestiçagem, utilizado para denominar mulheres indígenas andinas que migravam para o contexto urbano. Porém foi sendo ressignificado, podendo ser utilizado para assumir a valorização da própria identidade étnica.

O taxista me cobrou 40 bolivianos pela corrida no primeiro trecho, o que não me pareceu tão absurdo. Não imaginava que o próximo taxista oportunista cobraria 300 bolivianos para me deixar no centro, alegando que os manifestantes estavam cobrando para deixar passar nos bloqueios. O câmbio estava a R\$ 1,55 no aeroporto e eu havia *cambiado* 100 reais, ou seja, eu não dispunha de toda essa quantia. Após alguns minutos de desespero, nos quais estava sozinha parada com duas mochilas, em meio a um bloqueio, no meio de uma rodovia, em um país estrangeiro, encontrei um taxista que aceitou me levar por 100 bolivianos até o centro – acabou me saindo por 150 bolivianos –, o que ainda assim era um absurdo. Não tive muita escolha, pois imediatamente o senhor nada simpático já estava com minha mochila nas mãos carregando para o carro e eu correndo atrás dele, sem muito tempo para argumentar qualquer coisa. Só queria sair dali.

Entrei no carro, um desses modelos antigos, bem debilitado para os padrões atuais brasileiro. Não lembro o modelo, mas parecia com os carros do Brasil da década de 1990. Vim chacoalhando no banco de trás, com sono e com fome, mas essas não eram minhas grandes preocupações naquele momento. Abracei minhas mochilas e fiz uma prece de proteção enquanto o motorista cortava caminho para fugir das barricadas. Um desespero tomou conta de mim quando ele começou a entrar em umas ruas de chão. Entrei em um bairro periférico, com casas pequenas e mal construídas, de ruas empoeiradas de chão batido. Reconhecia o cenário, morei na periferia de Belém e como costumamos dizer: era uma *quebrada*! Desesperada por dentro, pedi às deusas que me permitissem chegar viva e ter a oportunidade de realizar esta pesquisa.

No rádio do carro ouvia as notícias do *paro cívico*. Levaria alguns dias para elaborar que esse golpe estava sendo arquitetado por representantes da direita que estavam furiosos em ver um líder indígena há 14 anos sendo a cara do país, apoiada por forças imperialistas que estavam trabalhando com grande empenho para explorar o lítio boliviano. Ao lado do rádio, havia uma foto do motorista com uma criança, que parecia ser a filha. Isso, de alguma forma, me acalmou. Seguimos entre meus pensamentos. Bruscamente, o carro estacionou na frente de um prédio de três andares, onde ficava o alojamento, um prédio em uma rua vazia no centro da cidade. Tive que conseguir mais 50 bolivianos com o dono do alojamento para complementar a cobrança extra que o taxista exigiu pela corrida. Em meio à confusão mental, eu só queria uma cama para descansar.

Assim inicia a experiência do *mochilão etnográfico*, realizado em outubro de 2019, que iniciou na Bolívia, seguiu para o Peru, passou rapidamente pelo Chile e atracou

alguns dias na Argentina, de onde empreendeu a viagem de volta. Apresento neste texto os encontros etnográficos que marcaram essa e outras viagens, em meio aos processos políticos e sanitários da América do Sul. O contexto político, assim como a experiência da pandemia, marcou os encontros etnográficos e foi parte da paisagem humana formada pelas mulheres viajantes de mochila. Que esta leitura seja capaz de provocar uma reflexão e aprendizado e sirva de guia para uma viagem desde uma perspectiva sul-americana.

*

A viagem de mochila tem se tornado um fenômeno global, manifestado entre mulheres e homens – principalmente jovens, mas não apenas – de todo o mundo. Na atualidade, esse tipo de viagem tem se tornado cada vez mais frequente, em diversos segmentos sociais por meio dos *mochilões*, comuns entre *backpackers* ou mochileiras/os, mas para além dessas, outras formas de viagem de mochila emergem ao redor do mundo. Tem se tornado um estilo de vida com particularidades nas formas e nos significados de transitar, e me interessa abordar especialmente as particularidades e similaridades que marcam a experiências das mulheres nas viagens pela América Latina.

Nesse contexto, para as mulheres, tais experiências de viagem são multifacetadas e heterogêneas. A construção enquanto viajante se dá nas diferenças estabelecidas a partir da nacionalidade, renda, raça, idade, experiência, que são alguns dos marcadores que se entrecruzam nas práticas de deslocamento espacial. Formas de significados aparecem nos discursos, nas escolhas estéticas, na relação com a arte, nos modos de transitar, entre outros aspectos que marcam as diversas formas que as mulheres têm de pegar a estrada. Dessa forma, o conceito de experiência (AVTAR BRAH, 2006) torna-se chave para conhecermos como as mulheres fazem acontecer as viagens de mochila na região.

A viagem que trato aqui é uma construção que se movimenta em torno das diferentes maneiras de cruzar as fronteiras, aduanas, pontes, etc. Algumas são divergentes e antagônicas, outras convergentes, ou seja, são práticas heterogêneas. As viajantes de mochila constroem seus trajetos e itinerários por meio de um projeto de autogestão. Embora esse projeto seja visto como uma prática perigosa, é desenhado a partir de estratégias de deslocamento específicas, que são formas de agências acionadas de acordo com os signos e valores associados às diferentes categorias de viajantes que habitam a estrada.

Desde meados do século XX têm se formado na América do Sul várias rotas de viajantes de diferentes categorias e nacionalidades. Diante do fenômeno turístico global, nossa região se tornou um destino muito procurado por viajantes. Por entre essas rotas, historicamente mulheres locais buscam experimentar outras possibilidades da vida na estrada. Nesse contexto, e em meio a esses trânsitos, as mulheres têm vivenciado deslocamentos subjetivos na direção da autoafirmação enquanto pessoas de direito, de forma que seus trânsitos, deslocamentos e viagens diferenciam-se da experiência masculina, tornando-se um tema importante para pensar as transformações sociais contemporâneas, pois desnuda as características e particularidades das viagens individuais das mulheres.

Etnografar as práticas de trabalho, estratégias de deslocamento físicos, deslocamentos subjetivos, agências, transposição de fronteiras, os processos de formação de si e a formação dos trânsitos e fluxos na região, dá conta de alguns aspectos dessas transformações. Para seguir essas trilhas, quero enfatizar que a viagem foi/é um meio fundamental para a realização do trabalho de campo, mesmo que pouco explorada analiticamente pela antropologia. A viagem em si propicia um exercício etnográfico interessante, assim, a experiência do trânsito pode gerar um material capaz de ser transformado, por meio de procedimento analítico de reconstrução, de contextualização, de interpretação, de contrastação e de explicitação (ROCKWELL, 2009), em uma etnografia da viagem. Quer dizer, se toda viagem tem um sentido e não há uma viagem que seja ingênua, é possível percorrer pelo universo dos significados das mochilas.

A viagem, assim como considerou James Clifford (2000), é produtora de significados, capaz de contribuir e atuar na construção da subjetividade, não sendo apenas uma prática cultural ou um meio para determinado fim. Há muitos sentidos e significados em jogo, inclusive em termos de gênero. Embora o autor esteja se referindo às topografias da viagem ocidental, as outras viagens que busco pensar também são fortemente marcadas pelo gênero. Mesmo com as lentas mudanças no decorrer dos séculos, o gênero ainda é um forte marcador nesse tipo de experiência de trânsito. Sermos mulheres viajando ainda é uma questão em aberto no sentido social e cultural.

Por uma abordagem antropológica, no sentido das dinâmicas culturais, acredito que a viagem de mochila é como um movimento de criação e recriação, baseada na criatividade, na inventividade, no sentido de Wagner (2010). A viagem, nesse sentido, torna-se uma espécie de artesanato no qual as sujeitas experimentam, produzem, negociam e trocam, fazendo-o circular dentro de uma rede de significados. Ao mesmo

tempo em que, no sentido prático, o artesanato/arte é instrumento que motiva ou/e agencia muito dos trânsitos. Isso está de acordo com o aspecto dinâmico da cultura no qual, como considera Hannerz (1997), pode ser negociada, pois não necessariamente possui estruturas fixas.

De forma que reflita um ponto de vista localizado sobre os deslocamentos físicos e culturais das mulheres na região, esta tese se inspira nas questões de posicionamento global, abordados por Conell (2016) e Abu-Lughod (2000; 2018) e dos fluxos e formas de circulação no mundo global (HANNERZ, 1997; APPADURAI, 1998; PINHEIRO-MACHADO, 2011). Busco considerar que as fronteiras simbólicas e físicas produzem características distintas aos deslocamentos voluntários e não voluntários (ANZALDÚA, 2016; FACUNDO, 2017; FASSIN, 2011; PISCITELLI, 2013; AGIER, 2015; CORRÊA; BEMERGUY, 2020) de grupos nacionais, regionais ou identitários. Os marcadores sociais como o gênero (LUGONES, 2008) e a nacionalidade, dizem sobre as formações das subjetividades nos espaços e territórios por onde se deslocam voluntariamente as mulheres desta pesquisa.

A presença das mulheres na estrada – que não é um fenômeno recente – e os desdobramentos disso podem ser considerados como parte da dinâmica cultural da estrada. Nesse movimento, a narrativa da viagem é inventada e reinventada a cada trânsito, principalmente por meio dos diálogos, das situações vividas e compartilhadas, nesse movimento entre perspectivas culturais que possibilita “inventar cultura”, novas formas de viajar, de retornar e de construir a si. Essa experiência constrói diferenças. A experiência de vida das mulheres pode ser caracterizada como uma forma de organização sociocultural.

Analisando a viagem como prática cultural, é possível dizer que as mulheres viajantes fazem parte de um fenômeno que dinamiza a cultura, produz significados e constrói subjetividades. Para além de somente “fazer parte”, elas também produzem cultura no espaço. Produzem cultura no trânsito, ou seja, viajar é produzir cultura no tempo e no espaço. Viajar nas narrativas das experiências das mulheres, assim como se deslocar junto com elas, é produzir outros imaginários culturais sobre os lugares das mulheres, em sentido histórico e contemporâneo – embora a noção de contemporaneidade seja transpassada pelas temporalidades diversas que coexistem nos fenômenos virtuais do tempo presente.

Dessa forma, esta pesquisa tem como objetivo analisar as experiências das mulheres que viajam de mochila pelas rotas da América do Sul. Entre os diversos aspectos

que essas viagens podem apresentar, interessa-me refletir sobre rotas históricas e contemporâneas, revelar os perfis, reconstruir os trajetos e rotas realizados, apreender as motivações, descrever as formas e estratégias de enfrentar os riscos, interpretar as percepções de si e do mundo, assim como compreender os modos e estilos de vida na estrada, as estratégias de deslocamento e permanência, formas de trabalho, interações e conexões que moldam a vida em trânsito, e demais agências que desenvolvem na e fora da estrada.

No sentido de refletir sobre os diversos aspectos das práticas de viajantes por uma perspectiva de gênero, utilizo o arcabouço da teoria antropológica feminista, da qual a noção de agência de Ortner (2007) é elementar, ao mesmo tempo encaro as agências por uma perspectiva de/pós-coloniais (NAVAZ, 2008). Enxergar o mundo por essa lente é muito importante para esta pesquisa. O tipo de viagem aqui abordada pode ser chamado de agentiva, pois é resultado de ações praticadas por escolha, o que implica diretamente na construção da subjetividade. A capacidade de agir é motivada por um desejo ou uma intenção específica que se forma dentro de uma matriz de subjetividade, então quando uma viagem é construída em torno das agências individuais, esta passa a fazer parte dos processos de construção de si.

As formas como a agência e subjetividade são produzidas nos eventos e nas situações da viagem, ou que tipos de agências se desenvolvem na estrada – e fora dela –, moldam os estilos de vida (VELHO, 1981) e a construção das trajetórias individuais. As viagens de mochila assumem formas complexas, pois são planejadas e agenciadas, não são, como afirmei acima, viagens ingênuas. Para as mulheres, têm um sentido de produção de novas experiências individuais, na qual diferentes formas e significados de experimentar o espaço e os lugares são operacionalizadas de acordo com as experiências vividas.

Para delimitar ainda mais o quadro teórico, me empenho em construir uma narrativa que traga uma perspectiva das viagens desde o Sul, pois considero que a assimetria global na circulação de pessoas e produção do conhecimento, gestada pelo colonialismo ocidental, marca a forma que os fluxos globais se estabelecem, sendo estes fortemente marcados pelos fatores de ordem econômica, racial, de nacionalidade, de gênero, dentre outros. A forma como as pessoas experimentam os espaços e os lugares da América do Sul está relacionada a esses fatores, pois cada lugar tem suas próprias especificidades e realidades sociais. Essa forma de pensar o mundo se aproxima do

pensamento feminista latino-americano, para quem, o recorte territorial e seus movimentos, são temas muito caro.

Ingold (2007) considera que “*to go along, however, is to thread one’s way through the world rather than routeing from point to point across it’s surface. Indeed for the wayfarer the world, as such, has no surface*” – “ir ao longo de, no entanto, é trilhar o caminho através do mundo, em vez de rotear de ponto a ponto em sua superfície. De fato, para o caminhante, o mundo como tal não tem superfície” (p. 79, tradução da autora). Dessa forma, e a partir do caminho que traçam as viajantes e o do que há “ao longo de”, articulo um diálogo da antropologia com os estudos da mobilidade para pensar como as pessoas se movem, bem como o impacto das relações sociais nos regimes de mobilidade. Dessa forma, é possível articular, por exemplo, como a classe social e o gênero atuam - se atuam - como fatores de restrições ou de limitação da mobilidade (HANNAM; SHELLER; URRY, 2006; FREIRE-MEDEIROS; LAGES, 2020). A perspectiva de gênero é capaz de revelar a mobilidade como uma prática social e também como uma relação social, constituindo dessa forma, uma dimensão política (JIRÓN; SINGH, 2017).

Ainda sobre isso, porém ampliando para uma perspectiva global, me amparo nos debates contemporâneos da geografia feminista para pensar sobre a noção de espaço, a noção global de lugar e como as relações de gênero se inscrevem nestes (DOREEN MASSEY 2000; 1994). Sobre isso, Massey (2000; 1994) argumenta que há uma construção social que limita a mobilidade feminina, tanto em termos de identidade como de espaço, como uma forma de subordinação. Essa construção social na qual o doméstico, a maternidade são lugares naturais das mulheres é uma narrativa colonial.

É necessário dizer que embora seja uma forma de pensar sobre o sentido global de lugar, na qual as experiências das mulheres no espaço são diferentes da experiência dos homens, é necessário adensar sobre a produção dessas diferenças, uma vez que essas experiências não são universais, e esse lugar produzido da mulher confinada ao espaço como o doméstico é uma imposição colonial, destinada para as mulheres brancas e ricas.

Desde uma perspectiva sul-americana, é possível oferecer alguns pontos à narrativa sobre a relação das mulheres com o espaço. *Nuestra America* também foi construída pelo movimento das mulheres. Algumas sempre estiveram em movimento. As mulheres têm, historicamente, acesso a diferentes condições de trânsito na região, assim, diferentes mulheres – como as negras e indígenas – se movimentaram pelo continente criando muitos lugares e itinerários, a partir dos quais é possível estender as lentes para pensar sobre mobilidade – voluntária e/ou forçada – e viagens, ou seja, sobre a produção

das experiências espaciais de sujeitas que historicamente transitam entre mundos – e que não são lidas pela lente colonial. Estas estiveram/estão presentes nos espaços públicos das ruas, das lutas e das *carreteras* – estradas.

É por essa perspectiva que organizo a reflexão em torno das estratégias adotadas pelas interlocutoras desta pesquisa para se moverem, se deslocarem: como fruto da criatividade das mulheres que tumultuam o papel de gênero atribuído pelo modelo ocidental quando ultrapassam várias fronteiras para construir suas próprias rotas e trajetórias. Mas quem são essas mulheres que constroem suas subjetividades na estrada? Como elas se organizam? Que estratégias utilizam para se mover? Quais as estratégias para permanecer? Como suas trajetórias são transformadas por meio das viagens?

Mochilar é se mover...

“Fazer um mochilão” é fazer uma viagem que se organiza desde um arcabouço cultural formado por práticas de mochila. Isso quer dizer, entre outras coisas, embarcar com o necessário nas costas. *Mochilão* é uma expressão comum entre viajantes que adotam um estilo de viagem referenciada pelo uso da mochila. *Mochilão* assume uma polissemia, pois pode servir para evocar o próprio objeto, naquilo que o diferencia de outros tipos de mochila – que é o tamanho. A mochila também é chamada de *cargueira*.

“Mochilar” tornou-se um verbo de ação. Para compreender alguns dos significados desse fenômeno, desde um panorama global, é necessário considerar que o conceito de *backpacker* – mochileiro/a – é dinâmico, tem sido abordado por diferentes perspectivas e por diferentes áreas do conhecimento como a Antropologia, o Turismo, a Comunicação e a Sociologia. Há um diálogo animador entre Antropologia e Turismo (GRABURN, 2009; BARRETTO, 2003), por meio do qual se pensa a contribuições das Ciências Sociais para o turismo.

Sobre os *backpackers*, as principais contribuições vêm do Turismo, nesse cenário que vem se desenrolando muita das discussões em torno do tema (REBELO, 2012; NUNES, 2012; MARTÍN-CABELO; GARCÍA MANSO, 2015; GULA, 2006; JUODINIS, 2004). As pesquisas antropológicas têm se concentrado principalmente nos Estados Unidos e Europa (SØRENSEN, 2003; EDWARD, 2009; KRAVANJA, 2016; DAVID, 2020; REBELO, 2012), tendo como campo de pesquisa alguns lugares como Austrália, Malásia e Tailândia, mas também América Latina, Índia, China (KERRY, 2013; ZAMARAITE, 2015; TING; KAHL, 2016; ZHANG; TUCKER; MORRISON;

WU, 2017). Destas pesquisas, algumas abordam a questão de gênero na Nova Zelândia, Israel e países da Ásia (MYERS, 2010; NOY, 2008; CAVE; RYAN, 2007; YANG, 2017).

No Brasil, Oliveira (2008) pode ser considerado um dos pioneiros a se atentar de forma mais aprofundada à categoria *backpacker*, no período em que o fenômeno começou a se expandir no país. Falcão (2013) traçou uma perspectiva interdisciplinar para pensar as práticas de viagens dos mochileiros, a partir das histórias e daquilo que dá sentido às vidas desses sujeitos. Carvalho (2009) explorou viajantes mochileiros que viajaram para o Brasil nos últimos quinze anos, analisando o perfil, as características e os comportamentos desses viajantes, assim como sua contribuição para o desenvolvimento do turismo.

Sørensen (2003) considerou que *backpacker* é uma categoria construída socialmente, a qual integram viajantes de longa e de curta duração, que viajam por um longo período de tempo ou ainda que viajam em períodos de tempos curtos, como as férias, são sujeitos e lógicas diversas, mas que partilham valores de um conjunto de referências culturais baseados em afinidades, comportamentos semelhantes e formas de interação na estrada. Por uma perspectiva etnográfica, Silva (2015) buscou saber quem eram os sujeitos viajantes “independentes” no país, em uma pesquisa multilocalizada entre o Brasil e outros países da Europa.

Na América do Sul existem diferentes grupos de viajantes que se formam por conta das particularidades da região. Existe uma produção do conhecimento que permite encontrarmos etnografias que tratam de algumas categorias de viagens e viajantes (MERCEDES OYHANTÇABAL, 2018), como as/os artesãs/ãos, os malabaristas (JULIANA SILVA, 2015), os *locos* (ALDANA, 2018), os malucos de estrada² (LEITÃO, 2014); e outros com habilidades específicas, que fazem parte da “cultura da estrada” (MARCELA MATOS, 2020), e que partilham de aspectos de um mesmo repertório cultural, embora sejam agrupamentos de sujeitos heterogêneos.

Para Matos (2020), as circunstâncias da viagem conectam-se com o percurso dos viajantes, o que vai moldando os arquétipos de sujeitos que formam essa “cultura da estrada”. É exatamente isso que caracteriza as identidades desses sujeitos como não fixas, ou seja, as/os viajantes flutuam ou deslizam entre personalidades diversas, mochileiras/os, nômades, artesãs, malucas/os, andarilhas etc. Oyhantçabal (2018) diz que

² A experiência dos “malucos de estrada” ou “malucos de Br” é tema do documentário “Malucos de estrada”, produzido por Rafael Lage.

não há uma identificação única entre viajeros/as da região, mas existe uma rede que mantém os grupos conectados por elementos discursivos que compartilham.

Fazendo um recorte regional para pensar as rotas da América do Sul, houve uma formação das rotas de viajantes que buscava experimentar novas vivências e movimentos, uma “cultura da mobilidade” que é mediada pelo processo de comunicação entre os viajantes nos países da *Latinoamérica*, ou seja, uma cultura que se forma a partir da circulação de informações nos encontros entre sujeitos. Esse encontro é propiciado por uma ideologia particular que circula por entre essas pessoas, embora também haja especificidades nos estilos de viagens e viajantes na região (MATOS, 2020; MARTÍN-CABELLO, 2014; ALDANA, 2018).

Oyhantçabal (2018) apresentou, desde o Uruguai, os viajantes globais, que trocaram a vida sedentária por um estilo de vida que consiste em viajar. Elegeram uma forma de nomadismo, de um viver na estrada. A autora entende esse sujeito como produtor de práticas criativas e heterogêneas, uma vez que mantém interação com os outros sujeitos no espaço e no tempo, que também são múltiplos e plurais. A viagem proporciona novas conexões, contatos e agenciamentos, e como agente, o viajante é um produto dos diferentes agenciamentos, que se transforma em cada contexto, emergindo identidades potencialmente mutáveis.

A riqueza dos trabalhos citados, porém, não contempla uma análise aprofundada a partir de outros grupos, como as mulheres na estrada, nem privilegia uma perspectiva de gênero. Há um esforço nesse sentido para a construção desta tese. Na América do Sul, o trabalho encontrado que dialoga com o tema é o de Isabel Montaña (2012), mas que por sua vez não propõe uma discussão aprofundada sobre questões de gênero, nem de posicionalidade enquanto pesquisadora. Aldana (2018) faz alguns apontamentos nas discussões de gênero entre os *locos viajeros*, porém não alcança a complexidade da experiência das mulheres na estrada.

Como demonstrei, já existe uma discussão proeminente sobre o tema. Minha contribuição é no sentido de avançar no debate a partir de outros marcadores sociais. Nesse sentido, há aspectos desconhecidos das viajantes mulheres, que é um grupo que tem reivindicado espaço na estrada. Myers (2010), ao pesquisar sobre as identidades das mulheres *backpackers* na Nova Zelândia, disse que algumas experiências, como a viagem de mochila e viagens independentes, podem ser potencialmente libertadoras para algumas mulheres à medida que ganham a liberdade de expressar suas identidades de novas maneiras. Essas novas formas de expressar a identidade e os processos de construção de

si movimentam esta pesquisa. Nessa disputa pelo espaço que confronta masculinidades e narrativas universalizantes, algumas pesquisadoras se concentraram em observar os trânsitos das mulheres, sendo que se constituem como meios e fins para a busca de um projeto de si, como por exemplo nas pesquisas de Miriam Aldeman (2012), Adriana Piscitelli (2013,) e Elisete Schwade (2013).

Esta tese avança na direção de explorar também outros sentidos das viagens de mochila. Adicionalmente, a análise antropológica é confrontada com minha própria condição de mulher viajante, que sentiu a concretude da viagem no corpo. Estabeleço um diálogo entre o turismo e gênero, no qual a ideia de risco é construída de acordo com o contexto cultural local (YANG, 2017), e a violência como uma variável importante a ser considerada na estrada (PISCITELLI, 2017). No sentido de experimentar o espaço, utilizei de estratégias aprendidas nas minhas experiências subjetivas, construídas principalmente a partir dos deslocamentos que regeram a dinâmica da minha vida pessoal, acadêmica, afetiva, política.

Nesse sentido, reconheço que, ao construir uma etnografia com caráter tão subjetivo, que envolve minha própria experiência social, há potencialidades, mas também limites. Porém diante do meu lugar de pesquisadora comprometida subjetivamente com o tema, escrevo reflexivamente, confrontando minha própria noção de “experiência”. A escrita em primeira pessoa, desde um lugar ou de uma posição particular, não é novidade na escrita antropológica, seja por meio da experiência de outras mulheres ou de si mesma (ABU-LUGHOD, 2000; BEHAR, 1996; GAMA, 2020; VERSIANI 2002; GONÇALVES, 2012).

Viajar e etnografar

Esta é uma etnografia viajante. O grupo pesquisado não está delimitado em termos territoriais, mas está em trânsito, em deslocamento pelo espaço e entre os lugares. Trata-se de pesquisa multilocalizada ou multissituada (MARCUS, 1995; HANNERZ, 2003), na qual não há um único local de pesquisa, mas sim vários locais de observação e participação. Uma pesquisa projetada “em torno de” caminhos e cadeias, físicas e digitais, na qual importam as conexões, as conjunções entre os locais. Utilizei estratégias do trabalho de campo clássico como as fotografias, diário de campo e cadernos de pesquisa, além disso o *Instagram*, *WhatsApp*, o *Facebook* e salas de reuniões virtuais foram importantes nas relações pré e pós-campo.

A pesquisa de campo etnográfica se desenvolveu em diferentes etapas. As principais aconteceram nos anos de 2019 e 2022, duas expedições que chamei de *mochilão etnográfico*. Nessa etnografia dos encontros na/da estrada, de experiências cruzadas, tem-se como primeira etapa o desembarque na Bolívia. Foi por onde iniciei um trajeto, realizado majoritariamente de ônibus, que passou por alguns lugares do Peru, adentrando pelo norte da Argentina, de onde “desci” até Buenos Aires. Da capital portenha iniciei um trajeto de volta para o Brasil, no início de 2020. Foram três meses na estrada, parte do trajeto realizei sozinha e outra parte fui acumulando companhias de viajantes diversas/os que apareciam no caminho. Estive em contato com outras mulheres viajantes, com experiências de viagem diferentes, destaco a interlocução que mantive com a mexicana Liz, as brasileiras Gabi e Rosa, e a argentina Juana.

Na segunda etapa, realizei uma série de entrevistas virtuais e presenciais com viajantes que relataram as experiências, as conexões virtuais e a rede de contato pessoal, foram as brasileiras Lanna, Júlia, Flora e Nanda. Na terceira etapa, realizei novamente uma viagem de pesquisa para a Bahia, com vivências em Salvador e na Chapada Diamantina, onde encontrei duas viajantes: a brasileira Jak e a argentina Carol.

Minhas companheiras de viagem e eu tivemos nossas rotas cruzadas de forma espontânea ou combinadas. Vários dos eventos e diálogos partilhados são oriundos de uma mesma situação: de ser mulher viajando de mochila sozinha ou em companhia de outra mulher. As viajantes tinham idade entre 21 e 35 anos, viajavam de forma autogerida – ou tinham experiência de viagem sem companhia masculina. Todas estavam cientes da minha posição enquanto pesquisadora, sendo o tema de pesquisa motivo de aproximação em algumas situações.

A perspectiva do gênero como um marcador social importante atravessou nossas histórias, nossos diálogos nos diversos instantes em que discutimos, pela perspectiva feminina, sobre os medos, motivações e anseios na estrada, tanto nas entrevistas quanto nas conversas formais e informais. Descobrir-se na companhia de outra mulher também é nunca estar sozinha, há a possibilidade de compartilhar parte do trajeto, e assim compartilhar diferentes histórias, rotas, situações de perigo, medos etc. que dizem sobre os deslocamentos físicos e culturais das mulheres latino-americanas diante dos processos e fluxos globais. A pesquisa etnográfica foi mais que um encontro com a diferença, ou com uma “outra” distante, mas também um encontro no qual eu era a “outra”: uma etnógrafa infiltrada na estrada.

Os encontros foram propiciados por aquilo que compartilhamos enquanto códigos culturais, visões de mundo, posicionamentos políticos, preferências na arte, laços afetivos e familiares, dentre outras questões subjetivas que se manifestam na estrada. A arte está diretamente relacionada com a vida em trânsito, seja por meio do “fazer arte” para manter-se na estrada, quanto a arte como produto cultural, como os livros, filmes e as músicas, que fazem parte da forma como se constrói a viagem pelo nosso continente.

Estruturei este texto em quatro capítulos, acompanhados desta introdução e as considerações ao final, que visa situar a leitora da forma mais completa possível no universo desta etnografia viajante. O primeiro capítulo se apresenta como um guia da pesquisa, por meio do qual é possível perceber com maior detalhe o trajeto metodológico na construção da etnografia, trazendo detalhes importantes sobre os itinerários percorridos e descrevendo os encontros com as interlocutoras. A discussão metodológica que realizo, além de refletir sobre etnografias multissituadas e as possibilidades de escrita em trânsito, me situa na pesquisa a partir dos meus próprios deslocamentos temporais e espaciais. Traço um perfil sociológico das interlocutoras e apresento aspectos das viagens autogeridas, o que me levou a algumas categorias de viajantes autodeclaradas como mochileiras, *andarilhas*, artistas de rua, que são categorias relacionadas à autopercepção da forma de viajar.

No segundo capítulo detalho os itinerários das interlocutoras, mostrando um movimento entre as fronteiras. O enfoque é nos deslocamentos culturais. A construção social em torno do plano de viagem individual das mulheres, relacionado ao perigo, leva as mulheres a ultrapassarem a fronteira do medo, de modo que demonstro como estas percebem e enfrentam as ideias de perigo socialmente construídas em torno dessa prática. Por meio da reconstrução dos itinerários percorridos, é possível considerar nacionalidades, movimentos fronteiriços, motivações e formas de se mover. Focalizo em temas que possibilitam perceber os fluxos, fronteiras e deslocamentos nos contextos históricos e atuais na América do Sul, mas também início um diálogo histórico com o trânsito das mulheres na região.

No terceiro capítulo, centralizo os estudos das mobilidades. Trago um recorte histórico sobre os fluxos na nossa região, demonstrando a forma como a dinâmica das fronteiras latino-americanas se constrói do ponto de vista das mulheres viajantes. As formas de se mover e de permanecer. Nos caminhos que as viajantes traçam, ao longo desse percurso, há estratégias de mobilidade que mostram etnograficamente como estas se movem. Como as interlocutoras vivem a vida durante o trajeto. Nessas estratégias de

deslocamento, há longas viagens de ônibus, de trem, alguns trechos de avião, assim como as experiências de carona. Os modos de vida em trânsito, quer dizer, as paragens, são proporcionadas pelo voluntariado, pela arte/artesania. Descrevo os modos de trabalho, assim como as formas de habitar a estrada por meio dos locais como *hostel*, alojamentos e as ruas. Estabeleço diálogos entre antropologia e o espaço geográfico, pensando também desde uma geografia feminista que considera a experiência espacial atravessada pelos marcadores de gênero.

No capítulo quatro, desenvolvo sobre os aspectos da vida na estrada e outros elementos que dão sentido à viagem. Como a viagem impacta a vida dessas mulheres ou que rumo estas tomaram a partir da experiência da viagem. Analiso também os movimentos de retorno e desembarques, daquilo que passam a produzir em termos culturais. Os produtos da estrada, frutos da inventividade em torno das formas de contar a viagem e de produzir uma narrativa de si, circulam tanto no nível físico quanto digital; (re)produzem experiências que ecoam em vários espaços. Além disso, deixo algumas pistas e rumos de trajetórias que estão sempre em constante movimento e transformação.

Desembarco com uma reflexão do contexto atual, como a questão da pandemia, com alguns apontamentos possíveis para pensar sobre o trabalho de campo. A presença das várias temáticas do contexto sul-americano foi totalmente influenciada pelo fato desta etnografia ter sido realizada nesse contexto político, de grandes transformações sociais, desembocando na atual crise política e sanitária que afetou o Brasil. Recupero também as lacunas deixadas pela pesquisa que apontam para a necessidade de pensar de forma mais aprofundada sobre a prática da carona e as performances e construções da feminilidade adotadas, que contemple outros grupos de mulheres, como as trans. Além disso, as questões específicas de racialização das fronteiras, ainda é um ponto em aberto. Nesse sentido, vale também refletir a partir de estudos comparativos as diferenças entre viajar por outros continentes, principalmente os que são percebidos como seguros para mulheres, percebendo os significados em torno das viagens de mochila com relação às construções de perigo.

Desembarco definitivamente desta pesquisa de coração esperançoso com o contexto político que passou a se desenhar na América do Sul.

CAPÍTULO 1

Rotas da pesquisa e encontros da/na estrada



Santa Cruz de la Sierra, Bolívia. 22 de outubro de 2019. Era uma manhã quente quando cheguei no alojamento. Gabi e Rosa ainda dormiam. Desembarquei do táxi, paguei o taxista, entrei na recepção e pedi um quarto. Consegui um com cama de casal, tinha um ventilador, me deram roupas de cama na entrada e o controle da televisão. Estava me comunicando pelo *Facebook* com Gabi. Depois de me instalar, fui imediatamente procurar por ela no quarto que havia me informado na mensagem. Na *habitación*, uma cama de solteiro e um ventilador que mal funcionava, pelo chão havia mochilas e bolsas, que guardavam algumas chaves e outros instrumentos de malabares, uma filhote de gata que ela havia adotado na cidade e alguns mostruários de trabalhos em macramê. Em seguida conheci sua companheira de viagem que estava em um quarto ao lado, Rosa. Conversamos descontraidamente como se já nos conhecêssemos há um tempo, embora estivéssemos preocupadas com a situação. Haviam embarcado fazia quase um mês, fizeram um longo trajeto de carona, passaram pela fronteira terrestre em Puerto Suarez, estiveram em outro alojamento na cidade, haviam tido problema com a polícia. Já



acumulavam uma experiência de viver a cidade, que agora apresentava suas ruas e praças vazias, isso era um problema para as duas artistas de rua. Os planos de seguir viagem para La Paz, já estavam estremevidos. Juntas viveríamos esses dias conturbados na cidade, mesmo que de diferentes formas. De alguma forma, esse encontro já demarcava que embora fosse uma experiência compartilhada, as circunstâncias que nos atravessavam tornavam tudo tão diferente.

Figura 1 - Rosa e Gabi no Parque Urbano, Santa Cruz de la Sierra

Fonte: Fotografia digital e Cianotipia por Ester Corrêa.

Construindo um campo multissituado e em deslocamento

O “campo” é uma construção. Não é um desembarque em uma praia vazia. Não existe uma mágica antropológica, nem uma praia para um desembarque sem que haja conexões, contatos e conjunções anteriores. O momento de desembarque, da chegada, da entrada literal é, com certeza, um estágio importante, mas para que isso se concretize muitas conexões e articulações precisam ser construídas no decorrer de todo o processo de pesquisa, anterior e posterior a cada entrada em campo.

No caso das viagens desta pesquisa, as principais entradas foram no formato de *mochilão*, teve continuidade por meio da articulação para me manter conectada, nos estágios seguintes, às interlocutoras e paisagens do campo. Realizei duas viagens de mochila e um ciclo de entrevistas virtuais e presenciais, esses eventos estão separados temporalmente, e também, foram marcados pelos novos desafios impostos pela pandemia. Em ambos os espaços-tempo, as condições de realização do trabalho de campo tiveram algumas dimensões importantes que devo destacar: em primeiro lugar as condições financeiras, linguísticas, e por fim, as conjunturas políticas e sanitárias. Sendo esta última um ponto que deslocou a pesquisa para outros caminhos.

A entrada principal foi o primeiro *mochilão etnográfico*, como nomeei esse empreendimento antropológico, no ano de 2019. Foi uma das fases da pesquisa que compreendeu um processo de organização e preparação iniciado meses antes. Elaborei um roteiro de pesquisa que vislumbrava percorrer algumas rotas importantes e frequentadas por viajantes latino-americana/os, das quais já possuía algum conhecimento prévio, de forma que tinha indicativos que a rota forneceria frutíferos encontros etnográficos necessários para desenvolver os diálogos e os contatos capazes de apontar as questões importantes sobre a vida das mulheres na estrada.

Certa experiência como viajante foi crucial para encorajar a fazer um campo que exigia um deslocamento em escala continental. Além disso, desde o início da pesquisa, a internet se tornou um espaço fundamental, por onde transitavam os guias e relatos de viagem com dados e informações essenciais à organização da minha “grande viagem antropológica”. No nível econômico, a bolsa Capes foi fundamental para a conclusão desta pesquisa. Reforço isso no sentido de me localizar enquanto pessoa de origem popular/rural, assinalando como a bolsa de pesquisa possibilitou esses trânsitos, uma vez que esta foi o principal meio de subsistência durante esses anos de pesquisa – complementada pelo meu trabalho com o artesanato.

Mesmo que o campo tenha se desdobrado em outros espaços e situações, a experiência do primeiro embarque etnográfico foi especialmente marcante, pois, na ocasião, ainda tinha poucas perguntas formuladas e as questões centrais da tese estavam confusas, estava “seguindo” o campo, cruzando algumas fronteiras, em busca de algumas respostas. Voltarei a esta temática na sequência do texto, neste ponto aqui gostaria de contar como desembarquei no tema desta pesquisa.

Transformar em projeto uma experiência social particular foi em algum momento desencorajado, pois é um tema que ainda tem concepções divergentes, mas também porque significou uma mudança radical do tema da pesquisa realizada durante o mestrado. Interessei-me pelas viagens das mulheres por uma perspectiva antropológica, a partir da disciplina de Patrimônio Cultural e Turismo, cursada durante o mestrado, na Universidade Federal do Pará, com a Profa. Renata de Godoy. As leituras e discussões no curso acionaram o “gatilho” de uma ideia que começou a ser gestada na oportunidade, foi quando o tema começou a se mostrar como um “campo de possibilidade”, como bem elaborou Gilberto Velho (1994).

Além disso, reflexões outras começaram a aparecer após os desembarques de viagens autogeridas nos anos de 2015 e 2017, realizei esses movimentos sozinha, entre Argentina, Uruguai e Chile, coincidindo com o período de início do curso do mestrado, que era, digamos assim, minha transição antropológica. As conexões da estrada se formavam mesmo quando eu não estava na estrada, percebi que havia me tornado uma referência sobre hospedagem solidária e dicas de viagem entre meu círculo de amigas/os, e que isso tinha a ver com o fato de que minha casa³ era um lugar por onde transitavam pessoas/viajantes de diferentes nacionalidades e estilos. Havia aí um espaço para reflexões antropológicas, ao meu ver.

Pesquisar sobre um tema que trata do prazer da viagem, porém, causava insegurança e questionamentos sobre a seriedade enquanto pesquisadora. Será que um projeto assim seria levado a sério? Por outro lado, um amigo, com quem havia compartilhado esses incômodos, me encorajou a investir no tema, me mostrando algumas possibilidades de abordagem e apontando para certo ineditismo. Isso me animou a investir em reflexões mais aprofundadas.

Uma vez que entrei no curso de doutorado, sentia que o projeto estava engessado e tinha dificuldades de demarcar as questões principais, precisava ir além dos pontos mais

³ Na época, morava em Castanhal, Pará, onde morei durante muito tempo.

genéricos que estavam postos. Compreendia – e ansiava pelo – o trabalho de campo, o embarque e o trânsito com as interlocutoras como marcos para avançar e acalmar minhas angústias metodológicas. Assim, me preparei para o embarque do campo com certa ansiedade do trabalho antropológico clássico, que exige um deslocamento para observar uma “outra” que era móvel, instável e não localizada. Porém, não era exatamente uma busca pelo exótico, nem pelo encontro com um “outro” distante, mas sim, buscava o encontro com mulheres que são próximas, porém se movem. A busca era o movimento.

Anteriormente ao embarque propriamente dito, buscava familiaridade com uma estrutura teórica que trazia questões novas para minha prática antropológica e com a qual não tinha muito contato até então. Ainda me sentia em plena transição para a prática e teoria antropológica, vindo de outra área de formação e dos movimentos sociais. Concomitante a isso, estava conectada às plataformas e redes sociais na internet, pelas quais circulavam informações, relatos e dados sobre as viagens de mochila.

Mesmo considerando que, como Peirano (2014, p. 379) avaliou: “a pesquisa de campo não tem momento certo para começar e acabar”, estabeleço como marco da primeira inserção no campo a pesquisa na plataforma virtual *mochileiros.com*. Na ocasião, no ano de 2018, buscava realizar uma reflexão inicial a partir da pesquisa etnográfica, para um trabalho final da disciplina da professora Ángela Facundo. Busquei nos relatos registrados na plataforma alguns significados em torno das viagens sozinhas das mulheres pela região. Resultou em um artigo com muitas limitações, mas que começava a me apontar mais caminhos.

Além dessa experiência também adentrei em um grupo no *Facebook*, dissidente do *CouchSurfing.com*, do qual somente mulheres (e pessoas trans) faziam parte e tinha como objetivo conectá-las para facilitar a prática da hospedagem solidária fora do circuito dos homens. É um espaço interessante, pois discutia/discute questões como machismo e assédio nas trocas de hospedagens solidárias na plataforma principal. Ainda no ano de 2018, empreendi uma ‘viagem’ etnográfica no grupo para refletir sobre as trocas de hospedagens entre mulheres, que resultou em um trabalho final para a disciplina de Antropologia Urbana.

Quando pesquisamos sobre um tema subjetivo, estamos sempre em campo. Como disse Mills (2009), você se torna sensível a seu tema, passando a vê-lo e ouvi-lo sempre na sua experiência pessoal. Assim, articulava conexões e mantinha a prática de hospedar viajantes na minha casa, especialmente mulheres com as quais podia dialogar sobre o meu tema. Cheguei a hospedar 4 (quatro) mulheres viajantes; duas brasileiras negras, uma

catalã e uma estadunidense. Pretendia utilizar essa estratégia no decorrer da pesquisa, mas tornou-se inviável por dois motivos principais: primeiro, porque a plataforma *CouchSurfing* passou a ser monetizada, e segundo, porque o confinamento da pandemia interferiu nas práticas de hospedagem e nas viagens em geral.

Essas curtas experiências etnográficas davam conta da construção de um mundo social que se baseava nas estratégias das mulheres, no sentido de negociação dos espaços de hospedagem durante os trânsitos – mas também já adentrava em outros sentidos da experiência na estrada. Ao mesmo tempo em que, no sentido prático, me tornava um vetor de facilitação dos trânsitos, me inserindo nas experiências de viagem dessas mulheres de forma positiva. Negociando com essas estratégias realizava também um movimento de solidariedade, para aquilo que marcava meus próprios trânsitos, além disso, é uma prática que edifica e reafirma meu próprio *status* de viajante.

Dentro desse contexto, meus próprios deslocamentos de moradia também eram orientados e influenciados pela pesquisa – e impulsionados por meu “espírito nômade”, é bem verdade – pensava que “morar na rota” das viajantes poderia facilitar ou ampliar a possibilidade dos encontros. Assim, durante quatro anos estive em constante mudança, além de Natal, morei um tempo na praia da Pipa, no Rio Grande do Norte, na Baía da Traição, litoral norte da Paraíba e, atualmente, moro em João Pessoa, capital paraibana. Havia o prazer pessoal, obviamente, mas era uma estratégia de morar nas “rotas litorâneas” para “estar na viagem” de outras mulheres. De fato, alguns encontros foram mobilizados devido ao interesse no lugar onde eu morava.

O embarque etnográfico de 2019 foi um momento extraordinário, era a viagem de campo planejada e aguardada com a ansiedade que o ritual do trabalho de campo “malinowskiano” nos deixou de herança. Também havia a excitação de uma viagem individual. Os duplos sentidos da viagem estiveram/estão presentes todo tempo. A ansiedade da espera pela viagem de campo, com muita agitação e medo, foi parte dos momentos de ápice do meu processo etnográfico.

A América do Sul se consolidou como destino etnográfico por possuir uma cartografia criada pelas rotas de viajantes de diversos tipos na região. Turistas, mochileiras/os, malucas/os, *locas/os* etc. se aventuram por rotas turísticas que são construídas na região há algum tempo. A região é vista como um paraíso por visitantes da Europa, Ásia, América do Norte, principalmente pelo privilégio econômico que é *cambiar* dólares e euros. Mas para além – mesmo que por entre – da rota turística, há viajantes que, ora fogem e ora se aproveitam da lógica do turismo, que são movidas/os

por uma espécie de inquietude, interessadas/os em viver os caminhos, e as descobertas deles, mediante o contato com os outros povos, lugares e hábitos culturais da região. A *rota andina*⁴, por exemplo, possui essas características, pelo menos foi nela que muitas “descobertas de mim” aconteceram tempos atrás.

Essa inquietude está na dimensão da busca pelo “ser feliz”, experimentando outras formas de existir no mundo. Assim como, transita por entre o desejo de não se deixar ser engolida/o pelo cotidiano do mundo do trabalho e do consumo, das relações pouco profundas da vida nas cidades ou ainda de alguma inquietude que não se sabe nomear. Uma vez percorridas, essas rotas atingem as dimensões das descobertas e construções de si: de encarar o caminho como um desafio de reconhecimento do território, do espaço, das cidades, dos lugares, das pessoas e também de si.

Existe um intenso fluxo de pessoas entre os países da região, que foi complexificado pelas transformações sociais intensas do mundo “global” capitalista do final do século XX. As propostas de integração política e econômica regional, que tem um marco importante na formação do Mercosul, modificou profundamente a forma como os indivíduos transitam pelas fronteiras da América do Sul. Atualmente, as regras de circulação entre os países são variáveis, mas de uma forma geral não há necessidade do visto em vários países. Há uma reduzida burocracia de documentos para viajantes e turistas, e é vantajoso para sujeitos de alguns países viajar pela região – o que é influenciado pela cotação das moedas de cada país no mercado internacional de câmbio. Alguns países como Bolívia, Peru, Equador, Venezuela⁵ tem desvantagens no câmbio internacional de moedas, o que os torna atraentes para quem busca uma viagem de baixo custo.

Pesquisar sobre um tema prazeroso como é a viagem, mesmo carregada da responsabilidade da análise antropológica, foi por mim mobilizada com ansiedade por novas descobertas. E isso foi importante posteriormente, na escrita etnográfica, na fase difícil de dúvidas e incertezas, pois me auxiliou a pensar que a construção desta etnografia, embora não tenha sido um processo fácil, em que fatos e acontecimentos conflituosos e assustadores ocorreram pelas rotas de pesquisa, havia sido uma experiência etnográfica bonita, e sim, divertida.

⁴ Chamo de *rota andina* a um corredor/circuito viajante/turístico que se desenha entre os países que partilham os Andes, aqui, em especial, me refiro à rota formada entre Bolívia, Argentina, Peru e Chile.

⁵ No caso da Venezuela, deixou de ser um país “atraente” por conta dos problemas políticos enfrentados, que marcou a forma como as pessoas concebem o país enquanto “destino a ser visitado”, principalmente após sucessivos boicotes internacionais ao país.

Durante o primeiro *mochilão etnográfico*, foi possível acompanhar os trânsitos das mulheres, como contarei adiante, a partir dos encontros que, casualmente ou projetados em redes, foram acontecendo. Isso aconteceu em um cenário político caótico e um pouco assustador, a situação social estava tensa na Bolívia e no Chile, mas desembarquei no Brasil com um sentimento de sucesso, de que o campo havia sido satisfatório e produtivo. Algumas questões interessantes se delineavam a partir dos encontros com outras viajantes. Havia expectativas de retorno ao campo. Acreditava que as possíveis lacunas poderiam ser preenchidas posteriormente.

Porém, um mês após o desembarque, enquanto transcrevia páginas e páginas de um diário de campo escrito à mão, e assim, começava a organizar os dados, descobrir categorias, alinhar perguntas, enfim, enquanto o campo se organizava, o mundo sucumbiu à pandemia de um vírus que chegou ao Brasil pelo aeroporto. Muitas fronteiras se fecharam para minha pesquisa. Apesar de considerar aceitável a quantidade de dados e informações obtidas no campo, era previsível que as estratégias de pesquisa deveriam mudar para aprofundar as reflexões, pois não tinha certeza se esses dados garantiriam a análise objetivada.

Em um contexto mais amplo, o cenário político e sanitário do país afetou em cheio o ânimo e a motivação para a pesquisa, levando a ocasiões de letargias e improdutividade em diversos instantes. Além disso, separada pelo espaço-tempo das interlocutoras principais, alguns contatos se enfraqueceram, me levando a refletir e aceitar que os encontros na estrada também são efêmeros, e que além disso, os desencontros também são parte da experiência na estrada. Estava perdendo o contato com algumas interlocutoras, e eu sentia isso. Mas é importante assumir que em diversos instantes da escrita etnográfica, a identificação com o tema, a memória particular que eram evocadas nas conversas, nas entrevistas, na fricção com outras sujeitas, despertava um sentimento de prazer. Uma “etnografia por prazer” foi crucial para a minha permanência no curso, para a manutenção da saúde mental e, também, para nutrir o ânimo etnográfico no contexto caótico no qual esta tese foi textualizada.

Toda pesquisa realizada nos últimos anos, que foi afetada pelo contexto sanitário, tem um antes e um depois da pandemia. Esta pesquisa se enquadra no *hall* das pesquisas afetadas, que teve que se reencaixar, se readequar, e que precisou de estratégias para ressignificar práticas e tratar de um tema que – pessoalmente – me afetava profundamente, e afetava emocionalmente as/os sujeitas/os que culturalmente compartilham de um estilo de vida – no qual a viagem é um motor –, dentre elas as

interlocutoras desta pesquisa, que foi a imobilidade provocada pelo novo contexto de confinamento.

As expectativas para o trabalho de campo foram se reduzindo e os caminhos da pesquisa precisavam de novas rotas. A internet passou a ser o único espaço possível, mas tornou-se um espaço-tempo estranho para pensar sobre o tema. Em tempos de “fique em casa”, como falar sobre viagens? O isolamento social direcionou a pesquisa e a pesquisadora à redução dos encontros presenciais e ao aumento das interações no mundo digital. Sem a possibilidade de receber viajantes ou sair para encontrá-las, a observação etnográfica redirecionou as estratégias para o *Instagram*, que se tornou o principal lócus da pesquisa nesse período.

Anterior à pandemia, já havia interesse em pesquisar no meio digital. Em 2019 criei um perfil no *Instagram*, com uma proposta de criar conteúdo sobre o tema das viagens, considerei, como pontuou Miller; Slater (2000), que as novas questões do mundo social e das nossas práticas de campo são afetadas pela internet, e assim como Hine (2015), que a participação como usuária era importante para explorar as conexões e as interações *online*, assim, passei a seguir perfis e *hashtags*, e a interagir com outras viajantes mulheres, além de ocupar esse espaço como mediador de contatos. No perfil, me identifiquei como pesquisadora, indicando como um local de prática antropológica, a ideia inicial era tornar o perfil uma espécie de diário de campo virtual durante o *mochilão etnográfico*, mas este ganhou outra dimensão. Por meio dessa experiência, observei que o lugar das memórias de viagem era diverso, as formas de “contar sobre” quase sempre apareciam em forma de reflexões acompanhadas das fotos às quintas-feiras, nos *TBTs*⁶. O fenômeno da virtualização das viagens, que já estava acontecendo há algum tempo, se intensificou.

Para tentar contornar o problema, concentrei-me nas viajantes que produzem conteúdo nessa rede social, com algumas delas eu já estava conectada por meio da rede virtual. Mesmo parecendo um espaço importante para avançar na observação etnográfica, já que apareciam uma diversidade de identidades em torno da viagem, se mostrou um terreno ardiloso. Ainda assim, foi possível observar como as viagens são mediadas pelas redes sociais, comunidades virtuais, por onde circulam informações técnicas para a

⁶*TBT* quer dizer “*throwback thursday*”, marca *hashtag* de uma foto postada às quintas-feiras e que foi tirada no passado, de algum lugar ou situação que a pessoa gostaria de relembrar. A tradução do termo é “quinta-feira para relembrar”

organização das viagens, trocas de informações, troca de hospedagem, articulação de voluntariado, construção de subjetividades.

Configura-se como um espaço por onde se formam redes de informação e solidariedade, assim como por meio do qual são apresentadas as descrições das experiências por meio de relatos em textos, fotos e vídeos, e mais atualmente, como forma de conseguir patrocínios por meio da publicidade. Muito desse conteúdo é produzido por viajantes que conseguem engajamento e fama contando suas histórias de viagem, muitas delas estão na “*hype*”⁷, porém muito do conteúdo se estancou na promoção excessiva de experiências individuais, na maioria das vezes, em uma mesma narrativa romântica da mobilidade, por meio dos grandes *mochilões* sabáticos – ‘ano sabbático’ é um período estendido de folga da vida cotidiana que se utiliza para viajar – e das viagens moldadas por uma perspectiva da classe média, que homogeneízam uma experiência centrada principalmente em sujeitas do eixo sul-sudeste do Brasil. Mas fui me inserindo dentro dessa rede e seguindo fios e perfis que iam se mostrando diversos.

Nas reflexões que articulei ao redor disso, apareciam as relações de poder em torno desse tipo de viagem, principalmente porque são construídas diferentemente em termos de classe, geopolítica e raça, que direcionava a necessidade de conjeturar sobre essa prática de forma descentralizada, que fugisse dos perfis hegemônicos das famosas criadoras de conteúdo e encontrasse com experiências outras, ou talvez mais próximas da minha própria realidade e grupo social, talvez mais plural, uma vez que me interessa a pluralidade das experiências viajantes, direcionei a minha lente para narrativas de outras mulheres de diferentes regiões do Brasil, principalmente.

Desse modo, foi um espaço de pesquisa que atuou em duplo sentido, possibilitou o acesso a todo esse conteúdo e também era um importante lugar de conexão com viajantes. Tornando-se uma rede heterogênea também com as conexões que foram se construindo no decorrer da minha trajetória. Isso se intensificou com a pesquisa, e se constrói ainda todos os dias. Considerar as redes sociais é de fundamental importância para a compreensão da/o sujeita/o contemporânea/o, uma pessoa que tem um perfil ou conta em alguma rede social – se não, em várias –, que possui uma vida virtual ativa, com frequente uso e produção de *stories*, mensagens instantâneas, *hashtag*, dentre outras diversas formas de comunicação digital.

⁷ São as famosas na rede, que “dão o que falar”. Há uma promoção excessiva em torno do conteúdo de viagens em busca de engajamento e compartilhamento, e também de mais seguidores.

Com a exceção de uma das interlocutoras desta pesquisa, todas as outras possuem um perfil na rede social, e quase todas utilizaram o aplicativo em algum instante para contar sobre suas viagens. Isso possibilitou com que várias entrevistas fossem articuladas e contatos estabelecidos, além disso, há uma interação na qual acontecem as conversas, as reações mútuas a conteúdos postados, envio de mensagens diretas etc. Porém, essa fluidez das relações virtuais não significou apenas aspectos positivos.

Com a vacina e a flexibilização das regras de circulação, no início de 2022, embarquei em uma nova experiência etnográfica. Nessa ocasião, em que uma crise econômica afetava o país, havia a desvalorização da moeda e incertezas nas fronteiras transnacionais, por conta disso decidi realizar uma viagem de curta duração e dentro do país. Me interessava observar etnograficamente como os espaços e as relações “lá fora” funcionavam após dois anos de isolamento social. Dentro das expectativas de encontrar um público viajante específico, escolhi o estado da Bahia como destino. Após o desembarque, inicialmente, pensava que a viagem enquanto experiência etnográfica havia sido frustrante, pois encontrei poucas mulheres realizando viagens que correspondiam ao perfil das viajantes pretendidas nas minhas expectativas. Mas as conexões que se formaram a partir de dois encontros se tornaram produtivas para a pesquisa, como contarei no decorrer do texto.

As comunidades virtuais como *Worldpackers.com*, *CouchSurfing.com*, *Booking.com*, *Mochileiros.com* e os *blogs* de viagem fizeram parte das minhas imersões. Adicionalmente, outros aplicativos, como o *Facebook* e o *WhatsApp* também foram importantes na continuidade da conexão com as interlocutoras. Realizei, posterior à primeira viagem, entrevistas com as interlocutoras via redes sociais ou por meio delas articuladas, com os resultados poucos satisfatórios, decidi ampliar o uso da entrevista para obter outras narrativas e experiências para aprofundar as questões principais que emergiram da primeira fase da pesquisa. No total, além das entrevistas com as interlocutoras que encontrei na primeira viagem, realizei quatro entrevistas virtuais e duas entrevistas presenciais, todas gravadas e de longa duração.

As entrevistas com as interlocutoras se deram via *WhatsApp*⁸, *e-mail*, *Zoom* e presencialmente. Foram possibilitadas por meio dos contatos estabelecidos, nos quais me

⁸ Nas entrevistas por meio deste aplicativo, cada uma respondeu à sua maneira: em áudio ou em texto escrito. Um diálogo enviado por áudio gravado no WhatsApp, transcrevi para português pela dificuldade de transcrever literalmente a fala de Liz.

esforcei para respeitar e/ou me adequar às condições de conectividade e expressão de cada viajante. As perguntas formuladas visavam preencher as lacunas deixadas nas conversas durante o campo, em um primeiro momento; posteriormente elaborei questões mais sistematizadas com as interlocutoras seguintes. Estas entrevistas foram mais duradouras, sendo as presenciais mais longas. Este ponto se desenhará mais nítido no decorrer do texto.

Além desses espaços, também me aprofundi na pesquisa em produção artística e literária, os livros de relato de viagem – enfocando nos escritos por mulheres – se mostraram importantes fontes de análise, revirei e produzi mapas, (re)visitei lugares virtualmente via *street view*, assisti filmes e documentários, ouvi músicas e *podcast*, li e escrevi poesias, assisti e participei de *lives*⁹, produzi zine, encadernei um livro, cataloguei memórias viajantes. Angariava argumentos e reflexões.

Uma etnografia viajante

Abu Lughod (2000) propôs pensar a etnografia como um conjunto de práticas capaz de criar novos conhecimentos e de trazer avanços para a teoria, uma vez que cada etnografia é realizada desde uma posição particular. Ser uma mulher praticando uma etnografia viajante me levou a um mergulho corpóreo e virtual nas situações e eventos que se cruzam, entrecruzam, misturam-se na estrada, fronteiras, cidades, aeroportos, rodoviárias, *hostel*, ruas da América do Sul. Esse “vai-e-vem” de ideias e pessoas acrescentou à cartografia etnográfica uma “etnografia viajante”, com potencial para “fazer girar os mapas para buscar novas direções possíveis” (PALOMA VIDAL 2019, p. 117), produzindo outros mapas possíveis para o trabalho antropológico.

Sigo Gupta e Ferguson (1997), no sentido de que a área de pesquisa não é apenas um “campo” para a coleta de dados, mas é também um local para intervenção estratégica, o conhecimento antropológico é, para os autores, “uma forma de intervenção situada” (p. 38, tradução da autora). Este conhecimento é produzido principalmente, mas não apenas, fora do eixo das práticas hegemônicas dos grandes centros globais e regionais. Assim, recupero o campo, ainda de acordo com os autores, “como um elemento de uma metodologia multifacetada para a construção de conhecimentos situados” (GUPTA; FERGUSON, 1997, p. 37, tradução da autora). Caminho em direção a um conceito de

⁹ Em uma das ocasiões fui convidada pelas gestoras da Plataforma *SisterWave* para participar de uma *live* falando sobre minha experiência como viajante e como pesquisadora.

trabalho de campo com múltiplas territorialidades, no qual é possível percorrer territórios móveis, por onde as interlocutoras constroem suas rotas. As estratégias metodológicas situam em um plano de destaque as questões da posição da pesquisadora. Assim, seguindo a pista dos autores, combino diferentes locais e estilos de trabalho de campo, assumindo que os métodos utilizados estão ligados à uma prática antropológica feminista, o que é, também, uma escolha política.

A característica multilocal do campo de pesquisa (MARCUS, 1995), propiciou uma experiência espacial na qual a observação e a participação aconteceram em vários locais distintos, entre espaços físicos e digitais. Proporcionou mais do que o “Estar lá” de Clifford Geertz; foi possível o “Estar lá... e lá... e lá!” de Hannerz (2003), buscando as conexões entre-locais, compreendendo que as relações entre eles importam assim como as relações estabelecidas dentro deles, e principalmente, no “entre” eles, onde se situam as experiências das interlocutoras. As viajantes iam desenhando os trajetos. A dimensão do local é importante, mas foi necessário ir além dela, e focar em “quem” e “como” se move entre os locais. Assim, a observação etnográfica percorreu fronteiras terrestres, aéreas e virtuais de todos os países sul-americanos – com exceção das Guianas e Suriname –, locais por onde minhas interlocutoras transitaram criando uma cartografia complexa dos trânsitos fronteiriços.

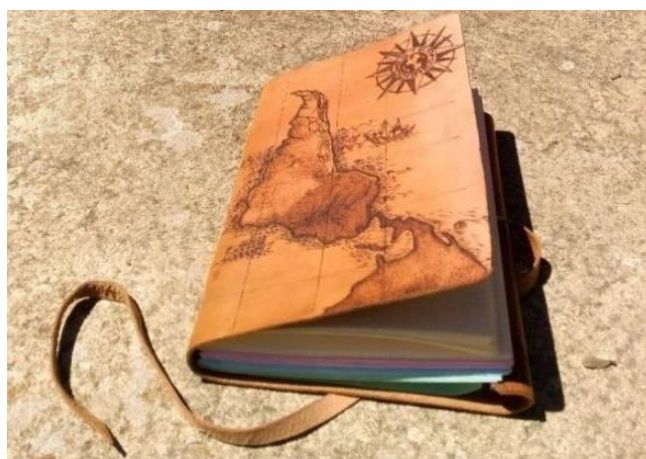
O trânsito com algumas interlocutoras – quem apresentarei no tópico seguinte –, permitiu compartilhar fronteiras e outras experiências, e assim, estabelecer relações de solidariedade e empatia, experimentando no corpo os significados de ser mulher na estrada. Essa estratégia de “jogar meu corpo no mundo” é inspirada em pesquisas anteriores, como de Silva (2015), que utilizou da estratégia metodológica de “cair na estrada” com seus interlocutores viajantes “independentes”, em trânsitos entre Brasil-Europa-África para seguir as histórias.

As conexões e os encontros que aconteceram com viajantes de distintas nacionalidades despertaram a atenção para as agências e estratégias dessas mulheres, ao mesmo tempo em que desenvolvia minhas próprias estratégias de trânsito. Como já alertei, os duplos sentidos da viagem estão continuamente presentes. Uma experiência desse tipo, que reverbera na construção pessoal, traz para este texto a preocupação de apresentar uma narrativa que mesmo sendo atravessada pelo caráter pessoal não pareça aut centrada, ao mesmo tempo que considero as experiências vividas como dados de pesquisa.

Dispositivos de registros

Alguns dispositivos foram/são fundamentais para registrar, processar, armazenar e expor o material trazido do campo. O diário de campo é o primeiro lugar da escrita, nem sempre é um dispositivo organizado, mas se torna uma fonte de dados que persiste no tempo. De todas as mudanças que houve no método da disciplina, este continua sendo um dispositivo de máxima relevância pois é o que conecta o trabalho de campo à escrita etnográfica, e se estende para além do que é textualizado. Como argumentou Mills (2009), um diário de anotações é mais que um instrumento para ser usado na produção intelectual, ele é a própria produção intelectual.

Figura 2 - Diário de Campo manual



Fonte: Ester Corrêa, 2019.

Atualmente os cadernos de anotações manuais são quase dispensáveis em função da possibilidade de fazer um diário digital, porém optei por um caderno de campo que eu pudesse ter sempre em mãos durante os deslocamentos. Sabia previamente que em uma viagem de mochila o acesso à dispositivos de tecnologia não é garantido. Aliados ao texto, há outros equipamentos, como câmera fotográfica e celular para registrar as fotografias, os vídeos e gravar os áudios, além do uso já habitual do computador.

A escrita durante os deslocamentos foi construída na rota, não houve “um” local de escrita, mas vários lugares. Houve dias em que, entre os trajetos, precisei parar, descansar e tomar um tempo para escrever. Foram necessárias algumas improvisações às condições da escrita na estrada, que nem sempre eram ideais, mas foi sempre possível organizar um momento particular nos espaços coletivos. Relatava os acontecimentos com a máxima regularidade possível, tanto os resultados das interações com as interlocutoras

quanto as impressões e descrições dos detalhes de cada local percorrido, forma de locomoção, emoções etc.

Produzi um manuscrito, digitalizado após a viagem, que demandou muito tempo da escrita. Após os desembarques, ocupei um longo tempo transcrevendo o diário de campo, uma versão digital que consistia em um texto mais organizado, uma nova versão da escrita rápida e improvisada da estrada, nesse instante, foi possível incluir informações, detalhes e reflexões que havia deixado passar ou então alguns *insights* que se desenvolveram ao longo do trajeto. As entrevistas se deram posteriormente e entre a primeira e a segunda viagem de campo, como já comentei. Uma das primeiras dificuldades da etnografia foi pensar sobre a entrevista durante os trânsitos. Dei-me conta rapidamente que não funcionava.

Além disso, eu ainda considerava, durante a primeira viagem, que minhas formulações e questionamentos não estavam elaborados o suficiente. As angústias sobre as respostas do campo eram constantes. Embarquei e desembarquei com os sentimentos ambíguos de Ruth Behar, imaginando se a antropologia é mesmo:

apenas embarcar nessa viagem através de um longo túnel. Que inclui medo de observar com muita frieza ou distração ou indecência, a raiva da covardia, o *insight* que sempre chega atrasado, como retrospectiva desafiadora, uma sensação da total inutilidade de escrever qualquer coisa e ainda o desejo ardente de escrever alguma coisa (Behar, 1996, p. 3, tradução da autora).

Um dos maiores desafios da etnografia, como disse Mariza Peirano, é colocar uma ação vivida em um texto. Geertz (2018, p. 22) reforça isso quando expressa que “se situar em um texto do qual, ao mesmo tempo, espera-se que seja uma visão íntima e uma avaliação fria é quase tão desafiador quanto chegar a essa visão e fazer a avaliação”. Os autores dão conta da complexidade da escrita etnográfica, justamente porque é uma construção para além de uma relação teoria-metodologia, é feita de escolhas que são influenciadas pelas nossas posições, e também pelas emoções e afetos, e às vezes, pelos desafetos e frustrações.

O desafio de textualizar a experiência viajante e de praticar uma etnografia que traga novos conhecimentos e intervenha positivamente no trânsito e subjetividades das mulheres, foi um processo que se construiu como um artesanato, no qual o texto etnográfico é um produto final. Do trabalho de campo é de onde resultaram as linhas, informações, conexões, rotas que possibilitaram reconstruir os eventos vividos no texto.

Realizar esse movimento é amarrar nós que conectam fios, tal qual uma peça em macramê, feita por uma das minhas interlocutoras.

Realizar um *mochilão etnográfico* deu circularidade transnacional à pesquisa. Isso trouxe uma dimensão que é questão da língua: ser falante de português, pesquisando na América do Sul. É sabido que na região, o Brasil é o país onde o idioma oficial é o português, então, a textualização foi atravessada pela pluralidade linguística da qual a região é feita, entre falantes de português, espanhol, línguas fronteiriças e línguas originárias.

Nesse movimento entre-línguas se destacou o *portunhol*, uma mistura entre duas línguas, uma forma de se entender em latino-americano e que pode ser considerada como o que Anzaldúa (2009) chamou de “língua fronteiriça”, na qual “falamos um patoá, uma língua bifurcada, uma variação de duas línguas” (p. 307). Essa língua construída da/na fronteira acontece na região. O *portunhol* é utilizado tanto por brasileiras/os quanto por *hispanohablantes*. Destaco a importância do *portunhol* para esta pesquisa, uma vez que foi realizada também com algumas mulheres que não falavam o idioma, da mesma forma que o espanhol que verbalizo é mais um aprendizado de estrada do que um aprendizado formal¹⁰. E aciono de maneiras diferentes de acordo com a nacionalidade/regionalidade da/o interlocutor/a com quem estou dialogando. E às vezes, a comunicação verbal não funcionou, sendo necessário encontrar outras formas de comunicação.

Esta etnografia é acima de tudo um encontro, construído entre diferentes sotaques, no qual aparece principalmente o português brasileiro. Esse encontro comigo mesma e com outras mulheres me permitiu viajar, vivenciar, observar, escutar, gravar, compartilhar, tirar fotografias, realizar conexões, criar redes, e a partir disso alimentar um diário de campo, transcrever entrevistas, criar mapas. Acredito assim como Ingold (2015, p. 43) que “é a partir deste reservatório heterogêneo de material cru que o artesão intelectual molda seu trabalho”, rumo a um texto etnográfico que conecta esse material e formas de fazer com a teoria antropológica. Nesse conjunto de pontos que formam uma peça, alguns instrumentos, dispositivos e acessórios são importantes para ir construindo essa teia, até chegar no acabamento, queimando pontas de fios que é a escrita final.

¹⁰ Realizei um intercâmbio em 2013 na Universidad de Salamanca, Espanha, que foi uma oportunidade de um rico aprendizado sobre a língua, mas grande parte da minha relação com o idioma foi construído por meio ou na estrada, em contato com outra/os viajera/os, e também por meio do cinema, música e da literatura latino-americana, com especial destaque para os livros de Gabriel Garcia Márquez.

Todo esse material, dados e informações, escritos em cadernos de campo/pesquisa à caneta e lápis, e nos editores de texto, as fotografias e vídeos, os *prints*, o *feed* do *Instagram* ou ainda, os postais, *tickets*, *souvenirs* e outras materialidades que dão conta do relato da experiência etnográfica e pessoal, fazem parte do artesanato intelectual, que como argumentou Mills (2009) é tão importante como fonte para a construção de um trabalho original e honesto, além de que, possuem potencialidade analítica que dá acesso ou localiza o pensamento, à experiência vivida, aos locais da observação, que é parte do trabalho intelectual (PEIXOTO, 2015).

Nesse tecer artesanal que foi cruzando os nós e os fios de dados, fui costurando a escrita que, como já assumi, foi desafiada pelo contexto da pandemia. Por um lado, fui afetada, como a maioria das pesquisadoras nesse mesmo contexto, e apesar das diferenças, posso dizer que ocupei um lugar privilegiado de poder ficar em isolamento, ter uma bolsa de estudos e não ter perdido nenhum familiar ou amiga/o para a Covid-19. Por outro lado, me motivava as facilidades de entrada e a pluralidade de abordagem possíveis para o meu campo de pesquisa. As boas e, às vezes, facilitadas entradas no campo, que obviamente tem a ver com uma rede construída, sempre acrescentavam questões interessantes, o que auxiliava a amenizar a solidão do isolamento, da falta de contato pessoal com amigas e amigos com os quais compartilho conhecimento e também aflições, afetos e abraços.

Embarques etnográficos

Retornando ao tema das condições do trabalho de campo, argumento que sair do meu país, exercitar outra língua, embarcar em uma (pós?) pandemia, ou seja, pesquisar em um campo com embarques e desembarques, que possui várias entradas e saídas, cria uma cartografia da etnografia que merece ser explorada. Gostaria de desenhar os mapas de entradas e saídas do campo, enfocando os trajetos realizados para, em seguida, mostrar como aconteceram os encontros com as personagens centrais do trabalho.

Embarque 1

Comprei uma passagem aérea de ida até a cidade boliviana de Santa Cruz de la Sierra, destino para onde embarquei no dia 22 de outubro de 2019, no aeroporto de João

Pessoa – com conexão em São Paulo – em voo econômico. A chegada foi tumultuada, como é possível acompanhar no prólogo da tese. Fiquei uma semana “presa” na cidade que estava em revolta, com as manifestações nas ruas. Houve confronto entre manifestantes, deixando vítimas fatais e o clima de tensão aumentava, principalmente em Santa Cruz e La Paz, fui aconselhada a não descer para La Paz e sair rapidamente do país¹¹. A tensão e o medo que a situação política na Bolívia despertava em mim, redirecionaram os itinerários da pesquisa desde o início, estes foram se construindo com suas próprias dinâmicas, então, assim como tive que “pular” alguns lugares que havia mapeado, também incluí outros lugares que não estavam previstos no roteiro inicial de pesquisa.

Os itinerários, datas e permanências podem ser conferidos na tabela a seguir:

Tabela 1 -Roteiro do *mochilão etnográfico* em 2019/2020.

País	Origem	Destino	Data	Estadia
Bol	João Pessoa	Santa Cruz de la Sierra	22/10/2019	9 dias
	Santa Cruz de la Sierra	El Alto	31/10/2019	1 dia
	El Alto	San Pedro de Tiquina/Lojpaya	01/11/2019	2 dias
	San Pedro de Tiquina	Copacabana	03/11/2019	3 dias
	Copacabana	Puno	06/11/2019	2 dias
Peru	Puno	Cusco	08/11/2019	24 dias
	Cusco	Ica	02/12/2019	3 dias
	Ica	Arequipa	05/12/2019	4 dias
	Arequipa	Tacna	09/12/2019	1 dia
	Tacna	Arica – Iquique	10/12/2019	
Chile	Iquique	Calama - Salta	10/12/2019	1 dia
	Calama	Salta	11/12/2019	3 dias
Arg	Salta	Rosario – Rojas	14/12/2019	20 dias
	Rojas	Buenos Aires	20/01/2020	5 dias
	Buenos Aires	Puerto Iguazú	26/01/2020	1 dia
	Puerto Iguazú	Foz do Iguazu	27/01/2020	1 dia
	Foz do Iguazu	Natal	28/01/2020	1 dia

Fonte: Ester Corrêa.

¹¹ Digo descer, pois El Alto, que é território aymara, se localiza na parte alta dos arredores de La Paz. Justamente por ser território aymara, onde vivem os indígenas que migraram para a cidade, não havia aderido ao *paro*, então foi possível se mover no sentido da fronteira com o Peru sem passar por La Paz, uma vez que os ônibus que levam até a região do Titicaca estavam circulando normalmente. Um dia após minha saída, Evo Morales renunciou. Pressionado pelos militares, saiu ameaçado do país, encontrando asilo político no México e depois na Argentina. Desde então, se instalou um governo interino que seguiu até outubro de 2020, quando foram realizadas novas eleições.

A cidade de Santa Cruz de la Sierra é considerada um lugar de passagem para viajantes, de ligação entre Brasil e o restante da Bolívia, por via aérea e terrestre. Não há muito interesse turístico por essa região, exceto pela zona de Samaipata que se localiza nas proximidades – o interesse é muito influenciado pela presença mítica de Che Guevara, que foi assassinado nessa área. Mas desde essa cidade é possível deslocar-se com facilidade para a capital administrativa La Paz e a capital constitucional Sucre, que são duas das cidades mais importantes e dentro do circuito turístico da Bolívia, também saem ônibus e voos – geralmente mais baratos que de outros países vizinhos – regularmente para vários outros locais e outras cidades importantes, como Cochabamba e Cusco (Peru). É a porta de entrada, desde o Brasil, para quem está indo rumo aos Andes – ou de saída, no sentido inverso.

Os itinerários históricos e culturais por essas rotas estão conectados de diversas formas, há várias combinações possíveis de chegar de um ponto a outro, e as escolhas dessas conexões são influenciadas por alguns fatores, como os de ordem financeira e política. Existem pontos de ligação que são os lugares de interesse, mediados por transportes como avião e principalmente ônibus, em alguns casos há os trens. Alguns pontos que movimentam essas rotas são secundários, ou seja, por onde é preciso passar para chegar a um ponto principal. Há nós principais, que se tornam pontos no itinerário, são “lugares-chaves” que fazem parte da motivação de muitos viajantes, são esses nós que formam as rotas. Alguns desses “lugares-chaves” estão no imaginário viajante, como por exemplo, Machu Picchu e Salar do Uyuni.

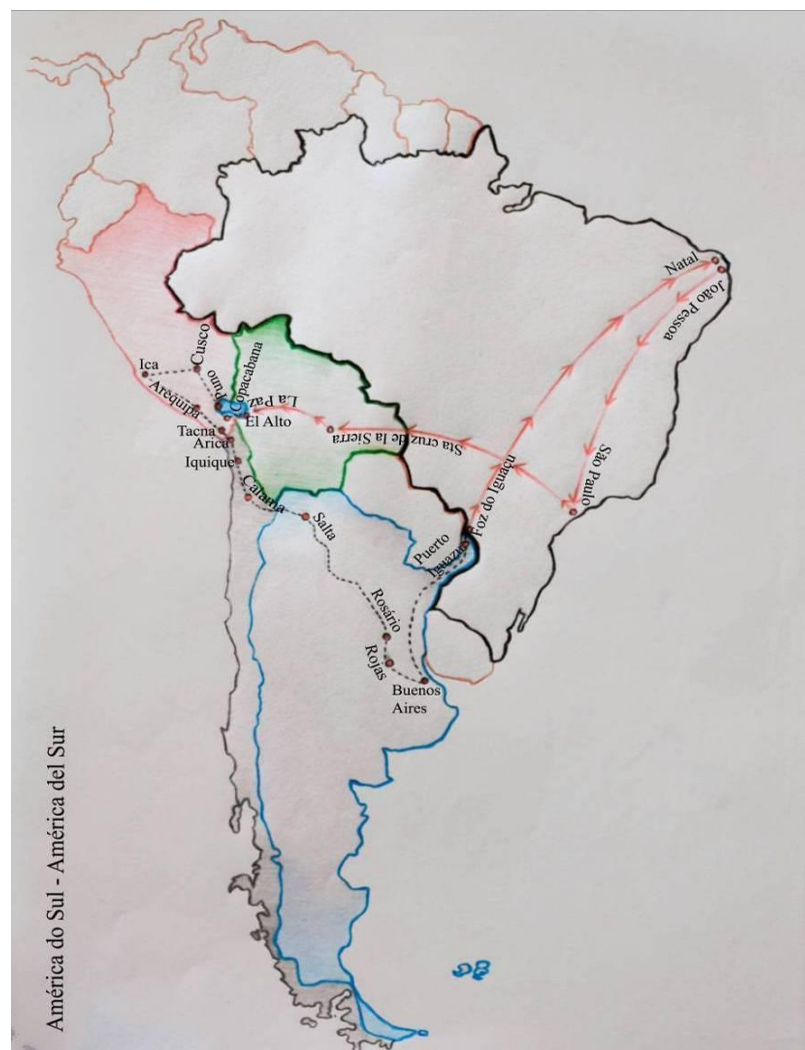
Assim, percorri alguns desses nós, que forma uma *rota andina* pela Bolívia, Peru, Chile e Argentina, como pode ser visualizado no mapa a seguir: cidades como Copacabana, Puno, Cusco, Arequipa, Iquique, Salta, Buenos Aires e Foz do Iguaçu fizeram parte da cartografia da tese. Já tinha algum conhecimento prévio dessa *rota andina*, tanto por meio de informações que circulam nas redes viajantes como também pela experiência do primeiro *mochilão* que realizei, em 2011. Na ocasião daquela viagem, percorri Santa Cruz de la Sierra – Sucre – Uyuni na Bolívia, cruzando para o Chile, pela região do Atacama¹². Nesse país percorri por San Pedro do Atacama – Iquique – Arica,

¹² É comum que viajantes que estão de visita ao Salar do Uyuni cruzem para o Chile desde essa zona fronteiriça. As agências de turismo oferecem a possibilidade de “deixa na fronteira”, no meio do deserto, de onde é possível pegar um transporte até a cidade de San Pedro do Atacama. Vale a pena contar que, é possível também, visitar o Salar do Uyuni desde essa cidade chilena. Assim, os dois países compartilham uma zona fronteiriça que é muito movimentada por viajantes e turistas interessados em visitar o deserto de sal boliviano e demais regiões do Atacama.

região fronteira Chile-Peru. No *mochilão etnográfico*, também percorri essa zona fronteira entre Arica e Tacna – porém, estava fazendo o trajeto inverso daquele que realizei em 2011.

Estava cruzando do Peru para o Chile. Havia ficado no Peru por vários dias na cidade de Cuzco. Cheguei à capital do império Inca, em uma chuvosa sexta-feira à noite – no dia em que Lula foi solto no Brasil. Havia cruzado a zona fronteira compartilhada com a Bolívia, no Lago Titicaca, na cidade de Yunguyo, localizada na região de Puno, no Altiplano andino. Nessa região do Altiplano, a fronteira se evidencia como essa linha imaginária, que não consegue separar as pessoas, as paisagens, os hábitos, a estética, etc. As culturas locais ultrapassam os limites entre os países. Ainda no Peru também visitei Machu Picchu e a região de Ica.

Figura 3 - Trajeto do *mochilão etnográfico*, 2019



Fonte: Ester Corrêa e Andrey Moraes.

Da cidade fronteiriça de Tacna é possível pegar um ônibus ou táxi que levam até a cidade de Arica, no pacífico chileno. Usei um táxi coletivo, no qual o motorista auxiliou nos procedimentos legais do posto fronteiriço. O posto da aduana é compartilhado pelos dois países, assim os procedimentos de entrada-e-saída são realizados em lugar só, o que causa grandes filas nos dois sentidos, visto que essa é uma região de grande fluxo na qual os dois países se tocam de forma intensa.

A passagem pelo Chile foi rápida em virtude do contexto político que o país estava vivenciando, além do mais, o alto custo de vida, para os padrões de mochileiras/os, também influenciou na curta estadia no país. As manifestações que ficaram conhecidas como *estallido social*, afetaram todo o país. Observei alguns rastros das manifestações na rápida passagem por Iquique, tanto nas manifestações, inscrições e instalações artísticas nas ruas, quanto na segurança reforçada de alguns estabelecimentos comerciais.

Essa paragem no país envolveu muitas horas desconfortáveis em poltronas de ônibus e rodoviárias. Em Iquique decidi que era mais seguro seguir direto para a Argentina, ao invés de seguir o plano de ficar uns dias em San Pedro do Atacama – era mais barato também, uma vez que tinha hospedagem solidária garantida no país seguinte. Logo na chegada à cidade fui procurar as alternativas para cruzar a fronteira com o país vizinho: teria que pegar um ônibus na cidade de Calama, distante aproximadamente seis horas de Iquique, que me levaria até a região norte da Argentina.

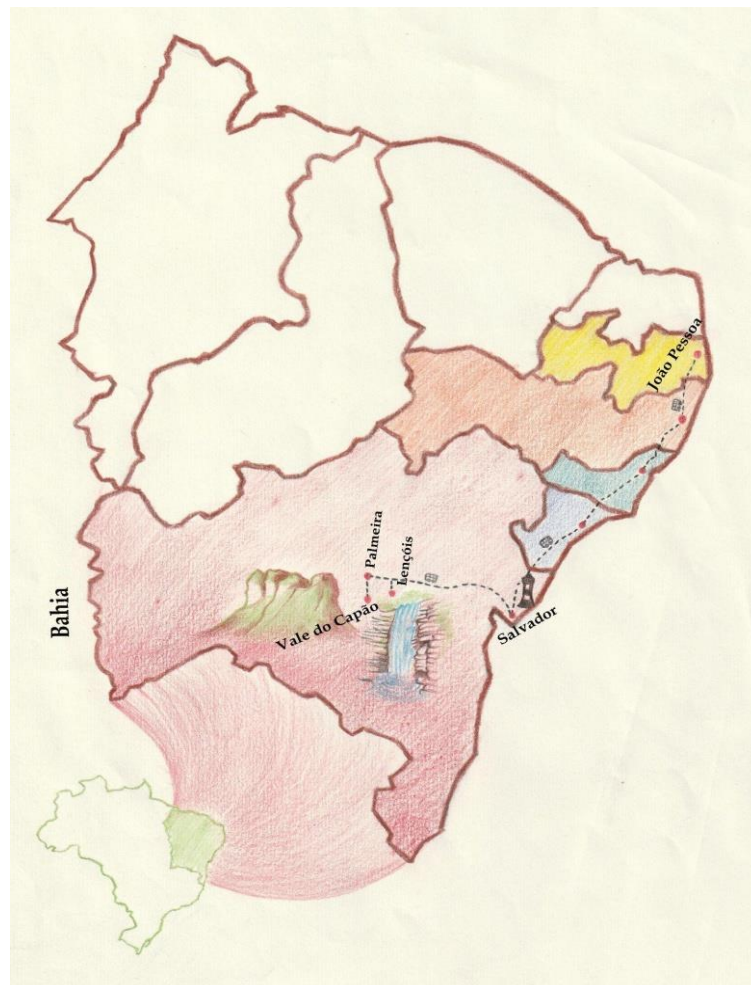
Dessa forma cheguei em Salta, de ônibus, após um trajeto que cruzou a alucinante região desértica compartilhada pelos dois países. Fiquei uns dias em Salta, de onde segui para a região de Santa Fé, leste do país, e por fim, cheguei na província de Buenos Aires, onde fiquei hospedada vários dias na casa de amigos. Pela proximidade da Argentina com o Uruguai, pensava inicialmente que seria possível chegar até Montevidéu, o que não se concretizou principalmente por causa da falta de recursos para seguir a pesquisa, uma vez que o país é um dos mais caros para se viajar na América do Sul. Retornei ao Brasil pela fronteira com a Argentina de Puerto Iguazu – Foz do Iguazu, onde há um intenso fluxo entre brasileiras/os e argentinas/os, e de onde foi possível tomar um avião em um voo nacional até Natal/RN.

Embarque 2

O ano de 2022 foi decisivo para a conclusão da tese. Após dois anos de isolamento decidi arriscar uma breve saída a campo. Embarquei para Salvador, Bahia, em uma

quarta-feira à noite, às vésperas do carnaval, na rodoviária de João Pessoa. O trajeto levou algumas horas, passando por algumas capitais do Nordeste, como Maceió e Aracajú. Desembarquei pela manhã na rodoviária de Salvador, onde fiquei por alguns dias. Demonstro o trajeto no mapa abaixo.

Figura 4 - Trajeto do *mochilão etnográfico*, 2022



Fonte: Ester Corrêa e Andrey Moraes.

O destino principal era a Chapada Diamantina, um local muito procurado por viajantes de todo mundo, especialmente atraídos pela tranquilidade do Vale do Capão, uma vila rodeada de cachoeiras, habitada por sujeitos de diferentes locais do mundo, de forma temporária ou definitiva, dentre os quais muitos que foram visitar e decidiram não retornar, foram atraídos pelo misticismo, tranquilidade e beleza da vila em um dos vales da Chapada Diamantina.

Tabela 2 - Roteiro do *mochilão etnográfico* pela Bahia.

País	Origem	Destino	Data	Estadia
Brasil	João Pessoa	Salvador	23/02/2022	5 dias
	Salvador	Lençóis	01/03/2022	4 dias
	Lençóis	Palmeira/Vale do Capão	05/03/2022	12 dias
	Vale do Capão	Itaberaba/João Pessoa	17/03/2022	1 dia

Fonte: Ester Corrêa.

Foi nesses trânsitos e em outros fluxos por entre as fronteiras de países, cidades, vilas, que encontrei as interlocutoras desta pesquisa. Os trajetos e rotas que cruzaram as zonas fronteiriças dos países que envolveram o *mochilão etnográfico*, se formaram por meio das conexões que se constroem em uma cultura da e na estrada. Os trânsitos foram influenciados por vários fatores, como o mapeamento de trilhas e lugares por onde circulam viajantes do mundo todo. As relações intersubjetivas se construíram baseadas em solidariedade, em trocas de laços afetivos, embora tenha havido um encontro conflituoso. Alguns foram efêmeros, e outros apenas virtuais, porém o compartilhamento de distintas experiências não foi apenas pelo interesse de pesquisa.

As percepções subjetivas e as relações intersubjetivas são artefatos nas negociações que fazem parte da dimensão ética do processo de interlocução. Com relação a isso, a negociação do anonimato foi reflexiva e compartilhada. Em alguns casos o anonimato não era desejado, trazendo à tona o que postulou Claudia Fonseca (2007, p. 41), este “não é necessariamente visto como sinal de respeito”. Assim, consultei sobre o uso de nomes, duas decidiram pelo nome fictício, em outros casos escolheram como gostariam de ser chamadas, e por fim, entre os que precisei atribuir, decidi por usar o nome (geralmente o apelido) pelo qual as conheci, ou então por uma forma reduzida do nome, visto que algumas têm nomes e apelidos iguais. Algumas interlocutoras forneceram informações que a localizam facilmente, e algumas enviaram fotografias de si mesmas. Acredito que a especificidade da pesquisa não coloca em risco a integridade física e moral das interlocutoras.

No caso das imagens que compõem este trabalho, não são apenas ilustrações, constituem parte da linguagem. Dessa forma, as fotografias tomadas pela pesquisadora comunicam por meio da linguagem visual, mas privilegia planos amplos, valorizo alguns ângulos nas quais as interlocutoras (e outras/os sujeitas/os) aparecem difusas nas paisagens, mas que seja possível uma leitura dos eventos, lugares e das características individuais. Além disso, compõem este trabalho fotografias e postais, disponibilizados

pelas próprias interlocutoras. Com relação às fotografias do acervo pessoal, infere-se que o ato de eleger fotografias e enviar para a composição do trabalho pressupõe a autorização e o controle de imagem. O uso da fotografia artesanal por meio da cianotipia foi motivada por uma preocupação estética e também por incentivar o diálogo entre arte e antropologia.

Com relação as falas das interlocutoras, estas foram corrigidas na maioria das vezes, respeitando o direito que todas temos de ter nossos textos corrigidos, mas em vários casos optei por transcrever as falas (que aparecem em itálico) com as gírias e as formas de expressões, pois estas também fazem parte de um código de comunicação na estrada, uma forma “relaxada” ou informal de se comunicar, que informa sobre as pessoas do grupo. Reforço que isso não se relaciona com a questão da escolaridade, visto que a maioria das interlocutoras tem alto nível de instrução formal.

Escolhi estabelecer um diálogo direto com as vozes das interlocutoras, incluindo as falas diretamente no texto, sem recuos, indicado com o uso de itálico quando se trata da fala da própria interlocutora. Essa escolha se relaciona com a forma como eu desejo que as narrativas das viajantes apareçam no texto etnográfico. As categorias nativas e palavras estrangeiras também aparecem em itálico.

Abrindo os mapas dos encontros

“Trocar” e “partilhar” são verbos muito presentes nas formas de autorrepresentação das mulheres na estrada. Defendo o “trocar” como uma prática etnográfica, um recurso metodológico utilizado para “vibrar na mesma frequência” que as interlocutoras. Exercitar a troca, a partilha, é também uma forma de minimizar as diferenças hierárquicas nessa relação de poder entre pesquisadora-pesquisadas. Por essa dimensão dos encontros na estrada, o “deixar fluir” é essencial na construção da relação interpessoal, como disse uma das interlocutoras: *O universo vai fazendo os encontros*. Nessa direção, a intensidade do encontro, da fricção, os momentos de intimidade quando se parece uma amizade longa, mesmo que se desfaça com a separação espaço-temporal – afinal, o tempo da viagem é diferente do tempo cotidiano –, são aspectos dessa troca. Tratarei especificamente dos significados da troca no capítulo quatro.

Desse emaranhado de colisões é possível construir um mapa, uma cartografia que situe os contextos, os espaços, as geolocalizações de/entre pessoas diferentes que se encontram na estrada. As conexões ou os encontros são partes do universo de viajantes, constituindo-se como um dos sentidos da viagem, um objetivo que se deseja alcançar em

uma experiência na estrada. No caso desta pesquisa, os encontros etnográficos aconteceram em espaços específicos, mediados pela casualidade ou ainda pela construção de redes e outras articulações a partir das experiências vividas na fase de preparo para o campo de pesquisa e fazem parte da participação observante, desenvolvida como estratégia de pesquisa.

Parte I – Encontros na estrada

O encontro com Gabi (24 anos) aconteceu em um alojamento no centro de Santa Cruz de la Sierra, onde estava hospedada e para onde me dirigi ao sair do aeroporto. Não foi um encontro aleatório, ao contrário, foi planejado anteriormente durante a preparação da viagem de campo. Nesse processo estive em contato *online* com diversas mulheres viajantes, principalmente no grupo de hospedagem solidária no *Facebook*, através deste iniciei amizade virtual com algumas integrantes, como é o caso de Gabi.

No alojamento ela estava com Rosa, sua companheira de viagem – e um grupo de músicos de rua argentinos. Gabi é brasileira de Campinas, São Paulo, mãe, artista, malabarista e artesã. Se auto identifica como *artista de rua* e *andarilha*. É uma mulher de baixa estatura, que carrega impressas no corpo várias tatuagens, *piercings* em uma modificação corporal, que aliada aos trajes e formas de vestir, anunciam uma estética característica de um grupo de sujeita/os viajantes que desafiam normas e padrões sociais impostos.

O estilo de vida de Gabi foi construído em torno da viagem, mas tem sua própria maneira de se perceber enquanto viajante: *Não me encaixo no termo “mochileira”, levo a viagem como estilo de vida. Andarilha? Talvez! Não sei se conseguiria encaixar meu “estilo” de viagem em algum desses termos que usamos normalmente*, escreveu. A *andarilha* mostrou uma perspectiva ampla sobre o mundo e sobre si, principalmente no que envolve a maternidade e o trabalho com a artesanania. Estava em sua primeira experiência fora do Brasil, mas tem outras experiências pelo país, que incluem o trabalho artesanal, principalmente com macramê¹³, como forma de manter-se na estrada. Quando nos encontramos ela já estava em Santa Cruz há três semanas.

¹³ Artefatos e objetos, como pulseiras, colares e brincos tecidos manualmente em nós de fio.

Rosa (27 anos) é de Campinas, estava em sua primeira experiência internacional. Viajava na companhia de Gabi, sua amiga de adolescência, que a convidou para essa aventura. Compartilhava com a companheira a experiência da maternidade, a modificação corporal por meio das tatuagens e *piercings*, em maior quantidade inclusive, mas se distanciava pela inexperiência de vida na estrada. Tinha um estilo particular de vestir-se, que se destacava entre o grupo de malabaristas, usava sapatos e roupas gastas, “meiões” em cores vibrantes.

Quando nos encontramos ela vendia as *pulseirinhas* em macramê que a Gabi fazia, ao final dividiam o dinheiro, fazendo assim uma parceria. Uma de suas maiores características é uma imensa habilidade para *manguear* – conceito de uma relação de venda ou troca por meio da abordagem direta – e garantir a sobrevivência na estrada. Entre caronas e *mangueios* levaram três semanas para chegar até a Bolívia. Durante o *paro* tiveram que gastar todo o dinheiro que haviam conseguido até então, o que as deixou em uma situação delicada.

Figura 5 - Rosa no Parque Urbano de Santa Cruz de la Sierra



Fonte: Ester Corrêa, 2019.

As duas ocupavam quartos diferentes e recém haviam adotado duas gatas de rua. Nos seus locais de origem, ambas são de classes populares e cresceram na periferia de Campinas, têm histórias de vidas e familiares distintas. As condições sociais de vida, aliada a busca por “liberdade”, as empurraram para o trabalho de rua, como estratégia para sustentar suas viagens. Enquanto Gabi pode contar com uma rede de apoio familiar, principalmente nos cuidados com a filha, essa relação é mais complexa no caso de Rosa, que diz ter que se “virar sozinha”. No contexto da viagem, o filho estava aos cuidados do avô materno, mas o cuidado cotidiano é realizado por ela. Antes do retorno para o Brasil, as amigas tiveram um desentendimento e se separaram em Santa Cruz de la Sierra. Cada uma empreendeu uma viagem diferente de volta para casa.

Na estrada, compartilham o mesmo tipo de atividade *callejera* ou trabalho/arte de rua, que será retomado no capítulo 3. No nosso encontro, apesar do caos, estabelecemos interações que aconteciam principalmente no alojamento, nas ruas e parques, quando as acompanhava no *mangueio* nos vários momentos de *corre*. Esse *mangueio* era parte importante para o meu trabalho, era quando acionava a pesquisadora-*mangueadora*, que também se vira nas ruas e parques em busca dos dados da pesquisa. Como estratégia de pesquisa, mas também pela agradável companhia, almoçava no restaurante popular em frente à hospedaria – mesmo eu não gostando da comida – ou ainda compartilhando o mesmo alojamento – embora eu também não gostasse do alojamento.

Mesmo compartilhando de um mesmo evento, tínhamos preocupações e recursos diferentes. Eu temia pela minha segurança e pelo destino da pesquisa. A preocupação inicial das “meninas” era fazer dinheiro para o básico, que estava ameaçado: comida e alojamento. Algumas atividades de *mangueio* que acompanhei não deram em nada para elas, outras, conseguiam muito pouco. Inevitavelmente, refletia sobre o quanto me sentia incapaz de praticar a venda daquele jeito – mesmo sendo uma artesã – e também como era difícil empreender uma viagem sem organização financeira. Eu estava confortável em ter planejado e guardado uma *grana* que me conferia tranquilidade nesse sentido.

Por outro lado, elas manejavam muito melhor a ideia de perigo. Eu estava assustada e reclusa no alojamento, grande parte do tempo, enquanto elas estavam sempre pelas ruas e parques, esquadrinhando saber o que estava acontecendo, desafiando as situações, experimentando as ruas. Minha suposta experiência de viajante tomou o primeiro choque. Meu *status* de “experiente” foi desafiado em diversos outros instantes, evidenciando que a definição da experiência está mais relacionada com os tipos de

agências acionadas na estrada do que com a quantidade de viagens realizadas, embora a experiência seja importante em outros contextos.

Os contratemplos, porém, não eram motivos suficientes para que elas não se divertissem. E para mim também. Aliás, diversão era um dos principais sentidos da viagem delas. Por diversas situações, compartilhamos de uma cerveja e de momentos divertidos. Contavam, até de forma divertida, que já haviam sido presas por violar a lei de proibição de consumo de álcool na rua, se envolveram também em uma “batida da Interpol” – uma abordagem para verificação de documentação – no alojamento e acabaram sendo detidas por duas vezes. No instante do nosso encontro, com a situação tensa, estavam preocupadas em conseguir prorrogar a permissão de permanência no país, uma vez que o propósito de seguir até o Peru estava ameaçado, e, em seguida, conseguir transporte para retornar ao Brasil. E eu me preocupava com as rotas da pesquisa e em como sair daquela situação, mas traçava estratégias para sair da cidade pelo aeroporto.

Por conta da impossibilidade de seguir viagem por via terrestre, comprei uma passagem aérea – o que comprometeu parte considerável do meu orçamento – até El Alto, cidade vizinha a La Paz. Cheguei à noite no Aeroporto Internacional de El Alto, e novamente dormi pelo saguão frio. Pela manhã, cansada e com sono, peguei um táxi do aeroporto até uma avenida principal que levava para a saída da cidade. Havia sido convidada para conhecer uma comunidade Aymara no altiplano, nas margens do Titicaca, por um senhor residente local, chamado Antônio. Participei da ritualística do *Día de los muertos* e, por fim, provava o sentido prazeroso da viagem. Devo dizer que a vivência na comunidade, em um dia ritualístico, possibilitou observar e apreender sobre a relação dos povos andinos com a morte, e foi uma experiência pessoal, compartilhada e profunda. Foi um dos encontros que tornou a viagem uma experiência subjetiva transformadora.

Após uns dias na cidade de Copacabana, onde conheci uma dupla de artistas de rua colombianos, segui rumo ao Peru. O clima no país estava pesado e as experiências em Copacabana foram desagradáveis – presenciei uma cena de violência de gênero no hostel onde estava hospedada. Esse evento desconfortável e assustador me fez desejar sair do país e seguir o trajeto em busca de outros lugares possíveis, não apenas novos lugares para pesquisar, mas também para me acalmar da ansiedade que se instalou em mim com tantos episódios complexos. Naquelas circunstâncias emocionais, ter companhia me trazia certo alívio.

Peguei um *trufi* (espécie de micro ônibus que faz o transporte de pessoas na Bolívia) até a zona aduaneira, permanecia nas margens do lago Titicaca, porém fomos

para a aduana de Kasani (Bolívia) - Yunguyo (Peru)¹⁴, que tem um fluxo intenso de pessoas, mas estava tranquila. Seguimos em direção à Puno, onde fiquei por dois dias e a partir de onde me movimentei para Cusco. Cheguei na rodoviária de Cusco: um dos destinos mais procurados por turistas e viajantes na América do Sul. Sentia-me feliz de ter chegado à cidade histórica dos Incas.

Figura 6 -Mapa dos itinerários na Bolívia



Fonte: Ester Corrêa e Andrey Moraes.

Em Cusco, pensava na possibilidade de expandir os contatos e as possibilidades de observação em espaços coletivos. Inicialmente me hospedei em um *hostel* no *barrio* de San Blas, próximo do centro histórico, onde há muitas galerias de artes, *hostel*/hotel, lojas de artesanatos. Era um *hostel* simpático com uma bela vista da cidade. Porém o público era um grupo de voluntariado formado por europeias e norte-americanas, o que me deixava um tanto desconectada dos objetivos da pesquisa. Além disso, me sentia um pouco desconfortável no lugar.

¹⁴Pela formação da paisagem, a influência do lago e pelas práticas culturais compartilhadas pelos povos andinos, é difícil estabelecer onde/qual é a fronteira entre os dois países.

Foi nesse contexto que conheci Liz (23 anos), uma mexicana, “mochileira de primeira viagem”. Nasceu em uma vila pequena próxima à Cidade do México, onde viveu com a avó até a adolescência, enquanto seus pais trabalhavam na capital. Confessou que gostaria de ter ido aos EUA ou Canadá, porém, questões burocráticas, linguísticas e financeiras a motivaram a percorrer a América do Sul.

Quando a conheci, havia saído do México há quase dois meses. Estávamos recém chegadas em Cusco: ela iniciou um voluntariado em um *hostel* em San Blás, mediado pelo *worldpackers.com*¹⁵, mas não se identificou com o local e então procurou por outro estabelecimento que a aceitasse – contarei sobre isso no capítulo 3. Posteriormente – e agenciada por Liz – realizei o voluntariado no mesmo *hostel*, o que me permitiu ficar uma semana a mais em Cusco. Acompanhando-a. Estar na companhia de Liz por vários dias nos aproximou de forma que permitiu acompanhar muito das suas práticas e estratégias de viagem, mas também da sua história de vida, o que foi muito importante para esta pesquisa, uma vez que o contato posterior foi difícil.

Figura 7 -Liz em Huacachina, Peru.



Fonte: Ester Corrêa, 2019.

Enquanto estivemos juntas fazíamos uma boa parceria, fomos juntas a uma trilha “alternativa” para Machu Picchu Pueblo, onde visitamos as famosas ruínas dos incas, acampamos às margens de uma ferrovia, fomos à bares, à feira, ao mercado.

¹⁵ É uma plataforma autodenominada rede colaborativa na qual as/os usuárias/os podem se candidatar a vagas de voluntariado em vários lugares do mundo.

começava a me questionar se também queria voltar para casa. Sentia-me insegura e com saudade de casa, mas queria chegar até a Argentina. Assim, em uma noite embarquei em uma das rodoviárias de Arequipa rumo à Tacna, após ter tido uma crise de ansiedade por ter me sentido vulnerável e sozinha nesse trajeto. Cheguei em Tacna, em segurança, no amanhecer do dia.

Após alguns dias entre rodoviárias e aduanas chilenas, desembarquei na rodoviária de Salta, Argentina, em uma noite, após mais de 9h de viagem de ônibus desde Calama, Chile. Havia reservado um hotel, foi lá onde conheci Juana (31 anos), uma advogada, nascida em Santos Lugares, uma cidade que faz parte da região metropolitana de Buenos Aires. Interagimos na noite de sua chegada ao *hostel*, no qual eu já estava hospedada há dois dias.

Figura 9- Itinerários percorridos na Argentina



Fonte: Ester Corrêa e Andrey Moraes.

Conversamos na área comum do *hostel* e combinamos de no dia seguinte ir a uma *quebrada* – expressão local – por onde passava um rio. Ela dizia que queria estar perto

da *naturaleza*. Ali estávamos, nas margens de um pequeno rio em um vilarejo do norte da Argentina, tomando mate e nos esquivando, debaixo de uma árvore, de uma fina chuva que insistia em cair durante a tarde. Ouvia atentamente o sotaque *porteño* forte, que puxava muito o “xis”¹⁷. No caso de Juana, também era assim, falava muito rápido e com um sotaque muito marcado. Mas com um diálogo cuidadoso de ambas as partes, tentando superar as barreiras linguísticas, a conversa funcionou. Ficamos grande parte do dia na *quebrada*, mesmo com a chuva que caiu.

Conheci-a fazendo uma “viagem diferente”, pensava na viagem como modo de vida, não apenas como “tirar férias e ir à Europa”, estava viajando *sin tiempo* pelo país. Contou-me que sua viagem era diferente porque era uma viagem para dentro, na qual viajava sem tempo determinado para voltar. Mas essas não foram as primeiras experiências, já havia saído de férias por alguns países da América Latina, e em 2015, pela Europa, *sola*. Dessa série de aventuras, se encorajou a viver na estrada sozinha. Planejou, organizou e embarcou para Córdoba, em 2019, onde iniciou o trabalho voluntário em um *hostel*, assim seguiu, viajando sozinha com o dinheiro que havia conseguido guardar por um tempo e fazendo voluntariado. Contrariava os conselhos que a recomendava buscar companhia para viajar, ela não queria se limitar. Quando a conheci, já havia passado por vários lugares da Argentina, estava chegando ao norte do país onde pretendia ficar por tempo indeterminado.

Figura 10 - Juana no Museu de Arte Contemporânea de Salta



Fonte: Ester Corrêa, 2019.

¹⁷ É um dos sotaques mais difíceis dos falantes de espanhol para mim, sinto que falam muito rápido, com muitas gírias diferentes.

A importância que dava para a sensação de viajar sozinha livre de compromissos, sem planos fixos, anunciava o apego com a própria forma que se construía enquanto viajante. Isso nos aproximava, pois me fazia refletir sobre meus próprios desejos como viajante, de fazer uma viagem sem tempo determinado, mas éramos movidas por motivos diferentes, enquanto ela pretendia ficar por um tempo entre Salta, Jujuy e *onde mais o vento levasse*, eu tinha que seguir a viagem etnográfica e cumprir meu cronograma de pesquisa. Ela ficou na região de Salta e Jujuy. Segui caminho para Roja/Buenos Aires, onde fiquei um tempo¹⁸ até retornar para casa.

Tabela 3 - Interlocutoras – Primeiro Embarque.

Nome	Idade	Raça/etnia	Nacionalidade	Origem	Ponto de Conexão	Ano
Juana	31	Branca	Argentina	Buenos Aires	Salta, Argentina	2019
Liz	23	Branca	Mexicana	Cidade do México	Cusco, Peru	2019
Gabi	24	Negra ¹⁹	Brasileira	Campinas, São Paulo	Santa Cruz de la Sierra, Bolívia	2019
Rosa	27	Branca	Brasileira	Campinas, São Paulo	Santa Cruz de la Sierra, Bolívia	2019

Fonte: Ester Corrêa.

Parte II – Viagens e encontros na era da pandemia: estradas digitais

Nos últimos dois anos nossa relação com a tecnologia se transformou, querendo nós ou não. As *lives*, os *webnários*, as salas digitais etc. passaram a ser um aprendizado necessário para lidar com/no meio acadêmico. Lidar com os microfones e câmeras das salas de aula virtual, as novas etiquetas do digital, dentre outros aspectos, forçaram um mergulho nas tecnologias. Para além da vida acadêmica, no aspecto cotidiano, os aplicativos se tornaram intermediários da nossa conexão com o mundo, desde as redes sociais aos aplicativos de *delivery*. Até o lazer se virtualizou. O *Instagram* “bombou”. Os

¹⁸ Fiquei hospedada na casa de amigos que conheci na em outras experiências estradeiras, com quem passei as festas de final de ano. Foi onde também meu companheiro foi me encontrar, e assim, fiz o retorno para casa na sua companhia.

¹⁹ Não se auto definiu em termos raciais, atribuí a partir da leitura que Sueli Carneiro faz do “negro da pele clara”, enquanto parte da população negra do Brasil.

perfis de “figuras públicas” triplicaram, os de empreendedorismo também – principalmente em torno da arte e das artesanias. As mulheres artistas, artesãs, viajantes, etc. movimentaram muito esse meio.

A ótica da internet como um grande mercado ampliou-se, tudo se via/vê nas vitrines virtuais. O deslocamento acontecia pelas “estradas digitais”, pelas quais pessoas e ideias transitavam. Foi preciso adentrar com profundidade no universo da internet. Além disso, estava atenta às redes físicas que havia construído no decorrer dos anos e às possibilidades dos encontros que estas poderiam proporcionar.

Com a pandemia, as redes sociais se tornaram o principal meio de socialização e construção de um *self*, uma identidade voltada a esse novo modelo de se relacionar com o mundo. A importância que o ambiente virtual tomou a partir disso amplificou a criação e consumo de conteúdo sobre diferentes temas. No *Instagram*, o tema das viagens me conectava com outras viajantes, ao mesmo tempo em que estávamos estáticas, consumíamos experiências umas das outras. Ampliou-se uma rede de interesse no tema, justamente quando o maior desejo das pessoas – que tiveram o privilégio do isolamento social – era sair de casa. Durante certo período, esse era meu principal local de pesquisa; a *timeline* e os *stories* do *Instagram* se intensificaram como espaços de interação e conexões com pessoas, projetos e outros seres fictícios.

Uma dessas interações aconteceu com o projeto “Elas viajam sozinhas”, que é voltado para registrar relatos de mulheres viajantes solo. Conheci o “Elas...” em 2019 quando li uma chamada no *Instagram* de um projeto que acolhia relatos e reflexões de mulheres que viajam sozinhas. Submeti um texto, acompanhado de fotos, publicado em abril de 2019, junto a história de diversas outras mulheres.

Foi por meio do projeto que conheci Lanna (27 anos), administradora do perfil – que atualmente conta com mais de 20.000 seguidores. Lanna criou uma plataforma de conteúdo e suporte para mulheres que viajam sozinha, com o intuito de publicar histórias de mulheres com viagens “comuns”. Passei a seguir o conteúdo do projeto – que iniciou no *Instagram* e agora possui hospedagem em um site na internet –, e também o perfil pessoal, e assim mantivemos uma amizade virtual. Esse é um projeto que começou a desenvolver após sua primeira viagem em 2017, quando percorreu sozinha a América Latina. No ano de 2021, entre curtidas, comentários e mensagens, a convidei para uma entrevista.

Lanna nasceu no ABC paulista, é jornalista e *nômade perdida*. Atualmente não tem residência fixa, desde sua primeira viagem, quando se afastou do jornalismo,

começou a levar uma vida de “nômade digital”, trabalhando de forma remota com *marketing* digital, gerenciamento de redes para empresas ou para marca pessoal, além de trabalhar com fotografia e vídeo. Quando a entrevistei, ela estava em Guarujá, litoral paulista, após um ano vivendo forçadamente na Bahia, por conta do isolamento. Eu estava em João Pessoa. Na ocasião, ela ainda traçava os novos rumos da vida nômade.

Contou-me que quando pegou a estrada em 2017, deixou para trás um emprego bem remunerado e um modo de vida estressante na maior cidade da América do Sul. Para esse trajeto de sete meses se organizou, planejou, juntou uma *grana*, comprou uma mochila e outros equipamentos e embarcou rumo ao Uruguai. Cruzou o continente de carona, de ônibus, de avião até chegar ao México, de onde retornou ao Brasil. Foi nessa experiência que aprendeu a pegar carona e fez muito voluntariado.

Figura 11 - Lanna de mochila no Salar do Uyuni – Bolívia



Fonte: Acervo da interlocutora.

Uma transformação que, para ela, girava principalmente em torno das estratégias e agências de ser uma mulher viajando sozinha. A viagem para Lanna também teve a característica da longa duração, com as facilidades de ser uma mulher que era confundida com “gringa”, de ter guardado dinheiro suficiente para uma viagem tranquila, ter o apoio dos pais. Ela ocupa um lugar de destaque na rede de viajantes, por produzir conteúdo direcionado às mulheres no “Elas...”, mas também por ocupar posições privilegiadas de localização, de um grande centro como São Paulo. Lanna reflete sobre si, sobre seu lugar

no mundo, preocupada em falar a partir das posições que ocupa, problematizando os privilégios de sua experiência, o que é, dentre outros fatores, um aprendizado da viagem.

Do mundo virtual aos (re)encontros da vida real, obtive a experiência de Nanda (32 anos), natural de Teresina, no estado do Piauí, é fisioterapeuta. Conheci ela logo após ter me mudado para Natal para cursar o doutorado, no ano de 2018. Ela se mudou para assumir a vaga em um concurso público de um hospital em Natal. Fomos apresentadas por amigos em comum, imediatamente trocamos histórias de viagem, compartilhamos detalhes de nossos roteiros, inevitavelmente, falava sobre meu interesse no tema para minha pesquisa, o que foi acolhido com bastante ânimo. Mantivemos um contato próximo desde então. Quando a convidei para a entrevista eu já tinha familiaridade com alguns dos fluxos da sua viagem – e da sua vida. Sentadas na varanda do seu pequeno apartamento, conversávamos em tom informal, pois eu havia avisado que seria apenas uma conversa gravada, para descontrair da seriedade que parece fluir de uma entrevista formal com alguém com quem já mantinha uma relação de afeto.

Flora (34 anos), também nascida em Teresina, foi quem propôs a viagem de mochila pelo mundo, começando pela América Latina, que Nanda embarcou. Nosso encontro foi virtual após a entrevista que realizei com Nanda, não nos conhecemos pessoalmente, pois ela morava em Montevidéo, Uruguai, no momento da entrevista. Ela se interessou pela entrevista que fiz com a irmã e, voluntariamente, se disponibilizou para contar a parte da história que envolve sua experiência. Passamos a nos falar no *Instagram* e combinamos essa conversa em uma sala virtual do *Zoom*.

Contou-me que *desde que se entende por gente* sempre quis viajar. Primeiro queria sair de Teresina, morar fora, desde a adolescência a vida em trânsito a fascinava. Fez faculdade, formou-se em Marketing – nesse entremeio tentou diversos outros caminhos–, mas acabou se tornando funcionária de um banco público em Teresina. Após a mudança de Nanda, ela também pediu transferência para São Paulo, onde morou um tempo. Nesse período, com o salário confortável conseguia fazer curtas viagens para eventos que gostava de ir, como o Festival de Tiradentes. Porém, contou que ainda viajava do jeito *cheto*²⁰. Chegou a ir sozinha para o Uruguai, em 2015. Disse que era *como se eu já conhecesse esse lugar há muitos anos. Eu falei: - cara, eu acho que um dia eu ainda vou vir morar aqui! Eu amei que... enfim, ficou nisso assim, e isso foi o quê? 2015. E aí,*

²⁰ Na América do Sul é um termo que designa quem tem dinheiro, no espanhol informal.

2019 eu vim morar aqui. Mas antes de ela chegar ao Uruguai, percorreu uma trilha de várias experiências como viajante.

Figura 12 - Nanda e Flora em uma praça de Jardín, na Colômbia



Fonte: Acervo das interlocutoras.

Quando ela lançou a proposta, Nanda demorou a aceitar. Mas com a saturação da vida na metrópole decidiu viver na estrada com a irmã. Em março de 2017, embarcaram para a Colômbia. Contaram-me que durante o trajeto convergiam e divergiam em diversos pontos a respeito dos rumos da viagem e da forma de gerir os recursos. Flora contava com a experiência como bancária para gerir a parte financeira, e Nanda era mais como relações públicas, de interação com outros, encobrendo a timidez da irmã. Nesse jogo de acertos e erros, o aprendizado contínuo da estrada e os encontros eram ressaltados como pontos altos. As situações de fricção intensa na estrada, por um lado tranquilizava, pois tinham uma à outra, e por outro exigia o cuidado para manter a individualidade com respeito a um projeto coletivo. Aprenderam a pegar carona, fizeram voluntariado, venderam artesanias, dentre muitas outras emoções. Os espaços, trajetos, encontros, assédios, medos são temas que transpassam as narrativas das duas, dessa aventura que ainda passou pelo Equador e Peru, de onde decidiram retornar para casa seis meses depois, cruzando os andes boliviano.

Júlia (32 anos) nasceu em Belém do Pará, é professora de Ciência da Religião. Começou com viagens para encontros estudantis e militantes na época que cursava a

faculdade. Nas brechas de um evento e outro aproveitava para conhecer os lugares que estava visitando. Com o tempo começou a investir em deslocamentos individuais. Na época em que participávamos do movimento estudantil, viajamos juntas para um evento de mulheres da UNE na Bahia, no ano de 2011, e desde então mantemos contato, principalmente pelas redes sociais, que se acentuou quando ela adotou o estilo de vida de viajante.

É uma “mochileira de férias”. Atualmente aproveita as férias e feriados como funcionária pública para percorrer os países vizinhos. Recordo-me que dessa forma iniciei meus itinerários, também viajava de forma sazonal, nas férias e feriados durante os anos em que fui funcionária pública, também era uma “mochileira de férias”, que é quando a viagem está determinada temporalmente em função das obrigações da vida cotidiana, pois não há um desligamento dos compromissos. Sendo o trabalho, o que possibilita o trânsito: *trabalhar para pagar minhas viagens*, escreveu certa vez em uma postagem do *Instagram*.

Figura 13 - Júlia em Montevideo



Fonte: Acervo da interlocutora.

Em 2019, durante o *mochilão etnográfico*, quando eu estava no Peru, Júlia entrou em contato comigo pelo *Instagram*, dizendo que estava com uma passagem marcada, que iria sozinha ao Peru e queria dicas e informações sobre o país. Era sua primeira viagem sozinha. Assim, trocamos informações sobre *hostel*, *tours*, moeda, câmbio etc. Estreitamos laços, mesmo que virtualmente, a partir da identificação como mulheres negras amazônicas e viajantes. No ano de 2021, em uma de nossas conversas pelo

Instagram, que me despertou pontos de vistas interessantes, a convidei para uma entrevista – que também aconteceu no *Zoom*.

Destacou como ponto marcante de sua iniciação como viajante uma ida à Venezuela, em 2015. Na ocasião, tinha ido até o Amazonas prestar a prova para um concurso. Estava recém-formada na universidade. Na época não tinha muita *grana*, mas decidiu chegar até o país, junto com um amigo com quem viajava, embora tivesse limitações financeiras, decidiu cruzar a fronteira venezuelana e passou uns dias percorrendo o país. Desde então começou a adentrar o mundo de viajante, hospedava outras/os viajantes, e com a segurança propiciada pela estabilidade financeira, começou a planejar viagens internacionais mais elaboradas.

Na viagem posterior, o destino foi a Bolívia. Decidiu passar as festas de final de ano em La Paz, pegou a mochila e cruzou a fronteira amazônica terrestre entre os dois países, nessa oportunidade viajou acompanhada. Fez uma viagem para Europa, que também foi uma experiência ímpar, pois marcou um primeiro embarque relativamente sozinha, embora estivesse indo encontrar uma pessoa familiar que a hospedou. Foi adquirindo experiência, agenciando os próprios trânsitos, até encorajar-se para viajar sozinha de mochila para o Peru, em 2019.

Tabela 4 - Interlocutoras – Entrevistas virtuais e presenciais.

Nome	Idade	Raça/Etnia	Nacionalidade	Origem	Ponto de Conexão	Ano
Julia	32	Negra	Brasileira	Belém, Pará	<i>Instagram/ Zoom</i>	2021
Lanna	27	Branca	Brasileira	ABC, São Paulo	<i>Instagram/ Google Meet</i>	2021
Nanda	32	Branca	Brasileira	Teresina, Piauí	Natal, Rio Grande do Norte	2021
Flora	34	Não-branca ²¹	Brasileira	Teresina, Piauí	<i>Instagram/ Zoom</i>	2021

Fonte: Ester Corrêa.

²¹ Quando lhe perguntei como se percebia em termos raciais, disse divertidamente que estava mais para “caramelo”, uma metáfora relacionada ao “cachorro caramelo” brasileiro, estava tentando dizer que se percebia de alguma outra forma que não uma pessoa branca. Portanto, tive dificuldade de atribuir arbitrariamente, mas também considero que sociologicamente compartilhamos de uma estética racial com algumas similitudes.

Parte III – Embarque “pós” pandemia

Nos últimos dois dias que estive em Salvador, Bahia, em um *hostel* que fica nas proximidades do Farol da Barra, ponto turístico badalado da cidade conheci Jak (32 anos), nascida em Cascavel, Paraná. Estive no *hostel* por cinco dias antes de seguir para a Chapada Diamantina. Jak estava viajando com seu companheiro. Foi um encontro interessante pois eles estavam vindo da Chapada Diamantina rumo a João Pessoa, e eu, estava no caminho inverso. Compartilhamos muitas dicas entre um destino e outro, com a brevidade do encontro, trocamos contatos de telefone e marcamos um encontro posterior em João Pessoa. Assim que voltei de viagem nos encontramos na cidade e passamos a nutrir uma relação de proximidade, a qual alimentamos com conversas sobre estrada, pesquisa, planos e muitos outros temas. O fato de nos identificarmos em muitas preferências pessoais e a “energia fluir” bem entre nós tem propiciado uma relação de afeto, que envolve meus interesses de pesquisa, mas que está para além disso.

Como um dos temas das nossas conversas era sobre profissão – o clássico: o que você faz da vida? –, contei que a viagem em que nos conhecemos era uma viagem de pesquisa etnográfica, o que foi recebido com entusiasmo. Para a entrevista, combinei de encontrar com a Jak próximo às 17h no bairro da Mangabeira, na casa de um amigo dela, onde estava morando por um tempo em João Pessoa. No quarto temporário, um colchão de casal e os equipamentos de viagem, mas também um computador, onde ela trabalha atualmente fazendo “*freelas*” como revisora de texto. Graduada em Letras – português e espanhol –, já fez todo tipo de trabalho desde que decidiu pegar a estrada. Atualmente, está em uma viagem acompanhada e sem tempo determinado, há mais de um ano está de mochila pelo Brasil – o plano inicial era um ano, mas já assumiu que ficará muito mais tempo. Tem planos de ficar um tempo em João Pessoa até conseguir, junto com o companheiro, comprar um carro e transformá-lo em um *motorhome* para seguir viagem.

Mas essa não é sua primeira empreitada na estrada. Jak é uma viajante com experiências anteriores. Embarcou de mochila em 2016, junto com a prima, rumo à Bolívia. Transitou por 10 meses pela Bolívia, Argentina, Chile e Peru entre ônibus e caronas. Cruzou de volta ao Brasil pelo Norte. Contou que na época pensava em ficar um ano mais na estrada, porém *a relação com os [meus] pais batia muito forte* e ela sentia que precisava voltar para *organizar algumas coisas na cabeça*. A percepção sobre si foi se aprofundando, como um aprendizado de viagem. E novamente sentia-se em pleno

processo de transformação entre as experiências de viagem pela Bahia e pelo Nordeste do Brasil.

Figura 14 - Jak no Lago Titicaca



Fonte: Acervo da interlocutora.

Foi também na Bahia que encontrei com Carol (27 anos), de nacionalidade argentina, descendente de indígenas, é circense e multiartista, vegana, turismóloga, que está há cerca de quatro anos na estrada. A primeira vez que a vi, ela estava fazendo uma apresentação com bambolê/arco na feirinha de domingo do Vale do Capão, uma feira semanal que acontece na *pracinha* central do vilarejo e reúne artistas, artesãos, viajantes, turistas e vendedores locais. Após a apresentação, passou o chapéu entre a plateia, eu contribuí com alguma nota. Voltamos a nos encontrar uns três ou quatro dias depois em uma trilha para a Cachoeira do Rio Preto, na ocasião eu estava acompanhada de outra viajante que havia conhecido também na feirinha. Ficamos juntas por algumas horas na cachoeira e nos separamos. Voltamos a nos encontrar algumas vezes mais pelo centro do Vale, onde “todo mundo se encontra”, interagimos com alguns cumprimentos e conversas rápidas. A identificava como potencial interlocutora, mas tinha pouco espaço para interação e me restava pouco tempo no Vale, minha viagem estava finalizando e tínhamos trocado apenas algumas ideias e contato no *Instagram*.

Quando voltei para casa, logo em seguida falei com ela sobre a pesquisa, que imediatamente aceitou realizar uma entrevista. Algum tempo depois conseguimos marcar, fiz uma sala no *Zoom* e enviei o *link* pelo *Instagram*, por onde estávamos nos comunicando. Estávamos há uns dias tentando fazer a entrevista. Atualmente está

morando com uma *mana* no Capão, mas pretende “descer” para a Argentina para ver os pais. Durante a conversa ela narrou o longo trânsito até a sua chegada ao Vale do Capão, o que foi importante para pensar nas diferentes formas de “contar” a viagem, ou a partir de que eventos são construídas as narrativas sobre si.

Tabela 5 - Interlocutoras – Segundo Embarque.

Nome	Idade	Raça/Etnia	Nacionalidade	Origem	Ponto de Conexão	Ano
Jak	32	Não-branca ²²	Brasileira	Cascavel/Paraná – Brasil	Salvador - Bahia/ João Pessoa – Paraíba	2022
Carol	27	Indígena ²³	Argentina	Salta/Buenos Aires – Argentina	Vale do Capão – Bahia	2022

Fonte: Ester Corrêa.

Carol se comunica bem em português, utiliza variações linguísticas informais, apesar do *acento* forte que causa algumas interrupções – e marca o tom do *portunhol* –, a conversa foi tranquila desde quando nos conhecemos, imaginei que não ia ter a dificuldade linguística na entrevista, principalmente porque me identifico nesse lugar de falante de *portunhol*. Entre as questões que abordou e as memórias que evocou, se destacou o trabalho com arte. Primeiro, porque foi todo um processo de múltiplos aprendizados, e segundo porque é o que a permite seguir viajando. Tem um envolvimento com a arte coletiva e circense, que foi um aprendizado nas/das *Okupa*²⁴ e coletivos por onde passou. Nesse sentido, já trabalhou com *bandeira* no semáforo, com música, com a suspensão em tecido, e atualmente está mais focada no bambolê/arco.

Começou a se interessar pelas viagens de mochila, quando saiu rumo ao norte da Argentina, de onde os pais são originários. Quando tinha 19 anos, inserida no meio

²² Jak respondeu, ao ser questionada sobre autopercepção racial, que se descobriu “*latina*” na estrada, ao entrar em contato com outras relações raciais para além do seu contexto de origem, no Paraná, sul do Brasil. Passou a reivindicar sua ancestralidade negra e indígena, transformando a percepção que tinha de si como mulher branca, mas que ainda está em construção.

²³ Carol nasceu em Buenos Aires, mas seus pais são migrantes da região andina do norte do país, onde há uma grande concentração de povos originários.

²⁴ São ocupações artísticas protagonizadas por/para circenses, artistas, artesãs/os, viajantes principalmente em grandes cidades da América do Sul. Tratarei a respeito no capítulo 3.

universitário, do teatro e do circo, estava decidida a viajar para o norte. Mas também queria ir além, assim, embarcou de trem junto com um grupo de mulheres, dentre elas uma amiga. *Era uma viagem só pelo norte da Argentina, a gente acabou indo pra Bolívia [...], quando eu voltei desse rolê eu vi tudo com outros olhos* (Carol).

Figura 15 - Carol realizando performance em tecido



Fonte: Acervo da interlocutora.

Encorajada com essa experiência, decidiu cruzar novas fronteiras em 2016, agora sozinha. Pegou a mochila e saiu novamente no sentido norte do país. Entre ônibus e caronas cruzou para a Bolívia, Peru e chegou até o Equador. Dessa experiência decidiu que não queria mais viver na *bablônia* de Buenos Aires, mesmo não querendo voltar, decidiu retornar para terminar o curso na universidade, queria “garantir” algo para o futuro. Dessa experiência já havia decidido que queria viver na estrada. Foi aí que começou um longo trajeto que a trouxe até o Brasil.

Nos itinerários etnográficos, encontrei com outras viajantes de diversas nacionalidades, viajando sozinhas ou acompanhadas, com quem mantive contato por tempo breve. Ainda assim, desses encontros também surgiram conexões e trocas de ideias. Posso destacar alguns encontros com outras mulheres que foram marcantes. Em Cusco, conheci Marina, uma francesa que se hospedou no *hostel*, que estava viajando

sozinha desde a Argentina. Em outro *hostel* da cidade, convivi rapidamente com um grupo de mulheres europeias que estavam fazendo voluntariado em ONGs peruanas. No *hostel* em Salta, também conheci um casal de franceses que viajavam de carona pela Argentina. Na Argentina, fui apresentada à Carla, que já viajou pelo Brasil durante um tempo, cerca de um ano e meio. Morou em São Paulo, viajou pelo Nordeste e Norte do Brasil. É professora de espanhol e fala bem o português. Talvez uma das coisas marcantes do nosso contato seja o fato de ela ter contado muitos detalhes afetivos sobre a viagem que realizou pelo Norte do Brasil.

Durante a viagem à Bahia, no *camping* em que me hospedei no Vale do Capão, encontrei novamente muitas mulheres estrangeiras, viajando sozinhas e acompanhadas, grande parte eram europeias, com algumas estabeleci diálogos que perpassavam pela experiência viajante. Entre as viajantes latino-americanas, uma brasileira, viajando de bicicleta, e uma argentina, viajando de mochila. A estadia no *hostel* em Salvador, foi muito marcada pela presença masculina, embora houvesse mulheres – algumas estrangeiras –, com as quais não obtive interações.

Cruzando algumas fronteiras entre “eu” e “elas”

A partir do momento em que me posicionei em campo como pesquisadora, deixei de ser apenas uma “viajante”. A preocupação em deixar nítido quais as minhas posições e interesses me situava para além do *status* de viajante. Ser pesquisadora foi uma das primeiras informações fornecidas, uma vez que os primeiros temas abordados nos encontros são sobre origem e profissão/ocupação, além do mais, passei a me identificar assim na rede de viajante que construí. Na maioria das situações, essa informação foi recebida com entusiasmo e interesse, moldando também a forma como a relação intersubjetiva aconteceria em seguida.

Devo dizer que todas as minhas entradas em campo aconteceram de forma muito fluida, minha pesquisa foi bem acolhida por diversos tipos de viajantes, e principalmente pelas interlocutoras. A dimensão do “contar sobre a viagem” foi uma aliada. Contar a viagem é uma dimensão essencial da experiência viajante. Isso facilitou nas entrevistas e conversas, nas quais as interlocutoras ficavam à vontade para reviver as memórias de viagem, mostrando as perspectivas particulares, selecionando eventos, pois como indica Schwade (2018, p. 33), as interlocutoras “também decidem o que devemos ‘ouvir e

observar””. Eu mesma, em algum instante, nos embates entre a pesquisadora e a viajante, flutuei entre a necessidade de contar a viagem e a de fazer o estranhamento antropológico.

É importante negritar que as relações com cada uma se deram de forma contextual e situacional, em panoramas nacionais, políticos e emocionais específicos. Os encontros etnográficos marcaram, para mim, uma diferença dos encontros orquestrados pelas casualidades da estrada com os quais estava habituada, justamente porque despertava a reflexão e o interesse etnográfico, mas não deixavam de ser descontraídos, porém com pretensões particulares. Nesses encontros de histórias, os modos de viajar, as formas de perceber as outras e o “nós”, o encontro de alteridades, ecoaram na percepção comigo mesma.

O diálogo foi construído para além das entrevistas e conversas, algumas dessas interlocutoras produzem conteúdo, refletem sobre si, sobre suas posições no mundo em termos de raça, de geolocalização, de classe. Isso significa também que estava pesquisando com um grupo, do qual algumas sujeitas dominam (ou pelo menos conhecem) categorias e discussões do âmbito da disciplina. Como disse Clifford (2000) a/os sujeita/os de nossas pesquisas são complexa/os e podem ter suas próprias propensões etnográficas. Diante disso, eu também era lida por elas a partir de suas próprias posições políticas, de classe e raça, a ponto de uma das pessoas com quem interagi solicitar ser retirada da pesquisa, a partir da leitura que esta tinha sobre minha posição enquanto acadêmica, antropóloga e feminista. Foi um episódio desconcertante, e além disso, para mim foi violento, porque era de caráter acusatório e arbitrariamente me empurrava para um lugar no qual não me reconheço enquanto pessoa e enquanto pesquisadora.

Isso mostra como as relações intersubjetivas em campo são construídas de formas complexas e as negociações com nossas interlocutoras são cambiantes. A forma como as interlocutoras escolhem se relacionar conosco também dizem respeito às nossas escolhas pessoais e políticas, não apenas profissionais. Nossas análises estão sujeitas à análise delas.

Para além dessa situação em particular, muitas descobriram na viagem evidências e fragmentos da sua própria condição, uma tomada de consciência via experiência, do sentir no corpo os incômodos da viagem e outros subsídios que permitiram elaborar uma informação sobre ser, estar no mundo. Essas elaborações são importantes para esta tese, não só porque comunica sobre a pluralidade das experiências, mas porque abriram vias para interpretações mais consistentes, muitas elaborações que não faziam parte da minha percepção, ou do meu repertório cultural, desde a observação como viajante.

Nesse mapa de encontros e partilhas se desenhou um fluxo de ideias, imagens, modos de fazer, que contam sobre os acessos entre os países, sobre as fronteiras nacionais, o intenso contato cultural, as fronteiras da língua, a nacionalidade, a classe etc. Nem todas as fronteiras são ultrapassadas, mas criam uma zona fronteira que abriga um esforço para compreender-se “latino-americana”. Embora cada uma carregue os símbolos das suas próprias nacionalidades e contextos locais, circulamos com a curiosidade do contato cultural, deixando rastros que dizem sobre como foram construídas as identidades nacionais na América Latina. As proximidades culturais, as *borrosas* fronteiras linguísticas, a relativa facilidade para circular na maioria dos países da América do Sul, os códigos de estradas específicos, são impulsionadores dos trânsitos na região, a medida em que o medo dos diversos tipos de violência – cotidiana em todas as cidades sul-americanas – desestimulam e pedem cuidado e atenção.

Acredito que é impossível voltar a mesma pessoa de uma viagem deste tipo – pessoal ou etnográfica. Todas as fronteiras cruzadas modificam as formas de pensar o mundo, de alguma forma. As zonas fronteira são espaços-tempos de intenso contato intercultural, com essa fricção algumas tensões revelam as dimensões geopolíticas e simbólicas das fronteiras. Partilhar de/em zonas fronteira – algumas consideradas “zonas perigosas” –, compartilhar o “perigo” de estar/ter estado além da fronteira, encarar o desafio da viagem sozinha, são elementos que também dizem muito sobre mim. A fluidez com que as relações se estabeleceram tem a ver com as próprias fronteiras que cruzei e pela forma como minhas companheiras me liam. As formas de me relacionar têm a ver com essa minha estética particular e com a forma de interagir, que são os meios pelos quais comunico e a forma como me relaciono com o mundo.

Compartilhar fronteiras nos aproximava, criava certa relação – algumas temporárias – de intimidade, que se formou em vários contextos, quando informações emergiram espontaneamente nas conversas. O mesmo aconteceu durante as entrevistas. O domínio de vários códigos e linguagem da estrada, minhas características e gostos anunciados em um “estilo despojado” impresso nas minhas roupas coloridas, nas minhas tatuagens, marcam uma das identidades possíveis na estrada. Ademais, narrativas e histórias anteriores para contar, ser uma viajante com alguma experiência indicava um pertencimento ao grupo, o que facilitava ou criava possibilidades de abertura nos encontros. Por um lado, partilhávamos dos mesmos signos, enquanto mulheres, embora nos diferenciássemos pela identidade cultural ou/e nacional, pela língua, pelas experiências de racialização e pelas condições econômicas na estrada. Porém havia um

repertório cultural compartilhado presente nos temas das conversas assim como práticas individuais que se entrecruzam. Além de pesquisadora, também desempenhei papéis que envolveram confiança pessoal, afeto e amizade, ocupando posições diferentes em relação às minhas interlocutoras.

Defendo que o “partilhar” foi um facilitador das entradas em campo. As trocas de artesanias com Gabi, os empréstimos mútuos de dinheiro com Liz, dentre outros exemplos. Misturar-se com elas, fazer – ou partilhar histórias sobre – passeios nos mercados locais, comer nos restaurantes populares, ir a feiras de artesanato, fazer trilha, acampar etc. Quer dizer, tudo que partilhamos sobre a/na estrada é um elemento importante na construção da relação intersubjetiva. Posso dizer, assim como Pinheiro-Machado (2011, p. 53), que “beber com os informantes [...] era parte fundamental da ética do fazer etnográfico naqueles universos em particular”. Na estrada, principalmente entre esse grupo, a diversão, o dançar, o beber, o fumar, são parte do sentido da viagem, do “aproveitar o agora”. Sair para *bailar*, partilhar uma cerveja, um cigarro ou caminhar pela rua, acabava em diálogos sobre a biografia pessoal, assédio, vida afetiva, histórias íntimas principalmente sobre sexualidade, vida amorosa, conflitos familiares, algumas vezes era uma escuta, mas também partilhei sobre minhas experiências da vida particular.

Compartilhar os *perrengues* – categoria êmica entre viajantes brasileiras/os para definir “situação complicada” – dava mais margem para aflorar as relações de solidariedade e união. Nessa relação, contextualmente, minha margem de mobilidade era determinada pelo financiamento de uma bolsa de pesquisa, que não era a realidade de algumas das minhas interlocutoras, principalmente as que dependiam do *mangueio* para seguir viagem. Assim, ocupei uma posição privilegiada em termos de renda. Apesar de ser uma situação contextual, isso facilitava meus trânsitos e trazia outras possibilidades de agenciamentos, mas também era limitante, pois o compromisso acadêmico não me permitia seguir viagem por um tempo-espço plenamente escolhido. Meu próprio planejamento esteve limitado a um tempo-espço que obedecia às regras e prazos do meu trabalho acadêmico.

Durante o primeiro “mochilão” adentrei em um universo que limita o acesso aos homens, muitas das interlocutoras se mostravam desconfiadas com a aproximação de homens. Algumas interlocutoras assumem como estratégia de viagem, por exemplo, não usar álcool na companhia de homens desconhecidos. Compartilhar das situações ou das reflexões sobre perigo e os nossos medos foram também portais para a entrada na vida particular. Sugiro que, entre as negociações da estrada, algumas especificidades de ser

mulher, como a experiência vivida no “aqui e agora”, criava laços que tornavam difícil definir os limites entre a pesquisadora e a viajante.

Encontrar com Gabi e Rosa durante um contexto de dificuldade foi mais que um achado de pesquisa, foi um encorajamento, pois trouxe a solidariedade que necessitava para prosseguir com o itinerário da pesquisa, uma vez que em diversos instantes fiquei paralisada pelo medo. Gabi era uma experiente viajante e conseguia maior controle da situação em contexto de dificuldade, enquanto eu estava aterrorizada quando as manifestações se tornaram tensas e ameaçadoras. Houve situações em que foi necessário abrir mão dos meus pontos de vista, das ideias preconcebidas, relativizar as atitudes das “outras”, mesmo que me parecesse “perigoso”, afinal, o que era perigoso para mim poderia ser uma situação agenciável para outras viajantes.

Por outro lado, negociar – ou me deixar levar para – locais de hospedagem, restaurantes populares, tipos de transporte, etc. com outra viajante me fazia refletir sobre que tipo de viajante eu era/sou, pois advertia as ações que eu realizava por escolha, as que realizava na negociação da relação interpessoal com interesses de pesquisa – e até as que realizava (ou não) por medo. Assim, encontrar diferentes tipos de viajantes me fazia assumir nas minhas próprias práticas de viagens aquilo que teria ou não coragem para fazer e assumir minha inexperiência dentro desse universo. Quero dizer que, à medida que conhecia e desvendava as práticas e experiências de outras viajantes, refletia sobre as minhas próprias.

As histórias das viagens de carona era um universo interessante sob o qual pouco havia experimentado, a carona para mim é percebida como atividade “perigosa”, mesmo que já tenha realizado em uma oportunidade em uma viagem pelo Brasil. Carol, Jak, Gabi, Rosa, Flora, Lanna e Nanda experimentaram as caronas. As viagens de carona e o *mangueio* nas ruas, semáforos e parques anunciavam meios de trabalho e de deslocamento de mulheres oriundas das classes populares, porém, Lanna, Nanda e Flora também pegavam carona, mesmo que possuíssem recursos o suficiente para se deslocar de diferentes maneiras. Estimo que a transformação advinda da experiência de viagem tem a ver com uma percepção mais alargada de pensar as próprias posições no mundo, afinal, algumas delas abriram mão de certo conforto de uma vida de classe média para experimentar outras formas de existir no mundo.

Compartilhar situações de fronteira diz muitas coisas sobre as formas como nos lemos mutuamente, em termos de admiração, amizade e respeito mútuo, e outras emoções (negativas ou positivas) para além das hierarquias sociais, mesmo que o *status quo* de

cada uma não seja borrado em virtude de uma experiência desse tipo. Partilhamos dessa complexificação da geografia dos espaços fronteiriços – que foi historicamente masculinizada – e encontrar situações parecidas do outro lado de cada fronteira é o que nos une enquanto mulheres, que são solidárias, se ajudam e se protegem, quando necessário.

Algumas diferenças se acentuaram nas características do trânsito, Carol experimenta um trânsito alargado, de anos, enquanto eu estava comprometida com os prazos do meu trabalho, e durante muito tempo fui uma “viajante de férias”. A viagem sazonal, como é também a de Júlia, é protagonizada por sujeitas que não querem ou não podem “largar tudo” e viver na estrada, e assim experimentam a viagem nos interstícios da vida profissional. Da mesma maneira que Júlia, eu agenciava meus trânsitos nos interstícios dos compromissos formais, acadêmicos e profissionais. Porém as viagens de Júlia compreendem uma experiência fronteiriça densa, uma Amazônia fronteiriça da qual nunca experimentei. Na foto abaixo, Júlia compartilha um pouco dessa estética fronteiriça.

Figura 16 - Júlia na entrada da Amazônia Boliviana na cidade de Guayaramerin



Fonte: Acervo da interlocutora.

Neste contexto, eu desenvolvia um trabalho acadêmico-intelectual, mas também me deixava identificar como artesã, porém não era uma artesã como Gabi e Rosa, nem tão pouco como Carol, que dependiam dessa atividade para seguir em viagem. Minhas habilidades com o *mangueio* em instante algum parece com a segurança e coragem do realizado por Rosa nas ruas. O *mangueio* em ônibus, restaurantes, ruas e praças públicas

era uma prática que nunca me senti apta para desenvolver, assim como algumas outras formas de trabalho. Descobri isso entre os passeios com as “meninas” pelas ruas de Santa Cruz de la Sierra.

Os locais de hospedagem, como o *hostel*, cumpriam uma dupla função, principalmente no caso de Liz, Flora, Juana e Nanda, que agenciavam o local de hospedagem como local de trabalho. O voluntariado marcava uma relação de trabalho, que nem sempre me parecia justa, mas isso também me pareceu contextual. Liz precisava acordar cedo para servir o café da manhã, eu ocupava partes da minha noite com um trabalho em um bar no qual quase nunca tinha atividades a fazer. Para Nanda e Flora houve um voluntariado em que ficaram uma semana *sem fazer nada*.

A elaboração das formas de autorrepresentações atravessava, mesmo quando diferenciadas no estilo, as práticas e se aproximavam em diversos aspectos. Os distanciamentos culturais e linguísticos não são barreiras, mas sim parte do desafio. Nesse sentido, enquanto que as conversas fluíram tranquilamente com a interlocutora mexicana, pois compreendia o conteúdo transmitido em um sotaque mais nítido, com outra foi mais complexo, por exemplo com o *acento* apressado de Juana, algumas coisas me passavam sem compreensão. Isso me empurrava a desenvolver outras formas de comunicação. Carol já estava no Brasil há um tempo, então falava bem o português, mesmo com o *acento* “carregado” não houve problema de compreensão.

Os encontros e desencontros estavam relacionados com a forma como cada uma escolhe gerir seu projeto de viagem. Nesses encontros há uma conexão, no tempo e no espaço, entre a etnógrafa e as sujeitas que produzem signos, regras, códigos etc. na estrada. Sentir a viagem no corpo e nas emoções é uma dimensão profunda da etnografia dos encontros na estrada que acionam as localizações e posições em campo, em sentido subjetivo e cartográfico.

Expor minhas flutuações entre o “ora isso, ora aquilo” mostra como a prática etnográfica não está desvinculada ou à parte das nossas experiências vividas. Se por um lado caracterizava-se como uma outra experiência de viagem na minha biografia, com um elemento diferencial em relação às outras viagens, não deixou de produzir subjetividade no tempo e no espaço. Dedico o espaço baixo para marcar uma posição política na etnografia, desde uma Antropologia Feminista pra quem a questão das subjetividades é muito cara.

Posicionar-se é produzir um conhecimento situado (HARAWAY, 1995), situar-se requer uma arqueologia da própria existência, ou uma artesanaria de si que vá

relembrando trajetos e trajetórias, posições fixas e contextuais, de quem pesquisa, vivencia e escreve. Que olhar e perspectivas tem a etnógrafa? É ser honesta e ética nas formas de representações, reconhecendo que as representações etnográficas são verdades parciais e posicionadas (ABU-LUGHOD, 2018). Desenhar um mapa de si é também localizar-se. Nesse mapa, minhas coordenadas geopolíticas são de uma mulher afro-indígena, amazônida, interiorana/rural, de classe popular, pesquisadora, artista e viajante. Tais marcadores são ativados de diferentes maneiras, em diferentes contextos naquilo que demarca os lugares do meu corpo no mundo. A localização geopolítica, assim como a nacionalidade/regionalidade, é algo do qual não posso fugir. É a primeira informação viajante, que por vezes antecede ao nome. Viajar nos obriga a nos posicionar.

Ser brasileira, amazônida, interiorana constrói uma cartografia única, de localização no mundo, com isso toda a imaginação colonial a respeito da Amazônia também atravessa meus fluxos e trânsitos antropológicos. Mas devo dizer que, por outro lado, estar nessa posição particular, talvez até não esperada, muitas vezes me abriu portas para os encontros, iniciou conversas, despertava interesse e até relatos detalhados sobre a culinária e hospitalidade, de quem havia passado pelo Norte ou do desejo de chegar de quem estava indo para lá, algumas talvez até ficaram fascinadas com os relatos de uma amazonidade, assumidamente, sempre à flor da pele.

O corpo-pesquisadora que viaja é também um território. E o território ao qual pertença está inscrito no meu corpo. Enxergo o mundo a partir dessa posição, desse território, e isso diz muito sobre como me relaciono e interpreto o mundo. E sobre como o mundo me interpreta e me lê. Seguindo Grossi (2018, p. 20), acredito que a forma como interpretamos o mundo e o contato que estabelecemos com as pessoas com quem pesquisamos são formados por uma relação subjetiva, a qual marca com um contorno particular cada campo, como uma “experiência marcada pela biografia individual de cada pesquisador”. Minha localização geopolítica faz parte da perspectiva pela qual eu enxergo o mundo e a maneira como realizo minhas análises antropológicas, é a lente pela qual interpreto o mundo. Da mesma forma, há uma lente por meio da qual as interlocutoras interpretam o mundo, inclusive a mim.

Cada qual produz a partir das posições que ocupam e é lido a partir dessas mesmas posições. Isso quer dizer que falamos, escrevemos, analisamos, pesquisamos a partir das posições que ocupamos no contexto social em que vivemos, marcada pelas relações de poder de uma sociedade ocidental hierarquizada, colonialista e racista. Se a experiência constrói diferença, e é a partir disso que atribuímos, de forma particular, sentido a mesmos

eventos ou situações (BRAH, 2006), então a subjetividade de uma observadora, como argumentou Behar (1995), pode influenciar nos eventos, situações, práticas etc. observadas.

A questão de ser uma pesquisadora mulher viajando – sozinha, em vários trechos – impôs limites espaciais, temporais e emocionais à pesquisa, trazendo à tona a questão do gênero na prática etnográfica. Ainda que, em muitas situações eu “deixava fluir” o movimento, algo que também está relacionado ao campo da intuição das minhas interlocutoras. Pesquisar em um contexto cultural, que por um lado é tão familiar, enquanto por outro lado é tão complexo e instável, como é a estrada, exigiu estar em trânsito em diferentes países, me comunicando em outras línguas, em espaços plurais. O fato de o primeiro embarque ter acontecido em um contexto de instabilidade política, e o segundo, de instabilidade sanitária, o botão do medo da viagem sozinha estava sempre ativado. Aponto a vulnerabilidade, o medo das violências e do abuso sexual como uma das características particulares em ser mulher fazendo um trabalho de campo que é móvel, que se desloca pela América do Sul.

É importante recordar que a prática do trabalho de campo na antropologia se construiu refletindo a imagem masculinizada da “aventura antropológica”, um modelo de pesquisa no qual se esperava que os antropólogos correspondessem ao estereótipo do viajante mágico, para o qual a expectativa do crescimento pessoal estava associada à ideia de um sujeito que enfrentava perigos e desconfortos, como parte do heroísmo masculino. Isso gerou um padrão implícito no qual o “verdadeiro” trabalho de campo deveria envolver certo perigo, fazendo com que muitas mulheres fossem desencorajadas de tentar realizar pesquisa em alguns lugares, principalmente os mais remotos, constituindo a prática etnográfica como um campo marcadamente masculino (STOCKING JR., 1983; KUCLICK, 1997; GUPTA; FERGUSON, 1997).

Assim, o trabalho de campo também se formatou dentro dessa ideia de uma viagem masculina perigosa, a etnografia não parecia ter sido feita para mulheres. Por sorte houve pesquisadoras como a antropóloga negra Zora Neale Hurston (1995), que muito inspirou esta pesquisa. Esta saiu em uma viagem de carro sozinha pelo sul dos Estados Unidos, em pleno período de vigor das leis segregacionistas na década de 1920, com algumas ferramentas de pesquisa e uma pistola. Além disso, pesquisou no Haiti e na

Jamaica, realizando empreitadas etnográficas sozinha²⁵. Embora existam outros exemplos de antropólogas que fizeram trabalho de campo por tempos mais longos, nos tempos iniciais da disciplina, como contou Stocking Jr. (1983), por exemplo, Barbara Freire-Marreco, que pesquisou no sudoeste americano e Marie Czaplicka, que pesquisou na Sibéria em 1916 e morreu jovem. As mulheres que conseguiram visibilidade na história da disciplina acabaram por reforçar a prática colonialista e masculinizada de fazer antropologia, isso alimentou a relação entre a antropologia e o colonialismo. Mariza Corrêa (1997) diz que as mulheres que conseguiram sucesso nas escolas hegemônicas de antropologia reproduziam a prática masculinizada que servia a um projeto colonizador. Essas antropólogas não escreveram ou se interessaram em refletir criticamente o papel colonial, ao contrário, contribuíram com narrativas que reforçam o domínio sobre os povos “nativos”.

Para Escobar-García (2018) a consequência dessa tradição masculinizada que desconhece as diferenças de gênero tem colocado a pesquisadora como objeto em campo, além de invisibilizar as circunstâncias sociais que nos colocam em situação de vulnerabilidade, a forma como somos observadas e interpretadas gera outro nível de vulnerabilidade. Para as mulheres que “se arriscam” em fazer o trabalho de campo em espaços onde não somos bem-vindas, vivenciam com o próprio corpo os desconfortos. Fleischer e Bonetti (2010, p. 11) dizem que somos classificadas, interpretadas, avaliadas, “passíveis de sedução em campo e estamos, igualmente, expostas e vulneráveis.” E isso, em muitos casos, significa, para as mulheres, fazer uma etnografia arriscada.

Há outras questões também, obviamente, mas em parte é possível dizer que essa herança do modelo tradicional construído se baseando nas experiências masculinas, mesmo ignorando os medos e as vulnerabilidades que envolvem o trabalho de campo das mulheres, não determinam as nossas escolhas de/em campo. Se a etnografia é um instrumento para produzir novas formas de conhecimento e desestabilizar o modelo tradicional, como defende Abu-Lughod (2000), uma etnografia localizada é capaz de rastrear sistemas de poder e estruturas de desigualdade, tornando-se um dispositivo até de intervenção. É inegável que questões como deslocamentos longos ainda afetam as condições de escolha dos temas de pesquisa pelas mulheres.

²⁵ No artigo publicado na Revista Ayé, discuto sobre os itinerários das mulheres negras na antropologia, problematizando a ideia das viagens como parte da trajetória de intelectuais como Zora Hurston e Lélia Gonzalez, incluindo as viagens de trabalho de campo e também as motivadas por outras. Ver Corrêa (2021).

Informar minhas posições e experiências é incorporar a subjetividade ao conhecimento produzido, apresentando-a também como um dado de pesquisa, conforme sugeriu Schwade (2016), para quem “o próprio “mergulho na subjetividade” passa a fazer parte da reflexão, apresentando-se efetivamente como dado de pesquisa” (p. 216). Colocar em questão a subjetividade é refletir sobre as vulnerabilidades atravessadas pelas relações de raça/etnia, classe e nacionalidade em campo e na prática antropológica. Vivenciar o trabalho de campo traz reflexões que, como se referiu Grossi (2018, p. 22), podem redefinir a “própria identidade de mulher, pesquisadora, engajada e não apenas de “cientista neutro e assexuado””.

Um dos eventos marcantes da viagem envolveu o assédio sexual sofrido por uma viajante com quem dividi um quarto de *hostel* na Bolívia. O episódio um tanto violento me levou a instantes de terror – e solidariedade –, despertando os gatilhos de uma violência que está sempre à espreita. Sentia-me no lugar de uma observadora vulnerável de Behar (1996), mas também me preocupava pela minha própria segurança. Poderia ser comigo. Behar (1996) diz que a vulnerabilidade tem a ver com a exposição do “eu” que também é um espectador, que também vivencia e experimenta. Esse episódio de assédio sexual, embora não tenha sido sentido no próprio corpo, marcou a experiência de campo, de forma que constrói uma diferença entre o trabalho etnográfico de antropólogas e antropólogos.

Esse evento, dentre outros, fez emergir sensações que estão além da visualidade da observação etnográfica. Logo, a prática antropológica proporciona uma transformação profissional e pessoal na qual “o trabalho de campo [torna-se] uma experiência de sentimentos e sensações ambíguas, capaz de deslocar nossos padrões, hábitos e valores” (PINHEIRO-MACHADO, 2011, p. 42). Além disso, sentir a viagem no corpo, nas horas longas e desconfortáveis de viagem, das horas dormidas no chão frio da rodoviária e do aeroporto, das crises de medo e ansiedade, de tensão pelo contexto político, das preocupações sanitárias, eram sensações que me deslocavam constantemente. Estar acompanhada de outra(s) mulher(es), compartilhar dos mesmos eventos, ou ainda, escutar sobre suas histórias de “perigo”, criou uma espécie de vulnerabilidade compartilhada, em alguns momentos. Compartilhar parte dessa condição de mulheres, era de certa forma, reconfortante e encorajador, além de ser um aprendizado. Nossas experiências estavam conectadas e eram parte de um todo que nos atravessava, nem sempre de forma igual, mas com efeitos parecidos em termos de gênero.

A experiência etnográfica envolve os vários sentidos e não apenas a *observação visual*, nos faz experimentar outro “poder sensorial” nos termos de Haraway (1995, p. 28), que não apenas o da visão. Nesse sentido, e assim como minhas interlocutoras, desenvolvi minhas próprias estratégias de sobrevivência, algo que é ressaltado como do âmbito da inteligência, da intuição, da perspicácia para identificar potenciais situações de perigo. As estratégias de proteção são um aprendizado coletivo, como foi e é para mim. E esse aprendizado se dá no encontro.

Dentre as estratégias, tentei desconstruir alguns traços de feminilidade, tinha cuidados com o consumo de álcool, restrições de horários, enfim, incorporava à prática etnográfica estratégias de segurança, identificando situações de potenciais perigos, tentando distinguir os limites entre o “perigo real” e o perigo construído. Na estrada, estamos sempre topando com as pitadas e sobredoses de machismos e violências, as mesmas com as quais aprendemos a lidar cotidianamente, nas nossas vidas vividas nas grandes cidades sul-americanas. Isso também orientou minhas práticas de campo.

Há inegáveis especificidades no que é “ser mulher” no contexto social, político e econômico pós-colonial de uma região que ainda enfrenta diversos problemas de ordem social. O trabalho antropológico das mulheres tem sido crucial para compreender a diversidade de “ser mulher” na América Latina, através das agências e da negociação da realidade. As questões políticas e identitárias têm cada vez mais marcado nossas pesquisas, mesmo que nossas experiências se circunscrevam nos temas pouco apreciados pela antropologia tradicional. Nesse movimento de acreditar no poder transformador da etnografia, sou mais uma que destaca os diferentes lugares e perspectivas no/sobre o mundo que as mulheres ocupam. Como nossas vivências em campo aparecem nas nossas etnografias, são também escolhas políticas e éticas.

Nesse duplo sentido da minha dupla posição, em que essas duas dimensões se misturam, mesmo que estivesse ali como pesquisadora, as práticas pesquisadora-viajante se amontoavam. Ser etnógrafa e ser viajante iam se costurando, porém como considerou Azevedo (2020), esses dois âmbitos possuem conexões, mas não são determinantes um do outro. Isso significa dizer inclusive que, ser viajante mulher não me garantiu fluidez em todos os encontros e eventos do campo.

Busquei desenvolver uma empatia etnográfica de quem compreendia e compartilhava de medos e de alegrias com as mulheres que encontrei. Adotei uma perspectiva feminista que considera as posições das interlocutoras, os contextos socioculturais e econômicos, valorizam os saberes de todas as sujeitas, reforçando a

importância dos saberes das mulheres. Construir uma prática etnográfica mais equitativa, onde as experiências e produção de conhecimento contemplem formas mais plurais de explicar o mundo ainda é um desafio. Também encontramos muitas barreiras no trabalho de campo antropológico para as mulheres.

Esta etnografia se torna essa costura de encontros, construídos em torno das articulações, das negociações com as/os sujeitas/os e espaços. Além dessas companheiras de viagem, com quem mantive contato próximo, também mantive diálogos e conversas importantes com diversas outras pessoas, que me auxiliaram a construir a escrita desta tese, como por exemplo Lena Alves, artesã, *maluca de estrada* e amiga de longa data, com quem compartilho há muitos anos experiências e saberes na/da estrada.

Não há fórmulas para a realização de uma pesquisa que aposta no encontro na estrada como recurso metodológico, depende da conexão que cada pesquisadora busca construir, e também do acaso, mas o certo é que os encontros vão acontecer. A estrada é feita de encontros. Os próximos capítulos pretendem dar conta etnograficamente desses encontros, que não se esgotam no desembarque.

CAPÍTULO 2

Caindo na estrada



Rodoviária Tietê, a maior rodoviária da América Latina e a segunda maior do mundo. Era o mês de novembro do ano de 2017, Lanna chegou à rodoviária carregando um mochilão azul nas costas e uma mochila de “ataque” na frente. Além do peso das mochilas, sentia no corpo todo um emaranhado de sensações que, naquele momento, não sabia bem como nomear. A euforia de um embarque sozinha causava ansiedade e um medo que a paralisou momentaneamente, deixando-a *que nem um zumbi*. Os pais a levaram até a rodoviária, acompanhando-a até uma daquelas 89 plataformas de embarque. Antes de atravessar a fronteira da plataforma, a mãe, em um abraço apertado, chorou e disse:

– *Você não precisa fugir, não precisa provar nada a ninguém, se quiser desistir, ainda dá tempo.*

Lanna, em meio à paralisia, não conseguia chorar, mas estava decidida a subir naquele ônibus rumo ao Chuí, na fronteira do Brasil com o Uruguai.

– *Não mãe, eu quero ir, eu quero ir.*

Ela a abraçou bem forte e falou:

– *Tá, então volta depois que chegar no México!*

E embarcou sozinha rumo à sua jornada individual de vários meses pela América Latina.



Figura 17 -
Mochilas de
Lanna em
Montevideo

Fonte:
Imagem
digital do
acervo da
interlocutora.
Cianotipia
Ester Corrêa.

Rompendo fronteiras do perigo

A primeira fronteira que se rompe quando nós mulheres organizamos uma viagem autogerida é uma fronteira interior: a do medo. O plano de viagem individual de uma mulher é socialmente percebido como uma atividade perigosa. Qual mulher que decidiu viajar de mochila – principalmente sem companhia masculina – e não recebeu pelo menos um diagnóstico de loucura? A noção de ‘loucura’ tem sido historicamente utilizada como uma ferramenta para controlar e regular os corpos das mulheres desviantes. Os avisos sobre o perigo da estrada, como a morte e o estupro – e de tantas outras violências possíveis –, são uma forma de exercer controle mediante o medo, pois constroem a ideia de que a estrada é um lugar perigoso para as mulheres. Estas são julgadas como vítimas vulneráveis, até tolas, por decidirem sair “desprotegidas”, quer dizer, sem companhia masculina. Assumir a loucura é uma maneira de resistir à domesticação e a imobilização dos corpos das mulheres.

Dessa forma, cruzar as fronteiras simbólicas do medo é um dos grandes desafios, pois ao fazer isso se assume um risco: ser uma mulher viajando pela América Latina. A violência de gênero, sem dúvida, é o sustentáculo desse medo, ao desafιά-lo e assumir o risco, este torna-se uma das dimensões da construção de uma viagem individual e autogerida. A associação do gênero ao perigo, que coloca as mulheres como vítimas em potenciais, reflete uma construção social, gerada pelo colonialismo, na qual os corpos das mulheres ainda sofrem tentativas de domesticação e de subordinação. Conforme Massey (1994) essa domesticação dos corpos impõe limites à mobilidade feminina, tanto em termos de identidade como de espaço.

Por uma perspectiva histórica é possível dizer que o colonialismo implicou/a diretamente na forma como os trânsitos das mulheres se construíram no nosso continente, pois a dominação de gênero, que aqui foi imposta pela colonização, ainda marca a forma como a sociedade se organiza e como as fronteiras, culturais e espaciais, se estabelecem. A colonialidade de gênero (LUGONES, 2008) impôs um modelo de família eurocêntrico que confina algumas mulheres em papéis determinados e normaliza a violência de gênero. Uma das características marcantes do colonialismo, é a imposição de um modelo de sociedade que desvaloriza as mulheres, pois é centralizado na masculinidade branca, cis normativa e eurocentrada, que é responsável pelo enclausuramento e pelo confinamento da mulher ideal – branca e rica – no papel de esposa e mãe. Ao mesmo tempo em que empurra as mulheres que não se encaixam nesse modelo, como as indígenas e negras,

para o empobrecimento e para ocupar espaços públicos específicos, criando margens de mobilidades condicionadas – como por exemplo do trabalho, geralmente precarizado.

Apesar de toda tentativa colonial de subalternização há formas de existências que o colonialismo não foi capaz de fazer desaparecer. Por um lado, vários movimentos diaspóricos foram criados a partir da colonização, desde o deslocamento forçado de negras/os para este continente em regime de escravidão, que obrigou as mulheres a reinventarem novas formas de habitar e transitar no continente. É preciso lembrar que as mulheres negras como as tacacazeiras, mingauzeiras, vendedoras de acarajé ou ainda as *palenqueras* – que desbravam vários lugares da Colômbia vendendo seus doces, ver Freire (2020) –, dentre tantas outras, ocupam historicamente os espaços públicos com o trabalho, se movimentando pelas ruas e *carreteras* do continente, com suas comidas, conquistando liberdades, alforrias e autonomias.

Na América Latina estão presentes formas outras de habitar e transitar no mundo, articuladas pelas necessidades de sobrevivências. Os deslocamentos históricos são marcados por agendas e motivações diversas, muitos tinham motivação política, por exemplo, o enfrentamento ao projeto colonial. Muitas mulheres históricas se movimentaram pela região, como Juana Azurduy, Generala descendente de indígena que nasceu no que hoje é considerado Bolívia – Alto Peru – e teve um papel importante na luta pela independência de países no continente. Azurduy projeta ainda na atualidade uma imagem potente de quem marchou e lutou pela independência da Bolívia e da Argentina, com suas tropas, se deslocando por diversas regiões.

Figura 18 - Monumento em homenagem a Juana Azurduy, Buenos Aires.



Fonte: Ester Corrêa, 2019.

Esses movimentos também foram/são experimentados por outras mulheres indígenas, em diferentes tempos, como as “*cholas*” bolivianas, que em busca de trabalho se tonaram sujeitas que vivem nas fronteiras, se movimentam cotidianamente ou ainda migram entre países – como Brasil e Argentina – articulam diásporas e migrações, fazendo diferentes viagens em trens, ônibus, ou seja, produzindo corpos que se movimentam pelo continente. Esses deslocamentos demonstram a fronteira como uma costura de relações entre os países da América do Sul, por meio de deslocamentos políticos, forçados e voluntários, o que demonstra a presença histórica do feminino nas fronteiras, em diferentes oportunidades, ou seja, os corpos das mulheres nunca estiveram domesticados.

Especificamente tratando do mundo das viagens em contexto mais atual, estas passaram a transitar nos imaginários de jovens principalmente a partir dos anos 1960. Um período no qual as ditaduras forçaram migrações e deslocamentos, havia também os movimentos das práticas de viagens contraculturais, exercidas por um grupo de pessoas com “um senso identitário de pertencimento a uma comunidade jovem internacional” (KAMINSKI; VIEIRA, 2020, p. 9), em um período em que jovens de diferentes partes do mundo buscavam a vida na estrada – retomarei sobre isso adiante. Nesse período se desenharam os *mochilões* como forma de viajar. As também mulheres estavam ocupando e percorrendo as estradas.

Com a “popularização” do fenômeno *backpacker* na região, que ganhou força no início deste século, os deslocamentos das mulheres ficaram mais evidenciados. Vivenciávamos as transformações culturais, econômicas e sociais dos primeiros anos do século XXI. A popularização do uso da internet e a dinâmica mais intensa nos fluxos de transporte transformou a maneira como as pessoas se deslocam na região. Além disso, o maior acesso das mulheres a espaços como a universidade e o mercado de trabalho, que advém de um processo que se estende desde o século anterior, foram alguns dos motivos que levaram as mulheres a se inserirem nessas mobilidades e produzirem deslocamentos.

Na internet, houve uma maior circulação de informações, facilmente encontramos informações e narrativas de outras viajantes por diversos lugares do mundo, embora a forma como a mobilidade feminina é experimentada ainda seja marcada pela classe social e racial. Nesse fluxo de informações surgiram “dicas de países mais seguros para mulheres viajarem sozinhas”, “destinos seguros para mulheres”, “mulheres dão dicas de segurança para mulheres que viajam sozinhas” etc., em *blogs*, sites, perfis nas redes sociais, que são informações sobre como chegar, onde chegar, quanto custa. Além disso,

se acentuou a produção de livros escritos por mulheres sobre o tema, principalmente após a popularização dos livros digitais. Atualmente é possível encontrar facilmente relatos de experiências de diferentes tipos de viajantes, em livros, *podcasts*, reportagens, sendo um tema que vem sendo explorado principalmente pelo turismo e pelo jornalismo. As viagens individuais, como as viagens sozinhas, estão cada vez mais presentes nos imaginários de jovens – mas não apenas – latino-americanas/os.

É fato que o tema da viagem, do trânsito livre como um direito, emergiu com força há um pouco mais de duas décadas, junto com isso, a mobilidade feminina se inseriu na busca pela igualdade de gênero, a ampliação dos espaços para exercício da liberdade de ser e de transitar. Dentro e fora do âmbito da participação política, as mulheres têm ocupado os espaços públicos e virtuais para discutir sobre diversos aspectos da própria vida, dentre elas a mobilidade e as formas de transitar.

É possível dizer que esse tema passou a movimentar, de forma mais intensa, as redes de mulheres viajantes, ganhando um sentido político a partir do feminicídio de duas mochileiras, María José Coni e Marina Menegazzo, no Equador em 2016. Esse movimento em rede tomou uma dimensão mundial, fazendo emergir uma discussão em torno da violência de gênero na estrada. Para Piscitelli (2017) e Yang (2017) o episódio de violência fez emergir um debate, principalmente nas redes sociais, sobre o direito ao trânsito seguro para as mulheres viajantes, um debate suscitado principalmente no âmbito do turismo.

Piscitelli (2017) considera que a discussão em torno da violência contra turistas só foi articulada como um tema importante pelo feminismo a partir da atuação na internet, com a entrada de outro perfil geracional exigindo garantias de direitos. A internet se consolida como importante espaço de mobilização, assim como aconteceu com o movimento *#ViajoSola*, uma reação ao assassinato das mochileiras argentinas, que mobilizou mulheres de todo mundo que se manifestavam por meio das redes sociais, usando *hashtag* em defesa do direito de viajar sozinha e com segurança. Diversas viajantes se manifestaram com relatos pessoais, contando histórias de viagem sozinha. Surgiram cartas, manifestos, artigos, etc.

Uma carta tornou-se viral no período, o texto “Ontem me mataram”, de Guadalupe Acosta, foi uma reação à ideia construída de que a estrada é perigosa para as mulheres. Foi um levante contra a violência que atinge as mulheres e contra o machismo. O discurso de culpabilização das vítimas – uma das reações de sujeitos conservadores na mídia –, refletiu uma perspectiva patriarcal, pois indicava que as mochileiras assumiram um

comportamento perigoso ou arriscado ao viajarem “sozinhas”, embora se tratasse de duas pessoas.

A violência contra as mulheres, assim, é um tema que atravessa as experiências das mulheres viajantes, por isso assumir o risco como categoria, nos ajuda a pensar sobre os obstáculos e que as mulheres enfrentam nas estradas de uma região profundamente marcada pela violência de gênero, fruto das desigualdades construídas pelo colonialismo, que segundo Lugones (2018), não é marcada só pelo gênero, mas também pela classe e pela raça.

A América Latina é considerada uma região de extrema violência contra as mulheres²⁶. O número de estupros (principalmente os praticados contra crianças) são pautas constantes nos noticiários do Brasil, mas não é um fenômeno exclusivo do país. As tantas violências contra as mulheres e LGBTQIA+ acontecem em todos os países. México e o Brasil estão na lista dos dez países com maiores índices de feminicídio²⁷. Nesse contexto, e de forma mais específica, o Brasil, por exemplo, é um dos países mais perigosos para mulheres viajantes²⁸. Essas configurações violentas das nossas sociedades, vividas ou assistidas, enraízam medos específicos em nós mulheres. Essa “zona de perigo” para as mulheres se estende por muitos países do sul global.

Embora as mulheres construam suas experiências de vida de forma particular, de alguma forma há algo compartilhado em sermos mulheres na América Latina. Os alarmantes dados de violência de gênero, tem atravessado indistintamente a vida de mulheres de diferentes grupos raciais e de classes sociais. Um passeio de uma mulher por uma cidade como Santa Cruz de la Sierra, Cusco ou Belém pode ser marcado por assobios, comentários constrangedores, olhares indesejados, além de outros tipos de assédio, que moldam o sentimento de vulnerabilidade. Essas realidades sociais afetam todos os países da América do Sul, então transitar pelas rotas é percorrer por entre as desigualdades das quais nosso continente foi construído. No sentido político e social, as formas de organização interferem e limitam os deslocamentos, seja a interferência

²⁶Segundo a ONU Mulheres Brasil (2017), América Latina e Caribe é a região mais violenta do mundo para as mulheres. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/noticias/regiao-da-america-latina-e-do-caribe-e-a-mais-violenta-do-mundo-para-as-mulheres-diz-onu/>

²⁷ Fonte: CEPAL, Observatorio de Igualdad de Género de América Latina y el Caribe. Disponível em: <https://oig.cepal.org/es/indicadores/femicidio>

²⁸ Há um ranking elaborado por uma agência de segurança em viagens –Women’s Danger Index– que é divulgado em sites de notícias na internet, porém não há dados elaborados por agências e observatórios mais confiáveis, o que demonstra uma necessidade de atenção para esses dados.

econômica que impossibilita que algumas/alguns sujeitas/os possam viajar, ou na forma como os processos políticos afetam a fronteira entre os/dos lugares.

As experiências nacionais ou as realidades locais constroem valores e sentimentos entre as mulheres, dessa forma é possível dizer que as agências e as experiências locais também moldam os aprendizados na estrada, um conhecimento construído por meio do contato cultural e do compartilhamento de ideias e signos que circulam junto com essas mulheres pelas fronteiras da região. Essas zonas de intersecção fazem com que os lugares se toquem e se conectem. As desigualdades afetam as mulheres latino-americanas de forma que a violência de gênero cotidiana das cidades – mas não apenas – tornou-se uma estranha e incômoda familiar.

Dialogando com Ortner (2007), há uma coerção social nessa estrutura social que articula as relações de poder no nível da vida vivida e concreta. Porém compreendo que enfatizar o poder dessa estrutura é afastar-se das práticas reais. Embora siga reconhecendo que as desigualdades de gênero são exacerbadas, a ponto de se tornarem um elemento fortemente constituinte das estruturas e práticas sociais latino-americanas, reconheço também que “as pessoas sempre têm pelo menos algum grau de “perspicácia” (...) em relação às condições de sua dominação.” (p. 26). Em meio a uma estrutura social desigual, assimétrica e violenta, as mulheres encontram formas de resistência e ação, desafiando e produzindo fissuras na estrutura social.

Nesse termo, a viagem autogerida está longe de ser uma atitude irresponsável ou ingênua, ela também é organizada pelo medo que é em nós construído. Não é um ato de loucura, nós mulheres não somos vítimas favoráveis. Viajar envolve a perspicácia em relação ao reconhecimento dos lugares sociais das mulheres. Como nos dá a entender o relato das interlocutoras, assumir o risco é tornar o medo como uma das dimensões da viagem, mais que vencer o medo, é preciso *ir com medo mesmo. Porque medo eu acho que faz parte de nós enquanto mulher na sociedade* (Lanna).

O risco que as mulheres assumem ao cruzar essas fronteiras é uma construção social informada por determinado contexto cultural e as relações desiguais de poder que o organiza (YANG, 2017). O perigo é uma invenção cultural, no contexto latino-americano, por isso as viagens das mulheres são percebidas como atividades perigosas. Baseadas nos alarmantes dados sobre violência de gênero na região, questiono se as mulheres estão mesmo mais seguras em casa. E se a estrada é realmente um lugar mais perigoso do que a própria casa.

É nesse contexto que se constrói a ideia de perigo para as mulheres nas estradas. A violência e o medo são temas que fazem parte da construção da viagem individual das mulheres pela América do Sul. Por outra perspectiva, as experiências de violência na vida vivida pode ser a própria motivação para empreender uma viagem, como o fato de duas das interlocutoras que buscaram na viagem um caminho alternativo para a “fuga” de situações de relacionamentos violentos e contextos de assédio sexual.

A escolha pela América Latina, mesmo diante desse contexto, tem alguns motivos principais. É uma opção mais viável da mobilidade global, uma vez que a securitização das fronteiras europeias e da América do Norte, as diferenças linguísticas, são alguns dos temas que incentivam os trânsitos na região, mas para além disso, como disse Jak, o custo de um deslocamento para a Europa é o suficiente para empreender um “mochilão” de meses na região, então a questão financeira também é importante. E por fim, há o aspecto cultural, no que diz respeito às diferenças na forma de construir as relações e os encontros interpessoais com sujeitos com quem se partilha de uma mesma história política e cultural.

Mulheres construindo uma viagem individual

A prática de viagens por mulheres não é recente. Há um conteúdo muito rico sobre o tema que se concentra principalmente na estante de literatura de viagens. A única possível para abrigar as histórias de viagens no feminino. Antonioli (2015, p. 3), argumentou que “durante muito tempo incidiram sobre as mulheres e suas liberdades de deslocamento, [...] constrangimentos intrinsecamente atrelados ao fato de *serem mulheres*”. Isso porque a narrativa da viagem heroica foi construída por meio das experiências masculinas.

O perigo, a aventura, o heroísmo eram/são características atribuídas à masculinidade. A boa viagem era a dos homens, as práticas de viagem das mulheres nunca foram levadas a sério (CLIFFORD, 2000; LEITE, 2000). Historicamente foi sonhado a nós a forma de conhecimento que a viagem representa, como uma prática material e espacial, que produz conhecimento e comportamentos (CLIFFORD, 2000), e assim, forma subjetividades e constrói identidades individuais e coletivas.

Um dos clássicos da literatura de viagem, produzido em meados do século XX, é o livro *On the Road*, de Jack Kerouac. Um reflexo atemporal dessa masculinização da aventura. A viagem no sentido do autor era, dentre outras coisas, uma “viagem pela

viagem”, descompromissada com uma reflexão sobre a sociedade, ou justamente, que reforçava os valores vigentes na época sobre o lugar social das mulheres. Notadamente reflete um ponto de vista masculino. Uma forma de transitar no mundo que não era libertadora para as mulheres.

O relato da busca de homens aventureiros por curtição e “garotas gostosas”, tornou-se referência obrigatória na literatura de viagem, chegando a se transformar em filme em Hollywood, tal foi seu impacto cultural. A geração dos *Beat*, ao qual pertenceu Kerouac, influenciou uma geração de jovens, reforçando esse caráter masculinizado também na prática de viagens alternativas que ressaltava festas, sexo, drogas. Porém é inegável que de alguma forma o livro amplia o registro de um tipo de experiência de viagem que estava conectada ao contexto cultural e político da época: pegar a estrada como uma forma de contestação de um modelo vigente de sociedade.

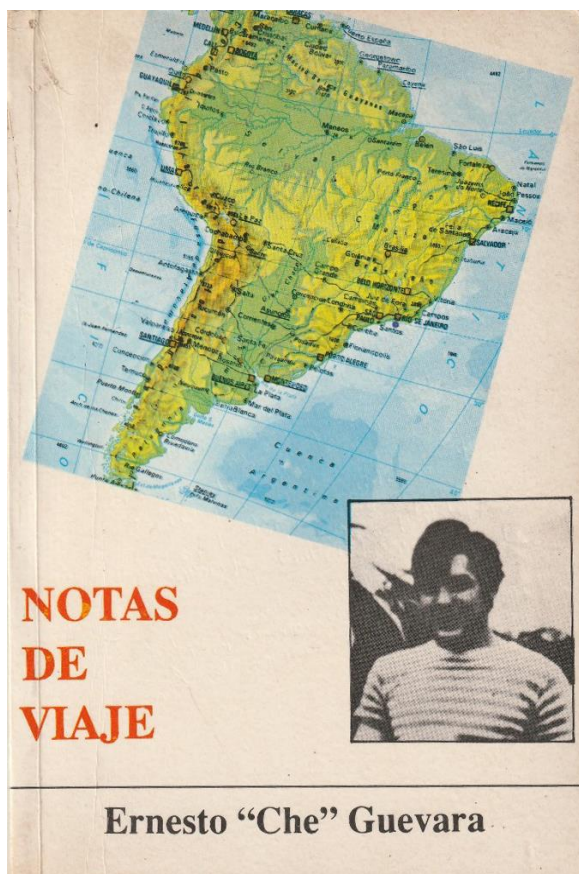
Sobre esse contexto, Kaminski (2018) disse que *Beat* e *hippies* eram categorias utilizadas, de forma arbitrária, para definir o grupo de pessoas que ostentavam um estilo de vida alternativo, baseado em ideologias libertárias, contra a guerra e a violência, a favor do amor livre. Porém o tal rompimento com os valores tradicionais defendidos por esses grupos limitava-se ao âmbito da masculinidade. O rompimento com valores machistas e patriarcais, como as violências contra mulheres, não aconteceu.

A viagem foi e ainda é parte da formação cultural dos homens, isso desde a época do *Grand Tour*. Essas experiências são fontes de poder e conhecimento. Na América Latina a narrativa de “viagens rebeldes” foi eternizada na literatura principalmente por Ernesto “Che” Guevara. A lendária viagem que realizou com seu amigo de moto pela América do Sul, mudou a sua perspectiva de vida do plano individual para um compromisso coletivo (e político) e de crítica social. Essa perspectiva masculina latino-americana acabou por marcar a própria dinâmica da organização política na região no século XX, mas acima de tudo, marcava uma diferença fundamental das viagens de Kerouac ou dos *beats*, que era a questão ideológica voltada para os problemas sociais que cruzaram o itinerário de dois amigos viajantes argentinos pelo continente.

Ainda que Che Guevara tenha eternizado um itinerário latino-americano em suas *Notas de viaje* (1993), não foi uma invenção deste, essas rotas faziam parte do imaginário de muitos jovens na época, em busca de “descobrir” a América Latina, como escreveu Beatriz Sarlo, dentre esses, alguns idealistas que buscavam a observação e o contato direto com outros povos tradicionais e/ou originários. E não eram apenas homens. Foram essas

primeiras aventuras de mochila pelo nosso continente que influenciaram muitos itinerários de jovens aventureiras/os do mundo contemporâneo.

Figura 19 - Livro de Guevara



Fonte: Guevara, 1993

Nas décadas de 1960 e 1970, a argentina Beatriz Sarlo e a brasileira Ângela Xavier fizeram outros tipos de viagens pelo nosso continente. Ângela Xavier viajou sozinha de mochila pelos Andes, em 1974, em uma época que ideais sobre liberdade flutuavam por entre as fronteiras marcadas pela repressão das ditaduras. Sarlo viajou com um grupo de amigos. Era um período em que se buscava conhecer uma América, que se construía por meio de ideais políticos democráticos, movimentos pós-coloniais, revoluções regionais – como por exemplo as ideias da Revolução Mexicana e da Revolução Cubana –, enfim, um continente ainda em processo de uma descolonização nunca efetivada.

A autora analisava que:

Não éramos turistas e nem antropólogos. Fazíamos uma viagem latino-americana de aprendizagem, o grande tour ideológico por territórios empobrecidos e explorados que nós (e milhares de jovens) denominávamos como as oligarquias locais e o imperialismo. Viajávamos para comprovar as leituras, como se dar voltas pela realidade pudesse produzir um documento probatório, e nada mais. Não procurávamos algo exótico, pitoresco, mas um momento futuro e anunciado. (SARLO, 2015, s/p)

Os itinerários eram construídos a partir do interesse em conhecer aspectos ou elementos que revelassem sobre os territórios de exploração econômica, assim as minas de ouro eram uma possibilidade também de conhecer a realidade dos mineiros bolivianos, como por exemplo, as formas de organização política e sindical. Para isso, jovens de classe média, se deslocavam nas carrocerias dos caminhões, juntos aos povos locais, descobrindo-se cada vez mais estrangeiros entre as conversas em Quéchuá e Aymara. Sarlo confessou que seu fascínio pela Bolívia tinha profundo interesse político, pelo que acontecia a partir das mobilizações de trabalhadores que despontava novas lideranças políticas.

Figura 20 - Registros da viagem de Beatriz Sarlo



Fonte: Sarlo, 2015.

Esses movimentos políticos e culturais eram protagonizados por sujeitos diversos, mas acima de tudo por jovens latino-americanos, artistas, e também por indígenas e pessoas negras, que movimentaram principalmente o âmbito político, e forjavam, em seus próprios termos, ideias para uma outra organização política, social e cultural. Nesse contexto, as ideias feministas já circulavam pelo Brasil e pela América Latina há bastante

tempo, embora tenham se intensificado acompanhando os movimentos euro-americanos, desde as sufragistas aos movimentos da década 1960, e daí em diante.

É importante lembrar que no Brasil, por exemplo, a autonomia para viajar sozinha ou sem companhia – de um homem – para o exterior é uma conquista recente, da década de 1960, até então era necessária uma autorização do marido. Segundo Marques; Melo (2008), foi somente com a aprovação do Estatuto da Mulher Casada, em 1962, que as mulheres da classe média e alta passaram a ocupar o espaço público com maior margem de liberdade. Até então, essas mulheres eram consideradas incapazes, sendo assim, não podiam exercer diversas atividades sem autorização do marido, inclusive, viajar.

Figura 21 - Passaporte com autorização do marido para viajar.



Fonte: Nalu Marques²⁹.

Partindo desse contexto, podemos pensar que a viagem, para uma mulher, se configura como uma possibilidade de ampliação do horizonte cultural, mas também uma fuga ou alternativa para o casamento. Era (talvez ainda seja) uma possibilidade de repensar esse ritual, para o qual algumas mulheres são preparadas desde cedo. Era uma recolocação de foco nos interesses e nas buscas individuais, centralizando-os.

A vontade de “sair de mochila” era um sentimento que fazia parte da conversa e reunião de amigos no início da década de 1970 no Brasil. Era por onde as ideias

²⁹ Essa imagem circula/ou em algumas páginas no Facebook. Foi originalmente postado na rede social por Nalu Marques, segundo a postagem, do ano de 2018, se trata do passaporte de sua avó, em 1952.

circulavam, principalmente durante os festivais, como contou Ângela Xavier: “alguns amigos, que conheci em Ouro Preto, estavam viajando pela América Latina, principalmente para o Peru, a terra dos Incas. Jovens de todas as partes do mundo estavam fazendo o mesmo. Eu tinha minhas economias. Foi então que decidi fazer a viagem aos Andes” (p. 28). Essas experiências de meados do século XX, se relacionava com os movimentos da época, no qual a presença de viajantes nas ruas e praças despertavam a atenção de outros jovens para novas formas e possibilidade de organização e movimentação.

Porém, anterior a esse período, no século XIX, as mulheres já se movimentavam na/desde a região. Uma das mulheres que protagonizou ideias feministas no Brasil, na época foi a potiguar Nísia Floresta. Esta mantinha um fluxo com a Europa, além de traduzir ideias para o Brasil, ela era também uma viajante, realizou viagens que as deixou registradas em livros. As impressões, olhares e percepções sobre a Europa que visitava dão conta de um contexto de deslocamento entre fronteiras, muitas das quais não existem mais. Um conteúdo ainda pouco (re)conhecido no país.

Nísia Floresta não foi a única. A jornalista e escritora colombiana Soledad Acosta de Samper, a escritora chilena Maipina de la Barra, dentre outras mulheres latino-americanas, produziram relatos sobre suas experiências de viagem. Ainda no Brasil do século XIX vivia, viajava e escrevia Maria do Carmo de Mello Rego. Nascida no Uruguai, os escritos de viagem por ela deixados, como analisou Sartori (2018), auxiliam na compreensão sobre o poder que as viagens têm de alterar e de interferir na vida das mulheres, tornando-as produtoras de suas próprias histórias. Devo salientar que essas mulheres ocupavam lugares de privilégios de classe, que facilitavam esses trânsitos.

Há um compilado sobre as ‘*Viajeras entre dos mundos*’ organizado por Sara Beatriz Guardia (2012) que se dedicou a publicar sobre as experiências de viagem de mulheres em diferentes períodos da história pela América Latina, como por exemplo, a escritora franco-peruana Flora Tristán. Composto de escritos como diários, relatos autobiográficos, discursos e imaginários, viajantes femininas na ficção, trata a viagem como processo de aprendizagem, posicionando as viajantes como sujeitas históricas.

Essa movimentação de ideias e pessoas por entre o espaço-tempo das fronteiras latino-americanas, reafirmam que os significados de viajar estão em constante disputa. As construções sociais em torno das fronteiras nacionais e culturais da região dizem muito sobre a forma como as mulheres transitam. Nesse sentido de pensar as viagens, quando as mulheres ultrapassam as fronteiras transnacionais, elas mobilizam diferentes camadas

da generificação destas, apontando a dimensão de um espaço físico e subjetivo em constante construção, no qual identidades se constroem ao longo (AMANTE, 2014), assim, tornam-se espaços socialmente construídos.

A percepção do lugar das mulheres na estrada ainda é influenciada por um modelo generificado, assim, algumas visões ainda têm continuidade na contemporaneidade, embora as narrativas de mundo estejam em constante transformação, a invisibilidade das experiências individuais de mulheres nas estradas, assim como o apagamento das violências sofridas, é parte do nosso modelo de sociedade. As narrativas culturais ainda se centram no feito masculino, na busca interna ou externa, que pode fazer escolhas, suportar as consequências ou voltar atrás, e essa escolha está imbuída de heroísmo, enquanto que as mulheres têm uma única escolha trágica ou fatal (VESELKA, 2012). Isso aparece tanto nos filmes quanto na literatura.

Pelo aspecto artístico-cultural, Pessoa (2018) identificou a ausência de narrativas femininas de estrada no cinema, por exemplo. No cinema a representação das viagens das mulheres, por meio dos *road movies*, é de subvalorização. Pessoa (2018) analisa que nos filmes as mulheres têm papéis estereotipados e secundários, como acompanhantes ou vítimas de violências. A autora segue dizendo que “as histórias das estradas, portanto, têm sido desbalanceadas de forma que quem as conta são, em sua maioria, homens, sendo às mulheres delegados os estereótipos de meras acompanhantes ou vítimas de estupros e assassinatos” (p. 25). O filme *Sans toit ni loi*, de Agnès Varda (França, 1985) é outro exemplo no cinema: narra a trajetória trágica de uma mulher que decidiu sair de casa para viajar de forma autônoma, pegando carona, trabalhando na estrada. O filme inicia com a cena fatal: o corpo morto da viajante/andarilha em um acampamento. O vazio da existência e a inquietante passividade da protagonista, revela a estrada por si como um espaço vazio, sem propósito, solitário e perigoso para as mulheres.

A falta de referência, no âmbito cultural, reduz as expectativas das mulheres sobre as viagens como horizontes possíveis, embora seja necessário enfatizar novamente que as mulheres conseguiram historicamente se deslocar no tempo-espaço, apesar do espaço sonegado. Nessa construção de uma identidade individual na estrada, a ausência de outras narrativas dificulta o processo de rompimento com o medo. Porém mesmo que as narrativas de viagem das mulheres permaneçam subvalorizadas em círculos mais amplos, há algumas transformações que se acentuam desde o início do século.

Nesse processo de transformação, e no sentido das percepções culturais a partir da mídia e do cinema, destaque no cinema, filmes como *Queen*, *Livre*, *Qué tan lejos* e “Trans

Nômade – A viagem da minha vida”, estes trazem representações sobre as viagens das mulheres que apontam para o protagonismo por meio de narrativas que destacam as agências individuais, a importância dos encontros culturais, a não-dependência da companhia masculina, a viagem como projeto e a mobilidade transnacional de uma mulher trans. Além dessas, há outros indicativos que motivam a transformação sobre a noção de viagem nas últimas décadas.

Figura 22 - Cartaz do filme equatoriano *Qué tan lejos*. Direção: Tania Hermida



Fonte: <https://tvbrasil.ebc.com.br/cineibermedia/episodio/que-tan-lejos>

A reportagem que a TV Brasil exibiu em 2021, intitulada “Vai sozinha?”, na qual aparecem diferentes mulheres, em termos raciais, geracional, etc. narrando as próprias experiências de viagem ao redor do mundo, também é um destaque recente. A reportagem foi produzida por Polly Marques, idealizadora do perfil @viajagorda no *Instagram*, que trata da mobilidade de mulheres gordas, traçando reflexões sobre acessibilidade. A jornalista pensa na viagem como cura, desde uma localização como pessoa gorda, reúne mulheres com diferentes identidades sociais para narrar as experiências na estrada.

No contexto atual, diferentes categorias de viagem têm se articulado. Há um fenômeno que tem deslocado os sentidos da viagem para as mulheres: o “viajar sozinha”. Este conceito de viagem se constrói como uma categoria valiosa para pensar a viagem das mulheres. No âmbito do turismo, a categoria de “viajante solo” é considerada uma tendência contemporânea no segmento turístico no Brasil, mesmo que não consolidado entre empresas e agências, a viagem solo tem tido um acréscimo e está em expansão (MARIO; NAGANO; CUZZIOL; BORGES, 2021). A viagem das mulheres, quando é uma prática individualizada, representa uma contraposição ao sentido relacional que foi

socialmente construído como base da identidade e do papel social da mulher. Quando a mulher realiza uma viagem individual ela não depende da companhia e proteção masculina, é uma experiência particular.

É uma categoria construída entre as mulheres viajantes, que possui um significado de autonomia, de desafio e autodescoberta, é uma forma de questionar e positivar os significados de “estar só”, ultrapassar as fronteiras do doméstico e do reducionismo dos papéis sociais impostos, que tentam impor as mulheres uma posição de subordinação e de dependência em relação aos homens e, principalmente, construir uma experiência individual e não mais relacional, assim como uma forma de reivindicar um estilo de vida cosmopolita e experiências outras de vida.

Porém há diferentes camadas nos significados em torno de viajar sem companhia masculina, que não está presente somente no ato de viajar sozinha. Há aspectos que indicam que a realização desses projetos individuais não é solitária, são construídos em redes familiares, de amigos, e em outros casos, junto à outra mulher. As redes na estrada são formadas também pelos encontros, formação de parcerias e relações de amizade temporárias ou duradouras que acontecem durante o trajeto.

O que representa o viajar sozinha ou na companhia de outra mulher para quem foi socializada em um mundo que nega a individualidade às mulheres? Oyhantçabal (2018) disse que “*hablar de viajes es hablar de individualidad, y justo esa no es la identidad que haya caracterizado las mujeres en la historia*” (p. 95). É importante lembrar que ainda persiste essa ideia sobre nós mulheres como dependentes da companhia masculina. Viajar sozinha e experimentar a companhia própria como um ato de liberdade individual, é um contraponto ao estereótipo que reduz a felicidade das mulheres à companhia masculina.

Quando realizamos um tipo de viagem, sem companhia masculina, evidenciamos a percepção social em torno das mulheres que estão transitando sem a “proteção” de um homem. Nesse contexto, até mesmo estar na companhia de outra mulher é percebido como estar “sozinha”. Isso aconteceu com as duas mochileiras argentinas, que foram acusadas e culpabilizadas por estarem viajando “sozinhas”. Isso nos leva a entender que a construção do risco acontece em torno das mulheres que viajam sem companhia masculina.

A experiência da viagem para a maioria das mulheres se inicia de forma relacional, assim como para Juana suas explorações iniciais eram sempre viagens acompanhadas. Júlia também fez as primeiras viagens em companhia masculina. Para a mexicana Liz também, *nunca tinha saído sozinha para outro país, nunca tinha viajado sozinha, sempre*

com amigos, família. Mas é uma experiência que te faz crescer tanto física quanto mentalmente, mais mentalmente, no sentido de que te ensina a amadurecer, porque você já começa a tomar suas próprias decisões, aprender a ver por si mesmo. Esse depoimento ajuda a pensar que a experiência individual da viagem é percebida como um crescimento, um amadurecimento capaz de ensinar a ver o mundo com os próprios olhos e com o próprio corpo.

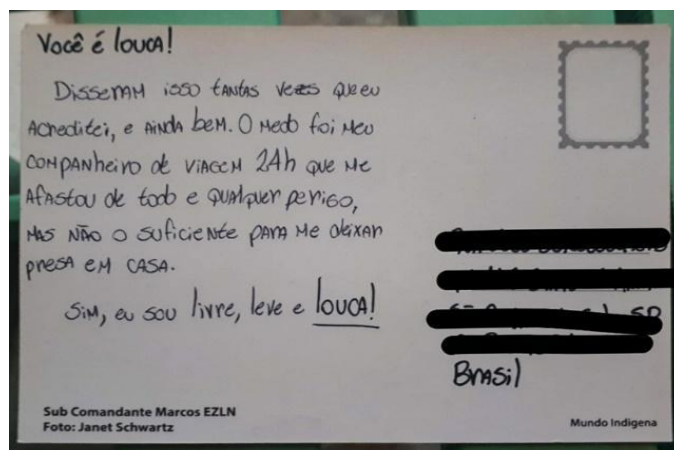
Assumindo riscos: *Você é louca!*

Ser mujer en la sociedad de hoy no es fácil. Hay muchos riesgos que se corren por el solo hecho de salir a la vida. Y ni hablar de si quieres encarar proyectos o experiencias como viajar sola. Los planteos que más escuché ante ese planteo fueron: “consigue un compañero/a de viaje”, “no te arriesgues así”, “esas son cosas de hombres”, y la ruta a todos esos planteos es: NO. No voy a conseguir un compañero, no voy a limitarme a hacer lo que me hace feliz por mi condición de mujer, no voy a quedarme en una vida plana, no arriesgarme solo por ser mujer (Interlocutora Juana).

Beatriz Sarlo disse que ao planejar uma viagem, a/o viajante a traça no imaginário por meio do contato com livros, com mapas, sendo estas formas de experimentar os lugares, porém isso não garante uma experiência totalmente planejada, uma vez que há sempre brechas, as zonas que se desorganizam, que não são calculáveis. O que no universo de viajantes brasileiros chama-se de “perrengues”, são dessas situações que fogem do controle e muitas vezes mudam um itinerário para outros lados. Sarlo (2015) argumentou que essa mudança de programa são situações inesperadas, das quais se tem prévia consciência de que pode (e vai) acontecer, e algumas até se deseja que aconteça. É geralmente no perrengue – não apenas – que se aprende a negociar o risco.

Uma viagem de mochila é uma atitude negociada, planejada e executada por meio de estratégias e agências específicas. A consciência do risco é construída a partir das realidades locais, o limite do risco assumido é uma questão subjetiva, é uma percepção subjetiva. Assumir o risco faz parte da minha própria experiência, assim como das interlocutoras, mas a percepção sobre isto ocorre de diferentes maneiras.

Figura 23 - Um postal de Lanna escrito: “Você é louca!”



Fonte: Acervo da interlocutora.

Esse postal ajuda a pensar como Lanna negociava a percepção do risco. Isso se dava principalmente a partir da experiência vivida nos locais de origem. *Eu brinco com todas as meninas de São Paulo, Rio de Janeiro, cidades totalmente gigantes, as capitais do Brasil, falo: você já nasceu com esse chip assim, você já se protege por ser mulher vivendo no Brasil, e eu só descobri isso na estrada.* O enfrentamento do risco na estrada se relaciona com a experiência cotidiana de uma mulher que vive os movimentos de uma cidade grande latino-americana. Talvez Lanna estivesse dizendo que esse *chip* com o qual nascemos é, na verdade, esse aprendizado cotidiano, o qual precisamos ter para sobreviver aos perigos das grandes cidades.

Em concordância com isso, Júlia assume que o lugar onde nasceu, um bairro “perigoso” de Belém, também a preparou para enfrentar os perigos onde quer que esteja: *A questão do perigo, eu moro num lugar muito perigoso. Eu nasci num lugar muito perigoso. Eu moro na Sacramenta, na divisa com o Barreiro, um lugar que já é um atravessamento de muitos perigos, é muito perigoso mesmo, tanto que o bairro é conhecido como “sacrabala”. Então para mim a questão sempre mais difícil é ter a grana pra chegar no lugar, entendeu?* A forma de contornar os eventuais perigos é agir tomando alguns cuidados básicos, mesmo em espaços que considera seguro, e também ter uma *grana* como garantia para se movimentar. *É tipo os cuidados básicos, observar quem tá na frente, quem tá atrás, sacar o movimento. Então acho que aqui, o local, o território onde eu habito, já é o local que eu tô muito alerta, em outros espaços eu também tô muito alerta, mesmo que sejam espaços seguros* (Júlia).

As estratégias utilizadas na vivência de um cotidiano violento, típico de grande parte da urbe sul-americana, treina os múltiplos sentidos para encarar o medo, essas

estratégias que empurram as mulheres a fazerem escolhas sobre quais roupas usar, que trajetos tomar, que lugares sentar, dentre tantas outras decisões cotidianas estratégicas para fugir da incômoda situação de ser uma mulher se deslocando entre os espaços das cidades. Esses aprendizados são adaptados e se tornam ferramentas para manter-se a salvo nas situações de trânsito.

Lanna assumiu o medo como limite, relacionando-o com os riscos assumidos no cotidiano, como algo presente nos seus trajetos: *é importante ir com medo porque é o medo, também, que vai ser o que vai guiar a gente até o nosso limite, então, muitas meninas falam: eu jamais vou pegar carona! Tá tudo bem! Você não precisa. O seu medo te avisou, que até aí é o teu limite.* Nesse sentido, ter o medo como companheiro era uma estratégia para se manter atenta e perceber quais eram os limites dos lugares e de si mesma.

Quando uma mulher viaja, dialoga com as realidades locais, experimenta as desigualdades em muitos aspectos – mesmo que de maneira diferente –, está exposta aos grandes problemas das metrópoles sul-americanas, como a violência, a precariedade dos transportes, a falta de infraestrutura básica etc., assim como, aos aspectos culturais dos sujeitos. Por essa perspectiva é possível pensar também que a mulher, quando abandona alguns vínculos sociais, é julgada e até ameaçada, pois tais atitudes indicam uma ruptura com uma identidade relacional (OYHANTÇABAL, 2018, p. 96), que vai significar que ela não necessita estar acompanhada de um homem para transitar em alguns lugares, e isso atrai a atenção para si.

Flora contou que no início da viagem pensou em ir embora, desistir, pois era *um fardo muito grande você ser mulher viajando sozinha. Porque era sempre assim: - ah, vocês viajam sozinhas! Como assim? Nós [somos duas]! Como assim sozinhas?* Os olhares assediadores, os comentários constrangedores nos passeios pelas ruas de Barranquilla as deixavam assustadas: *a gente se assustou, a gente pensou que ia ser raptada e sequestrada a qualquer momento.* Por outro lado, essa percepção de insegurança era diferente para Liz, que vivia um cotidiano violento da cidade do México, dizia que se sentia mais segura em Cusco que na própria cidade onde vivia.

Dessa forma, as viajantes têm que lidar com as violências específicas nos espaços públicos, o assédio sexual no ônibus, as práticas espaciais outras, atenção aos horários para sair e chegar, encarar aquela rua escura que mostra os limites das cidades e dos lugares. Alguns episódios de assédio apareceram durante a pesquisa de campo, como nos bares de Cusco, que frequentei com Liz. Nesses espaços emergiam demonstrações de

como são vistos os corpos femininos transitando sem companhia masculina, o que pressupõe uma autorização para as mais diversas aproximações. Diversos homens ofereceram bebidas e companhias, alguns de forma insistente e inoportuna. Para Nanda *a viagem foi inteira assim. A gente sofreu muitos assédios. Então chegou um momento em que a gente não se sentia segura.*

Flora aciona o *modo de defesa total* sempre que se sente em uma situação de vulnerabilidade, o cuidado com o uso de álcool, por exemplo, é uma estratégia utilizada por ela, embora ela também acredite ser necessário *deixar fluir com o universo*, acreditando que *quando eu me coloco para fazer uma viagem eu não vou muito no medo, porque se você vai no medo, vai dar merda. Você atrai, acaba atraindo alguma coisa, mas é óbvio, tem que ter cuidado.* Talvez Flora estivesse dizendo que é preciso adotar cuidados, porém não se fechar para o medo. Acreditar na dinâmica da estrada.

Os projetos construídos em companhia de outra mulher possuem significados para as mulheres que não desejam ou não têm coragem de viajar sozinhas, como disse Lanna: *Tá tudo bem não gostar de viajar sozinha. Quem viaja sozinha não é melhor que ninguém, não é mais mulher que ninguém, não é mais corajosa que ninguém, mas é uma forma, um estilo de vida e é uma ferramenta de autoconhecimento, não é a receita de autoconhecimento.* Aqui percebo que, no âmbito dos significados, podem haver diferentes formas de empreender uma experiência individual. As percepções sobre o medo atravessam todas elas – embora se construam e forma igualmente diferentes.

Para Flora e Nanda, viajar juntas era firmar um laço entre irmãs que compartilham projetos, desejos e percepções de mundo. Era a busca por um conhecimento compartilhado por meio da experiência vivida na estrada, e foram igualmente afetadas pelo machismo: *é cansativo você ser mulher viajando porque você tá com medo o tempo todo.* Nanda complementa contando que: *queria caminhar a noite sozinha e eu lembro até hoje dessa sensação, de eu estar em um lugar deserto, era uma vila de pescadores, pequenininho, num lugar paradisíaco, e eu não me sentia segura andando na praia porque eu tava andando na praia sozinha.* É fácil perceber que dividir uma jornada com outra mulher não apaga os medos, e que até um passeio na praia acionam as sensações de insegurança.

Em vários pontos da interlocução nossos medos se cruzaram, se transformavam em cuidados e atenções redobradas e compartilhadas, assim como em criação de estratégia para driblar os assédios, nem que seja utilizando serviços e produtos específicos para as mulheres, como quarto compartilhado feminino – que já é oferecido em muitos

hostel –, nas saídas controladas a noite e limites para estabelecer comunicação com homens em diversos lugares. A aproximação masculina na maioria dos espaços é percebida com cautela.

Jak sentia força na companhia de outra mulher, notava a diferença da abordagem de homens locais quando estava na companhia da prima ou quando se juntavam a grupos de homens. Relatou que: *por ser mulher, eu sentia muita força entre a gente, quando a gente passava por situações juntas ou separadas, depois a gente conversava, assim, de algum tipo de discriminação, se alguma sofria por algum machismo*. Um projeto conjunto, mas também autônomo, com espaço para o exercício das liberdades individuais e compartilhamento, inclusive, dos medos.

As mulheres desenvolvem inteligências específicas para lidar com o “perigo” na estrada, além de que, há um processo de aprendizados e invenções que acontecem à medida que novas fronteiras são cruzadas, pois encarar o risco é parte importante da experiência transformadora desse tipo de viagem, a emoção é parte da viagem. Yang (2017) considera o risco como “uma consciência socialmente construída de perigo ou resultados principalmente indesejáveis, embora excitação e oportunidade possam ser derivadas dos resultados” (p. 21, tradução da autora). A consciência do perigo abre espaço para as agencialidades que, por sua vez, abrem os caminhos. E é isso que não nos torna um alvo fácil.

A experiência de viajar sendo uma mulher é, para nós, um processo de construção. Uma ideia que se materializa, na maioria das vezes, mediante um processo reflexivo sobre si, sobre suas escolhas e de transgressão dos preceitos estabelecidos. Uma ideia que emerge do questionamento da lógica social de que o “natural” é uma mulher viajar acompanhada. Nesse processo de construção há uma troca de signos e níveis de encorajamento. Júlia iniciou suas viagens sempre acompanhada, mas com o decorrer das experiências na estrada, foi se encorajando para alcançar novos voos, a ponto de não depender de companhia para viajar, não precisar negociar a companhia de outras pessoas, nem depender da presença masculina.

Esse processo de encorajamento perpassou minha trajetória, assim como aconteceu com Carol, o impulso inicial aconteceu incentivado pela viagem em conjunto, que inicialmente embarcou com um grupo de amigas e, no decorrer do trajeto, os sentidos da viagem foi ganhando novas formas, à medida em que as possibilidades de trânsito se expandiam, até o instante em que percebeu que, mesmo acompanhada, estava fazendo *os rolês* sozinha. Recordo-me da minha primeira viagem, que embarquei junto com um

grupo de pessoas, mas na metade da viagem já estava sozinha em um ônibus cruzando de Cusco para La Paz, fazendo meu próprio roteiro.

Dessa maneira, meio que intercalada, aconteceram os encontros e desencontros na estrada de Gabi, principalmente no seu retorno ao Brasil. Contou que: *nessa trip eu tive doble experiência, viajei com mais três pessoas e ao fim viajei sozinha. Viajar em galera é massa, mas é quando a gente tá sozinha que começa mesmo a real viagem: a viagem interior!* Por conta das circunstâncias, empreendeu o trajeto inicialmente com um grupo de pessoas, de quem se separou para fazer alguns caminhos sozinha.

Essa possibilidade de alternar, de escolher com quem deseja viajar ou ainda se deseja viajar sozinha, ressalta que algumas dimensões das construções individuais estão relacionadas à forma como uma constrói a si mesma, a partir das descobertas de suas capacidades de superar limites. Cruzar fronteiras é um exercício de valorização da autonomia, mas cada pessoa ao seu modo: *se você quiser ter uma experiência de três semanas e voltar para trabalhar, que linda, tá tudo bem! Sabe, é difícil, a vida na estrada muitas vezes é solitária, então tá tudo bem! Não é uma receita da felicidade* (Lanna).

Levar adiante um projeto de viagem individual, é assumir a autogestão de uma rota que exige cuidados, mas que *é muito mais do que se espera e muito menos do que se teme*, como escreveu Juana. Talvez o que Juana estivesse dizendo era que o medo construído na verdade são possibilidades de acontecimentos exagerados. Enquanto que a experiência vivida pode ser muito mais prazerosa ou positiva podendo superar as expectativas projetadas. Esse “bicho-de-sete-cabeças” vai sendo desconstruído no decorrer do movimento. Flora contou que: *depois que eu já batizei que tipo assim, que não é um bicho-de-sete-cabeças, que ao contrário de quando eu comecei a viajar, eu pensei [...]. Hoje em dia eu até prefiro viajar só. Não sei porque, acho que você acaba estando mais aberta para conhecer as pessoas, para trocar ideia, para se conectar com os outros [...]. Quando você tá só, é meio que você tem que se virar, e se você quiser, não sei, até é um aprendizado também, assim de independência.* Esse depoimento sugere que as percepções positivas da viagem sozinha vão acontecendo à medida que as descobertas vantajosas vão acontecendo.

As estratégias específicas para a estrada são oriundas do aprendizado que se dá principalmente nos encontros, em diversas dimensões, com outras mulheres que atuam como “professoras” ao compartilhar dicas limites de lugares, formas de deslocamentos, etc. Os códigos e as regras são comunicados e repassados. No caso das mulheres, há códigos e regras específicas: lugares para não ir sozinha, horários inadequados para

desembarques, caronas a não aceitar. Aprender sobre essas estratégias desmistificam alguns medos.

Para tentar contornar algumas ideias construídas ou ainda para desenvolver o encorajamento, é importante ter referências. Rosa saiu de casa sem planejar, não tinha dinheiro algum, planejava aprender e trabalhar durante a viagem: *eu tinha que me sustentar de algum jeito, e como eu não sabia fazer artesanato, nem nada, comecei a aprender malabares*, contou. Ia “fazendo” dinheiro na estrada, de cidade em cidade, trabalhando em várias cidades por dia, junto com Gabi. Gabi atuava como essa articuladora, essa condutora, com mais experiência e com formas estabelecidas de negociar essa realidade. Assim como para Nanda, que tinha confiança na figura da irmã, por conta da experiência de Flora.

Nesse percurso, aprende-se com a experiência das outras, esses acontecimentos são marcados na memória afetiva dos encontros na estrada. São nesses encontros, ao partilhar da experiência de outras, de ouvir a outra narrando sua história de viagem, que o aprendizado circula entre quem está pegando a estrada agora e quem já conhece os movimentos da estrada. Esse ponto dos aprendizados será explorado com mais afinco no capítulo 4.

Ainda que a viagem solo apareça como um marcador na trajetória de várias mulheres, diversos contornos vão aparecendo à medida que as trajetórias pessoais ou as dinâmicas da vida pessoal vão se movimentando. Por exemplo, Jak atualmente está em um projeto conjunto com o companheiro, assim como aconteceu em diversos trajetos de Carol, que atualmente empreende uma viagem sozinha. Ou ainda Lanna, que atualmente namora um rapaz que também é viajante, ela realiza tanto viagens em conjunto quanto sozinha. Nesses casos, há uma alternância entre viagens sozinhas e acompanhadas, mas que não deslocam as agências e as estratégias no sentido de construir um itinerário para si.

Motivos e começos

Juana trabalhou durante algum tempo como *abogada* em uma instituição relacionada à assistência social em Buenos Aires, e mantinha assim uma vida estável. Quando a encontrei, não estava em sua primeira experiência viajando sozinha. Em 2016 havia decidido questionar o mundo e suas concepções sobre a forma de viajar de uma mulher, decidindo escrever suas próprias experiências e experimentar o mundo pelos seus

próprios termos. Contou-me que: *durante toda mi vida tuve ganas de viajar. Viajé mucho de formas tradicionales, siempre acompañada. Siendo mujer, la lógica es que así lo hagas. Hasta que en 2016 empecé a cuestionar estos preceptos sagrados: ¿Por qué no puedo viajar sola?* Construiu outras expectativas sobre uma viagem, começou a *vislumbrar otro tipo de experiencia de viaje, uno más auténtico y profundo que el “viajar para la foto”, sino viajar para conocer, aprender, sorprenderme, emocionarme, no sólo de lo que estoy viendo o descubriendo desde el paisaje o el lugar en si, sino también internamente.* O que Juana buscava nesse tipo de experiência era *viajar hacia fuera para viajar también hacia adentro.*

Esse questionamento se transformou em ação e ela decidiu se lançar na estrada. Começando com uma experiência mais familiar, que era a própria referência cultural. *Entonces me lancé: me fui sola a San Marcos Sierra, en Córdoba, Argentina. Este era un pueblo del que me había enamorado en 2014 cuando fui con amigas y siempre quise volver. Nunca lo hice porque no tenía quién me acompañe. Esta fue una experiencia hermosa y fuerte. Entendí que yo podía sola, y que no solo podía sino también que disfrutaba de eso* (Juana). Começou por uma experiência dentro do próprio país, em um lugar que já havia conhecido antes. Repetiu essa experiência várias vezes durante o ano, e seguiu repetindo no ano seguinte.

Talvez Juana queria dizer que, foi importante começar por um destino conhecido, para tomar impulso nesse processo de encorajamento. E daí se lançar em outros voos, mais desafiadores. Acredito que a experiência foi importante para angariar as forças que a fizeram decidir: *Europa sola!* A viajante começou então um planejamento: *organicé mi viaje, proyecté todo para sentirme lo más tranquila y segura posible, planeé, ahorré, diagramé. Llegó el día y mi miedo se convirtió en ansiedad y ganas de conocer otros mundos, otras formas, otras culturas.* A tensão inicial do planejamento foi se diluindo à medida que o projeto ia se diagramando, considerava a segurança importante, por isso ter dinheiro guardado e uma organização bem delineada a acalmava. No final das contas, ou na hora do embarque, sentia muito mais forte a ansiedade, do que o medo, e a viagem foi um sucesso.

Mais ou menos nesse período de sua vida conheceu um rapaz *viajero*, com quem iniciou um relacionamento e passou a fazer planos de viagem. Nessa oportunidade havia assumido o desejo de sentir a viagem como modo de vida. Com essa ideia na cabeça, guardou dinheiro por um tempo, quando sentiu que havia o suficiente para cobrir seus

planos, deixou o emprego e iniciou uma viagem em um *motorhome* que construíram juntos, adaptado para as necessidades de uma vida na estrada.

A viagem sem data de retorno foi em direção à Patagônia e terminou para ela após alguns meses, junto com o rompimento do relacionamento. Para realizar essa aventura, mesmo que já tenha estado em outros países de férias, se preparou, pois iria ficar de forma “definitiva” na estrada, tendo a *ruta* e o *motorhome* como casa. Para economizar o dinheiro poupado, buscava por trabalho voluntário e como tinha um carro equipado, não precisava se preocupar em pagar hospedagem, era só “estacionar a casa”. Essa viagem durou três meses. Como os planos do casal se frustraram, decidiu voltar para sua vida em Buenos Aires, mas não cabia mais na vida que havia deixado para trás.

Sentiu que precisava dar uma pausa e respirar, se recompor da experiência frustrada do *motorhome*, mas ainda desejava continuar viajando e vivendo na estrada. Usou o tempo de pausa em casa para organizar as ideias e os sentimentos, decidiu que definitivamente não queria viver mais “enquadrada” em uma vida na capital que ela não reconhecia mais como sua. Assim fez: Organizou-se e saiu de viagem novamente. Agora sozinha pelo seu país!

Nanda e Flora estavam em distintos momentos da vida no ano de 2017. Ambas tinham empregos estáveis e uma vida considerada bem sucedida em São Paulo, apesar do sufoco de viver em uma grande metrópole, que causava o desejo, principalmente em Flora, de “largar tudo” e pegar a estrada. Flora era a mais organizada, já tinha experiência e desejava pegar a estrada há um tempo. Para isso, ela decidiu convencer Nanda a ir com ela.

Flora tinha uma antiga atração pela mobilidade. Já era iniciada na estrada há um tempo, *quando finalmente eu tinha minha independência financeira e tudo mais, eu comecei a fazer pequenas viagens. Eu viajei muito pro interior de São Paulo, e eu viajava sozinha, e a primeira vez que eu viajei pra fora do país foi pra cá pro Uruguai. Em 2015. Foi a primeira vez que eu viajei sozinha, completamente sozinha e também pra fora do Brasil.* Assim, foi a impulsionadora, estava disposta a embarcar em uma viagem, deixando para trás um emprego e um salário confortável.

O *start* para a vontade de sair de mochila se deu em um desses encontros casuais com um mochileiro em alguma rodoviária de Minas Gerais, que *faz a vida mochilando, desses viajero assim de mochila. Foi o primeiro contato direto assim que eu tive com alguém, porque até então, eu tava fazendo viagens assim, mas, sei lá eu tinha meu trabalho, era meio cheto, eu tinha uma estrutura.* Foi o primeiro contato com a ideia de

largar tudo para viver na estrada. Pensou que: de repente é isso, eu quero essa vida para mim! Assumiu que não planejava necessariamente *viver viajando na estrada*, mas queria viver essa experiência de mochila, rodoviária e encontros. Então, decidiu convencer a irmã. Não queria viajar sozinha, apesar de não ter problema com isso, sentia um tanto de medo e também queria dividir a experiência com Nanda, ambas sempre mantiveram uma relação muito próxima. Inicialmente Nanda não embarcou muito na ideia, mas chegou o dia em que ela voltou para Flora e disse: *Não aguento mais essa vida aqui de São Paulo também! Vamos?* Flora respondeu: - *Bora, então bora!*

Juntas organizaram um plano que inicialmente incluía mais duas pessoas e o sonho da “casa viajante”. Queriam percorrer o litoral do Brasil, desde São Paulo até o Uruguai. Uma passagem rápida pelo Uruguai, porque pelos cálculos era muito caro permanecer no país, e então seguiriam para a Argentina, a partir de onde iriam até à Colômbia, retornando pelo litoral do pacífico até a *Tierra del Fuego*. Era o itinerário dos sonhos a bordo de uma *kombihome*. Quando esses planos iniciais se desfizeram, elas continuaram determinadas a empreender a viagem, utilizando outras estratégias. Era um caminho diferente, mas sem volta. Nanda estava em busca de uma chance de repensar a si mesma, Flora tinha a chance de ir em busca da realização de um desejo de menina, que era a experiência de vida na estrada.

Nanda contou-me que uma das grandes transformações de sua vida foi a mudança para São Paulo, dava plantão em um hospital enquanto cursava o mestrado. Viviam a rotina estressante de uma grande metrópole e viu na proposta da irmã Flora, a chance de desviar-se desse modo de vida. Inexperiente na estrada, privilegiou durante muito tempo o relacionamento amoroso que manteve. Como ela havia terminado o namoro de sete anos, a viagem refletia um pouco sobre esse estado de espírito, era como uma oportunidade para repensar essa relação que havia construído com outra pessoa e consigo mesma. Percebia-se como alguém que estava dependente emocionalmente de outra pessoa.

A fuga da cidade também foi um motivador para Lanna, porém era mais do que a vontade de deixar tudo e ir embora. Ela gostava do trabalho que havia conseguido. Lanna tinha um bom emprego, estava em um espaço que ela sempre almejou e se projetou para ocupar. Por ser um ambiente predominantemente masculino, que sempre foi hostil à sua presença, tornou-se um ambiente tóxico. Por causa das dificuldades de lidar com o ambiente de trabalho, desenvolveu ataques de pânico e crise de ansiedade.

Começou a ficar insatisfeita e a questionar sobre os preços que pagava pelo “trabalho dos sonhos”, a rotina estressante do trânsito para a região metropolitana, onde

morava com os pais, gerava um atrito que também era cansativo para ela. Contou que: *o que me expulsou da Assembleia foi o fato de eu ser mulher, não foi meu trabalho, eu amava o meu trabalho, eu amava o que eu fazia, eu odiava o fato de ser mulher naquele ambiente.* O assédio sofrido quase diariamente no ambiente de trabalho a prejudicou ao ponto de querer fugir da realidade, e *experimentar outras formas de viver, e outro mundo, que não aquela que tava tanto me machucando.* Certo dia, o namorado da época foi transferido para um país que sempre desejou trabalhar, e nesse dia deu o *start: Eu comecei a pensar: pô, eu também queria viajar, sabe? Eu também queria conhecer a América Latina, eu sempre tive curiosidade.* Foi o início de uma jornada que teve vários processos, o primeiro foi juntar um dinheiro, e o segundo, deixar o emprego.

No ano de 2015, Jak havia acabado de sair de um relacionamento abusivo, havia se formado na faculdade e recém tinha voltado para a casa dos pais. Durante o período em que cursou a universidade em Curitiba, emergiu a vontade de viajar. Ela percebia que a “galera” da capital era muito viajante, então, isso a incentivava a fazer algumas viagens, especialmente de interesse acadêmico e dentro do país. Mas o grande divisor de águas na sua vida foi o final de um relacionamento abusivo durante o qual foi vítima de violência física e emocional, após o término do namoro repensou os rumos da própria vida e, incentivada pela mãe, começou a pensar na ideia de uma viagem mais particular, agentiva, individual.

Havia sofrido um acidente no qual quebrou o pé, como passou um tempo usando muletas, após a recuperação estava ávida para fazer “coisas”, se movimentar. Nesse instante da vida a mãe também a incentiva a viajar, para fazer um intercâmbio ou algo parecido. Embora gostasse da ideia, não se via fazendo *um desses intercâmbios no Canadá ou Dublin*, mesmo que isso tenha passado pela cabeça, e até porque não tinha tanto dinheiro para custear algo assim. Começou então uma busca por possibilidades, caiu *na internet, nos vídeos, assim da galera mochilando* pela América Latina, com pouca grana. As ideias começaram a se formatar, aquilo parecia mais possível para ela, queria ir para um lugar barato. *Onde? Vou pro Uruguai, nem sabia, mas eu pensava: vou por aqui pela América Latina, porque a moeda não sei o quê – sei lá, nem pensava muito bem nisso. Comecei a ver esses vídeos, vi que a galera viaja muito pela América Latina. Pegava o pouco dinheiro, diante da Europa, do que se pensava assim em uma viagem pra Europa, o dinheiro do deslocamento até a Europa era o dinheiro às vezes de um mochilão de meses.* Começou a trocar ideias com uma prima, com quem tinha um relacionamento próximo e formas parecidas de enxergar a vida.

A prima já tinha algumas experiências de viagens. Ela *já tinha feito intercâmbio desses, ela foi para Dublin, há uns anos atrás*. Um dia voltou para Jak e disse: *Ah, vamos viajar juntas, vamo pegar a estrada juntas?* E assim, combinaram de começar a guardar uma *grana* para empreender uma aventura juntas. Jak foi atrás de um emprego, de onde guardava quase todo o salário, e além disso, fazia trabalhos extras como revisora de textos, para juntar o dinheiro necessário. Após alguns meses já tinha conseguido o suficiente para pegar a estrada. E pegou.

Quando Liz embarcou em um voo na Cidade do México, deixou no solo um namorado que tinha pedido para escolher entre ele e a viagem. Para ela não tinha a menor possibilidade de desistir da viagem planejada, na qual havia investido o dinheiro que conseguiu economizar para custear a viagem de três meses pela *Sudamérica*. Além disso, já havia planejado os voluntariados, *hostel*, *CouchSurfing*, inclusive, já tinha um voluntariado confirmado em Quito, onde desembarcaria. Espelhava-se na prima que é viajante, e vivia postando fotos no *Instagram* em países diferentes, viajando mundo afora sozinha. Começou a pensar em viajar. Talvez isso tenha encorajado Liz a pegar aquele voo sozinha e a encarar novos desafios culturais, quem sabe se afastar de antigas feridas emocionais e, sim, ter muitas fotos para postar nas redes sociais.

Liz, inspirada na prima *vajera*, queria também se distanciar das relações da cidade pequena na qual foi criada, escolheu a América do Sul por conta do idioma. *Eu queria de início o Canadá, mas meu inglês é péssimo, então fui a esses países por causa do idioma, pois assim não me fechavam as portas e também ia conhecer costumes e tradições de outros países. O idioma pode ser um obstáculo. La gente da América do Sul é amável com mexicanos, tudo isso influencia um pouco* (Liz).

Na época em que Carol era uma universitária – cursava Turismo como *becaria* em uma instituição particular de Buenos Aires – fez sua primeira viagem durante as férias e percebeu que não queria voltar à vida “normal”, *viajar a primeira vez sempre muda muita coisa*. Quando estava no norte do país, embarcou com a amiga para a Bolívia, após abandonar o grupo com quem havia começado o *rolê*, como já mencionei anteriormente. Foi nesse *rolê* que ela se deu conta que poderia fazer isso sozinha. A amiga estava em outra *vibe*, preferia ficar no *hostel* dormindo ou descansando, enquanto Carol, *naqueles tempos eu era uma menina que gostava do rolê. Como amiga? Como vamos a ficar? O sea, esto no vai acontecer nunca más, mira aquí agora, aquí agora! Eu andava sozinha no rolê e um dia me dei conta: oxe, estou aqui sozinha com um pessoal que eu não*

conheço, num rolê aleatório, em um lugar que nada a ver e minha amiga está lá, e eu tô sozinha aqui de boa, aí falei: ah, eu posso estar sozinha. Falei, por que não?

Voltou dessa viagem pensando na seguinte. A amiga havia voltado para Buenos Aires antes dela, então Carol ficou *dando um rolê pelo norte da Argentina sozinha, como eu queria*. A volta aconteceu nos últimos prazos que tinha para começar o semestre na faculdade, havia inclusive pensado em *trancar* a matrícula. Contou que essa experiência mudou sua perspectiva de vida, começou a perceber muita coisa de forma diferente, mudou o jeito de vestir, *comecei a ter outro visual porque a primeira viagem sempre muda muita coisa*. Continuou trabalhando em um hotel, mas só estava lá pelo salário, não gostava do trabalho. Porém podia juntar algum dinheiro para a próxima viagem, que já estava decidida a fazer sozinha. Organizava em silêncio, na própria cabeça, não queria avisar ou pedir nada a ninguém. Assim, nas férias seguintes, embarcou sozinha, novamente rumo à Bolívia.

Rosa seguiu o fluxo com Gabi rumo à Bolívia, não havia planejado, queria novos horizontes, novas descobertas, mas não embarcou com um propósito definido, confiava na amiga que tinha experiência e estratégias de gestão de viagem. Queria experimentar a estrada com a amiga. Havia conseguido negociar as relações familiares, então embarcou nessa aventura em grupo. Para Gabi, *a viagem foi em busca de realizar um grande desejo pessoal que era sair do meu país e pisar outro solo, acompanhado de um sonho de infância que era conhecer o Pantanal Brasileiro. Essa viagem durou quatro meses e creio que vivi as experiências mais intensas de minha vida*.

Entre diferentes motivações que as interlocutoras tiveram para iniciar uma viagem, é essencial destacar que esta começa, ou é determinada, por diferentes fatores. A viagem não inicia quando se embarca, mas quando se começa a planejar os termos dela. É quando emergem as agências, as redes ou as negociações. Por exemplo, no caso de Rosa e Gabi, as negociações principais giravam em torno da maternidade, ou seja, de uma rede de apoio familiar que as apoiasse com as crianças. Para outras, a organização financeira era primordial: juntar uma *grana* e planejar um roteiro com algumas informações, que funcionaria como um guia do projeto de viagem.

Nas diferentes formas que se tem de construir uma rota, é essencial dominar algumas regras, aprender estratégias. Isso é possibilitado por agenciamentos, que são particulares, cada pessoa negocia as relações na estrada em seus próprios termos. Um agenciamento em cadeia que envolve caronas, hospedagens, etc. “Pegar a estrada” envolve *perrengues* e dificuldades que fazem parte da aventura de embarcar rumo ao

incerto, ao que não é estável. Neste caso, as situações difíceis abrem margem para práticas de agências que possibilitem sair de uma situação complicada, isso produz aprendizados. As capacidades de agência afloram trazendo consigo uma dimensão de transformação por meio da experiência vivida, produzindo sentidos diversos no ato de viajar.

A forma de organização está relacionada à percepção do risco, mas também é bastante influenciada pelas percepções de classe, de forma que essas duas dimensões podem se entrecruzar. Afinal, a proximidade com situações cotidianas de violência pode marcar, de forma diferente, a concepção de risco. A forma como essa relação com a estrada se desenvolve é uma singularidade que depende de vários fatores. A administração do risco pode ser encarada em múltiplas dimensões. Liz considerava as estratégias de segurança fundamentais. Assim escolhia viajar de ônibus e ficar hospedada em *hostel*, que para ela era uma forma de proteção. Existem situações de potencial vulnerabilidade como na prática da carona e nas ofertas de hospedagem solidária por homens. As viajantes desenvolvem agências no sentido de articular algumas estratégias que distancie machistas e assediadores. Retornarei a alguns desses pontos.

Organizar e percorrer itinerários sul-americanos

Uma das principais diferenças que se estabelecem entre as sujeitas que pegam a estrada é o propósito. Por exemplo, na viagem acadêmica, institucional, militante, turística, de trabalho, dentre outras que possam existir, há a coexistência de uma gestão externa, geralmente institucional, da gestão pessoal do tempo e do roteiro de viagem. Esses fatores influenciam na duração, na extensão do deslocamento e nas formas de experimentar os espaços. O *viajar* pode se concretizar de diferentes maneiras. A forma como os diversos aspectos implicam na experiência de trânsito das mulheres e os sentidos que essas viagens produzem, se relaciona com a estrutura financeira e organizacional da viagem que está sendo realizada.

Cada viagem possui uma lógica que influencia no nível de organização, a ideia de “sair por aí”, pegar a estrada, não significa uma ação desorganizada, pois não acontece necessariamente – mesmo que possa acontecer – de forma ocasional ou aleatória, pelo contrário, é uma ação planejada, uma prática de agência, e por isso é gerida com esforço para tornar-se um projeto viável a ser consolidado por meio de formas de agir e de decidir, que no caso das mulheres precisam ser desenvolvidas para lançar-se ou manter-se na estrada.

Existem as mulheres que optam por se organizar de forma que a categoria “segurança” seja a parte mais importante do planejamento, para onde direcionam muitos gastos e esforços. Existe uma “predisposição de algumas mulheres para viajar para determinado local que é mais influenciada pelas questões de segurança do respectivo ambiente do que pelos seus medos e inseguranças pessoais” (REIS, 2016, p. 79). Há outro grupo que se lança na estrada de forma mais livre, *confiando no universo* e na *buena vibra*.

Uma viagem autogerida, antes de qualquer coisa, é um processo que inicia com o antes da organização e do planejamento, propriamente ditos, embora existam níveis de organização financeira particulares em cada experiência das interlocutoras desta pesquisa. Cada lógica de viagem é construída diante de um contexto específico. Desvincular-se, temporariamente ou de forma mais duradoura, dos laços familiares e afetivos cotidianos, exige um processo de negociação e construção de novos laços, agora administrados à distância. Além disso, é necessário calcular custos e riscos.

Para as interlocutoras, a organização das viagens foi realizada de maneiras diferentes. A maioria fazia contatos anteriormente com *hostel*, *WorldPackers*, *CouchSurfing*, *Booking*, no sentido de organizar voluntariados e meios de hospedagem. A utilização desses aplicativos e plataformas de conexão movimentaram os trajetos das interlocutoras, demonstrando que os espaços de construção de uma viagem envolvem comunidades virtuais, assim como as redes de solidariedade construídas de forma espontânea.

A autogestão implica em planejar de forma autônoma as próprias estratégias de permanência e deslocamento. Dentro dessas estratégias, destaco o planejamento de “onde ficar”, sendo este anterior ao embarque, este envolve também a decisão de poupar dinheiro – para quem pode – ou de assumir a gestão de recursos no decorrer da viagem. Nesse caso, o planejamento baseado nas formas de trabalho desenvolvidas para manter-se viajando é uma das características das viagens de mochila das mulheres latino-americanas.

A organização é a etapa seguinte após romper com a fronteira do medo, pois é quando se torna necessário juntar ou economizar dinheiro, procurar trabalho, agendar *hostel*, cadastrar em plataformas, anotar dicas, fazer planilhas. Juana disse que durante o ano anterior à sua decisão de viver na estrada *fue un año de proyectar, ordenar, juntar plata, averiguar lugares, hostel, voluntariados*. Juana, Liz, Flora, Nanda adotaram a

estratégia de *ahorrar* dinheiro, além de fazerem contato antecipado com os possíveis locais de voluntariado. Dessa forma, gerir uma viagem tem vários contornos.

Para a maior parte das interlocutoras a organização traz segurança, a fase do planejamento detalhado considera a percepção da segurança pessoal, dentre outros fatores. Porém existem diferentes formas de se relacionar com esse fato. *As cidades que eu planejei assim eu planejei, eu amo planejar, mas eu descobri na estrada que eu odeio seguir meu planejamento, porque eu chegava na cidade falava: o que que tem para fazer aqui? Aonde que será que eu posso ir depois? É uma coisa que eu até falo para as meninas que vem falar comigo, as mulheres né? Que vem falar comigo sobre viajar sozinha. Tá tudo bem planejar porque a gente precisa sentir aquela segurança de já saber um pouco do lugar antes de ir, porque isso ajuda a quebrar um pouco dos nossos medos, o medo do desconhecido, então quando você conhece um pouco, você acalma esse medo. Então isso é bom, mas o ruim é se engessar nesse roteiro que a gente monta e depois não conseguir se abrir ao que a cidade tem para oferecer* (Lanna). Neste depoimento é fácil perceber que a elaboração de um roteiro é um elemento que compõe o embarque. Embora não seja um planejamento a ser seguido totalmente ou um roteiro engessado, pode ser importante para saber um pouco mais dos lugares onde está indo, e estabelecer alguma familiaridade, acalmar os medos. É um guia.

Ainda sobre os sentidos da organização, esse processo é permeado pela busca por conhecimentos prévios sobre as dinâmicas das fronteiras, que serão acrescidos aos que se constrói no decorrer dos trajetos. É importante ter conhecimento prévio dos documentos exigidos em cada país no contexto da visita, por exemplo, a Bolívia é um dos países no qual ainda é exigida a apresentação da carteira internacional de vacinação contra febre amarela. Dessa forma, os documentos pessoais tornaram-se parte da organização, principalmente nos trânsitos internacionais, pois foram acionados – ou não – conforme o país a ser visitado. No atual contexto da América do Sul, é possível usar o Documento Nacional de Identidade (DNI) ou Registro Geral (RG) – desde que tenha sido emitido em um período de 10 anos – para o controle fronteiriço entre os países do Mercosul. Além disso, o passaporte é um dispositivo amplamente aceito. Os documentos exigidos são determinados pelo contexto político e sanitário, uma vez que as regras de circulação são mutáveis.

Na viagem contemporânea os mapas e guias físicos estão sendo substituídos pelo digital, isso facilita o acesso a mapas e localizações em tempo real, este se transformou em um equipamento primordial para conexões na estrada. A conexão com a internet

possibilita o uso de diversos aplicativos que facilitam o deslocamento, a maioria dos estabelecimentos como *hostel* e restaurantes possuem conexão *Wi-Fi*. A viajante depende do uso do celular (e outras tecnologias), pois estar conectada é parte da construção da viagem, para fazer e postar fotografias nas redes sociais, compartilhar informações de localização com os amigos e familiares de confiança.

Em meio a isso e a outras informações necessárias à organização, as interlocutoras desta pesquisa construíram os itinerários em diferentes tempos, ultrapassando distintas fronteiras nacionais e culturais. Assumindo o risco, enfrentando as incertezas e os imprevistos, utilizando de estratégias que vão desde a modificação estética até formas alternativas de utilizar o tempo-espço para negociar os riscos, vencer o medo, valendo-se de formas de organização que definem o tipo de trabalho, as formas de transitar e outros fatores que constroem os itinerários.

Os depoimentos nos dão a entender que as questões de classe marcam a organização. Diferente das interlocutoras que guardaram dinheiro, as artistas de rua vão produzindo o sustento à medida que se deslocam. Assim, o roteiro direciona para uma viagem que não é muito planejada em termos financeiros, mas que se concretiza em função das negociações diárias, assim como de uma rede de informações e conexões. Esta é baseada também em habilidades manuais e intelectuais que as viajantes são capazes de aprender e desenvolver.

Liz embarcou com uma “mala de rodinhas” e voltou para casa com um *mochilão*, que comprou no Equador, onde abandonou a mala. Rosa embarcou com uma “malona” a qual foi se desfazendo durante o trajeto de retorno. Carol foi ressignificando a bagagem ao longo da viagem, mas assim como Gabi, carregava peças de malabares e instrumentos de trabalhos artesanais. As artistas de rua carregam consigo alguns instrumentos de arte-artisanaria, afinal, fazem disso a forma de ganhar dinheiro para se manter na estrada.

Un viaje diferente: voluntariando pela Argentina

Juana contou-me que antes de sua primeira viagem sozinha para a Europa, ela já havia viajado na companhia de amigas e com isso acumulou uma experiência que a auxiliou no planejamento da sua grande viagem pela Argentina. Esta, por sua vez, foi organizada com detalhes que incluíam a procura por *hostel* e outros locais para realizar

voluntariado, e também com a característica de uma viagem que não está temporalmente determinada, de longa duração, na qual muitas possibilidades vão sendo criadas no trajeto.

Figura 24- Juana no Norte da Argentina.



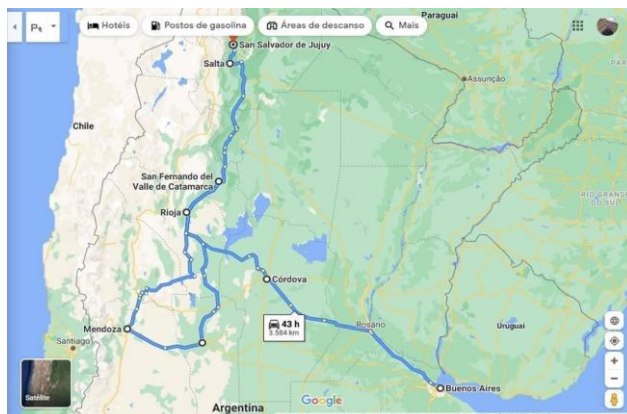
Fonte: Acervo da interlocutora. Cianotipia por Ester Corrêa.

Isso quer dizer que quando Juana embarcou na sua “viagem diferente”, já tinha certa experiência na estrada. Tomou gosto pela viagem com sua mãe, uma professora muito *viajera*, e isso a incentivava a viajar. Havia experimentado a estrada por meio das viagens internacionais diversas, em grupo e sozinha, mas sempre com tempo programado, nos interstícios da vida profissional. A viagem temporalmente definida não lhe agradava mais, havia experimentado um pouco da vida na estrada e queria viver isso por tempo indeterminado. Tinha deixado o emprego, juntado dinheiro e planejava viver na estrada. *Con todas estas experiencias sobre los hombros, y con ganas de emprender una experiencia que no esté limitada temporalmente, en 2018 tomé la GRAN decisión: - Me voy a viajar sin tiempo por Argentina. Si bien siempre fue mi sueño, dejar todo lo seguro y estable que tenía en mi vida en Buenos Aires para irme a viajar sola a los 30 años, no fue tarea fácil.* (Juana)

Assim, em 2019 embarcou na sua viagem *sin tiempo*, até que nos encontramos pelo Norte do país, onde ficou viajando por um tempo. Disse-me que não tinha muitos planos, estava viajando livremente e ia se deixar “guiar pela estrada”. Começou em Córdoba, percorrendo vários *pueblos* e a capital Córdoba, onde fez um voluntariado em um *hostel*. Seguiu para La Rioja, *fui a un pueblito y me quedé en una casa de familia, donde alquilé una habitación*, escreveu. Logo foi a Catamarca, *a unas ruinas originarias*

llamadas Shinkal y a un pueblo llamado Fiambala. Depois foi a Mendoza, capital e a San Rafael, onde fez voluntariado em um *hostel*. Seguiu para San Luis, a un lugar llamado Merlo. Luego viajé a Salta (ahí nos conocimos) e a Jujuy, a La Rioja de nuevo, a Tucumán y nuevamente a Córdoba donde hice un voluntariado en un pueblo a dos horas de la capital (Juana).

Figura 25 - Trajetos de Juana pela Argentina



Fonte: Google Maps.

Figura 26 – Mapa dos trajetos de Juana



Fonte: Ester Corrêa.

Já estive algumas vezes no Brasil durante o Carnaval, inclusive no ano de 2020, após nosso encontro na estrada. Na ocasião, embarcou para encontrar uma amiga no Rio de Janeiro. Conhecia bem o Rio, então planejava viajar sozinha pelo Nordeste e Norte do Brasil. O que não aconteceu, pois ela teve que embarcar com urgência de volta ao seu país por conta da pandemia.

Conexão México-Ecuador: trocando a mala de “rodinha” pela mochila

Liz obteve o dinheiro para empreender a viagem, com o que havia economizado durante o tempo em que trabalhou para um escritório de advocacia e, além disso, também trabalhou em um bar como garçom. Planejava comprar um carro para trabalhar, como motorista de aplicativo, mas decidiu usar o dinheiro para viajar. Como morava com os pais, conseguia *ahorrar* um dinheiro. Obteve uma quantia suficiente que a permitiu montar um roteiro pela América do Sul, uma vez que é mais barato que, por exemplo, viajar aos Estados Unidos que é o país vizinho, além de que a entrada nos países da região é muito mais fácil e a língua facilita a comunicação.

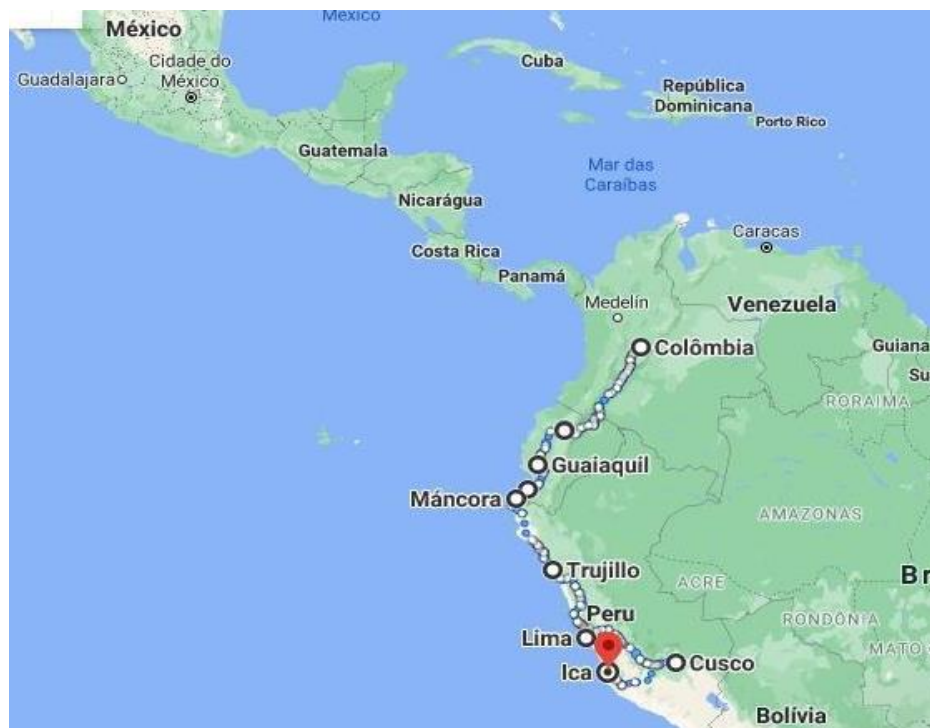
Conheci Liz em um desses encontros espontâneos em Cusco, por meio de Leo e Alejo, os dois rapazes colombianos com quem comecei a viajar desde Copacabana. Por sua vez, eles a conheceram no *hostel* em que se hospedaram. A partir desse contato, criamos certa noção de grupo, juntos planejamos trilhas e passeios. Foi durante a trilha para Machu Picchu e no decorrer dos dias que ficamos juntos, que me aprofundi nos seus trajetos de viagem e de vida.

Estava recém-chegada na cidade de Cusco e também estava fazendo voluntariado. Do México, pegou um voo sozinha até o Equador. Na sua chegada ao país, após o contato com outros voluntários do *hostel* no qual ficou, que a aconselharam a ser uma viajante menos *aniñada*, decidiu abandonar a mala que havia trazido e comprar uma mochila, que facilitava o trânsito, além de abrir mão de roupas e objetos pessoais para diminuir a bagagem em excesso. Ficou no país por algum tempo, de onde seguiu para a Colômbia com um rapaz colombiano que havia conhecido durante esse período e com quem teve um breve relacionamento. Após alguns dias no país e algumas decepções, se percebeu fazendo uma rota que desviava do seu plano original, decidiu voltar sozinha ao Equador e seguir o roteiro planejado.

A mobilidade foi possibilitada principalmente pelos trajetos de ônibus. Assim percorreu o Equador, passando por cidades como Quito e Guayaquil, chegando até a Colômbia, e retornou cruzando novamente o país, até a fronteira com o Peru. No país, esteve em lugares como Máncora e Trujillo, chegando a Cusco. A partir daí seguimos para Ica. Após nos separarmos em Ica, tomou um ônibus até Huancayo, de onde seguiu para Lima para pegar um avião até a Cidade do México, três meses após iniciar sua viagem.

Percorrer a América do Sul de ônibus era uma forma de reduzir o custo da viagem, assim como o trabalho voluntário reduzia o custo das permanências. Além disso, havia se hospedado na casa de pessoas locais por meio do *CouchSurfing*. Preferiu cercar-se de alguns cuidados: viajava de ônibus, pegava táxi e se hospedava em *hostel* prioritariamente. A forma descontraída com a qual encarava os planos e criava possibilidades a tornava uma viajante interessante, pois estava em sua primeira viagem internacional e sozinha em plena fase de descobertas.

Figura 27 -Alguns pontos no itinerário de Liz na América do Sul



Fonte: Google Maps

Figura 28 - Mapa dos trajetos de Liz



Fonte: Ester Corrêa.

Viajava sozinha, porém como é comum acontecer, conheceu muitas pessoas durante a viagem com quem compartilhou partes do trajeto por um tempo. Esses grupos espontâneos que se formam são as companhias temporárias, conectadas pelo interesse mútuo em um destino, ou ainda, pelas possibilidades de seguirem uma rota construída juntas. Assim aconteceu comigo, percorremos alguns trajetos pela cidade de Cusco e arredores, fizemos junta a trilha até Machu Picchu e o trajeto de ônibus até Ica.

Figura 29 - Liz posa ao lado das “cholitas”, em Cusco, Peru



Fonte: Ester Corrêa, 2019.

Seguimos juntas para Ica após mais de duas semanas em Cusco. Tínhamos o interesse em conhecer o deserto de Huacachina. Ela fez contato com um rapaz do *CouchSurfing* que aceitou nos receber na cidade. Assim, saímos do frio de Cusco para o calor de Huacachina, uma longa e desconfortável viagem de ônibus cruzando a paisagem andina, descendo rumo ao pacífico. Ficamos por três dias em Ica, subimos as dunas de areia para ver o oásis e o pôr do sol, dormimos gratuitamente em um *camping* elitizado, foi uma experiência marcante, porém Liz estava cansada e sentia saudade de casa. Estava decidida a voltar para casa, assim, optou por antecipar a passagem de volta. Despedimo-nos em Ica, no Peru, em dezembro de 2019. Ela conseguiu antecipar a passagem de volta para o México. Tinha planos de estudar inglês no Canadá, o que não se concretizou, devido a pandemia.

Duas irmãs de mochila pela América do Sul

Durante o processo de organização, Flora poupou o dinheiro do salário que ganhava como funcionária de um banco, e Nanda poupou o dinheiro que ganhava como funcionária de um hospital, além do que conseguiu economizar da bolsa de mestrado. Quando ambas sentiram que já tinham o suficiente, e também estavam saturadas da vida que levavam, decidiram sair de São Paulo rumo ao Piauí. Flora e Nanda já haviam deixado seus respectivos empregos, entregado o apartamento em que moravam e vendido todos os móveis e pertences: *a gente foi pra Teresina no fim do ano, acho que 2016, pra chegar em Teresina, comprar a Kombi, montar motor home e sair, três meses, quatro meses no máximo. Quando a gente chegou em Teresina, a Nanda se separou e a gente ficou: meu, e agora? A gente vai, não vai, vai, não vai, vai, não vai? Apareceu uma promoção, assim, mas uma promoção de graça para Bogotá, não para Cartagena, aí a gente falou: é agora! É agora! Ou a gente vai ou não vai* (Flora). E foram.

Antes do embarque, compraram as mochilas e uma barraca e começaram a traçar a rota. Além disso, com a experiência de bancária, Flora adquiriu cartões de créditos e construiu um planejamento de gastos. Consultaram *blogs da galera viajera, mas no fim a gente foi meio que fazendo a nossa rota. A gente queria ficar mais em cidade pequena e na casa das pessoas* (Flora). Elaboraram um roteiro, um guia, porém as estratégias e as dinâmicas dos deslocamentos, das formas de hospedagem, alimentação, da duração da viagem etc., se organizaram a partir das vivências e encontros na estrada. As percepções sobre auto segurança na estrada influenciaram a escolha dos lugares para hospedar, para ir ou não ir, etc. Assim, as experiências foram construídas entre o “seguir um roteiro planejado” e o *deixar fluir com o universo*.

Flora e Nanda embarcaram no aeroporto de Teresina, no mês de março de 2017, com destino a Cartagena, na Colômbia, em um voo promocional que apareceu de última hora. Compraram as passagens de avião, que estavam baratíssimas, para um trecho que costuma ser muito custoso. Já tinham as mochilas – e outras coisas necessárias para empreender a viagem sem tempo definido –, haviam consultado *blogs*, anotando dicas, informações, de forma que havia um roteiro traçado, mas no final das contas construíram a rota no decorrer do percurso. A preferência era buscar as cidades pequenas, se hospedar na casa de pessoas locais, procurar voluntariado.

As primeiras experiências no país foram desafiadoras, o contato cultural, a administração do tempo e do dinheiro em conjunto, dentre outros fatores, trouxeram alguns conflitos: Flora estava mais introspectiva, queria descansar, sentia ainda os efeitos do cansaço e da crise de ansiedade causadas pelo esgotante trabalho em um banco de uma metrópole, era a responsável pela organização financeira. Nanda queria festa. Era boêmia, estava solteira e queria aproveitar todos os instantes da viagem.

Figura 30 - Flora e Nanda comem sanduíches enquanto esperam por carona na Colômbia.



Fonte: Acervo das interlocutoras. Cianotipia por Ester Corrêa.

A estadia na Colômbia foi uma experiência de múltiplas camadas. Os primeiros *perrengues*, os primeiros enfrentamentos por serem mulheres na estrada, fez parte do aspecto negativo, por assim dizer. Por outro lado, foi muito difícil conseguir sair do país, o contato cultural, os encontros da estrada, as paisagens, dentre outros, eram atrativos que as fizeram permanecer até que dois motivos a empurraram para seguir para a fronteira com o Equador. Primeiro, o tempo de permanência na Colômbia estava expirando, e segundo que um amigo de São Paulo queria passar as férias com elas, planejava encontrá-las no Equador, dessa forma, então, decidiram se mover. Durante a permanência no Equador conseguiram contato com um *hostel* pelo *Worldpackers* em uma praia do litoral do país, onde fizeram trabalho voluntário, dentre tantas outras aventuras que tornaram os momentos no país uma lembrança marcante.

A passagem pelo Equador foi cheia de novidades, mas também algumas crises, daquelas de não saberem sobre o rumo da viagem. Algumas crises familiares e profissionais no Brasil as puxavam de volta. Nanda tinha que voltar ao Brasil para participar de uma audiência sobre direitos trabalhistas, além disso, os pais estavam enfrentando um conflito familiar, faziam alguma pressão para que elas retornassem ao país. Assim, quando chegaram em Lima, no Peru, decidiram que voltariam juntas ao Brasil. E iniciaram um trajeto de ônibus até São Paulo: *a gente saiu de Lima para São Paulo, a opção mais barata era de ônibus. Então a gente fez Lima - La Paz direto, em La Paz ficamos uma noite. La Paz - Puerto Quijarro. Puerto Quijarro, a gente passou a noite... vários ônibus. Foi um pra La Paz, um pra Puerto Quijarro. Puerto Quijarro a gente atravessou a fronteira a pé, pegou um ônibus em Corumbá. Aí Corumbá - São Paulo* (Nanda).

Figura 31 - Trajeto das irmãs viajantes



Fonte: Ester Corrêa.

Desembarcaram no Brasil ainda com o plano de retomar a viagem assim que conseguissem resolver os problemas pendentes. Mas cada uma tomou um rumo diferente. Diante das incertezas deixadas pela pandemia, em junho de 2022, Nanda viajou para o Uruguai, para encontrar a irmã. Desse reencontro realizaram uma breve continuidade da viagem interrompida, viajaram juntas até o Norte da Argentina. Acompanhei o reencontro e a experiência da viagem das duas irmãs por meio do *Instagram*. Flora retornou ao Brasil em agosto de 2022.

Amigas, estrada e trampo: de Campinas a Santa Cruz de la Sierra

Para Gabi, houve características particulares na forma de se organizar, uma vez que o desenvolvimento do trajeto depende da disponibilidade de trabalho. O trabalho na estrada é o principal impulsionador dos trânsitos, nesse caso não há um planejamento econômico anterior, mas sim durante. Por isso Rosa teve a atitude espontânea de quem aceitou o convite da amiga, decidiu “ir” e não se envolveu em processos organizativos, pois havia a possibilidade de conseguir dinheiro durante o trajeto por meio do trabalho, apoiada pela amiga. Embora tenha sido necessário negociar os cuidados com o filho na sua ausência.

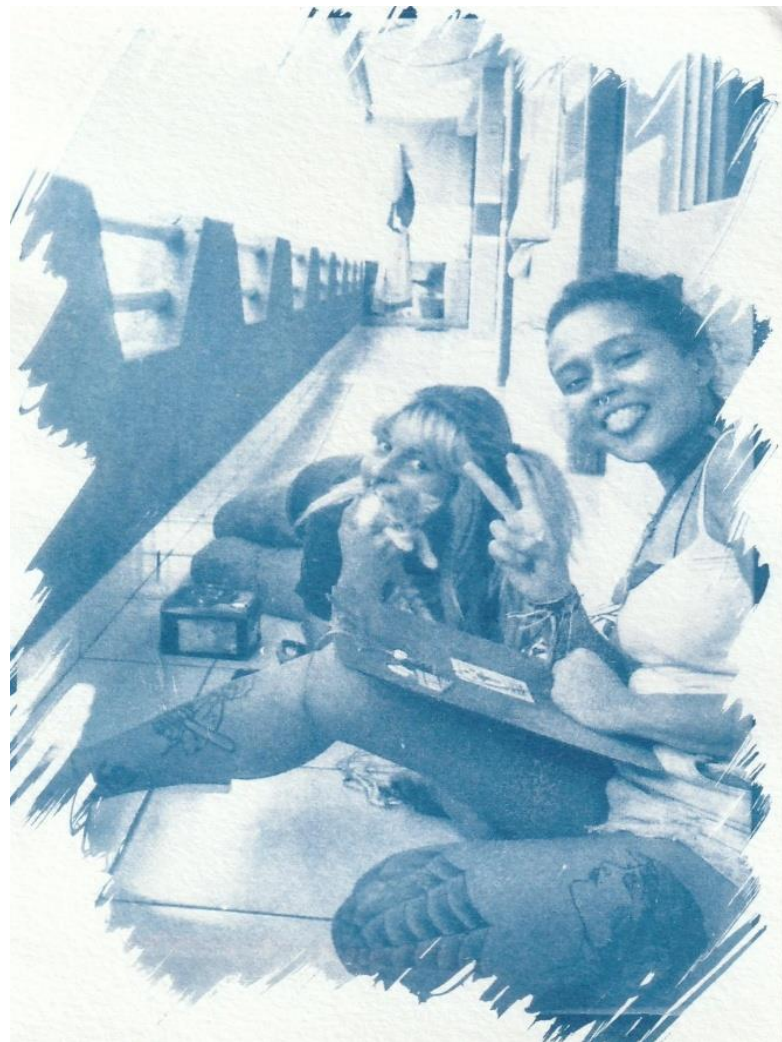
Isso dava um aspecto mais “improvisado” para a forma de viajar de Gabi e Rosa, no estilo *seja o que Deus quiser*, assim, alojamentos de baixíssimo custo, restaurantes populares, reciclagens, etc. eram parte da expectativa da viagem. *Eu organizo as rotas, listinha das cidades que tenho que passar até chegar ao destino que eu quero. Acho que é isso, de resto, nada planejado, o famoso “seja o que Deus quiser”. [...] Assim, como a viagem não é muito planejada, às vezes recebo indicações de hospedagens em alguns lugares, mas geralmente eu chego e aí vejo o que me cabe melhor nesse momento.* (Gabi).

O ponto inicial do trajeto de Gabi foi Campinas, de onde saiu com um grupo de viajantes e artistas de rua que também estavam hospedados no mesmo alojamento que a encontrei. Gabi saiu do estado de São Paulo, passou por Minas Gerais, onde encontrou com Rosa e de onde juntas, cruzaram para o Mato Grosso do Sul. No trajeto, passaram pelo Pantanal Mato-Grossense, pedindo carona em caminhões por todo o trajeto. Como estavam em grupo, havia maior segurança para pegar carona. Esse trajeto no Brasil foi marcado também pela hospedagem em albergues que recebiam viajantes como artesãs/ãos e artistas de ruas, albergues estes que são gratuitos, como me contou Gabi. As

pausas nas cidades foram necessárias para descansar e *manguear* o dinheiro para seguir até a próxima cidade.

Assim, chegaram até a cidade de Corumbá, no estado do Mato Grosso do Sul, nas proximidades da fronteira física do Brasil com a Bolívia. Fizeram a travessia da fronteira de Corumbá até a cidade boliviana de Puerto Suarez, de onde seguiram de carona até Santa Cruz. A zona fronteiriça de Corumbá-Puerto Suarez é uma importante conexão entre Brasil e Bolívia, é uma zona complexa, de trânsito intenso, se constitui como uma região metropolitana internacional composta por cidades dos dois países, além de ser uma porta de ligação entre parte do Brasil, principalmente Sul e Sudeste, e o mundo dos povos andinos.

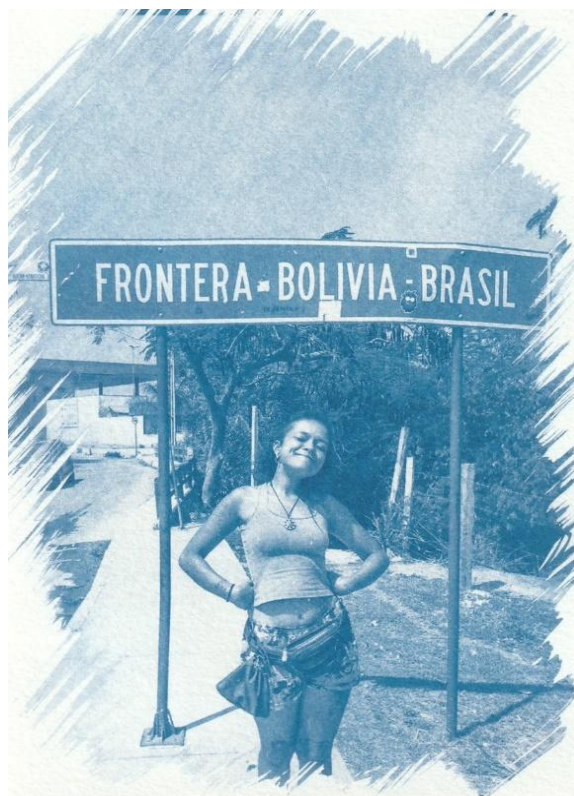
Figura 32 - Gabi e Rosa no alojamento em Santa Cruz de la Sierra.



Fonte: Fotografia digital e cianotopia por Ester Corrêa, 2019.

Por essa fronteira passaram outras viajantes, em busca de chegar até o interior da Bolívia pelo “trem da morte”³⁰, que sai da cidade de Puerto Quijarro e chega ao Terminal Bimodal de Santa Cruz de la Sierra. Essa rota é comum entre viajantes, de diferentes “estilos”, é por onde passaram, por exemplo, trabalhadoras/es bolivianos e viajantes de vários lugares do mundo em diferentes tempos e que buscavam/buscam atravessar para a Bolívia e seguir para a região dos Andes. Tornou-se um meio de transporte utilizado por viajantes, em diferentes períodos, como Ângela Xavier e a interlocutora Jak.

Figura 33 - Gabi na fronteira entre Brasil e Bolívia.



Fonte: Acervo da interlocutora. Cianotipia Ester Corrêa.

O procedimento de cruzamento da fronteira na aduana para a entrada na Bolívia não foi tranquilo para as amigas artistas, mas conseguiram cruzar a fronteira e seguiram de carona novamente até Santa Cruz de la Sierra, onde continuaram fazendo arte de rua e

³⁰ O “trem da morte” é como se tornou conhecido o trem que parte de Puerto Quijarro e chega em Santa Cruz de la Sierra. O nome está relacionado a grande quantidade de bolivianos que morreram durante a construção da ferrovia. É importante ressaltar que a construção da ferrovia tinha como objetivo a integração comercial entre os dois países, assim como possibilitou o acesso da Bolívia ao mar, através do porto de Santos, em São Paulo.

estavam se saindo bem no trabalho, apesar dos problemas com a polícia, até começar o *paro*. Desde que saíram de Campinas, passaram por 23 cidades diferentes até chegarem à Santa Cruz. O fato de terem conseguido apenas 30 dias para permanência no país as deixava preocupadas, uma vez que com a situação política, havia a dificuldade de conseguir atendimento para questões burocráticas, sentiam-se presas em Santa Cruz com o tempo de permanência quase expirando.

Figura 34 - Itinerário de ida de Gabi e Rosa



Fonte: Google Maps.

Figura 35 - Mapa do itinerário de Gabi



Fonte: Ester Corrêa.

Após uma semana de convivência em um alojamento em Santa Cruz de la Sierra, tomamos rumos diferentes. Ainda pensamos em seguir juntas para o Peru, mas a situação não as deixava seguir em frente, por isso decidiram voltar para o Brasil. Como a situação política no país se complicou, as duas tiveram que empreender o retorno até a fronteira com o Brasil. Na volta ao país, as amigas fizeram trajetos diferentes, entre caminhadas e caronas. Rosa entrou pela fronteira entre San Matias e Cárceres, no Mato Grosso. Gabi entrou no Brasil pelo Mato Grosso do Sul e traçou seu roteiro de volta pelo mesmo percurso que realizou na ida, algumas partes do trajeto ela realizou em grupo e outras sozinha.

10 meses de mochila com a prima

Quando entrevistei Jak, em 2022, estava fazendo uma viagem prolongada. Já estava na estrada há um ano, portanto, havia expirado o prazo que estabelecera para viajar. Mas não pretendia voltar, tinha outros planos e queria seguir viajando. Fazia uma viagem diferente daquela do ano de 2015, quando saiu com a prima para a Bolívia e, na ocasião, empreendeu uma viagem de 10 meses. Mas toda essa experiência ainda reverbera na forma como encara a viagem na atualidade, embora acompanhada do companheiro.

Na época, começou a trabalhar e juntar uma *grana*, considerando a América do Sul como a possibilidade mais real, dentro do orçamento que dispunha, *Compramos barraca e mochila, e saímos* (Jak). O trajeto iniciou em Cascavel, Paraná, de onde saiu de mochila e algum dinheiro economizado com o salário que recebeu durante quase um ano. O destino era Campo Grande e Corumbá, na mesma fronteira que Rosa e Gabi cruzariam em 2019, porém diferente destas, em Puerto Quijarro pegou o *Tren de la Muerte*, rumo ao Terminal Bimodal de Santa Cruz de la Sierra. A viagem de trem, embora temporalmente distante daquela realizada por Ângela Xavier, cruzava muitas fronteiras comuns. O itinerário na Bolívia incluiu Cochabamba, La Paz, Copacabana/Ilha do Sol, Oruro, Potosí, Uyuni e Villazón.

A experiência na Bolívia foi de muitas descobertas. O contato inicial com o mundo andino abriu as portas de uma percepção de pertencimento, de se sentir latino-americana, que foi especialmente marcante na autopercepção em termos de raça, por exemplo, como contarei mais adiante. Cruzou a fronteira desde Villazon, no Sul da Bolívia, para a Argentina, na cidade fronteiriça de La Quiaca. A partir daí percorreu parte do país, por Jujuy, Salta, Villa Maria e Mendoza. Esses trajetos eram realizados de “mochila e dedo”, pegando carona com caminhoneiros.

Atravessou os Andes, saindo da cidade de Mendoza, rumo a Santiago do Chile, também de carona. Desceu a *Carretera de los Caracoles* em um caminhão que transportava vinho em “caixinha” e que as deixaria no porto de Valparaíso, de onde ela e a prima retornaram até Santiago. Como a prima decidiu ficar um tempo na capital chilena, Jak se deslocou sozinha para Valdivia, onde conseguiu um trabalho temporário e ficou por um tempo hospedada na casa de um rapaz que havia conhecido em La Paz. Achou quase tudo muito “estranho” na cidade, mas também teve boas experiências, além da estadia em Valdivia visitou Puerto Montt e Pucón.

Porém chegou o instante que sentiu que deveria prosseguir a viagem. Além do mais, tudo no Chile era um pouco caro. Precisava se mover e com essa ideia retornou à capital e junto com a prima passou uns dias em Valparaíso, depois seguiram para Arica, no Norte do Chile. Essa zona fronteiriça com o Peru foi por onde transitei, anos mais tarde, no sentido inverso, durante o *mochilão etnográfico*.

Figura 38- Jak em Machu Picchu



Fonte: Acervo da interlocutora. Cianotipia por Ester Corrêa.

A cidade de Tacna é estratégica para quem deseja cruzar para o Peru, a partir daí é possível seguir para Arequipa, Ica, Cusco, que são cidades mais turísticas. Chegada no Peru desafogou a viagem, era *outra vibe*. Tudo era mais barato. *Quando eu passei a fronteira, aí eu pensei: meu dinheiro é outro*. Durante a estadia no Valle Sagrado, trabalhou por um tempo em uma pizzaria, além disso, também percorreu por Lima, onde igualmente conseguiu trabalho temporário, e de onde seguiu para Piura e Lobitos. Já estava com o período de permanência no país expirado. Além do mais, sentia que precisava resolver algumas questões pessoais no Brasil, foi quando ela decidiu empreender a viagem de retorno.

Empreendeu a viagem de volta pela zona fronteira da Amazônia. Desde a cidade de Puerto Maldonado, seguiram para a fronteira com o Brasil no estado do Acre, na cidade de Assis Brasil, assim que chegaram a Rio Branco e tomaram o rumo do Paraná. Uma vez mais de caminhão, passaram por Pimenta Bueno, em Rondônia, Sonora, no Mato Grosso do Sul, chegando em Cascavel 10 meses depois de terem partido.

Fronteiras desde a Amazônia aos Andes

Figura 39 - Júlia no limite físico entre Venezuela e Brasil



Fonte: Acervo da interlocutora. Cianotipia por Ester Corrêa.

Desde que Júlia pegou aquele ônibus da rodoviária de Manaus para Boa Vista no estado de Roraima, com destino a Venezuela, algumas coisas mudaram na sua vida. Na ocasião, teve os primeiros contatos com outros hábitos culturais, outra língua, que a deixou com vontade de voltar ao país. No ano de 2016, foi convocada no concurso público para o qual havia ido realizar a prova, precisou se mudar para Manaus, agora com uma vida financeira mais estabilizada, voltou à Venezuela de férias, com um grupo de amigos. Queria concluir o objetivo que não tinha conseguido na primeira viagem, que era chegar até a Isla Margarita.

Essas experiências despertaram o desejo de continuar viajando. “*Comecei a pesquisar outros lugares pra eu ir*” (Júlia), agora com outro planejamento financeiro que possibilitaria planos mais ousados. Um destes lugares foi a Bolívia. Com a segurança das experiências anteriores, decidiu passar o réveillon em La Paz, saindo de Manaus. Conseguiu se organizar melhor. Recebeu a grana de um fundo direcionado a professores, comprou uma passagem de avião até Rondônia. *Já fiz uma outra pegada. Eu descobri que de Porto Velho, tinha uma fronteira que dava para entrar na Bolívia, eu já me sentia mais segura porque eu já tinha feito três fronteiras na Venezuela. E eu sei que a fronteira da Venezuela é barra [risos]. Então se eu consegui fazer a fronteira da Venezuela, eu vou conseguir a da Bolívia* (Júlia).

Saiu do aeroporto de Manaus com destino a Porto Velho. A estratégia era cruzar a fronteira da cidade de Guajará-mirim. Desembarcou em Porto Velho após duas tentativas de aterrissagem em um dia 27 de dezembro. De onde seguiu rumo a fronteira com a Bolívia. Conseguiu chegar de ônibus até La Paz, desde Santa Cruz de la Sierra, onde viveu novas e diferentes aventuras, algumas eram fortes demais para ela, mesmo estando com um companheiro na época. *Fui para La Paz, fiz os passeios clássicos de La Paz, fui no Tiahuanaco, eu queria chegar no lago Titicaca, mas não consegui chegar lá no lago Titicaca, o dinheiro não deu e aí o tempo não dava também porque a gente tinha que voltar. Aí voltei... voltei, fiz todo o trajeto até chegar a [...] Santa Cruz de la Sierra. E vim de ônibus até Belém [risos] na guerra* (Júlia).

Ela contou que ficou com *essa sede de querer mais*. Para as férias seguintes, planejou uma viagem ao Peru. Mas dessa vez *eu fui sozinha e aí já era um lance que queria ir sozinha*, não queria novamente viajar com um *boy*, tinha que ir lá e experimentar sozinha. Era um presente de aniversário para si mesma. Além disso, nesse entremeio, já

havia viajado sozinha para a Europa, fez uma escala em Madrid e Paris, e rodou um pouco pela França.

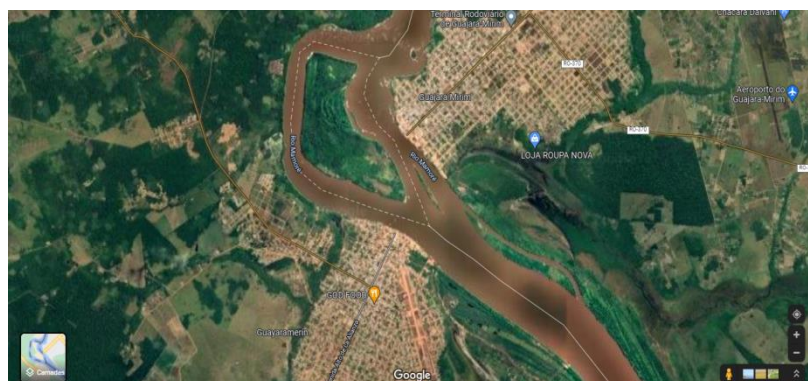
Júlia me contactou pelo *Instagram* para pedir dicas sobre a cidade. Contou-me que estaria viajando sozinha para o Peru em breve e precisava de algumas dicas de hospedagem e turismo. Havia comprado uma passagem aérea para Lima, onde foi recebida por uma anfitriã do *CouchSurfing*, e em seguida seguiu para Cusco. Dois meses após minha saída de Cusco, ela chegou na cidade e se hospedou no mesmo *hostel* que eu havia me hospedado e realizado o voluntariado. Foi para Puno, voltou para Cusco, retornando para Lima, e depois Belém.

Figura 40 - Desenho de alguns itinerários de Júlia



Fonte: Ester Corrêa.

Figura 41 - Fronteira entre Brasil e Bolívia



Fonte: Google Maps.

Sete meses sozinha de mochila pela América Latina

Lanna era a primeira do grupo de amigas que faria uma viagem sozinha. Não tinha referências, não tinha a quem perguntar sobre mochila, bota, e uma série de aparatos que se faziam necessários como equipamento pretendido para a viagem. Procurou pela internet, mas se deparava com um conteúdo que estava fora de sua realidade, como disse. Não eram equipamentos para *pessoas comuns*. Alguns entraves antes do embarque, como o final do namoro, a impulsionava a seguir com o plano. *Nessa época eu tava com namorado, eu falei para ele que eu queria fazer e em nenhum momento eu tinha falado de terminar nem nada, ele não me apoiou: “Que perda de tempo, perda de dinheiro, a gente pode pegar esse dinheiro e fazer não sei o que, a gente pode ir junto não sei onde!” Eu falei, não, você não tá entendendo, eu vou, isso é um comunicado, eu estou te informando que eu vou fazer. Aí eu contei para minhas amigas e minhas amigas foram muito receptivas, assim cada uma tem um papel importante nessa minha jornada.* (Lanna)

Antes do embarque, as *viajeras* adquiriram algum tipo de equipamento, uma escolha que depende da região a ser visitada, do tipo de viagem e da disponibilidade de dinheiro. A mochila cargueira é um objeto bastante valorizado, além da câmera fotográfica e o celular. A mochila tem a função prática de transportar coisas, mas também transporta ideias e significados. Além de ser um item importante para as mochileiras, pois tem um significado especial, uma vez que simboliza a relação da pessoa com um estilo

de vida. Cria-se um afeto e cada uma pode ser decorada à maneira da dona. A questão do valor simbólico da mochila é influenciada também pela classe, uma vez que uma mochila cargueira custa caro e pode demonstrar status entre alguns grupos de viajantes.

Lanna lembrou que: *eu fui, comprei minha primeira mochila, fiz tudo errado, a mochila. Conteí pros meus pais que ficaram com muito medo obviamente, e não entenderam o que eu tava fazendo, mas minha mãe no fundo me apoiou, ela assim, ela perguntou: “tem certeza disso? Assim de onde saiu isso? De que você tá querendo fugir?” Acho que essa é uma pergunta que muitas pessoas que vão fazer mochilão ouvem. Homens e mulheres... A mãe me ajudou muito a fazer a mochila, ela me mandava: - óh, Lanna, falaram que é bom ter uma segunda pele, porque nos países andinos é frio à noite, então você vai precisar na trilha, ela super pesquisando e me ajudando sabe? Muito fofa, muito fofa.*

Além da mãe, as amigas também foram presentes nesse processo de organização. Uma das amigas foi daquelas com quem dividia as dúvidas e ideias sobre as possibilidades de comunicação na estrada, plano de saúde, por exemplo, e que *ficava cuidando de mim, me protegendo antes mesmo de cair na estrada. E mais, eu tava com muito medo também, assim, as pessoas estavam me motivando, as pessoas estavam mais me motivando do que me dando medo, a não ser minha vó, minhas tias* (Lanna).

Essa jornada iniciou oficialmente em uma das plataformas de embarque da rodoviária Portuguesa-Tietê em São Paulo, como já contei. Logo no embarque, ou melhor, dentro do ônibus, Lanna conheceu uma viajante brasileira experiente, que viajava sozinha há um tempo. Ela foi uma espécie de “guru iniciadora”, pois apesar da pouca idade, a experiência na estrada a guiava. O trajeto foi se desenvolvendo muito mais fora do que dentro do roteiro organizado, da lista de cidades que havia feito. No primeiro dia de viagem, já havia quebrado as três promessas que fez para sua mãe, seguindo as trilhas de uma das rotas clássicas de mochileiras e viajantes da região. Durante a entrevista, Lanna desenhou a rota que fez até o retorno ao Brasil, quase um ano depois.

Eu comecei no Uruguai, do Uruguai eu fui para Argentina Argentina- Chile, Chile - Bolívia e aí Bolívia voltei para o Norte da Argentina. Havia dormido durante o trajeto de ônibus da Argentina para o Chile, eu dormi na fronteira e não peguei meu carimbo para sair, estava preocupada em pagar uma multa caso voltasse ao país. Queria evitar a dor de cabeça que seria a burocracia para resolver esses assuntos legais. Além disso, queria aproveitar para conhecer o Norte do país. Ela contou que foi de carona de Potosí até Salta, que aí em Salta eu e o cara – um amor de estrada que eu conheci – a gente

alugou um carro na Argentina [...], da Argentina voltei para Bolívia, da Bolívia eu queria passar para o Paraguai, só que era muito complexo passar por terra e tudo mais, aí eu falei: ah, então o Paraguai vai ficar para uma outra oportunidade (Lanna).

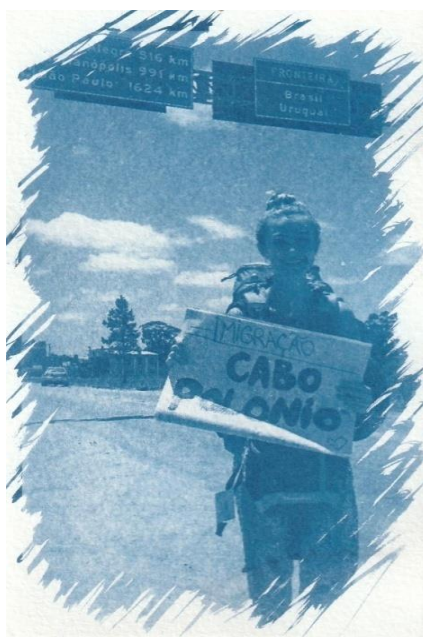
Decidiu seguir para o Peru, em seguida para o Equador, passou pela Colômbia, em seguida Panamá. Na América Central percorreu Costa Rica, Nicarágua, Honduras, Guatemala, chegando até o México, de onde retornou para o Brasil. O único país da região central que não percorreu foi El Salvador. Contou que estava com pressa para chegar ao México – onde encontraria com amigos –, assim, decidiu “*pular*” o país.

Figura 42 -Os trajetos de Lanna pela América Latina.



Fonte: Ester Corrêa.

Figura 43 - Lanna pedindo carona para Cabo Polônio, Uruguai.



Fonte: Acervo da interlocutora. Cianotipia por Ester Corrêa

Sozinha é outra vibe: Um rolê da Patagônia à Chapada Diamantina

A primeira viagem sozinha de Carol foi pelos Andes. Nas férias da faculdade, colocou em ação o planejamento que havia feito silenciosamente para o próximo *rolê*. Nessa ocasião, foi para a Bolívia: *fui sozinha, cruzei fronteira, fiquei unos dias lá, fui para o Peru e no caminho conheci muitas pessoas. Porque quando tu vai sozinha, é outra vibe. Eu fui tudo de carona. Essa viagem foi meus primeiros rolês assim de, só carona, assim sozinha.* Após um mês no Peru, onde conheceu uma *galera massa*, decidiu seguir a dica da galera e chegar até o Equador. A viagem ia se desenrolando conforme ia adentrando os lugares.

Quando Carol voltou dessa viagem, havia transformado sua forma de perceber o mundo. Queria viver na estrada. Era uma decisão interna, daquelas que não contaria a ninguém. Não queria mais a vida em Buenos Aires, *me dei conta que eu não queria morar mais lá, o que tô fazendo lá?* Retornou às aulas na universidade, apesar das muitas mudanças estava determinada a concluir a graduação e depois pegar a *ruta*. *Eu voltei. só que eu cheguei quase no último dia que... eu tinha pra faltar, eu cheguei assim: não, eu não quero estar aqui, mas eu vou terminar tudo o que eu tinha pra fazer, que era a universidade. Eu sabia que já ia embora uma vez que eu me formasse só que eu não falei*

pra ninguém, a galera pensava que eu ia viajar depois, mas... aí, eu me formei, eu deixei tudo e fui embora, fui pra Patagônia argentina (Carol).

Depois de formada, pegou a mochila e uma barraca e embarcou para a Patagônia, no ano de 2017. Queria conhecer os lugares sobre os quais havia lido nas aulas de turismo. O conhecimento sobre o destino no país facilitava o desenrolar da rota: *como eu estudava Turismo, também tinha as informações na minha cabeça, eu sabia o que tinha no país, assim, de recomendação, eu estudei bastante também, os parques nacionais tudo, eu tava bem nessa vibe de viagem: parque nacional, natureza, animais, toda nessa vibe. E foi como: já era, vou pra Patagônia, pronto, nem sei quando volto.*

Pegou um ônibus até Baía Blanca, que *es o finalzinho da província de Buenos Aires*, fica aproximadamente a 700 km. Foi o único ônibus que pegou nesse trajeto. Após isso, *fui de carona, tudo carona, peguei um ônibus só pra sair. Fui embora.*

Todo mundo: - já vai viajar? Tu se formou agora e já vai?

Eu falei: eu vou, eu quero ir embora, eu queria ir embora!

Eu precisava sair de lá, eu queria, eu tinha no coração que eu queria ir embora já não queria morar mais lá, eu já queria ir pra outros lados, outros lugares.

Seguiu rumo ao Sul do continente. Tudo de carona, *eu nem acredito que eu fiz.* Ficou um tempo acampando na região. Dormia de barraca ou dormia na casa de algum anfitrião do *CouchSurfing*, a comida, ela dava um jeito e se virava com alguma grana que havia juntado com o trabalho. Mas não era muita, então, *economizava todo o posible de barraca, hospedagem, ou sea, eu botava a barraca em qualquer lugar.* Nesse trajeto, visitou várias montanhas, acampou em vários lugares, fez muita trilha, segundo ela, *fui a lugares incríveis, conheci lugares que eu queria conhecer e aí foi uma viagem, que foi tipo 4 meses, 5 meses.* Quando começou a nevar na Patagônia, era hora de ir embora.

Assim cruzou para o Chile, desde a cidade de Mendoza. Era um instante de *inseguridade*, pois precisava de alguma atividade que a mantivesse na estrada, a grana que conseguiu juntar já estava acabando, então, *eu tinha que me jogar a fazer.* Em Santiago de Chile foi acolhida em uma *Casa Okupa*, onde morou um tempo. Estava em um dilema, o que realmente queria fazer? Para onde queria ir? Começou a aprender a tocar violão. Logo depois já estava fazendo música na rua. *Tuve que me jogar nos ônibus a cantar.* Fazia parceria com um rapaz chileno, que foi seu companheiro por um tempo. Viajou novamente até a Bolívia. Da Bolívia foi para o Paraguai, sozinha. Alternava as

viagens sozinhas e as viagens com o parceiro. Cruzou por Misiones na Argentina, e entrou no Brasil. Ficou um tempo pelo Sul e Sudeste do país. Decidiu que queria conhecer a Amazônia.

Seguiu sozinha pelos Estados de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Rondônia de onde pegou um barco para percorrer o Rio Amazonas, que era como um sonho. Desde Manaus pegou um barco até Santarém, morou um tempo em Alter do Chão, depois chegou até Macapá, de Macapá para Belém. Seguiu percorrendo o centro do país, no sentido Sul, voltando para o Paraná, junto com o parceiro que havia ido a encontrar. *É que o parceiro depois chegava, ele fazia o [rolê dele] e depois chegava no lugar* (Carol).

Não queria ficar muito tempo no Sul do Brasil, então seguiu sozinha para o Uruguai. Do Uruguai foi para Buenos Aires, uma visita rápida aos familiares e seguiu para o Chile onde morou por um tempo em 2019. Novamente estava no dilema sobre o que realmente queria fazer na vida. Nesses aprendizados de viagem, havia se apaixonado pelo circo e estava treinando tecido e outras habilidades.

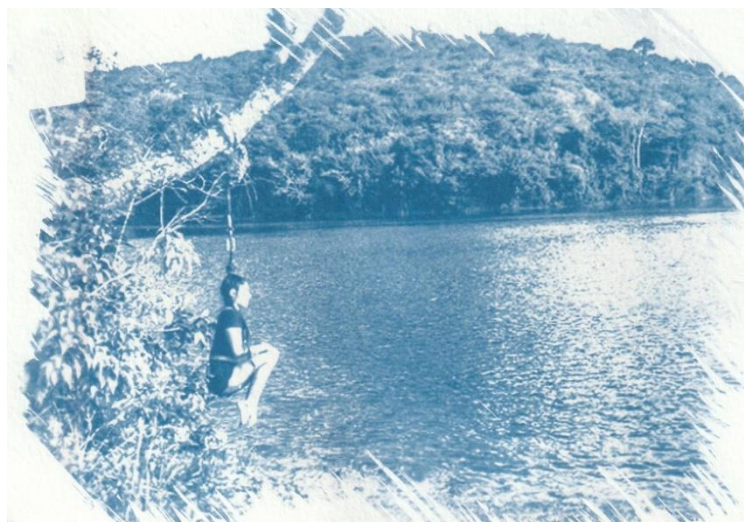
Figura 44 - Desenho de alguns trajetos percorridos por Carol.



Fonte: Ester Corrêa.

Foi atraída novamente ao Brasil pelas convenções de circo – encontros de artistas circenses – no Nordeste do país. No final de 2019 desembarcou novamente no Brasil, agora em Pernambuco. Após a convenção, ficou para o carnaval em Olinda *fui ficando em Olinda, fui ficando, pegou a pandemia, quando pegou a pandemia, eu falei já era!* E assim morou em Olinda por um tempo, mas também *dava rolê* pela região. Tinha uma base, mas viajava por locais próximos, como a Praia da Pipa, e retornava. Nessa época já pensava em parar de viajar. Ficou um período longo em Olinda, mas sentiu que era hora de deixar a cidade, queria novos caminhos. Seguiu pelo interior de Pernambuco de ônibus, utilizando o benefício do ID Jovem, realizando oficina de tecido, passou também pelos estados do Ceará e Piauí, onde ficou morando um tempo em Teresina.

Figura 45 - Carol em performance de suspensão no Brasil



Fonte: Acervo da interlocutora. Cianotipia: Ester Corrêa.

Ainda visitou o Maranhão, antes de seguir para o estado da Bahia. Na Chapada Diamantina, de onde pretende sair para visitar a família, que não vê há três anos, *se sigo assim, vai a passar quatro*, já estava há três meses no Vale do Capão, morando com uma amiga que conheceu na vila. Assim, seguiu no Vale, onde pretendia ficar por três meses, porém já está há muito mais tempo do que o planejado.

Essa rota que Carol foi desenhando pela América do Sul, foi costurada entre idas e vindas, com um tempo de permanência longo no Brasil, como demonstra o mapa acima. É possível perceber, por meio das linhas desenhadas, uma cartografia que atravessa

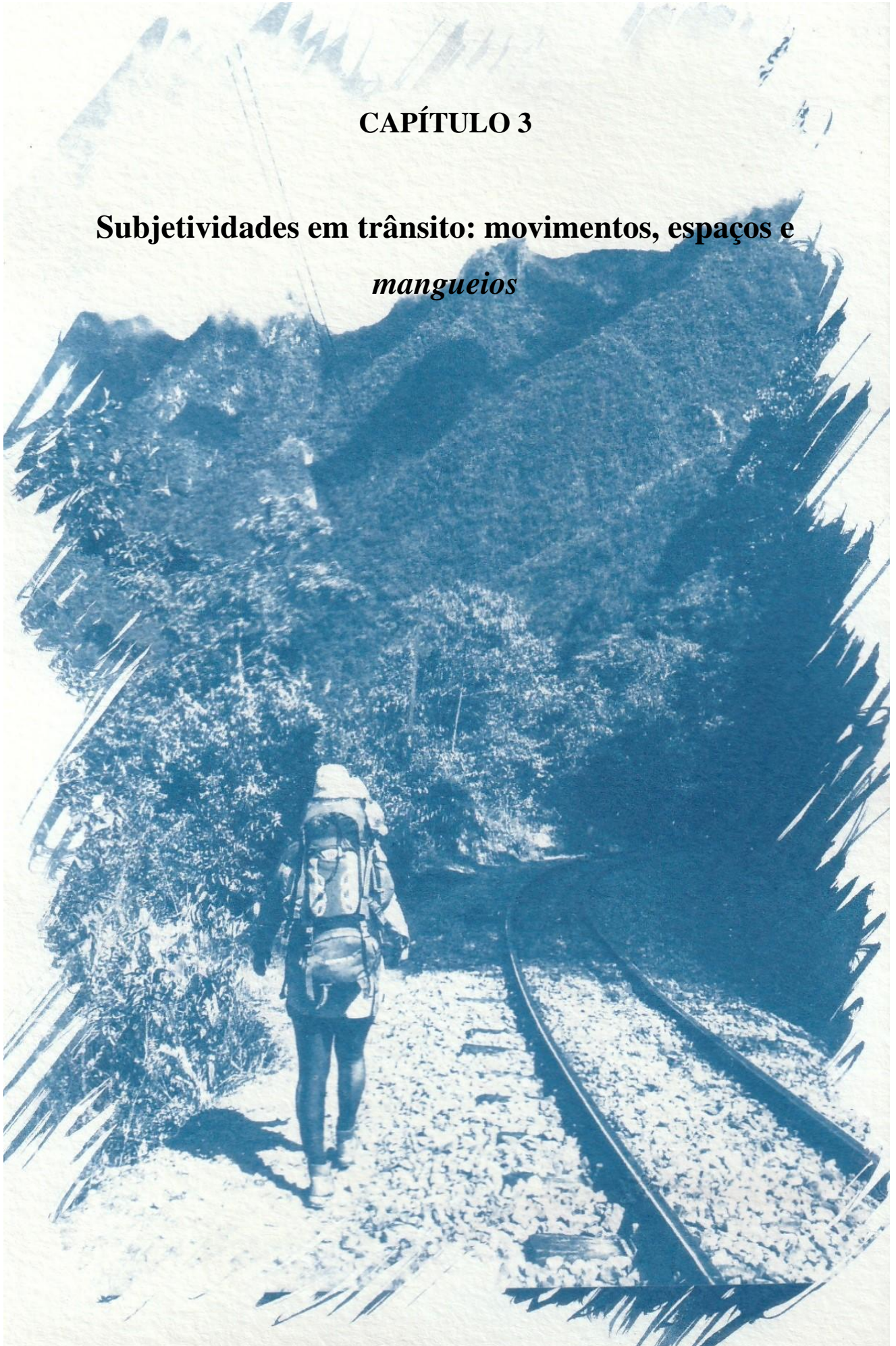
regiões, utilizando diferentes formas de transitar entre os países, que desafia qualquer construção sobre a domesticidade dos corpos das mulheres.

Os itinerários das interlocutoras permitem perceber a dimensão dos trajetos percorridos, em termos espaciais e também subjetivos. Esses pontos de uma rota, que é estruturada conforme vários fatores, dizem sobre as fronteiras que elas ultrapassam. Pela perspectiva subjetiva, encarar o medo construído permite formular sobre os aspectos subjetivos das fronteiras, como esse espaço de possibilidade e de construção de subjetividade, como considera Glória Anzaldúa, pois envolve agencialidades, organizações, elaborações outras sobre si. Quando estas colocam uma mochila nas costas e saem em uma viagem que dura quatro anos ou quatro meses, elas jamais voltarão para casa sendo as mesmas pessoas, e esse incremento em si mesmas é fruto desses trânsitos. Os deslocamentos culturais pelos quais as subjetividades de mulheres viajantes latino-americanas são atravessadas, refletem as diferentes maneiras que estas se dispõem a cruzar fronteiras no mundo contemporâneo. Isso será explorado de forma mais específica no último capítulo.

Pela perspectiva espacial, reconstruir itinerários demonstra a formação das rotas a partir dos países por onde transitam, que lugares/espacos ocupam e de que maneira transitam, ou seja, como os trânsitos em si são construídos, que é do âmbito dos deslocamentos físicos e das estratégias de mobilidade. Para a formação desses itinerários alguns fatores são considerados: a existência de transporte, lugares para a visitaçao, lugares de repouso, de baldeaçoes, de alimentaçao, de trabalho, etc. Esses pontos na rota não são estáticos, ao contrário, são dinâmicos, mutantes e podem se ressignificar. Esses aspectos serão explorados no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 3

Subjetividades em trânsito: movimentos, espaços e *mangueiros*



Cusco, Peru. Novembro de 2019. Liz desembarcou na rodoviária da cidade, após um cansativo trajeto de ônibus desde Lima. Já estava se acostumando às longas viagens por terra desde que desembarcou no aeroporto de Quito. Enfim, chegava ao destino. Pegou um táxi com direção ao *barrio* San Blas. Desembarcou o mais próximo possível do endereço do *hostel* onde faria voluntariado. Subiu os infindáveis degraus da escadaria que levava até a parte de cima do *barrio*, de onde tinha uma visão espetacular da cidade, mas a um custo bem alto. Começava a faltar o ar. Quando cheguei na cidade, também subi todos aqueles degraus com o *mochilão* pesado nas costas. A elevação de 3.399 metros de altitude deixava o ar rarefeito. A famosa altitude dos Andes. Acredito que, assim como eu, Liz começou a se perguntar desde ali se queria realmente subir aquelas escadas todos os dias sozinha, e se o bairro não parecia um pouco “estranho”. Porém, Liz já tinha confirmado o voluntariado pelo site do *WorldPackers*. Prosseguiu. Chegou no alto e conseguiu encontrar com certa facilidade o *hostel*. Logo na entrada viu as paredes coloridas grafitadas e uma *hamaca* armada. Foi acomodada em um dos quartos coletivos. Não gostou muito do lugar. Eu também não gostei muito. Pareceu-lhe desorganizado, além de distante do centro, também um pouco sujo. Imediatamente, assim como eu, decidi que não queria ficar ali: eu fui em busca de um outro mais próximo do “chão”, ela foi em busca de outro *hostel* que a aceitasse como voluntária.

Nesse mesmo dia, à noite, na cozinha do local, conheceu uma dupla de músicos colombianos. Os mesmos rapazes com quem eu viajava desde a Bolívia, e que me levaram para conhecer o lugar um dia antes. Não era um dia bom para ela, eles perceberam o ar um pouco triste e tentavam melhorar o desânimo que sentia naquele instante. Olhou o celular, havia uma mensagem no *chat* do *Facebook*: era do *hostel* contactado. Havia sido aceita para voluntariar. Ofereceram uma vaga para servir o café da manhã. Imediatamente avisou ao dono do *hostel* em que estava que não ficaria. No dia seguinte juntou o mochilão vermelho, que havia comprado no Equador, e desceu todos aqueles degraus do *barrio* San Blás até aos arredores da Plaza de Armas. Foi caminhando entre as lojinhas de artesanato *ubicadas* nas proximidades do ponto turístico mais conhecido e badalado da cidade, até que adentrou uma porta de vidro de um antigo casarão de arquitetura colonial espanhola, como todos os prédios dessa região, se apresentou na recepção e em seguida foi acomodada em um minúsculo quarto, no segundo andar, nos fundos do prédio, próximo aos banheiros. Ali tinha duas camas beliches, porém ela ficaria sozinha no quarto, ocupando um dos beliches. O outro beliche seria ocupado por mim, alguns dias depois.

Habitar a estrada

Viver a vida em deslocamento é uma das muitas formas de habitar o mundo. Ingold (2007) argumentou que habitar é participar do processo contínuo de criação do mundo, contribuindo com sua textura e com a sua trama. Isso exemplifica que a vida acontece durante o deslocamento. Dessa forma, a viajante que está em constante movimento, é na verdade, o próprio movimento. Traçando uma linha que – tomando emprestado de Ingold –, equivale a um estilo de viagem. Para o autor, “o conhecimento que temos de nosso entorno é forjado no próprio curso de nosso deslocamento por ele, na passagem de um lugar para outro e na mudança de horizontes ao longo do caminho”, por essa perspectiva, as/os viajantes experimentam “a integração do conhecimento ao longo de um caminho de viagem” (INGOLD, 2007, p. 88, tradução da autora). Isso me permite acreditar que o trajeto é lugar de aprendizado. Um aprendizado móvel, que acontece à medida que os espaços e lugares revelam suas temporalidades e historicidades.

Experimentar o espaço revela as maneiras como o gênero é construído e percebido (MASSEY, 1994). No caso das mulheres viajantes, a variação espacial das relações de gênero, implicam nas experiências de mobilidade e permanências, nas relações do trabalho que se estabelecem na estrada, enfim, nas formas de se relacionar com o espaço, produzindo diferenças na experiência espacial. Isso quer dizer que a estrada é um espaço físico e também cultural. Quando uma pessoa, ideia, objeto se movimenta, não é um movimento apenas espacial, é também temporal. Para caminhar por esse espaço é necessário compreender que não estamos caminhando por uma superfície vazia: “você não está apenas viajando através do espaço ou cruzando-o, você o está modificando um pouco” (p. 175). Uma vez que o espaço é produto das relações sociais, nosso movimento altera, de alguma forma, a constituição do espaço (MASSEY, 2008).

Percorrer um espaço é ir além da representação espacial dos mapas e das imagens, que por vezes podem representar um espaço coerente e ordenado, é viver as incoerências, os desajustes, a desordem das coisas. O deslocamento espacial assume características próprias, uma vivência que se liga com “à coleção de histórias entrelaçadas das quais aquele lugar é feito” (MASSEY, 2008, p. 176). Cada trajetória, cada trânsito por esse imenso espaço que é “a estrada” ou *la ruta*, impulsiona a dinâmica do movimento humano. O movimento das mulheres, pode ser repleto dessas incoerências e/ou desajustes espaciais. Uma experiência que não cabe nos mapas, ou em outras representações.

Se cada espaço tem seu próprio tempo e os lugares possuem valores simbólicos, como considerou Massey (2008), as narrativas são disputadas nestes. As formas de transitar entre homens e mulheres são diferentes. Como as mulheres se movimentam por entre-lugares? Quais as zonas e aduanas fronteiriças que percorrem? Como/onde elas permanecem nos lugares? Para as interlocutoras desta pesquisa, esse deslocamento espacial aconteceu de forma distinta, como apresentei anteriormente ao desenhar os trajetos. Todas fizeram seus trajetos de maneiras diferentes, cada uma traçou sua linha particular ao passar pelos lugares, ao cruzar as fronteiras. Até nos encontrarmos.

Para as interlocutoras, as formas de transitar produziram/produzem histórias particulares. Movimentar-se de carona ou de ônibus, marca a diferença no espaço. Assim, os meios de deslocamentos são, por um lado, escolhas particulares, mas não deixam de ser moldados por questões de classe e raça, percebidos a partir da concepção sobre o país a ser visitado. Por exemplo, países como Argentina e Uruguai são percebidos como mais tranquilos para pegar carona, enquanto Peru e Bolívia são considerados mais perigosos. Por outro lado, estes últimos são percebidos como baratos para viajar de ônibus. Carol contou que pegou ônibus na Bolívia e no Peru, pois para ela *lá tem muito machismo também*, quando ela foi se *dando conta no caminho, era bem chato pra mim*, dessa forma, *pegava ônibus*, pois além de ser *muito barato o ônibus, tu pode conversar com a galera*. Nesse sentido, independente do dinheiro que a viajante tem disponível – ou não –, a opção por viajar de ônibus, por exemplo, é uma percepção de gênero no que diz respeito à segurança pessoal, mas que também é influenciada pela classe.

Dessa forma, as tramas fronteiriças vão se desenrolando pela região, utilizando de ônibus, vans, caminhões, carros e outros transportes peculiares – por exemplo o *chicken bus* na América Central –, aparecendo assim as diversas formas de movimentar-se entre os lugares. As rodoviárias, os postos de combustíveis, margens de rodovias, dentre outros, são lugares de embarques, a partir de onde os lugares se conectam. Além desses, outros meios de deslocamento espacial de baixo custo são utilizados, como a bicicleta e a caminhada, por exemplo, para longos e curtos trajetos. As particularidades e as agências de cada viajante revelam significados das posições na vida vivida e na vida em trânsito.

Os ônibus urbanos, barcos, táxis, mototáxis, trens, metrô, Uber, também fazem parte da rede de transporte que impulsiona as dinâmicas nos e entre os lugares, formando uma rede na qual tudo que se move se torna uma possibilidade para transitar entre fronteiras. Essas redes de mobilidade cotidiana das cidades latino-americanas (JIRÓN; SINGH, 2017) são parte da experiência extraordinária, caracterizando-a como uma

experiência de mobilidade mutante e adaptável de acordo com as realidades locais. Cada contexto, uma adaptação. No Peru, os *tuc-tuc*; na Bolívia, o trem; na Guatemala, o *chicken bus*. Experimentar o cotidiano local torna-se parte dessa experiência de se deslocar pelo espaço sul-americano.

Como exemplo particular, embarquei em um avião do Brasil à Bolívia, depois em um *truffi* para chegar de El Alto até o lago Titicaca. Atravessei a fronteira para o Peru a pé, mas do outro lado da aduana precisei pegar um *tuc-tuc* para chegar até ao ponto da van, que me levou até Puno. Nessa cidade, embarquei em um ônibus que me levou até Cusco. Em Cusco, utilizei do táxi e fiz vários trajetos a pé. Desde aí, me movimentei de ônibus. No final, o trajeto foi desenhado pelo uso diverso de meios de transportes. Essa diversidade de formas de se movimentar também marcou o itinerário das interlocutoras. E cada uma tinha uma história envolvendo a experiência do deslocamento.

Os trajetos e deslocamentos de um lugar a outro não é algo dado, nem uma experiência universal, ao contrário, é complexo, pois é mediado por diferentes sistemas de transportes, e outros recursos, que formam uma rede de conexão. Os usos destes são relacionais. Acontecem de acordo com os sujeitos que deles fazem uso. É isso que dá margem para pensar por uma perspectiva de gênero. Os sentidos de lugar também são produzidos nesse movimento entre-espacos que cria também significados no tempo.

Tão importante quanto o movimento são as paragens. Isso dá outros sentidos à ocupação espacial dos/nos lugares, pois produzem estéticas outras às cidades, mobilizam formas de trabalho e outras formas de estabelecer relações e interações sociais, das quais as percepções de gênero não estão excluídas. A seguir proponho explorar a experiência espacial das mulheres nesse movimento por entre fronteiras no que diz respeito às diferenças produzidas por meio do uso de transportes, da dinâmica do trabalho e das estratégias de hospedagem.

Movimentos por entre as fronteiras sul-americanas

Entre as várias fronteiras que esta etnografia cruzou, as fronteiras físicas transnacionais e interestaduais, são as que gostaria de trazer aqui para tratar da relação de movimento entre a antropologia e o espaço geográfico. Afinal, esta etnografia é, assim como a própria viagem, uma artesanaria que vai se costurando entre rodovias, ferrovias, aduanas, postos fronteiriços, os quais são socialmente e politicamente organizados de acordo com o ideário de construção dos estados nacionais, embora não apenas.

Nesse transitar transfronteiriço, a complexa organização social da região é parte do que determina como chegar, de onde sair, para onde ir, etc., pois os regimes de mobilidades (HANNAM; SHELLER; URRY, 2006) são caracterizados também pelos modelos políticos, pela organização das instituições, pelas relações sociais, etc. Jhon Urry, Doreen Massey, Bianca Freire-Medeiros, Paula Jirón têm chamado a atenção para a possibilidade de pensar as relações sociais e como estas implicam nos regimes de mobilidade, de forma que é possível articular como os marcadores sociais são fatores limitantes ou excludentes dos movimentos. Nesse sentido, Navia; Esguerra Muele; Padovani (2020, p. 15) reforçam que “os sentidos atribuídos às mobilidades transnacionais, portanto, são inescapavelmente embebidos pelas intersecções de atributos como gênero, raça, classe, nacionalidade, geração, sexualidade.”.

De acordo com Freire-Medeiros; Lages (2020, p. 131) “nem todos se movem com a mesma velocidade ou podem ativar rotas confiáveis e seguras; poucos têm capacidade de gerenciar seus deslocamentos, físicos ou virtuais, de acordo com seus interesses”. Dessa forma, a questão da desigualdade de acesso e a exclusão social é importante da parte da análise das mobilidades transnacionais na América Latina. Interessa-me descrever como as mulheres aqui apresentadas experimentam os movimentos entre lugares, ainda dialogando com Navia *et al.* (2020), no sentido de analisar as desigualdades nas mobilidades a partir das práticas de subversão e agência dessas sujeitas transfronteiriças.

Com relação à presença das mulheres nas estradas, isso tem desestabilizado alguns limites e borrado algumas fronteiras entre “as sujeitas que podem” estar nas estradas, e “as que não podem”. Possibilitando refletir sobre mobilidades e imobilidades. É isso também que tem dado uma outra dimensão à ideia de que as fronteiras são inventadas. Viajar é descobrir a porosidade das fronteiras. Viajar é aprender sobre as formas do continente. Quando as mulheres viajam, elas movimentam as linhas fronteiriças.

Para uma viajante, dialogando com Ingold (2007), as paradas que ligam um destino a outro não são apenas traços de movimento, “mas conectores de ponto a ponto” (p. 79). Os pontos, os nós, as paradas são conectores. As permanências que esses pontos proporcionam (ou oportunizam) produzem os próprios sentidos, uma vez que são lugares de articulações, de projeções, e acima de tudo, de aprendizados subjetivos. Movimento e permanência se conectam desde os lugares. A vida é vivida ao longo da rota. As viajantes desenham uma “linha de vida” quando transitam pelo espaço e pelos lugares.

Há um caleidoscópio de perspectivas para olhar as fronteiras transnacionais. De acordo com Agier (2015), as fronteiras podem ser “apreendidas do ponto de vista do espaço, do tempo e das relações”. (p. 195/196), ou seja, estas têm dimensões temporais, espaciais e sociais, são construídas de forma simbólica, não são naturais. Para Fassin (2011) a consolidação de fronteiras e a demarcação de limite são cíclicos, as tensões globais acentuadas no século XXI refletem em restrições na mobilidade de pessoas, então aparecem os muros construídos em diversos níveis, globais ou locais, nas fronteiras externas e internas. Nas últimas décadas, ainda segundo o autor, tem aumentado o controle nas fronteiras, principalmente de países mais ricos, para controlar os processos de migração. A hostilidade com alguns grupos dialoga com Facundo (2017) no sentido de que há a construção de categorias de sujeitos que são bem-vindos e os que não são, nas fronteiras. Assim, a fronteira fabrica o *status* das pessoas.

Isso se relaciona com a forma que se constituíram politicamente os países da região, uma “tragédia de equívocos”, como disse Quijano (2005), pois os Estados-nações excluíram indígenas, negras/os e mestiças/os – dentre os quais as mulheres foram as mais atingidas – dos processos institucionais e de organização política. Nesse sentido, no nosso continente os fluxos também se organizam de maneira desigual, como herança do modelo político ocidental, responsável pelo que Césaire (1955) chamou de *salvajización* do continente, que privilegia alguns sujeitos e exclui outros, de forma que o colonialismo atualizado organiza também a vida das mulheres. Nesse modelo, as mulheres são classificadas a partir de critérios específicos que determinam por onde e até que ponto podem se movimentar. Navia *et al.* (2020) consideram que “os atributos de gênero, e mais particularmente as mulheres, configuram sujeitos e objetos por meio das quais fronteiras nacionais são produzidas” (p. 14). Isso está relacionado ao modelo de estado “moderno” europeu, modelo esse que moldou a construção dos estados nacionais nas regiões do mundo afetadas pelo colonialismo ocidental.

Os movimentos pelas fronteiras transnacionais da América do Sul têm características próprias, principalmente com relação às regras de circulação de pessoas. A leitura que a nacionalidade permite está relacionada à própria noção de construção de Estado e Nação. Peirano (2006, p. 50) considera que “o reconhecimento da historicidade das nações-estados também nos permite constatar que, lado a lado aos processos de formação e construção deste tipo de organização social, surgem as auto-imagens das nações”. A autora continua dizendo que a nacionalidade está relacionada a valores ideológicos, que podem ser atribuídos a um indivíduo.

O controle de fronteiras, que, além do âmbito cultural, está no âmbito das instituições regulatórias, atualiza e reproduz as práticas coloniais, como as discriminações de gênero, de raça, de classe, de nacionalidade. No sentido micro, agentes de fronteiras, burocracias, o poder de polícia, das forças de segurança nacional, dentre vários outros, são elementos que se interrelacionam e atualizam as condições nas quais as mulheres cruzam zonas fronteiriças transnacionais. As viajantes são parte de uma categoria de sujeitos que podem ter mais fluidez fronteiriça, dependendo do estilo de viagem, anunciado em corpos marcados, que podem ser mais ou menos criminalizáveis.

Handerson Joseph (2021) advoga a fronteira como uma palavra chave para ler e interpretar o mundo. Para o autor, transformar o mundo requer, necessariamente, transformar as fronteiras e derrubar os muros. O autor não nega a existência das fronteiras, já que onde há a diversidade e a diferença existem também fronteiras físicas e simbólicas, portanto não se trata de um mundo sem fronteiras, mas de formas outras de pensar as fronteiras, em um mundo no qual o futuro é a mobilidade.

Gostaria de retomar, neste ponto, alguns detalhes sobre a documentação nas fronteiras da região. Um dos primeiros aprendizados sobre os trânsitos transnacionais e locais é a questão dos documentos. Estes são obrigatórios e podem ser um primeiro fator de exclusão. As zonas de controle são os pontos de conferência da cidadania de uma pessoa, que por sua vez é regulada e emitida por um Estado nacional. E os documentos também dizem sobre o *status* das pessoas. Assim como a escolha pelo deslocamento por zonas fronteiriças terrestres, aéreas e marítimas, também permite realizar uma leitura social das/os sujeitas/os que por elas transitam. Por exemplo, ter um passaporte brasileiro é um valor positivo atribuído a uma pessoa que viaja na região sul-americana, pois confere uma noção de cidadania valorizada³¹— isso se deve ao fato de o passaporte brasileiro ser bem aceito em 129 países do mundo, tornando-se um passaporte valioso. É uma posição de privilégio, conferida a partir do marcador econômico e político e da forma como reflete a “auto-imagem” do país no exterior.

No Brasil, o passaporte é um dispositivo da “cidadania global” que não atinge as camadas mais baixas. Há um custo alto para a obtenção do documento. Utilizei meu passaporte brasileiro e tive facilidade em todas as zonas fronteiriças que cruzei, não

³¹ Vale ressaltar que essa atribuição positiva não é uma posição fixa, se dá em alguns âmbitos como por exemplo, na dimensão econômica que o país tem na região. Isso não reflete de forma totalitária na imagem construída sobre “ser brasileira/o” nas fronteiras da região. Posso citar um exemplo sincrônico, que foi a forma como o país foi afetado pela gerência da crise sanitária causada pela pandemia da Covid-19, o que fechou – literalmente – as fronteiras de outros países para brasileiras/os.

atribuo isso necessariamente ao uso do passaporte, mas acredito que esse dispositivo também fabricava o meu *status* em uma fronteira, atribuindo um valor enquanto viajante e cidadã brasileira. Isso, por exemplo, me tornava diferente de sujeitas viajantes que burlam regras legais/oficiais para cruzar e permanecer além de uma fronteira.

No caso da América do Sul, os documentos atribuem valores aos indivíduos. A questão da nacionalidade, portanto, tem sido muito influente na forma como as mobilidades transnacionais são construídas. Isso tem a ver com questões políticas e econômicas, como a realização de acordos bilaterais e a formação de blocos econômicos. Porém há regras de circulação interna que flexibilizaram o uso do passaporte, por exemplo. As propostas de integração política e econômica regional, que tem um marco importante na formação do Mercosul, modificaram profundamente a forma como os indivíduos transitam pelas fronteiras da região. Embora historicamente já existisse um forte fluxo de pessoas entre os países da região, este foi complexificado pelas transformações sociais intensas no mundo “global” do final do século XX.

Atualmente, as regras de circulação entre os países, são variáveis, mas de uma forma geral não há necessidade de visto³², como acontece com os países do Norte global. É necessário enfatizar que os cidadãos dos países integrantes do Mercosul têm relativa – ou pelo menos facilitada – mobilidade, que permite a indivíduos de diferentes perfis a viajarem pelas nossas fronteiras. A não-exigência do passaporte e visto para permanências de até 90 dias em países do bloco é um dos fatores que facilita esse fluxo. É possível viajar apresentando o documento nacional de identificação, no Brasil o Registro Geral – já tratei sobre isso anteriormente. Existem também os acordos de residência entre os países, como Brasil, Argentina e Uruguai, possibilitando que pessoas desses países tenham facilidade em obter cidadania ou fixar residência.

Diante das assimetrias dos fluxos globais, o contexto político e econômico influencia nas escolhas entre um país ou outros, conferindo sentidos diferentes nos trajetos pelos países da América do Sul. É possível dizer que as mobilidades regionais possibilitam uma importante reflexão sobre classe, afinal, a questão econômica é um fator crucial, embora não determinante, na decisão de fazer um “mochilão”, uma viagem, uma *trip*, na Europa ou na América do Sul.

³² A Guiana “Francesa” é o único país a exigir visto no continente.

Mulheres viajantes nas zonas fronteiriças

As experiências fronteiriças, como já disse, são generificadas e racializadas no nosso continente, ou seja, são distintas para homens e mulheres, mulheres brancas e mulheres negras, ricas e empobrecidas, etc. Há vários marcadores sociais que atravessavam as vivências das mulheres, afinal são corpos circulando que foram estereotipados historicamente como “submissos” e que, além disso, revelam os marcadores étnicos, raciais, linguísticos, de classe. Nesse sentido, o diálogo com o conceito de agência me fez perceber que transitar em viagens pelo Sul é uma tarefa complexa e, portanto, produz agências diversas e particulares. Exigiu-me atentar também para questões que se desenvolvem aqui de forma intensa como a violência de gênero, o assédio sexual, dentre outras questões que afetam a vida das mulheres e a forma como são enfrentadas.

Os postos de controle de fronteira são espaços muito particulares para mulheres. Alguns são famosos entre as viajantes, seja pela má reputação ou pela organização particular em torno. Nessas informações que cruzam as rotas viajantes, por exemplo, as fronteiras da Venezuela com o Brasil, cruzada por Júlia, ou ainda as famosas fronteiras de Desaguadero (Bolívia-Peru) e Corumbá (Brasil-Bolívia) são conhecidas como perigosas, ou pelo menos, como zonas com reputação de ocorrências de ilegalidades. Outras são mais tranquilas, como por exemplo, de Colônia del Sacramento (Uruguai-Argentina) ou ainda de Yunguyo (Bolívia-Peru). Cruzar esses postos de controle é vivenciar, por meio de agentes e regras de circulação, as múltiplas dimensões da fronteira. Por isso, nem todo mundo tem a mesma experiência, mesmo cruzando uma mesma fronteira ou posto de controle migratório, pois é nessa ocasião que a dimensão generificada, racializada e classista da fronteira aparecem. E os marcadores sociais de cada transeunte marcam as diferenças nos cruzamentos.

O documento é um dispositivo incluído no planejamento da viagem, por ser essencial no cruzamento das fronteiras espaciais. Como já disse, ter um documento constrói o *status* de viajante. No caso de Júlia, esta não se atentou para a exigência do Cartão Internacional de Vacinação que conste a vacina contra febre amarela, que é obrigatório na Bolívia. Isso foi um facilitador para um possível golpe. Um dos estranhamentos ao adentrar em território boliviano foi a sensação de insegurança e o constrangimento por ter passado por uma fiscalização dentro do próprio hotel, onde ficou hospedada em Santa Cruz de la Sierra. *Bolívia é puxado chegar de madrugada, os cara*

chegam assim em ti né? Uma coisa assim, carregando a mochila, te levando pra algum lugar que tu não sabe onde é. Essa percepção de Júlia se deu ao desembarcar em Santa Cruz de la Sierra, na ocasião em que cruzou de carro – estilo lotação – as fronteiras pela Amazônia boliviana. Recordo-me dessa sensação em algumas ocasiões na Bolívia.

Cheguei lá já de manhã, a gente chegou estourado. Eu cheguei estourada. Pegamos um lugar pra dormir lá no terminal, pegou um hotelzinho pra dormir lá na frente. A gente tava dormindo, aí chegou um cara batendo pa pa pa lá. Eu disse: égua, o que aconteceu? Brutal, dando um porradão na porta. A gente: égua, que porra? Ficou com medo, só que a gente foi lá ver. Ele [o cara] falou que era da Polícia Federal e que queria aquele documento da vacina da febre amarela e que... só que era aquela história... acho que era desses truques, assim, já era uma parada organizada junto com o hotel, um lance organizado junto com o hotel, pra pegar grana da galera, porque se fosse uma coisa séria, ele ia lá, a gente tomava a vacina, ficava tudo certo, mas não, a gente teve que dar, tipo assim, uma grana pra ele, pra ele deixar a gente em paz. Embora o episódio tenha parecido uma situação de abuso ou um golpe, ela reconhece que havia errado. Porque realmente eu não tinha essa vacina, eu não tinha essa carteira internacional. Importante, as gata tem que andar com documento delas (Júlia).

Essa avaliação de Júlia demonstra que lhe pareceu importante cumprir com os ritos legais das fronteiras, principalmente para não ter que enfrentar situações desconfortáveis, como a citada acima, porém essa pode não ser uma percepção comum a todas as viajantes: Jak ficou vários meses no Peru com a data de permanência esgotada. É comum entre as/os viajantes várias formas de subversão das legalidades das fronteiras.

Alguns dispositivos de controle borram as fronteiras do legal e ilegal. A Bolívia costuma ser narrada como um desses países onde essas fronteiras são porosas e onde há uma abordagem violenta, principalmente na percepção das mulheres. Tenho minha própria história de abordagem violenta, contada no episódio inicial. Gabi e Rosa também narraram histórias de violência policial no país, chegaram ao ponto de serem detidas, passando por constrangimentos diversos na delegacia de polícia, e também de terem sido abordadas dentro do alojamento, por um grupo que se dizia ser da Interpol. No episódio da detenção, Gabi contou que pediu para usar o banheiro, porém como estava menstruada, foi acusada de ter sujado o banheiro, sendo obrigada, pelos agentes, a limpar com um balde de água. Uma vez mais os dispositivos estatais se manifestam como uma brecha para ilegalidades e abusos de poder, tornando-se difusos e até pouco críveis na veracidade de abordagem.

Além desse evento, o ingresso de Gabi e Rosa na Bolívia, que se deu pela fronteira terrestre de Puerto Suarez, na divisa com o estado do Mato Grosso do Sul, também foi problemático. Apesar de apresentarem a carteira nacional de identidade dentro do prazo de validade estabelecido, os agentes da imigração boliviana exigiam outros documentos, como comprovação de renda e do endereço de estadia no país, papéis que nem Gabi nem Rosa possuíam. Isso era uma forma de dificultar o ingresso no país que me leva a pensar, não ser muito acolhedor com artistas de rua, pois acredito que há um *status* fabricado a respeito desse tipo de viajante. O processo de ingresso demorou uma semana, se deu após a insistência diária, assim conseguiram um *papel de entrada*³³ de 30 dias de permanência.

Gabi associou a dificuldade de acesso e permanência no país ao fato de ser artista de rua, o que é facilmente denunciável pelos instrumentos e artefatos que carrega, como peças de malabares, além de uma estética caracterizada pelo estilo de vestir, pela quantidade de tatuagens, o uso de *piercings*, dentre outras modificações corporais que denunciam o não pertencimento a um padrão de feminilidade e/ou o pertencimento de classe. Percepções sobre “meu eu” foram acionadas com esse evento, pois contrastava com minha experiência no país, afinal, não tive problema algum em ingressar em um posto de controle fronteiriço do aeroporto. Fizem algumas perguntas, mas não exigiam nenhum tipo de documento comprobatório.

Assim como Gabi, Rosa, Júlia e Jak, experimentei a fronteira nacional entre Brasil e Bolívia, passamos pelas mesmas fronteiras nacionais, mas experimentamos o trajeto de diferentes maneiras e as zonas fronteiriças distintas, espacialmente e temporalmente. As viajantes constroem percepções espaciais ao longo do trajeto que toca diversos territórios e nacionalidades. É possível ir costurando fronteiras, fazendo leituras, que revelam sobre nossas próprias identidades. Por outro lado, há limites a essa nossa “conquista do espaço”. O movimento entre essas zonas fronteiriças mobiliza as mulheres a fazerem escolhas, impor posições, traçar estratégias de deslocamento, estabelecer diálogos, driblar eventos específicos e, quando necessário, partir para a briga.

Quando Nanda e Flora estavam saindo do Peru, retornando para o Brasil, cruzaram por algumas fronteiras transnacionais de ônibus. Flora narra que: *essa volta foi a loucura que eu nunca mais vou fazer na vida, que é pegar seis dias direto de ônibus, essa foi uma loucura muito forte*. Na ocasião, elas pegaram *um ônibus de Lima para a fronteira com a Bolívia, a gente pegou o ônibus direto de Lima para lá e foi assim, aterrorizante, porque*

³³ Documento de controle emitido com permissão para permanecer no país.

é uma estrada muito desértica. Além disso, Flora havia percebido que tanto na Colômbia quanto no Equador e Peru, os motoristas costumam dirigir cerca de 10h seguidas. Ela questionava, impressionada com a rapidez do trajeto de 24h, *se essa pessoa que tá dirigindo esse ônibus, ela com certeza tá dirigindo 10 horas seguidas, sem parar, ela tá drogada, não pode, não pode ser normal cê num parar para nada.* Durante o trajeto contou ter parado duas ou três vezes para *descer, respirar, assim, para comer.*

Na versão de Nanda, esta relembrou que entrou na Bolívia por *uma cidade de fronteira bem sinistra.* É o povoado de Desaguadero, onde fica o controle de fronteira do Peru com a Bolívia. *A gente já chegou com a porrada nos peitos. Não lembro qual era a cidade, mas a altitude era muito alta, já chegou com falta de ar, desceu do ônibus já tá [ofegante] aí a gente olhou o ônibus estacionou, a gente olhou era uma ladeira [...] como é que a gente vai subir com 12 kg nas costas? Sendo que a gente já está com falta de ar aqui?* Nesse povoado há uma intensa movimentação de pessoas e mercadorias que transitam entre os dois países. E há também uma intensa abordagem de sujeitos oferecendo serviços, principalmente de transporte.

Flora contou que assim que desceram do ônibus, foram abordadas por uns homens que ofereciam transporte: *A gente chegou lá, era tipo umas 4 - 5 da tarde. Na fronteira do Peru com a Bolívia. Quando a gente desceu do ônibus já tinha uma galera, essas galeras que ficam esperando o ônibus chegar, para poder te assediar, para te levar no tuc-tuc ou de moto ou sei lá, levar tua bagagem até a esquina seguinte, ou de carro, o que sea para conseguir o dinheiro, alguma coisa, conseguir um lugar para você ficar e tudo mais. Quando a gente desceu e a gente tava esperando o cara do ônibus tirar nossas mochilas, o cara tava o tempo todo: - Vocês vão para onde? Vocês vão para onde? Você vai passar na fronteira? E falando rápido, falando rápido, que é para dar aquele clima de desespero em você [pressão?] Pressão e você acaba caindo no negócio. Eu falei: - cara, eu não tô interessada! Calma aí, a gente vai passar a fronteira aqui, mas fica de boa.*

Nanda lembrou que nessa situação ela estava *tentando negociar de um lado e a Flora do outro. Só que eu tinha lido que é perto da rodoviária. Para imigração era 400m e os caras começaram a dizer que não, que era 1km, que tinha ladeira e que não sei o quê... Eu sei que quando eu olhei para o lado, já tinha um cara carregando as duas mochilas. Eu: Flora, que é isso? Ela: não, não tá tudo sob controle... aí a gente atravessou.* Essa abordagem violenta de sair carregando as mochilas, parece uma estratégia e um modo de operar nessas zonas. É impositiva, com a intenção de causar

desespero e pressionar a aceitar o serviço. Isso me desperta uma curiosidade em saber se há uma abordagem diferente com as mulheres nessas zonas. Embora existam relações de poder entre as viajantes e os trabalhadores locais, há um evidente abuso nessa abordagem.

No relato de Flora, ela conta que: *quando eu vi tava o cara que tava falando com a gente, com uma mochila de um lado e a outra do outro. E saiu correndo. Aí eu: - meu Deus do céu! Eu falei: - moço, a gente não vai. - Não, não só um dólar, só um dólar, o que você quiser. Eu: Não tenho dólar! Ele queria levar a gente até o posto, o posto que a gente tem que carimbar o passaporte.* Flora tentava se comunicar e dizer “não”, porém não conseguia estabelecer o diálogo frente à insistência do homem. Foi convencida quando ele ressaltou que poderia pagar o que quisesse. *Eu falei: - É o que eu quiser pagar? - O que você quiser pagar! Eu: então tá bom. Ele colocou as mochilas em cima do tuc-tuc, a gente entrou no tuc tuc e ele levou a gente. Quando chegou lá, eu dei 1 dólar para ele. Eu até teria dado mais se ele tivesse sido mais educado, agora ele sair roubando nossa mochila, levando nossa mochila, pensando que ele ia roubar o negócio.* Em seguida, Nanda descobriu que *a gente tava por trás da rodoviária, o cara cruzou a rodoviária e a saída era realmente 400m plano.* Ou seja, o trajeto a pé, era mais fácil do que a dupla havia pensado. Apesar do trajeto curto, *o cara queria cobrar como se fosse R\$ 20,00 para carregar as mochilas no tuc-tuc. A gente perguntava para ele, ele falava: não, é... – como é que gorjeta em espanhol? [propina] –, só propina (Nanda).* E foi assim que Flora deu 1 dólar para ele. *Ele falou assim: - não, é três! Eu falei: - Como? Ele: - não, é três! Eu: - Você me falou que era o que eu quisesse dar, o que eu pudesse, o que posso tá aqui, é um dólar. E esse cara começou a se exaltar pra cima de mim, e eu comecei a me exaltar pra cima dele. A Nanda naquele desespero, naquele negócio, tipo a gente no meio da fronteira, tava anoitecendo (Flora).*

Ao perceber que estavam sendo vítimas de exploração econômica, não se deixaram intimidar, e ali *começou uma confusão da gente brigando com esse cara na porta da imigração no Peru (Nanda).* Flora tomou o rumo da situação e falou para Nanda: *Não. Vamo, vamo vamo! A gente entrou no posto pra carimbar o passaporte, e a gente com medo, a gente ficava olhando pra fora pra ver se ele já tinha ido porque ele se exaltou. Porque tipo assim: ele o tempo inteiro dizendo que eu podia dar o que eu quisesse, eu dei 1 dólar para ele e ele achou pouco (Flora).*

Embora as irmãs tenham sido firmes e imposto o tom de voz, além de terem se negado a pagar o que o homem pedia, ainda assim, elas estavam *morrendo de medo, morrendo de medo. Eu fiquei fora, a Flora entrou, carimbou os passaportes, e a gente*

cruzou, e deixou esse cara falando sozinho. [...] Aí eu fiquei: - fudeu! Porque se esse cara tiver conluio com os policiais e mandar revistar a gente e mandar fazer qualquer confusão com a gente: lascou. Mas deu certo! (Nanda). Flora também confessou que teve medo: *a gente tava com medo de sair do posto [posto fronteiriço]. Da coisa lá do passaporte. Porque, assim, você sai do posto, daí você atravessa uma pontezinha do outro lado você já tá na Bolívia. Tem que dar entrada na Bolívia para poder pegar os micro-ônibus que ficam lá! Gente de Deus, é galinha, porco, aquele saco gigante de choclo e arroz, é gente, é tudo assim uma experiência bem forte.* [Acho que já passei por essa fronteira]. *É surreal!* (Flora).

A experiência das irmãs não teve maiores problemas, me fez recordar da minha própria experiência cruzando essa fronteira, uma década antes. Na época, já circulava a informação entre grupos de viajantes de que a “fronteira de Desaguadero” era “perigosa”, além dos relatos de abusos por parte dos agentes. Nessa ocasião, embora tenha sido desagradável e cansativo, não chegou ao ponto de ser violenta.

Figura 46 - Fronteira de Desaguadero, no sentido Peru - Bolívia.



Fonte: Ester Corrêa, 2011.

A sensação de agressividade nas abordagens na Bolívia também foi compartilhada por Jak: *na fronteira do Brasil com a Bolívia, e na fronteira da Bolívia com a Argentina também, teve isso, assim, de não conseguir muita comunicação e ficar falando e falando espanhol. Eu treinava para caramba para aprender as coisas que eles falavam, entender o que eles tavam falando, pra não ficar no prejuízo. Me lembro disso, pegar a mochila, não sei que... Uma coisa meio agressiva, só que aí você sabe, parece que você sabe, que*

o fato de você ser mulher aquilo parece que fica mais vulnerável. Acho que não tô falando besteira, mas eu sentia isso (Jak). Esse relato me ajuda a pensar que essa abordagem agressiva pode ser uma estratégia direcionada, em alguns contextos, motivada pela construção de uma ideia sobre as mulheres como alvos mais fáceis. Independente se estão sozinhas ou acompanhadas de outras mulheres.

Nanda e Flora, enfrentaram outros *perrengues* fronteiriços nos quais tiveram que colocar as negociações em ação com os sujeitos que fazem as zonas fronteiriças. Nessas oportunidades, também partiam para a briga, questionando as ações dos sujeitos, principalmente quando as poderiam colocar em situação de vulnerabilidade. A informação e o conhecimento prévio da dinâmica de transporte do lugar eram aliadas na hora de tomar e impor as decisões.

Há outro relato de Nanda que auxilia a compreender um pouco mais dessas negociações. Disse que *fronteira ruim foi: Equador - Peru*. Elas estavam tentando chegar a Mancora, na região costeira do Norte peruano. Nessa experiência, elas passaram *perrengue porque a gente chegou na rodoviária da cidade que a gente tava, o cara começou: - vamo, vamo, último ônibus, último ônibus sai às 7! Era 10 pras 7. - Compra, compra, compra. Só que a gente já tinha lido que no Peru não tem rodoviária*. A partir dessa informação prévia, começaram a questionar que horas iriam chegar na cidade, *que era fronteira*. Os homens responderam: *- Não, a gente chega de madrugada, mas lá tem rodoviária, você já pega o ônibus direto para Máncora*. Era necessário fazer essa parada, pois não *tinha o ônibus que fazia esse trajeto direto, só tinha esse ônibus que ia até a cidade, da cidade a gente tinha que cruzar a fronteira, pra poder pegar um ônibus para Máncora*. E a Flora olhou assim pra mim: *- Hum, vamo não! Vamo amanhã de manhã cedo!* Flora sugeriu passar a noite por perto da rodoviária, e de manhã cedo ir para essa cidade, *vai tá pelo menos de dia*. Assim fizeram, pagaram a hospedagem *um hotelzinho perto da rodoviária, passamos a noite e pegamos o ônibus no outro dia às 7h da manhã*. Quando chegaram na tal cidade, *o cara deixa a gente no meio do centro da cidade, ou seja, eles iam deixar a gente no meio da cidade, de madrugada! A gente começou a fazer confusão: - não, como é que ontem você tava falando que tem rodoviária e agora cês tão dizendo que não tem, quer dizer que ontem de madrugada cês iam deixar a gente no meio da cidade? Começamos a brigar, brigar, brigar até que o cara: - não, vai bem ali na loja do ônibus, da empresa. Levou a gente nesse lugar, que era como se fosse a sede da empresa*.

Foi nesse instante que tiveram mais informações sobre como era possível cruzar a fronteira. E que era um procedimento complexo, um *rolê*, como prosseguiu Nanda: *você chegava nessa nessa cidade, você tinha que pegar um táxi, não tinha ônibus, só tinha táxi, cê tinha que pegar um táxi porque a imigração ficava a 10 km. De lá, você tinha que pegar outro carro, para outra cidade, ou era voltar para mesma cidade para poder pegar o ônibus para Máncora, tu imagina fazer isso 3 horas da manhã? O cara começou, não porque vamos, vamos comigo que eu levo vocês, um taxista que vai fazer baratinho para levar vocês até imigração, porque se vocês forem sozinhas ele vai cobrar muito caro, vocês me pagam uma propina, entendeu? A gente: beleza, a gente vai almoçar daqui a pouco a gente aparece aí.* Ao invés disso, as irmãs foram até o lugar de onde saíam os táxis, começamos a negociar lá, ficamos estressadas porque os caras também não abriam. Para andar 10 km era um absurdo de grana, mas a gente teve que pagar. Pagamos (Nanda).

Ao chegarem no posto de controle fronteiro, na imigração foram 6 horas esperando pra carimbar porque tava, na época que tava rolando muita imigração de venezuelanos então era uma fila muito grande na fronteira, dos venezuelanos tentando cruzar a fronteira. A gente ficou 6h pra poder conseguir carimbar o passaporte pra ir pegar o táxi, ir pra essa cidade, e dessa cidade no Peru, pegar um ônibus pra chegar em Mancora (Nanda). Esse depoimento me faz crer que essa zona fronteira é a mesma pela qual Liz havia cruzado, quando chegou ao Peru. Na ocasião, a mexicana também comentou que havia um fluxo intenso de venezuelanos tentando adentrar ao país, e que havia ficado especialmente comovida com a história de um garoto venezuelano de 12 anos, com quem fez amizade no ônibus, que estava viajando sozinho. E que, inclusive, utilizou-se de uma rota clandestina para adentrar ao país.

Há outras percepções possíveis, sobre fronteiras, a partir dessas experiências relatadas. Auxilia-nos a perceber a fronteira espacial como um lugar possível de contestação do caráter masculinizado das fronteiras. Nessas zonas o controle espacial é exercido de diferentes formas, seja pela imposição da palavra – às vezes enganosas – de agentes – em geral homens – como também por abordagens invasivas, onde há uma pressão para utilização de serviços, que se aproveita da falta de informação e do medo das pessoas. Acima percebemos a perspicácia das interlocutoras para driblar algumas dessas abordagens.

É nas zonas fronteiriças onde as construções nacionais sobre as categorias de sujeitos aparecem de forma evidente: sujeitos migrantes podem ser obrigados a buscar

por rotas “alternativas” – até ilegais –, mesmo sendo crianças e/ou homens; enquanto mulheres viajantes podem passar de forma mais fluída, mesmo quando são vistas como alvos fáceis para negociar, e até ingênuas e fáceis de enganar. A pressão dos agentes que por ali estão oferecendo serviços indica que essas abordagens consideram as mulheres como parte da categoria de sujeitas/os mais fáceis de serem convencidas/os – até enganadas/os.

Jak também tem suas histórias fronteiriças. Quando estava retornando ao Brasil com a prima, passou pela divisa entre Brasil e Peru, na cidade de Assis Brasil, no estado do Acre, Norte do Brasil. Havia chegado até Puerto Maldonado, desde Cusco, de onde cruzaram para o nosso país. Na ocasião, sabiam pouco sobre a região, apenas algumas informações de senso comum no Sul do Brasil que chegavam até elas. Essas informações diziam que era um lugar perigoso. Quando chegaram na cidade fronteiriça, sentiram: *essa mesma coisa. Chegamos, duas mulheres, mochila. Eu lembro que tinha uns 10 taxistas em volta. A gente conversando sobre um ponto de ônibus, se informar com uma outra pessoa. Os taxistas: - não porque vocês e tal... E tudo que a gente falava, conversando baixinho, eles ficavam respondendo. E eu lembrando da minha prima falando: - você vai tá no Norte! No Norte a gente não conhece, não sabe como são as coisas, você não sabe como é a polícia. Falou bem assim: - teu pai falou que era um lugar sem lei! [sério?] aham, é a mentalidade! A gente parou lá, eu olhei pra ela e falei: - cara, desculpa eu não vou conseguir, parei e virei pra eles: - calem a boca por favor, calem a boca, eu tô conversando aqui e não consigo ouvir ela, quem são vocês? (Risos). Tipo assim: dá um ar! E peguei, puxei ela no braço, sentei num lugar e eles ficaram ali, conversando entre eles. Acho que foi a primeira vez que eu me senti assim, sufocada. Meu Deus, eu tô o tempo todo falando, conversando uma mulher com a outra, e a galera fica nisso? (Jak)*

Aqui percebo que, mesmo em situações que podem ser amedrontadoras, desconhecidas, as mulheres são capazes de impor suas vozes. Em diversas situações, vocalizam os desconfortos, angariam estratégias para sair deles, além de buscar meios para contornar uma situação desrespeitosa. Mesmo que seja “no grito”. Embora os relatos contemplem situações de zonas fronteiriças e aduaneiras, isso pode acontecer em qualquer espaço percorrido ou habitado, em diferentes situações de desrespeito que exijam uma posição firme.

Lanna também não baixava a cabeça para as situações em que se sentia desconfortável. Principalmente porque na época, como ela mesma assumiu, *estava muito reativa, então qualquer pessoa que falava isso [sexualização do corpo] para mim, eu*

pulava para cima da pessoa, eu empurrava a pessoa, sabe? Eu começava a gritar com ela, eu tava muito reativa, que também era uma forma de proteção, que é do tipo: eu não vou abaixar a cabeça, eu vou falar alto com você! Nesse caso, a reação é percebida como uma forma de se proteger de abusos.

I - Dos deslocamentos físicos: tudo que se move

Como é possível observar nos relatos anteriores que a fronteira espacial é um lugar de negociação, de articulações, de inseguranças e de limitações. As negociações apareceram principalmente em torno dos horários, dos preços dos transportes e das combinações possíveis destes. Além disso, os taxistas – e condutores de outros tipos de transportes – são agentes de mobilidade que atravessam negativamente a experiência de várias as mulheres, sendo associados a abordagens agressivas. Isso atravessou minha experiência na Bolívia, inclusive me fez sentir enganada em um instante de vulnerabilidade por conta da falta de transporte em Santa Cruz de la Sierra. Embora o ônibus apareça como central na articulação dos trânsitos, a falta de terminais rodoviários ou a precarização destes, evidenciam a dificuldade de construir, nesses espaços, uma referência espacial acolhedora. Muitos desses fatores são determinantes na construção das trajetórias.

Janela do ônibus

Há outra característica nos trânsitos que fica evidente no relato de Nanda sobre a percepção de segurança. Nesse sentido, percebemos como a experiência de mobilidade pode ser limitada de acordo com essa noção. Por uma questão de segurança, as irmãs optaram por não viajar à noite, por não cruzar por cidades fronteiriças à noite. Esse tipo de estratégia também cruzou a experiência de Jak. No decorrer das vivências na estrada, esta passou a limitar os horários para pegar ônibus. Essa decisão foi tomada quando chegou em Uyuni e em Potosí, contou que: *a gente andou pela cidade e pelo jeito a partir de tal horário, era só homens na rua, não via mulher, tu só via homem na rua. Em Potosí também a mesma coisa, e aí a gente andou e assim, não aconteceu nada, mas aconteceram olhares, o taxista se ofereceu... E aí a gente pensou: nunca mais! A gente vai chegar de dia no lugar. Já foi criando essa outra ideia na cabeça. Não chegar à noite*

na cidade. Nunca mais pegar o ônibus pra chegar de noite, chegar de dia, chegar de manhã. Mas no geral, nunca aconteceu nada, nada, nada, nada, nada de fato, nenhuma violência física, mas foi uma coisa que permeou a viagem toda, sempre ter que ficar se organizando, ah, conforme vai ficar de noite, ah, vou ficar sozinha, mulher na rua... (Jak). É fácil perceber que a noite aparece como um tempo de insegurança. Torna os lugares mais perigosos e por isso, desperta medos e cuidados. Quando Jak se deu conta que se sentia desconfortável chegando à noite nos lugares, teve que encontrar outra forma de se organizar. Eu também me sentia insegura para chegar nos lugares a noite.

Lanna teve esse choque logo no primeiro embarque, contou que quando chegou no Chuí, fronteira entre Brasil e Uruguai, era noite e a rodoviária estava fechada. Na verdade, a Estação Rodoviária do Chuí - RS é uma minúscula construção, que conta com pouquíssima infraestrutura. Ela contou que: *chegamos no Chuí, passamos a noite lá, a gente chegou 3 horas da manhã no lugar, o que já não é nada recomendado né? Nunca em nenhum lugar, na rodoviária que tava fechada então, era de madrugada assim, nem tinha rodoviária aberta, então o ônibus só parou na rua de madrugada e abriu a porta. Aí eu: meu Deus, como assim?* A única coisa que a tranquilizava naquele instante era ter conhecido uma viajante no ônibus e ter com ela compartilhado a experiência da viagem, naquele trajeto.

Figura 47 - Street View da rodoviária do Chuí



Fonte: Google Maps.

Vocalizar esses relatos nos ajuda a compreender como a ausência de estruturas, principalmente de rodoviárias, compromete as decisões das mulheres na estrada. Isso chama a atenção para o fato de que o padrão de mobilidade pensado para as mulheres, como disse Harkot *et al* (2017), se constitui a partir dos deslocamentos restritos a um território, que é geralmente a própria cidade e os arredores. Para além da mobilidade

urbana cotidiana, a mobilidade das mulheres é determinada pela falta de informação e de estruturas básicas, como rodoviárias – que funcionem.

As rodoviárias são velhas conhecidas de viajantes de mochila. Na falta delas, alguns espaços improvisados. Nesse ir e vir que a rodoviária proporciona, aparecem os nós a partir de onde se costumam os trajetos. O ônibus foi o principal meio de deslocamento utilizado pelas interlocutoras. Foi também o meio mais utilizado para esta pesquisa. O avião aparece como estratégico, em diversas oportunidades, como facilitador de um fluxo, por vezes uma ligação entre lugares mais distantes ou ainda de difícil acesso por terra.

Quando Liz desembarcou no aeroporto de Quito, iniciou um outro sistema de transporte entre os países que pretendia visitar. Foi e retornou da Colômbia de ônibus, e posteriormente cruzou para o Peru. A mexicana relatou que também havia um movimento parecido com o observado pelas irmãs Nanda e Flora, entre a fronteira do Equador com o Peru. O fluxo propiciado pelo ônibus faz parte das experiências da maioria das interlocutoras. E os relatos que descrevem essas vivências possibilitam múltiplas abordagens.

Carol utilizou bastante os trajetos de ônibus, embora a carona tenha marcado significativamente seus trânsitos iniciais. Contou que na época que estava morando em Olinda, Pernambuco – onde se estabeleceu por um tempo compulsoriamente por conta da pandemia –, já estava há bastante tempo pelo país, entre idas e vindas. Passadas as piores fases da pandemia, ela decidiu sair da cidade. Iniciou um novo trajeto rumo a novos destinos no país. Lembrou que foi *embora de Olinda, fui para o interior de Pernambuco, viajei pelo interior de Pernambuco um pouco, e aí dei unas oficinas de tecido, ah, eu fui com otro visual, já! Dando oficina de tecido. Dei una oficina de tecidos lá no interior do Ceará e em Teresina. Uh, Teresina! Ah, quando eu cheguei em Teresina, porque eu viajei tudo pelo interior, eu queria rio, cachoeira, eu fui em muita cachoeira e rio, porque eu morei muito tempo na praia. Senti muita falta do rio, aí fiz toda essa estrada, fui. Trabalhei na cidade em que viajava, quando cheguei em Teresina, eu dei uma oficina. Cheguei na semana porque foi em julho do ano passado que eu cheguei. Cheguei e eu pensei que ia ficar uma semana, eu até havia pegado, porque eu agradeço muito, eu tenho o benefício do ID Jovem, consegui fazer há dois anos atrás, então eu já me garantizo a passagem com tempo, porque tem que ver com tempo, havia tirado uma passagem pra Maranhão, convencida que eu ia embora de Teresina* (Carol).

Esse trajeto de Carol pelo Nordeste do Brasil foi propiciado pelo benefício do ID Jovem, que é um programa do Governo Federal de acessibilidade ao sistema de transporte coletivo interestadual³⁴ com descontos integrais e parciais para pessoas de nacionalidade brasileira entre 15 e 29 anos e de baixa renda. O Id Jovem, portanto, é um instrumento que funciona também com outras nacionalidades, como mostra o caso de Carol. Associado essa participação no programa ao acordo bilateral de residência entre Brasil e Argentina, que facilita a autorização para residência de argentinos/os no Brasil. Este tem como objetivo propiciar a livre circulação de cidadãos dos dois países. Dessa forma, o Id Jovem se caracteriza em um programa que tem transformado as formas de viajar no Brasil, intensificando alguns movimentos e movimentando junto alguns aspectos da exclusão social, segundo os quais as pessoas de baixa renda são submetidas a imobilidade, ou a exclusão da viagem por prazer ou turismo.

O Id Jovem também apareceu como parte importante do relato de outras viajantes, como as mulheres com quem pesquisei no grupo “*CouchSurfing* das Minas e Trans no *Facebook*”. O Id Jovem é um importante aliado a viagens de pessoas de origem popular, como para Natasha Roxy, mulher trans, negra e brasileira. A mochileira trans realizou o primeiro *mochilão* para o Paraguai, saindo do Rio de Janeiro, pagando apenas uma taxa de embarque³⁵. O ônibus a levou até Foz do Iguaçu, de onde cruzou para o país vizinho. Essas possibilidades subjetivas construídas por meio desse instrumento de acesso à viagem de lazer, demonstra como as políticas públicas potencializam as mobilidades, principalmente daqueles que são excluídos do sistema de mobilidades, dando sentidos a essa prática da viagem de ônibus.

Nos países da América do Sul, os trajetos de ônibus têm muitos outros sentidos. Uma informação recorrente entre o grupo de viajantes que viaja de ônibus na Bolívia e Peru, por exemplo, é ser considerado um meio econômico. Na Argentina, um pouco menos, porém também tem um custo baixo. Existem empresas de ônibus, e de aviação, com serviço *low cost* – baixo custo –, o que é uma novidade. Dessa forma, viajar de ônibus por esses países aparenta ter uma infraestrutura que interliga os países a curtas e longas distâncias de forma fluída, mas também há trajetos “brutais”, como foi relatado por Júlia.

Esse cruzamento de países marcou o trajeto de retorno de Flora e Nanda ao Brasil. Como as irmãs já contaram foi um longo trajeto, foram seis dias de Lima a São Paulo,

³⁴Decreto nº 8.537, de 5 de outubro de 2015.

³⁵ Transnomade relato visual, Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=QmxNPyX1ZlA&ab_channel=TransN%C3%B4made

com uma breve parada em La Paz. Essa primeira parte do trajeto teve continuidade. Após uma estadia curta em La Paz, mais um longo trajeto de ônibus, que cruzou por Santa Cruz de la Sierra, chegando até Puerto Quijarro. Ou seja, há uma estrutura de transporte rodoviário que conecta várias cidades de países sul-americanos.

Uma característica particular sobre os trânsitos das mulheres foi perceptível nos ônibus no Peru. Foi possível observar durante as viagens pelo país que há uma campanha do governo contra o assédio sexual nos transportes coletivos. Dentre os vários ônibus que embarquei, haviam placas informativas sobre o assédio sexual ser crime. A fotografia que acompanha o texto da campanha, mostra um homem tocando a perna da passageira ao lado, enquanto esta dorme. Isso indica que há um movimento de conscientização em torno de um problema social que atinge a mobilidade das mulheres.

Figura 48 - Cartaz “Frena el acoso sexual” em um ônibus no Peru



Fonte: Ester Corrêa, 2019.

Além dessas situações, as viagens de ônibus também proporcionam histórias de perrengues e de encontros. Para Lanna, foi uma sorte encontrar uma viajante no primeiro trajeto de ônibus, pois significou muitos aprendizados no início da sua jornada. Ficar um tempo juntas também marcou meu encontro com Liz: quando viajamos juntas de Cusco para Ica, compartilhamos uma experiência de várias horas de estrada em um ônibus em péssimo estado, no calor do deserto peruano.

Ainda sobre as plataformas de embarques, Jak contou que teve a oportunidade de viajar pelo Chile. As viagens de ônibus pelo país proporcionaram uma outra forma de experimentar a paisagem da região. Quando ela saiu de Santiago, no sentido Norte para cruzar a fronteira com o Peru, foi de ônibus. *A gente fez essa rota, foi bem bonito. Passou por La Serena, ficou umas horas em La Serena. Era muito rápido, mas ao mesmo tempo era doido porque a gente tava de ônibus e era aquele ônibus, todo de vista panorâmica. A gente foi em cima, bem na frente, o comissário de bordo, querido, trocou a gente de lugar lá do fundo. Falou: - vocês vão aqui que tá vazio! A gente foi na viagem, vendo tudo, menina, e aquele motorista, parava às vezes, ele não tava com pressa. Ele parava às vezes, sei lá, ia fazer xixi. Eu agradecia, pegava na terra, no chão, nas plantas, olhava. Aquilo virou deserto, de repente umas árvores, a maior parte da viagem foi de dia. A mudança da vegetação é um negócio para mim, assim, é muito massa. Ver as árvores, ah agora é mais baixinha, agora é mais alta. Eu amo fazer isso, amo viajar de dia. Amo pegar o busão de dia (Jak).*

Quando a interlocutora relatava sua experiência, uma paisagem cruzava minha memória: foi formada pela visão da janela do ônibus no qual percorri entre Iquique e Salta, cruzando a fronteiras entre os dois países por uma região desértica chamada de *Paso Jama*. O colorido da paisagem mutante marcou essa linha que desenhei ao percorrer essas fronteiras. Tanto minha experiência de trânsito como a de Jak foi marcada por esses sentimentos de amplidão, de agradecimento. Estar em trânsito é sentir as emoções, as texturas, as cores, os cheiros, dos lugares.

Figura 49 - Controle fronteiriço de Paso Jama.



Fonte: Ester Corrêa, 2019.

Figura 50 - Controle fronteiroço de Paso Jama II



Fonte: Ester Corrêa, 2019.

Combinações e baldeações

O ônibus e o avião fazem parte de uma rede de transporte internacional que conecta lugares longínquos, são meios de transportes principais utilizados nos deslocamentos internacionais e internacionais, estes informam sobre pertencimentos e posições. É importante dizer que a utilização desses meios de transportes pode ser, e geralmente é, combinada. Essas formas combinadas de experimentar o espaço se relacionam com a característica dos trajetos, se são curtos, se circulam dentro de um país, se são trânsitos entre os países, e isso, por sua vez, se relaciona com questões econômicas, geográficas e logística das fronteiras aéreas e terrestres.

Antes de encarar a experiência brutal das estradas de chão, Júlia contou que pegou um avião de Manaus para Porto Velho. Em meio a problemas de pouso, *cheguei em Porto Velho. Fui pra uma cidade, Guajará-mirim, que faz fronteira com a outra que é da Bolívia também, que é Guayaramerin; dois nomes bem parecidos. Fui lá, eu já tinha o passaporte nessa época. Eu fui lá na Polícia Federal que eu queria um carimbo, que ela quer o carimbo dela no passaporte. Eu já tava com outro namorado. A gente foi pra Bolívia, e aí mana, punk a Bolívia também. Pensei que eu tava preparada, mas sempre tem mais novidades. A entrada é assim, porque tu entra na Amazônia boliviana, então é uma estrada assim, de terra... brutal! Terrão, terrão, assim... E aí contratei um desses carros coletivos, que vai uma galera. A gente chegou lá, trocou o dinheiro, fiz um câmbio na entrada, tava um câmbio bom, eu fiz pouco, fiquei triste. Conversei com um cara, que*

era pra ver o [frete do] carro, a gente conseguiu uma galera que já ia, que já tava indo no caminho. Só que, égua, foi um dia de viagem. Quando foi à noite, o carro atolou, e o cara cheirava cocaína, o motorista no caminho. Na tora assim, de boa, do lado da mulher dele. Mastigar folha de coca, é de boa assim, a gente sabia. E aí bebia um pouco ele, na loucura, assim, numa estrada, eu falei gente: se eu sobreviver, vou [risos]... (Júlia).

Percebemos dessa forma, que há muitos arranjos e costuras nos meios de deslocamento. Há diferentes meios de transportes que se combinam e formam essa malha latino-americana conectada. Nesse sentido, para Júlia a experiência da mobilidade foi desde uma passagem de avião até a uma desses transportes coletivos informais – e às vezes ilegais –, que transportam um grupo de pessoas. Esse tipo de formação é comum em cidades, nas zonas fronteiriças, lugares turísticos. Experimentei esse tipo de serviço quando retornava da trilha na turística Machu Picchu, foi uma experiência coletiva compartilhada com Liz, na qual um dos passageiros veio na mala do veículo.

Lanna também experimentou uma gama de possibilidades de movimento. Contou que viajou prioritariamente de ônibus, porém também utilizou do avião na Colômbia, onde *a companhia aérea é extremamente barata de avião, tanto que é um teco-teco, não é nem um avião, avião, avião* (risos). Nessa ocasião em especial estava motivada a encontrar a mãe em uma cidade que haviam combinado para passarem um tempo juntas. Mas ela assume que, além dessa ocasião e do retorno ao Brasil desde o México, *essas foram as únicas duas vezes que eu peguei transporte aéreo, mas a maioria foi ônibus mesmo de um lugar para o outro.*

Além desses, Lanna ainda lista que utilizou de caronas e outros tipos de deslocamentos espaciais que foram aparecendo no caminho. *Viajei de moto um tempo no Equador, que um CouchSurfing lá ofereceu para me levar de Cuenca até Quito, que ele tinha um trabalho para fazer lá, ele falou: - ah, a gente pode ir passar cinco dias em Baños, passar não sei onde, passar não sei onde... de moto? Eu falei: bora!* Esse espírito de Lanna também a levou a construir experiências inéditas. Continuou listando que *teve barco também entre a Colômbia e o Panamá. Peguei o barco, muitos tucs-tucs também, e o chicken bus. O chicken bus pra mim é o meu transporte favorito da América Latina porque lá eu vi... [o que é chicken bus?] Eu vi muito na Nicarágua e na Guatemala, nos dois países, inclusive são os dois países favoritos da América Central. Sabe aqueles ônibus escolares dos Estados Unidos, aquele amarelão que tem aquele banquinho de couro marrom, sabe? Que tem muito dos filmes? Então, o chicken bus é esse ônibus dos Estados Unidos só que velho, mais desgastado. E eu não sei se os Estados Unidos doam*

para esses países ou se eles compram depois que já tá velho, só sei que quando chega lá na Nicarágua e na Guatemala, eles pintam que fica tudo colorido, parece um carro alegórico de carnaval, tem coisas penduradas, é vermelha, é branca, é azul ou é verde, formatos, assim é muito colorido por fora, muito lindo e eles fazem transporte de uma cidade para outra. E é muito barato! Sei lá, cabem 40 pessoas sentadas, só que vai ter 70 pessoas. Vai ter gente em pé, vai ter gente no meio, vai ter gente no chão, vai ter gente em cima do ônibus, vai ter gente pendurada na escada lá fora, e é transporte intermunicipal (Lanna).

A experiência de Lanna mostra os vários sentidos que esses meios de transportes vão adquirindo. A brasileira dizia que *estar naquele ambiente era observar realmente as pessoas lá. Então elas transportavam galinha, transportavam animal, transportavam comida, e era aquela loucura, sabe música alta, as pessoas dormindo no teu ombro, depois você tá dormindo no ombro de outra pessoa e era muito, muitas pessoas mesmo, sabe? Elas sempre curiosas de: o que você tá fazendo aqui? Quem é você? Porque eu não pareço Latina, então para eles era como que você tá aqui né? Como é que você fala espanhol, que eu aprendi na estrada o espanhol. Então para mim era muito, o mais perto de conseguir conversar com as pessoas do que um ônibus [convencional] sabe porque o ônibus é muito impessoal, você senta no seu lugar você vai conversar no máximo com a pessoa do teu lado, no chicken bus, de repente tava todo mundo gritando um com outro e conversando, era muito bom [risos]. Esse daí, eu acho que o transporte que eu mais gostei foi o chicken bus. O que eu mais gostei foi o chicken bus (Lanna).*

Figura 51 - Chicken bus na Guatemala



Fonte: Acervo de Lanna.

Carol também teve múltiplas experiências. Destacou a viagem de barco que realizou quando viajou pela Amazônia brasileira, entre Manaus - Santarém - Belém. Foi uma vivência ímpar. Os trajetos de Carol incluem ainda a viagem de trem, de Buenos Aires a Salta, que realizou na ocasião de sua primeira viagem – e várias caronas, sobre as quais contarei adiante. O trem ainda é parte das viagens contemporâneas, não apenas como parte dos sistemas de transportes das cidades, mas meio de conexão entre longas distâncias, incluindo a ligação entre países.

Caronas e trem

O “trem da morte” é um desses trens que cruza os tempos, conectando o Brasil à Bolívia – e vice-versa. O trajeto foi/é realizado por muita/os mochileira/os que estão em trânsito entre os dois países, assim como por bolivianos que estão no trânsito Brasil-Bolívia. O fato de a cidade de Santa Cruz ter uma importante ligação comercial com o Brasil tem influência na construção dessa cidade como o “coração econômico” da Bolívia. Entre o grupo de mochileiros/as é considerado como “*um clássico*”, possuindo um valor simbólico além de ser um meio de transporte barato que conecta o Brasil aos Andes.

Foi nesse trem, partindo de Puerto Quijarro com destino a Santa Cruz de la Sierra, que Jak e a prima adentraram a Bolívia. Na paisagem que se desenhava naquela nova experiência, sentia a mudança lenta entre os países passar pela janela. Lembrou que *em Santa Cruz ainda tinha muita coisa meio abasileirada, tinha muitas placas, muitas muitas tiendas, muitas lojinhas, muita coisa em português. A galera passava no trem oferecendo ‘café brasileiro’, eu tava sentindo muito forte essa, ainda, a fronteira. E tava longe. De trem são 16h! Sair de trem, já é um pouco mais lento, do que de ônibus, por exemplo. Mas saindo de Puerto Quijarro, acho que é Puerto Quijarro até Santa Cruz, é a gente viu muita influência, muita coisa da fronteira, nossa, já tava lá no meio, um terço do país pra dentro* (Jak).

A viagem de Jak rememorou a experiência narrada por Ângela Xavier nesse mesmo trem, quando fez uma viagem sozinha pelos Andes, de mochila, em meados de 1970. Esses cruzamentos espaços-temporais reforçam que “você está naquele trem, viajando, não através do espaço-como-superfície [...], você está viajando através de trajetórias” (MASSEY, 2008, p. 176). Havia embarcado em um trem que atravessou o pantanal mato-grossense, até a cidade de Corumbá, na divisa do Brasil com a Bolívia. Do

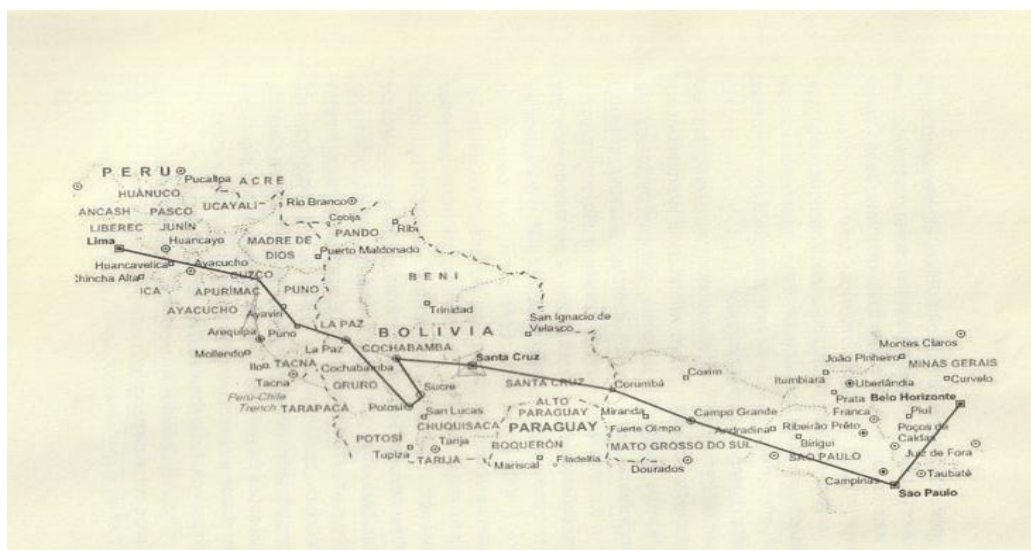
lado boliviano, tomou o “trem da morte” que levava passageiros brasileiros e bolivianos entre as cidades de fronteira dos dois países. Eram outros tempos, a repressão marcava o clima da época. Da janela do trem ela avistava traços de resistências pintados nos muros. Na época, a presença de Che Guevara ainda era marcante na região, segundo seu relato. Esses cruzamentos espaços-temporais mostram que algumas dinâmicas e movimentos culturais ainda circulam e se produzem pelos mesmos trilhos.

Figura 52 - Mapa ferroviário da Ferrovia Oriental, chamado de “trem da morte”



Fonte: <https://www.fo.com.bo/>

Figura 53 - Roteiro de Angela Xavier



Fonte: Xavier (2015)

Percebo que as linhas geradas pelo trajeto de Jak foi marcado pela relação com os lugares, desde a janela do ônibus ou do caminhão. Ela contou que na Argentina, em certa ocasião, vivenciou eventos marcantes na boleia de um caminhão, quando se deslocava de carona pelo país. Ressaltou que a visão da paisagem era privilegiada, e isso marcava uma diferença na experiência visual, desde o caminhão ela tinha a oportunidade de viajar *vendo tudo também porque é alto. É diferente do carro, do ônibus, caminhão é tudo aberto* (Jak). Seguiu recordando dessa vivência: *Eu lembro que na Argentina a gente pegou carona com dois caminhoneiros, eu fui num caminhão e minha prima no outro, e eles eram muito gente boa, parou pra levar a gente pra comer várias coisas. Teve um momento que a gente tava passando, era bem Norte, mais perto da fronteira com a Bolívia, tinha uns lugares que formavam uns paredões. É perto daquela região dos cerros de cores, essa região. Eles viam que a gente achava alguma coisa bonita, eles paravam, aí tirávamos foto, sabe? A gente viu um paredão de gelo, um paredão, tinha uma cerveja guardada, eles colocaram a cerveja e, coisa assim de 10 minutos, aquela cerveja, começou a ficar gelada, gelada, gelada [risos]. Vamos ficar aqui, passar a noite aqui* (Jak).

Esse tipo de deslocamento permite experimentar o lugar de forma diferente. Como lembrei acima, tracei uma linha por essa mesma região, e embora a experiência visual tenha sido deslumbrante, não tive contato mais próximo, para além do contato visual desde a janela do ônibus. A carona permitiu com que Jak fizesse pequenas pausas que

incluía provar a comida, parar para fotos, tomar uma cerveja resfriada em um “paredão de gelo” e passar a noite no lugar. Toda essa vivência só foi possível pelo contato com os caminhoneiros. Isso nos ajuda a pensar que os meios de transporte oferecem sensações diferenciadas. E que há uma costura entre as formas de se movimentar na região.

Talvez seja isso nos permite pensar que a carona não é só um meio “gratuito” de viajar, mas que proporciona formas outras sensações na experiência espacial. É possível pensar que há algo de desafiador na prática das caronas que algumas mulheres querem experimentar. É uma motivação do âmbito da emoção. É uma prática que legitima uma experiência de viagem desafiadora, ou seja, há também uma construção moral em torno dessa prática, da mesma forma que pegar avião, pode ser visto como um jeito *cheto* de viajar.

A prática da carona foi vivenciada por várias das interlocutoras, independente de classe, reserva de dinheiro e nacionalidade. Mostrando assim, algumas dimensões complexas, que exploro a seguir algumas dimensões de gênero. Nesse termo, Nanda contou que o processo para pegar carona na Colômbia foi um aprendizado emergido a partir do contato com uma viajante espanhola, que transitava somente de carona pelos países da região. Essa referência foi um encorajamento para as irmãs, mas também foi uma aula, com dicas preciosas sobre formas de agir. Assim, foram tentando fazer alguns trechos até se sentirem confortáveis para transitar dessa forma. *A gente se empolgou: - Oba, aprendemos a pegar carona, agora a gente não pega ônibus mais não. Vamo só pegar carona!* Contou Nanda. Apesar de as experiências iniciais terem sido bem-sucedidas, não demorou a aparecer as situações desconfortáveis, pelo fato de serem mulheres.

Em determinada situação: *a gente tava saindo de uma cidadezinha que era super fora de circuito que era Jardín [...], pegamos umas duas caronas que foi de boas, foi tranquilo, e aí chegamos nessa cidadezinha e ficamos... e nada e nada e nada! Foi umas 4h a gente esperando, se não aparecer ninguém a gente pega o ônibus, aí apareceu esse velho. [em que parte da Colômbia?] Perto de Medellin. Não, o cara, sabe piada de tiozão? - Ah não sei o quê, que eu tô viajando para encontrar uma namorada. O tempo todo com esses papos. Minha irmã fechou os olhos primeiro, fingindo que tava dormindo e eu fechei os olhos para fingir que tava dormindo também. Até que chegou na cidade de fronteira, alguma coisa assim, a gente: vamo ficar aqui mesmo! Descemos na primeira cidade que tinha, aí pegamos um ônibus.* Nanda nos ajuda a pensar que embora a carona seja capaz de oferecer diversas vantagens, como a gratuidade e a experiência sensorial

destacadas por Jak, uma situação desconfortável é capaz de interromper e redirecionar a forma de percorrer o espaço. Nesse caso, o ônibus se torna a opção que oferece certo conforto e segurança.

Esse relato me ajuda a pensar que o “universo da carona” para as mulheres é formatado pelas estratégias de segurança. Estas perpassam pelo aprendizado e pela análise contextual do ambiente cultural e dos agentes das caronas. A viagem de carona é uma possibilidade de deslocar-se a partir da criação de laços de solidariedade, isso significa uma economia de dinheiro e também proporciona um contato cultural diferenciado com a paisagem e as pessoas. Pegar carona está além de ser só um meio de viagem de baixo custo, também possui outros sentidos culturais. Há uma curiosidade em torno dessa prática, principalmente porque ela também leva ao inesperado, ao desconhecido, e isso é parte da expectativa de uma viagem. Para as mulheres, os sentidos do perigo e as agencialidades em torno disso estão sempre presentes, e são repassadas de uma para outra por meio dos encontros marcados de histórias, dicas e informações. Isso acontece, principalmente, por ser um meio propício para a situação de assédio sexual.

Percebo que a experiência de fazer os trajetos pegando carona pode ser importante, no sentido da gratuidade, para alguns grupos de viajantes. Gabi e Rosa viajaram de carona desde o estado de São Paulo, no Brasil, cruzaram o pantanal rumo à Bolívia em caminhões e em todo tipo de transporte que atendessem ao pedido de carona. Durante o trajeto, Gabi e Rosa paravam em postos de combustíveis, cruzamentos, além de outros espaços que são facilitadores dessa prática. Nunca pagaram um ônibus, diziam. Fizeram todo o trajeto de ida assim. Ou seja, para as artistas de rua a carona era o único meio de se movimentar. Era o que proporcionava estar em trânsito. Nesse caso, não importava que tipo de carona fosse, pois, a noção de segurança pessoal não estava em primeiro plano.

Talvez isso se relacione com o fato de estar em grupo – junto com elas havia outros dois homens, era uma viagem com um sentido mais coletivo inicialmente. Isso diferencia o processo da carona quando se está acompanhada de um grupo que inclui homens. Embora não tenha dados suficientes para afirmar que o fato de Rosa e Gabi não terem contado com episódios de assédio durante as caronas, seja necessariamente pela presença masculina, acredito que é possível conjecturar que a característica de estar sozinha, entre mulheres ou em grupos mistos, marca um tipo de experiência. Principalmente porque, na construção dos trajetos, pegar carona entre-mulheres pode ser uma experiência marcada pelas especificidades de ser um corpo feminino que circula sem a “proteção” masculina.

Se, por um lado, estar em grupo pode dificultar ou limitar a quantidade de pessoas dispostas a oferecer carona, por outro lado, para as mulheres, pode ser um dispositivo de segurança a mais ter companhia. Além disso, é possível pensar que pode ser mais fácil para as mulheres conseguirem carona do que para os homens, e isso pode tornar vantajoso, para os homens, ter a companhia feminina na hora de pedir uma carona. Há aqui um indício de certa predisposição a atender um pedido de carona quando está sendo sinalizado por mulher(es).

Ser mulher viajando e pedindo carona abre um campo maior de possibilidade de obter sucesso. Lanna, conseguiu pegar carona com diferentes pessoas no Uruguai, inclusive famílias que paravam para oferecer. Há certa sensibilidade em relação à “ser uma mulher” pedindo carona. A viajante contou que sentiu uma certa prontidão para a solidariedade. *As pessoas as vezes tem dó ou não sei o que seja, porque eu sou uma mulher viajando sozinha e estou pedindo um lugar para ficar, então as pessoas também elas se prontificam mais a ajudar.* Ela sentiu fortemente isso pegando carona, *porque as pessoas às vezes me davam carona e falavam: - É a primeira vez que eu tô dando carona para alguém, é porque eu não queria te deixar na estrada sozinha! Então assim, homens e mulheres, famílias às vezes, eu sentava no banco de trás tinha duas crianças, tipo isso que é a confiança né?* O sentimento de confiança era acionado em torno de uma figura feminina à beira da estrada, com um mochilão na costa, pedindo carona, isso impressionava Lanna: *você tá aqui com seu filho e você abre a porta para mim, eu sentia muito esse acolhimento das pessoas, por eu ser uma mulher viajando sozinha e claro também pelo fato de ser uma mulher branca loira do olho claro que não aparenta ser latina.*

Lanna problematiza esse tratamento na estrada, pois sabia que, embora essas situações tenham se repetido com ela no decorrer dos trajetos, essa figura feminina à beira da estrada tem raça, tem cor, tem nacionalidade, *então é um outro tratamento na estrada e eu sentia também que as pessoas sentiam essa, até não achavam que eu era latina, assim, as pessoas falavam primeiro em inglês comigo muitas vezes do que em espanhol.* Ela percebia que havia uma diferença no tratamento ao comparar com as experiências de outras mulheres brasileiras. *Tinha essa diferença que eu observava com outras brasileiras* (Lanna). Dessa forma, a experiência de pegar carona é uma possibilidade de aprendizado por meio do contato cultural que se estabelece, mas existem diferentes camadas desse contato cultural, que se desenrola mediante as construções das sujeitas em termos de raça e nacionalidade.

Já percebemos aqui que pegar carona mobiliza diferentes camadas. É parte do desafio de viajar em países onde há altos índices de violência de gênero, como é o caso da América Latina – e de muitos países do Sul global. Assim, exige a utilização de estratégias específicas no sentido de encarar esse desafio, fugindo do machismo, justamente por conhecer as dinâmicas e as situações de violências de gênero na vida cotidiana das cidades. A prática da carona não é um processo fácil pois o próprio corpo está implicado, além disso, é preciso ser ativa para estabelecer comunicação, desenvolver novas atitudes corporais e criar novas performances para se comunicar. Para essa prática é necessário,

o engajamento corporal [que] se insere desde a disponibilidade a uma relação de alteridade, numa real intenção de relacionar-se com o condutor, tomando a dianteira na comunicação com motoristas em postos de gasolina, restaurantes, aduanas ou outros locais de interseção em rodovias, até a performance à beira da estrada (MATOS, 2020, p. 101)

Além disso, há outros tipos de perigo ou desconforto que não estão concentrados na questão da violência de gênero. Rosa contou que voltou para o Brasil em uma aventura um pouco perigosa, que incluiu grandes trechos se deslocando a pé, uma vez que não havia possibilidade de sair de transporte de Santa Cruz de la Sierra. No meio do caminho, após se distanciar da cidade, conseguiu *umas caronas meio improváveis, tipo aqueles caminhões que carregam bois. Não tinha boi no momento, mas estava cheio de esterco e a gente veio na parte de cima do caminhão. E o caminhão todo soltando os parafusos, com madeira, bem perigoso* (Rosa). Este caso está mais relacionado à estrutura dos sistemas de mobilidade da região, que é marcada, em muitos espaços, pela precariedade.

Nesse sentido, o lançar o corpo na estrada é um aprendizado. As linhas criam muitas curvas. Vários dos relatos já mencionados nos ajudam a revelar uma evidente perspectiva da carona que é a do aprendizado. Por exemplo, pegar carona para Nanda, pressupõe um aprendizado que foi acontecendo à medida que ia avançando, conhecendo outras mulheres, trocando informações, desenvolvendo estratégias, embora, cada qual se relaciona com esse universo de forma particular. Nanda ainda contou que pegou carona *só na Colômbia. No Equador o pessoal fala que não é muito comum. E no Peru, a gente não pegou porque... Acho que também a gente leu a respeito, que tanto no Equador quanto no Peru é mais difícil. O pessoal não tem tanto essa cultura, na Colômbia é mais*

fácil. A gente pegou carona na Colômbia em um caminhão de boas. Bem tranquilo. Ou seja, a carona foi experienciada a partir das informações que circulavam, como a de que em países como Peru e Bolívia, estas são considerados difíceis para pegar carona. Isso nos lembra que os contextos locais ou nacionais também dizem muito sobre as estratégias a serem utilizadas, uma vez que há um fluxo de informações sobre as especificidades de cada local.

Jak confessou que tinha medo de pegar carona no Brasil.

Quando eu tinha 18 anos eu fiz uma viagem de Cascavel para Minas Gerais de carona, a gente pegou duas caronas, uma pessoa que indicou outra pessoa, mas mesmo assim eram dois caminhoneiros, pessoas que a gente não conhecia. Tava indo pra um encontro de estudantes de História, nada a ver, eu lembro que esses caras falavam, eles assustaram muito a gente, falavam: ah é foda, o Brasil é foda pegar carona, muita prostituição, é só isso que rola, os cara: vocês só tão conseguindo fazer isso porque alguém indicou a gente pra vocês – era essa a ideia –, porque se vocês fizessem isso, não sei o que podia acontecer com vocês. Tipo botou pavor na cabeça. Que eu acho óbvio, tem tudo a ver, como a bolha que a gente tá, é isso! Mas aí você viajando você vai entendendo... Antes, você entende que tem lugares que é assim, tem lugar que é assado, mas você entende também que existe uma comunicação que vai muito além, é corporal, é tudo. Tudo. Tudo (Jak).

De qualquer maneira, a prática da carona é um aprendizado de estrada, no qual as mulheres precisam dominar os códigos gerais, e também os particulares, que são as maneiras pelas quais constroem e desconstroem a imagem de uma feminilidade, quando necessário. Entre uma e outra carona há sempre as experiências negativas, a maioria relacionada ao assédio. Por isso, as mulheres que praticam a viagem de carona desenvolvem agências e estratégias específicas que intencionam se livrar dos eventos de assédio sexual. Apelar para o imaginário social sobre a mulher-mãe, mentir sobre o estado civil ou sobre a existência de um marido ou namorado – um “outro” masculino que mesmo inexistente, parece que ‘protege’, que pode interferir em um episódio de assédio. Dentre outras estratégias, como esconder o corpo baixo a roupas grandes e largas ou para parecer uma mulher grávida ou para não “parecer sexy” é também uma forma de proteção. Sair de situações desagradáveis é possível por meio de estratégias que as viajantes utilizam e que são repassadas também nesse aprendizado da estrada.

Lanna, antes de embarcar naquele ônibus com destino ao Chuí, fronteira entre Uruguai e Brasil, entrou no banheiro e pensou em raspar o cabelo, queria “eliminar” ao

máximo os traços de feminilidade, era uma desconstrução da feminilidade como forma de proteção na estrada, de não chamar a atenção para si. Na ocasião, ela não raspou o cabelo, sentiu que deveria fazer isso por si, não apenas pelo medo que sentia – acabou fazendo isso posteriormente. *A minha ideia era raspar a minha cabeça porque eu fiquei: eu preciso tirar a feminilidade que resta em mim. Só que assim, eu sou mulher, meu corpo é feminino e eu vou ser mulher onde quer que eu vá, e assim, não importa, mas eu tava com medo porque o meu cabelo loiro, liso, e eu sou muito baixinha também eu tenho 1,57m então eu sou muito lida como frágil também, como vulnerável. Eu ficava com medo das pessoas me verem dessa forma e raspar o cabelo como uma forma de afrontar essa forma como eles me olhavam, só que ao mesmo tempo, o cabelo faz parte também de quem eu sou. [...] Só levei roupas bem largas, não levei shorts, enfim, várias coisas na mochila que eu fui para evitar mesmo esse olhar para mim e para o meu corpo* (Lanna).

O depoimento de Lanna toca em um ponto importante, de que existe uma espécie de “ritual de passagem” que muitas mulheres enfrentam antes de viajar sozinhas – e de carona. Algumas delas podem cortar o cabelo curto, deixar os pelos das axilas crescerem, usar roupas folgadas. A vaidade, atribuída como uma característica feminina, é “contra-utilizada”, assim usar roupas que não marquem o corpo ou ter pelos na axila são formas de “espantar machistas” e não chamar atenção para o próprio corpo. Quando o uso do corpo é constante, este comunica de forma imediata, as técnicas corporais, como disse Marcel Mauss (2003), e as performances são desenvolvidas e acionadas de acordo com o contexto para fugir de uma situação potencial de perigo.

Além das estratégias corporais, a mentira é uma aliada necessária. Essa também era uma estratégia de Lanna, que disse que *lidar com assédio já é algo que é como se fosse um chip instalado em mim, então, é entrar na carona eu automaticamente já gravava um áudio para mim mesma, falando: - “Oi Ester, então já peguei carona, tô aqui com fulano e eu ele vai me deixar lá no posto de gasolina tal, a gente se encontra lá!” Assim, eu não tinha internet, mas a pessoa não sabia, eu mandei o áudio para mim mesma, e eu me sentia mais segura com isso sabe, assim por mais que as pessoas não iam fazer nada, era um ritual meu que eu já fazia em São Paulo. Então já tinham coisas que tavam dentro de mim, que me protegiam e outra coisa que me protegeu na estrada, que é triste: mentir! Mentiras! Porque você acaba mentindo* (Lanna). Nesse termo, há a criação de um enredo fictício sobre si.

Esse enredo é engrossado com detalhes que visam despistar sobre os motivos da viagem, comunicar que não se está “sozinha”, que se tem uma rede de segurança, que não

é um “alvo fácil”. Além disso, Lanna também viajava com a foto do sobrinho na proteção de tela do celular, na primeira oportunidade que tinha, dizia que era o filho. Esse apelo indica que há categorias de mulheres mais ou menos propensas a episódio de assédio sexual – ou mais ou menos respeitáveis. No caso de Lanna, ela pensava que ser mãe indicava que ela pertencia a uma categoria de mulheres, que se enquadra dentro de um perfil social positivo associado à figura da mulher: a maternidade.

Embora a viagem de carona possa ser desagradável em alguns casos, há os aspectos que mostram que existe também uma troca cultural positiva, sem incorrer em perigos, e que nem toda experiência de carona é potencialmente perigosa. Jak pegou caronas na Argentina que se circunscrevem nessa rota. Contou que, junto com a prima, cruzou o Norte do país de carona, considerou que [...] *foi muito, muito massa também pegar carona, foi muito tranquilo, todos os caminhoneiros, muito gente boa, todos, todos, queridos, conversavam interessados... família... e comida, nossa muito muito muito massa, foi bem bonito*. Esse trajeto, que as levou até Mendoza, ainda faz parte da experimentação das diversas sensações já descritas acima. Na ocasião cruzaram para o Chile. *A gente saiu de Mendoza, e foi até Los Andes, que já era a fronteira. Los Andes acho que já é Chile. No Chile a gente pegou uma carona, com um cara muito gente boa que tava num caminhão de vinho, os vinhos de caixinha do Chile* (Jak).

A Argentina é considerada um dos países nos quais a carona é muito praticada. Para mulheres, é percebido como um país “seguro” para pegar carona, assim como o Uruguai e Chile³⁶. Na rota para a Patagônia Argentina *echar dedo* é percebida como prática “cultural”. Carol fez essa rota quando decidiu pegar a estrada. Ela contou que *mana, eu fiz tudo de carona, eu nem acredito que eu fiz. Eu fiz tudo de carona, dormi tudo de barraca, eu não paguei um peso de ônibus, nunca paguei um ônibus, a comida assim, eu havia ido com uma grana, que era juntado do trabalho*. Ela viajava com essa grana, mas não era muita coisa, então economizava o máximo possível. Assim, *dormi de barraca, hospedagem, ou sea, eu botava a barraca em qualquer lugar, de transporte carona. E comida, aí dá um jeito*. Isso indica que Carol saiu para a estrada confiando nos trajetos de carona e nas dormidas em acampamentos.

E deu certo! Como ela contou: *sim, eu fui de carona, posto, conheci cada povo, que era pra chegar até Ushuaia, a cidade mais austral. Eram 3500 km de Buenos Aires*

³⁶ Essa informação circula entre grupo de viajantes e pode ser reforçada por informações em alguns sites na internet, consultar https://hitchwiki.org/pt/index.php?title=Am%C3%A9rica_do_Sul&mobileaction=toggle_view_desktop

eu fiz 3000 de carona, porque os primeiros 500/600 eu peguei um ônibus. Isso quer dizer que Carol já tinha algumas informações prévias sobre como conseguir ir de carona. Para isso era necessário se deslocar, sair da cidade grande e chegar estrategicamente aos locais propícios para negociar carona que estavam indo no sentido do destino que havia escolhido.

Nesse traçar de linha, conseguiu chegar em Ushuaia. A artista ainda relatou que: fui aos poucos, fui a todos os parques que eu queria ir, conheci um monte de pessoas no caminho, assim do lugar, pegava carona, esse era meu rolê, ficava pouco tempo, não ficava muito tempo, ficava poucos dias, uma semana, dependendo do lugar. Eu usava muito esse aplicativo chamado CouchSurfing. Eu usei muito naquele tempo, depois não usei muito mais, mas naquele tempo pra mim foi tudo, eu conversava e conhecia bastante pessoas por lá e eu conseguia hospedagem muitas vezes (Carol). Podemos pensar que nos deslocamentos de Carol, a carona era o que movimentava, mas havia outras estratégias.

Figura 54 - Carol na viagem a Patagônia argentina.



Fonte: Acervo da interlocutora. Cianotipia Ester Corrêa.

II - Formas de permanecer: alojamentos, *hostel*, *camping* e outras dormidas

Quando você está numa situação de vulnerabilidade, ou quando a pessoa vê uma mulher viajando sozinha, que a sociedade lê como frágil, as pessoas elas tendem a ajudar muitas vezes, porque ela fala: - pô eu não sei o que vai acontecer com ela, mas eu sei que eu posso ajudar, então eu vou dar carona para ela, apesar de nunca ter dado carona na vida, eu vou abrir as portas da minha casa para ela no CouchSurfing apesar de nunca ter feito isso na vida. Porque isso aconteceu comigo também, então assim, pegando carona e a pessoa fala: - não você não vai dormir em tal lugar não, você vai dormir na minha casa! Ligava para esposa e falava: - coloca mais macarrão aí na água porque tá chegando visita! (Lanna)

Esse depoimento de Lanna revela que movimento e paragens são aspectos da viagem que estão sempre conectados. Uma carona que leva a uma hospedagem. Ou ainda uma hospedagem direcionada pela carona. Percebo assim, que não é possível descrever e analisar as mobilidades sem considerar os ancoradouros (*moorings*) espaciais, de infraestrutura e institucionais que caracterizam e possibilitam o movimento, pois são esses ancoradouros que produzem certa reterritorialização ou um “apego rizomático” que acompanham os modelos de desprendimento ou de ‘desterritorialização’ (HANNAM; SHELLER; URRY, 2006).

A noção de ancoradouro dá conta de que o movimento depende dos pontos fixos e das infraestruturas materiais como as estradas, aeroportos, *checkpoints*, aduanas, ou seja, de onde se ramifica o movimento. É possível considerar que as zonas fronteiriças e aduaneiras fazem parte dessa “infraestrutura socioespacial de interação” (p.128), de onde há a convergência de uma rota ou trajeto se projetando em outras direções (FREIRE-MEDEIROS; LAGES, 2020). Também podemos considerar que as hospedagens e dormidas são ancoradouros, são experiência de reterritorialização nas quais a interação com o lugar e as pessoas se tornam mais intensas.

Dentre as muitas possibilidades possíveis de experimentar os lugares, o pouso, a territorialização temporária, são as mais importantes. É possível pensar nos locais de paragem, de acordo com Matos (2020), para quem as hospedarias são “zonas de estada distendida, operando-se da convergência de trajetos passadiços compostos de variados materiais e ritmos”, como locais que não são apenas de passagem, mas ponto nodal, “que atrai e põe em contato elementos advindos de variados contextos, com abertura e atrito suficiente para a criação de usos e sentidos” (p. 43). Assim, dos *alojamientos* aos

campings, os sentidos e usos são diferentes. Os lugares de paradas produzem diferenças entre as sujeitas.

Hospedagem solidária

Há uma dimensão sobre a troca de hospedagem, que aparece em diferentes relatos, que é a formação de relações de solidariedade. As redes de solidariedade se estabelecem de distintas maneiras, como acontece com o *CouchSurfing*, além dessas reações espontâneas ou combinadas com algum conhecido. Dessas redes, a experiência de *CouchSurfing* demonstra um potencial analítico no sentido das conexões, temporárias ou duradouras, que se formam desde a hospedagem solidária. Isso porque as narrativas de grande parte das interlocutoras são atravessadas, em diferentes densidades, por esses espaços-tempos.

A escolha dos locais de hospedagem nem sempre se relacionam com o âmbito econômico ou de renda, embora seja uma estratégia utilizada no sentido da redução dos custos. Há um sentido cultural mais marcante nas narrativas das mulheres. As trocas que esses encontros com pessoas locais significam, adicionam sentidos específicos à experiência vivida e aparecem nas histórias de viagem. Júlia valoriza a experiência da hospedagem solidária pelo valor das trocas, do aconchego, das boas vindas e dos vínculos formados. Costumava receber muitas/os viajantes pela plataforma *CouchSurfing* em Manaus, a partir dessas experiências criou vínculos afetivos com algumas pessoas a quem hospedou, de forma que gerou um laço de gratidão.

Contou-me que certa vez hospedou um viajante argentino com quem criou um laço de amizade. Posteriormente, em viagem à Argentina, este retribuiu o gesto. A confraternização que vivenciou com a família do amigo foi destacadamente marcante na experiência no país. Na ocasião em que viajou a Lima, mesmo estando financeiramente confortável, optou por pedir hospedagem pelo *CouchSurfing*, novamente destacando aspectos positivos dessa vivência com o casal que a recebeu, ela considerou como *uma experiência incrível de troca cultural* (Júlia, *Instagram*, 13 de janeiro de 2020), em uma postagem no seu perfil do *Instagram*. Ela destacou ainda que os aplicativos juntam pessoas com objetivos parecidos.

Essa troca de dádiva por meio da hospedagem também atravessa meus próprios trânsitos. Durante a viagem de campo estive hospedada na casa de amigos, na Argentina, que é fruto de uma relação construída por meio da experiência com a hospedagem

solidária, uma vez que Negro e Fede já ficaram hospedados em minha casa anos atrás. Já hospedei, nos diferentes lugares em que morei, viajantes de diferentes nacionalidades, em diferentes ocasiões e lugares, mediados tanto pelo *CouchSurfing* quanto pelas redes sociais, redes de amigos e encontros espontâneos. Da mesma maneira, experienciei a hospedagem solidária no Brasil, Argentina e Peru. Durante a viagem de campo, fiquei hospedada em Ica na casa de um anfitrião do *CouchSurfing*, que foi articulado por Liz.

A hospedagem na casa de residentes locais em diversas ocasiões, foi construída pelo acaso, mas principalmente pelas estratégias de buscas específicas no *CouchSurfing* ou nas redes sociais. No Brasil, existe uma rede colaborativa entre mulheres, por exemplo, o grupo no *Facebook* para troca de hospedagem entre mulheres viajantes, que agrega viajantes do Brasil e de outros países da América do Sul. As redes colaborativas de hospedagem feminina são parte de um tema que tem crescido no mundo das viagens. Recentemente, a brasileira Jussara Botelho recebeu um prêmio da Organização Mundial do Turismo pelo desenvolvimento da plataforma *Sisterwave* – uma rede que apoia mulheres que viajam sozinhas, mesmo sendo uma plataforma paga, há um impacto social na viagem das mulheres.

Além da produção de sentidos e aprendizados que advém de uma experiência coletiva, há casos em que o sentido familiar, de casa, está presente para algumas interlocutoras, na busca por hospedagem. Algumas experiências dão conta de que o estilo de vida que adotam para si, não se trata de um desprendimento absoluto das referências da vida coletiva, familiar, estar em movimento não é fuga total do sentido de “casa”, é ir ressignificando em diferentes lugares e pessoas, estendendo esse sentido em afetos produzidos entre irmãos, mães ou avós temporárias.

No sentido de se sentir acolhida, Lanna destacou em especial a família chilena que a acolheu durante o Natal. Mas ela disse que foi acolhida por diversas famílias durante a viagem, com muitas delas estabelecendo relações de carinho e afeto, participando de eventos familiares, ressignificando datas comemorativas. Confessou: *Eu sou completamente apegada a família! [...] eu choro de saudade às vezes quando eu tô longe. Mas é um estilo de vida que eu escolhi, que eu sei que acontece, só que aí o que eu faço? Busco famílias quando eu tô fora. Então sei lá, vai passar o Natal, aí eu falo para o outro: eu vou procurar uma família agora para passar o Natal junto! Agora é Páscoa, minha família é religiosa, eu não sou, mas assim era uma desculpa para passar o tempo todo mundo junto. Na minha cabeça. Eu falei, pô, vou procurar uma família para passar a Páscoa. Dia dos pais, eu vou procurar uma família, então sempre acabava procurando pessoas.*

Eu fui acolhida por famílias em quase todos os lugares que eu passei, quase todos os lugares que eu passei. (Lanna) A viajante se esforça para desconstruir estereótipos, como o de que todo mundo acha que mochileiro não é apegado à família.

Esse sentido de busca pelo familiar entre o transitório, corrobora com a experiência marcante de Flora e Nanda. Além de que, “ser adotada” é uma categoria presente na experiência de Gabi. As recepções calorosas costumam influenciar na duração da paragem. Em alguns casos, pode se estender por muito mais tempo do que o planejado. A troca de hospedagem costuma ser uma característica que atravessa a experiência de várias viajantes, mesmo as que não adotam essa estratégia como organizadora dos sentidos da viagem.

Uma possível interpretação, propiciada pela observação no grupo “*CouchSurfing da minas*”, é de que há categorias de sujeitos que são mais “hospedáveis” que outros. No caso do aplicativo, os sujeitos mais aptos a serem tinham geralmente seguem um “*mainstream mochileiro*”, mas, isso indica que possivelmente também envolve as questões raciais. Ou seja, há maior chance de conseguir hospedagem se você é branca/o, se adota um estilo de viagem “mais classe média”. O que obviamente necessita de uma observação mais cuidadosa.

Carol utilizou contextualmente o *CouchSurfing*. Ela confessou que na época havia sido importante, mas que dificilmente utilizou depois dessa ocasião. O uso do aplicativo nunca apareceu como possibilidade para Gabi e Rosa. Talvez isso indique sobre como os diferentes estilos de viagem constroem seus próprios espaços de troca solidária de hospedagem. No caso das artistas de rua, dava a entender que organizavam as práticas das hospedagens baseada em acolhidas solidárias de pessoas amigas e desconhecidas, assim como buscavam lugares de referência coletiva, que eram mais abertos e receptivos a viajante do tipo delas.

No caso dos encontros espontâneos que se transformaram em relações de solidariedade, *no Brasil, nossa, me acolheram de um jeito. Entrei no Brasil vi as panelas na mesa, foi como: uau! Todo acolhimento da galera, rolou que me convidaram muitos pra suas casas, me viam sozinha: tu ta viajando sozinha? Não, vem pra minha casa, eu moro com minha família! E aí eu ia lá, chegava era uma casa xis, me acolhia, pra mim assim foi muito amor que me acolheram (Carol).*

Foi nesse clima de acolhimento que sua estadia em Teresina se estendeu muito mais do que havia pensado. Quando ela chegou lá, *tudo rolou pra mim, tudo... O trabalho, as oficinas, achei espaço para treinar.* Além disso, a recepção calorosa de uma amiga

que havia a acolhido também a fez querer permanecer um pouco mais, e ainda contou que conheceu *uma galera massa*. *Falei: - amiga vou ficar mais uma semana... Amiga vou ficar duas, e não queria ir embora. Eu fui embora porque já havia combinado um rolê com outra amiga que estava vindo de São Paulo até Maranhão para juntar-se comigo, eu falei: - não, não vou deixar ela não, eu vou com ela.* (Carol)

Saiu de Teresina, mas falou que ia voltar, *gostei muito daqui tá rolando tudo pra mim foi muito massa, no trabalho*. Assim, após *dar um rolê* pelo Maranhão, recebeu a proposta da amiga para apresentar espetáculos, por meio de um projeto cultural. Quando a amiga perguntou se aceitava a proposta, *eu falei: - amiga, claro, eu não pensei em nada, eu falei: - eu vou seguir viajando? Eu não quero viajar, eu quero fazer coisas, eu quero apresentar... amiga, bora, e aí fui*. Assim, alugou uma casa e morou ali por cinco meses. *Fazia oficina de teatro, de dança gratuitas que tinha lá. Aproveitei muito tudo lá, eu me senti muito acolhida, a galera de lá pra mim, foi muito muito da hora, foi muito massa, um amor [...]*

Muitas mudanças aconteceram nesse período, incluindo o veganismo, *no processo de toda essa viagem, eu virei vegana*, conheceu uma menina que cozinhava e vendia comida vegana, e foi com quem acabou morando. *Ficou tudo perfeito, mana*. Ela estava morando com uma amiga vegana, fazia tudo que queria. Mas chegou um tempo que falou: *Nossa... já está! Chega de aqui, eu adoro aqui, a galera já pensava que eu ia morar lá, eu falei não, mas quero dar um rolê*. Foi então que decidiu ir para a Chapada Diamantina. *Peguei um Id Jovem pra Bahia, e fui embora de lá, fui embora sem pensar. Peguei todas as minhas coisas, peguei um 99 e... rodoviária, tchau. Tchau amiga. Así, embora. Eu nem acreditava que tava indo desse jeito assim. Sem despedir! Como assim? Porque eu aprendi que as despedidas são com choro. É eso, mas, não, tchau, já era* (Carol).

Há conexões outras que se formam na estrada e que se estendem de diferentes maneiras em uma mesma viagem. Ou seja, algumas relações que acontecem e se estendem por um trajeto. Jak contou que quando esteve no Chile, ficou hospedada na casa de pessoas que havia conhecido anteriormente, quando esteve na Bolívia. *A gente desceu pro Sul, depois voltou e ficou em Valparaíso mais de 20 dias, aí ficamos na casa de um amigo nosso, que conhecemos em La Paz, Bolívia. Então chegamos no Chile e ficamos na capital, aí minha prima tinha esses amigos, conseguiu trabalho e eu tinha conhecido um boy na Bolívia, que morava em Valdivia, no Sul. E aí ele: - Vem pra cá! Vem pra cá! E eu fui*. O depoimento de Jak nos ajuda a perceber que as relações de afeto construídas

na estrada podem marcar as paragens e os próprios itinerários, direcionando-os para lugares previsíveis ou não, e até improváveis.

O hostel

Fora de eventos articulados, e às vezes excepcionais, a construção da hospedagem costuma ter no *hostel* um lugar importante. Principalmente porque a experiência nesse tipo de lugar é relacional. Relaciona outras experiências como a do trabalho voluntário. É comum o trabalho voluntário por troca de hospedagem em *hostel*, existindo plataformas específicas que mediam essa relação, mas que também podem acontecer por outros meios. Além de lugar de hospedagem, é um espaço de trabalho.

O *hostel* tem se tornado um lugar cada vez mais dinâmico. Uma das características desse tipo de hospedagem são os quartos coletivos, que em geral abrigam entre quatro e doze pessoas em um mesmo quarto. O preço costuma variar de acordo com o país, o número de camas, a localização e a quantidade de equipamentos que costumam oferecer para os hóspedes. Alguns possuem atrativos cosmopolitas, apelo visual com pinturas, grafites, jogos, para se estabelecer como um ambiente “descolado”. A recente sofisticação do conceito de *hostel* tem causado na diminuição das diferenças entre a experiência em um *hostel* ou hotel: às vezes os dois funcionam no mesmo lugar, ou seja, um estabelecimento com dupla função, como aconteceu em lugar que consultei em Foz do Iguaçu. Os lugares mais turísticos tendem a oferecer uma maior quantidade de estabelecimentos desse tipo, nos quais a infraestrutura tende a ser cambiante, porém é possível encontrar todo tipo de *hostel* nos mais diversos lugares.

Utilizei deste meio de hospedagem por diversas ocasiões, de forma que foi também um ponto de encontro etnográfico com Liz, Juana e Jak, com quem compartilhei da mesma experiência de hospedagem em países diferentes. São pontos importantes de paradas, cheios de sentido particulares, se relaciona com o aspecto da atratividade turística de cidades como Buenos Aires, Cusco e Salvador, porém, não é só no sentido do interesse turístico que move as sujeitas e seus trajetos.

Figura 55- Hostel em Cusco



Fonte: Ester Corrêa, 2019.

Um desses sentidos é a possibilidade de planejar um lugar seguro para pousar. É fácil reservar um *hostel* pela internet, em um dos vários sites de mediação de hospedagem. Reservei uma única vez pela internet, o principal motivo era o fato de que chegaria sozinha à noite na cidade de Salta, na Argentina. Fazia diferença ter uma referência de lugar para ir. A apreensão de chegar em um destino a noite mudava as expectativas de desembarque no lugar, como também acontecia com as interlocutoras.

A construção dos espaços com significados diferentes para as interlocutoras pode ser acompanhada quando Liz dizia que acampar era um ato inseguro para uma mulher, por isso, uma das características de sua viagem era a busca por hospedar-se em lugar considerado seguro. Nesse sentido, os locais de hospedagem são escolhidos a partir da noção de segurança, sendo o *hostel*, por exemplo, capaz de oferecê-la. Os campings são espaços onde é possível armar uma barraca ou alugar um quarto, sendo em espaços privados – algumas exceções em espaços públicos.

Por tanto, esses lugares constroem os significados em torno dos encontros entre sujeitos diversos que se friccionam, intercambiam, as rotas que se cruzam, produzem sentidos. Os lugares de paradas como camping, *hostel*, hospedaria, alojamentos, casas de residentes locais, em todos podem proporcionar diferentes experiências e contatos, um local de reinvenção e aprendizado a partir da conexão entre as realidades locais e globais.

Por isso, as paragens têm diversos sentidos. As paragens são o sentido em si, não é apenas uma zona transitória ou de descanso, ou ainda de apoio para permanecer em determinado lugar, geralmente turístico.

Alojamentos e mocós

O *alojamiento*, onde encontrei Gabi e Rosa, era uma espécie de hotel precário com administração familiar, na entrada da recepção havia integrado um pequeno mercado, onde era possível comprar miudezas como água, cerveja, cigarro etc. Por dentro, havia um grande estacionamento, banheiros e as escadas para os dois andares superiores. Devo dizer que não era o padrão que eu havia planejado para a viagem, de alguma forma o lugar era desagradável, exceto pela companhia de Gabi e Rosa, e o grupo de músicos de rua argentinos. Apesar de ter anotado alguns endereços de *hostel*, escolhi o alojamento, por conta da companhia das minhas novas companheiras – com quem desejava iniciar a pesquisa. O fato de estar localizado próximo à rodoviária influenciava, pois era possível obter serviços e informações sobre deslocamentos – toda a cidade estava paralisada. Estar próxima do Terminal Bimodal permitia acesso rápido à informação sobre como sair da cidade e também do câmbio de moedas que acontece em frente ao terminal.

Figura 56 - Alojamento em Santa Cruz de la Sierra.



Fonte: Ester Corrêa, 2019.

Para Gabi e Rosa era o segundo alojamento que se hospedavam na cidade. No anterior, tiveram que sair pois houve uma pequena confusão com um grupo de viajantes que estava no estabelecimento. Isso se deu por conta do abuso de horário e excesso de bagunça, da qual elas participaram. De qualquer forma, isso não parecia importar muito, elas levavam a história com bom humor. O novo alojamento estava localizado próximo ao parque urbano da cidade, que era um ponto de encontro do grupo de artistas e artesãos que estavam pela cidade. Além de passarmos a compartilhar o espaço do alojamento, circulamos pelas ruas e praças. Deixei-me levar, embora estivesse assustada, pelos passeios e *mangueios* que compuseram as experiências de caminhar pelas ruas da cidade, com duas mulheres artistas de ruas em meio ao *paro* boliviano.

Nesse movimento de transitar junto, acompanhar o trabalho na rua era um espaço importante. As condições de trabalho não eram ideais. Devo contextualizar que, a arte de rua e o mangueio dependem do fluxo nas ruas, com a situação política na cidade, tudo estava fechado, as ruas não tinham movimento, isso impossibilitava o trabalho. Uma das preocupações principais era conseguir dinheiro para pagar o alojamento, uma vez que a outra opção era dormir de *mocó*. O *mocó* é um espaço coletivo construído de forma física e subjetiva por certos grupos de viajantes como músicos, malabaristas e artesãos/os. É o lugar onde estes estabelecem como pontos para dormir, descansar, geralmente em um lugar público, pode ser um parque, na rua, um lugar estratégico em torno do qual o grupo se une para o abrigo noturno nos lugares. Nesse caso, o *mocó* ficava no Parque Urbano.

Quando precisaram sair do alojamento, foram dormir *de mocó* no parque com os outros *malucos*. Gabi sentia certo pesar por isso, apesar da boa convivência com o grupo que estava na cidade, demonstrava pouca animação para estar em um ambiente tão masculinizado. Não parecia estar assustada ou com medo, mas a ideia de ir para o *mocó* parecia desagradável. O *mocó* era um símbolo de insegurança, e alguns dos possíveis riscos advinham de dentro do próprio grupo.

Os riscos eram associados mais aos roubos internos, praticados por pessoas com comportamentos particulares dentro do grupo. Não sendo o roubo uma característica geral, mas sim, uma prática atribuída a sujeitos específicos, principalmente aos que fazem uso de determinadas substâncias químicas. Porém, isso não anula a ideia de que esses espaços também podem ser propícios para violências de gênero. As artesãs, as *malucas*, as malabaristas, e outras *callejeras*, sofrem com o receio da violência de gênero ao estarem mais expostas às dinâmicas das ruas. Isso explica que uma grande parcela viaja

com um companheiro homem e sob as regras do grupo, embora nem todas se enquadrem nessas regras.

Porém, o *mocó* não é o único espaço de referências de viajantes desse estilo. Os acampamentos, as casas culturais e as ocupações também percorrem as experiências das duas artistas de rua. Gabi contou que: *já tive várias experiências de hospedagem distintas: hotéis, albergues, casas culturais, ocupações, casas de pessoas que me adotaram e de amigos, pensões, acampamentos e dormi muito na rua e em rodoviárias*. Assim, Gabi nos ajuda a pensar que há uma multiplicidade de espaços possíveis. Aqui percebo que há um cruzamento espacial, embora com distintas temporalidades, entre Gabi e Carol com relação a hospedagem em determinados espaços.

Casas culturais

As ocupações, as Casas *Okupa* como são conhecidas, são uma dessas conexões entre Gabi e Carol. A ocupação cultural Ouvidor 63 faz parte dos trajetos, aprendizados e atuações das duas artistas. Carol teve contato com uma ocupação cultural no Chile, logo no início da viagem, quando ainda não tinha muitas habilidades com a arte. Iniciou uma série de aprendizados quando esteve em uma *Okupa* em Santiago. Sobre isso ela disse: *quando estava em Santiago, entrei nesse dilema: o que eu vou fazer agora? Pra onde que eu quero ir? Que quero realmente fazer? Como que eu vou fazer dinheiro? Entrei num dilema. Mas aí onde eu tava morando, igual não paga aluguel, é uma Casa Okupa, a gente fazia recicla, todo massa aí. E aí foi que eu falei: vou ter que ir no sinal*. Por meio das oficinas que aconteciam e do contato com outras pessoas viajantes, ela decidiu se *lançar no sinal* – ou seja, *manguear* no semáforo.

Com essa conexão, nesse circuito de arte e viagem, ela veio parar em uma oficina de criação de número, algum tempo depois na *Okupa* Ouvidor 63. Carol fez questão de ressaltar que esta é *a maior ocupação de latinoamérica! Nossa, essa Okupa é muito maravilhosa, rola muita energia lá, mas o trabalho que tem do conjunto, da galera que mora lá e está fazendo acontecer lá, é muito maravilhoso porque mudou muito, no passar dos anos, e hoje em dia tá incrível. Se bem que não voltei, até agora, que tô pelo Nordeste, lá tá acontecendo coisas maravilhosas, teve agora o Festival Internacional de circo e arte de rua, que eles organizaram... Vale ressaltar isso porque merece, né?* (Carol)

Sobre essa experiência, Gabi também destacava nas suas narrativas. Contou-me sobre as vivências no lugar, enquanto um aprendizado artístico, por onde circulam

artistas, malabaristas e artesãos de toda América Latina. Nesse espaço participou de diversas oficinas, estabeleceu laços e conexões, assim como mantinha um contato muito próximo com o local, como uma espécie de espaço de referência. Um tempo depois que chegou ao Brasil, ela retornou para o Ouvidor 63, onde continua vivendo até o fechamento desta pesquisa.

Esse espaço parece ser oportuno para observar como a presença de artistas/artesãos mobiliza os fluxos de migração transnacional na região. Além disso, talvez seja possível também se aprofundar sobre como circula esse conhecimento artístico compartilhado nesses espaços coletivos. É possível dizer, a partir do observado nesta pesquisa, que há um cruzamento intenso entre nacionalidades. Há um número em destaque de argentina/os nas fronteiras regionais. Os itinerários viajantes-migrantes se cruzam, impondo desafios ao controle fronteiriço – principalmente pelo fato de algumas pessoas circularem com documentos irregulares – e também dando outros sotaques, outras estéticas e novas *performances* às ruas e semáforos das cidades e lugarejos. Por fim, destaco também a importância que as convenções de circo e malabarismo têm de movimentar sujeitas na América Latina.

III - Trabalhar viajando e viajar trabalhando: farol, voluntariado e outros mangueios

O dia estava nublado, mas mesmo assim, tomei coragem e saí para a feirinha de domingo, que eu já sabia que era movimentada. Pensava inicialmente que poderia expor o artesanato que eu havia levado, mas não consegui me organizar para isso, desanimei porque tinha pouca coisa para expor, mas também porque queria curtir e observar a feirinha. Admirar a dinâmica, e tentar compreender como as coisas aconteciam por ali. Caminhei pelas ruas enlameadas que levam ao Camping do Seu Dai. O tempo chuvoso piorava alguns lugares por onde tinha que passar com cuidado para não escorregar. Cheguei na pracinha do centro, logo avistei um amontoado de barracas que ocupavam o todo espaço da pequena praça. Eram barracas de frutas, legumes, roupas, que se misturavam com os expositores artesãos/os, que por sua vez mostravam uma diversidade de arte/artesania, desde produtos naturais como óleos e sabonetes até tramos de artesanato em macramê. A pracinha tem um coreto quase que no centro, é todo coberto com um muro de meia altura. Por dentro, as arquibancadas anunciam ser um espaço para assistir apresentações artísticas, possuindo inclusive um mini palco. Isso logo se

confirma quando começam apresentações de malabaristas, ao mesmo tempo em que, no palco também há apresentações de um grupo que entoa músicas de capoeira. O espaço é múltiplo, e há uma espécie de organização respeitosa entre os grupos de artistas que pretendem se apresentar e os artesãos/artistas que estão expondo seus produtos. Uma mulher inicia uma apresentação com bambolê. Observei que não era brasileira. Pensei ser de alguma região dos Andes, já que a aparência lembrava indígenas dessa região. Fazia movimentos corporais complexos com múltiplos arcos. Passou o chapéu em seguida do seu número, e eu contribui com alguma coisa. Realmente, gostei muito do número. O movimento na feirinha já estava enfraquecendo, mas parecia que alguns artistas e artesãos ficariam por ali, batucando, conversando, jogando malabares (Vale do Capão, Palmeira, Bahia. Diário de campo, 2022).

Viajar, produzir e manguear

O relato resgatado do meu diário de campo, marcou o primeiro contato que tive com a arte de Carol, mas ele informa um pouco da dinâmica das *performances* artísticas que são possíveis de encontrar por muitas cidades da América do Sul. O cenário local descrito é o Vale do Capão, uma vila onde se misturam turistas, viajantes e pessoas que migraram para a região em busca da tranquilidade e da “energia” do lugar, cercado pelas cachoeiras. Um lugar “perfeito”, desses lugares que atraem uma “malucada” de diferentes nacionalidades.

Quando estive no Vale do Capão observei a presença de mulheres latino-americanas e europeias, pude observar a forte presença de artistas de ruas/artesãs, que por ali estendiam suas vendas ou faziam suas performances. Uma dessas performances era de Carol. Apresentava-se no espaço central da praça, que é também ponto de encontro para outros eventos. Além dela, houve outros números protagonizados por mulheres, como por exemplo uma apresentação de malabares. Recordo-me de ter ficado especialmente encantada com a complexidade da apresentação de Carol, realizando movimentos com vários arcos – bambolês –, o que aumentava meu desejo de contribuir com aquele trabalho. Já aguardei a “passagem do chapéu” com alguma *grana* separada.

A noção de trabalho se desenhou muito evidente nos diferentes contextos nos quais esta etnografia percorreu. Ao contrário do que se pode pensar da imagem da/do viajante como uma pessoa “desocupada” que só “desfruta” a vida, devo alertar que um

dos sentidos mais importantes de certos tipos de viagem é o trabalho. Nessa perspectiva, minhas próprias motivações, que marcaram as viagens etnográficas, foi o trabalho antropológico. Isso quer dizer tanto para mim quanto para minhas interlocutoras, o trabalho foi o grande pilar, que proporcionou o trânsito. Porém cada qual vivencia a essa experiência de maneira particular. Este é permeado de negociações, se tornando um aspecto que diz muito sobre as trajetórias e percepções de mundo das viajantes.

Uma das dimensões de trabalhos mais aparentes no meio *viajero* é o *mangueio* com arte e artesanaria, na qual o principal espaço de atuação é a rua. Porém, como disse uma das interlocutoras, atualmente as pessoas têm usado as diferentes habilidades para prosseguir viajando. As vivências na rua são muito plurais, pois agregam artesã/os, artistas – de diversas linguagens –, malabaristas, vendedoras de comida. Em alguns casos, uma mesma pessoa pode desenvolver diferentes atividades de trabalho ao longo de uma trajetória, ou seja, assim como no uso do transporte, as práticas de trabalho são combinadas. Por exemplo, Liz organizou a viagem em torno do voluntariado, porém também vendeu *empanadas* na Colômbia e trabalhou em um restaurante vegano em Cusco. Essas experiências curtas ou pontuais, pluralizaram o sentido do trabalho e são muito comuns nessas rotas.

Dessa mesma forma, Gabi tinha seu *pano* com as artesanias em macramê e também matéria para fazer mais *trampos*, mas se dedicava principalmente a fazer malabares no semáforo. Quando as ruas da cidade ficaram vazias, começou a focar na produção de *pulseirinhas de macramê* para manguear nos espaços onde havia movimento. O que há de encontro nessas experiências é que são as estratégias de trabalho que sustentam as permanências e movimentos. No meu caso, a viagem era sustentada com o dinheiro do meu trabalho como pesquisadora, apesar de que em determinados instantes foi necessário fazer algumas combinações de trabalho para permanecer, como no caso do voluntariado no *hostel* em Cusco, além de ter vendido ou trocado algumas das artesanias que produzo.

Essa identidade artesã que circula e transita pelas rotas deste continente compreende um grupo plural de viajantes que buscam viver a viagem por meio do trabalho *callejero*. É parte de um fenômeno que assume características particulares na região, como mostraram Aldana (2018) e Montaña (2014), ao acompanharem os *locos* (ou “malucos”) em uma experiência vivenciada na estrada, viajando com esses grupos, compartilhando desse universo cultural. Os “malucos de estrada” como são conhecidos no Brasil, constituem um grupo de destaque na região, o qual tem o trânsito propiciado

pelo manguieio no trabalho informal e *callejero*. Isso possibilita a criação de práticas culturais baseadas no trabalho informal, principalmente com a artesanaria e a arte de rua.

Figura 57- Artesania em macramê produzida por Gabi.



Fonte: Ester Corrêa, 2022.

Há uma diversidade de estilo de viagens que são propícios na América do Sul, devido às nossas particularidades de organização social, embora o trabalho de rua artístico seja praticado nos diferentes continentes, há uma flexibilidade em alguns países do Sul Global. Entre esses destacam-se artesãos e artesãs, malabaristas com suas diversas especialidades (arcos/aros, tecido, fogo, claves, diabolôs, monociclos, facões e mais uma infinidade de objetos manuseados), músicos/músicas de diferentes estilos que realizam apresentações musicais em praças, ruas, restaurantes, etc., principalmente com o uso do violão e instrumentos de percussão. É importante dizer que há junções entre as habilidades artísticas, uma ou mais podem coexistir e se complementar, ou ainda, representar uma fase de interesse da/o viajante, como aconteceu com Carol.

Comecei no sinal, mas não era a primeira coisa que eu queria fazer no começo. Falei: - não, quero fazer outra coisa, outra coisa que eu goste, não sé. Aí eu falei: vou aprender a tocar música, não sei como, mas eu vou aprender a tocar o violão. Comprei um violão. Magina-me (risos). Comprei um violão e falei: vou aprender a tocar. E aí, aprendi não sei como, os acordes. Eu falei eu tenho que sair daqui. Vou ter que trabalhar

com música, assim eu me sinto mais à vontade. Fui aprendendo, mas eu tava indo no sinal, ainda pra fazer, mas não era o que eu queria, assim, nesse momento... Hacer bandeira. Mas salvava trabalhar com arte. Só que eu queria ir bem preparada. Foi aí que eu conheci um amigo que viaja muito tempo, que é meu ex-companheiro, que ele es chileno. E ele es músico. Aí começamos a viajar juntos, e eu empezé a tocar, cantar com ele, e aí fui me desenvolvendo, com a música. Porque a parte do sinal, me joguei e entrei. Mas com a parte da música já é outra coisa, começamos a ensaiar e começamos a trabalhar juntos, só que ele depois veio para o Brasil. E eu ainda não queria vir para o Brasil, eu queria ir pra Paraguai, e todas esas cosas. Ah, porque a gente viajou até Bolívia de novo. Da Bolívia fui para Paraguai. Sozinha. Aí eu viajei com ele, mas depois viajei sozinha, aí, me tuve que jogar nos ônibus a cantar. Não sei de que jeito eu cantava, mas eu cantava e rolava. E falei: nossa, tá acontecendo! (Carol).

Desde os 23 anos na estrada, Carol já viveu em casa cultural, aprendeu a tocar violão, foi a convenções de circo, aprendeu malabares em tecido, dentre outras habilidades e atualmente viaja com um número de malabares com bambolê (arcos). Esse depoimento acima conta sobre processos de aprendizados e coragem para “se lançar”. Todos esses aprendizados já foram ou são estratégias de “fazer dinheiro” na estrada. Atualmente, é mais que uma estratégia, é uma expressão da própria identidade artística e pessoal. Carol apresenta com o bambolê. Montou alguns números com os quais se apresenta também nos faróis das cidades. Contou-me que às vezes precisava se deslocar de onde estava na vila do Vale do Capão, para uma cidade maior para conseguir trabalhar e fazer dinheiro.

Nesse grupo de artistas e artesãos, está a presença marcante da/os “malucas/os de estrada”, a maioria trabalha fazendo artesanias, como pulseiras e colares em macramê, aço, cobre e material (vegetal e animal) coletado na “natureza”. Embora seja um grupo que se constrói sob um ideal de “liberdade”, ainda conserva regras internas rígidas, tanto no que diz respeito à legitimação da identidade enquanto *maluco* – artesão – designando categorias negativas para quem expõe o *trampo* – trabalho – sem se adequar às regras do grupo. Algumas dessas regras são machistas e homofóbicas, elaboradas a partir de códigos e regras morais conservadoras e machistas. “Colar numa pedra”³⁷ está sujeito a

³⁷ A “pedra” é o lugar onde artesã/os se reúnem para expor os trabalhos manuais nas cidades e lugares onde chegam.

regras de condutas patriarcais, presentes na exigência do jeito de se vestir e se portar. Como interpretado a partir de algumas conversas com *malucas de estrada*³⁸ e com Gabi.

Nessa cultura da estrada, há uma complexidade de estilos de viagens, que se afastam e se aproximam, e é baseada em creditar a si a condição de pureza, do viajante “raiz”. Para esse grupo, o artesanato é um elemento muito importante e uma forma de negação da nomeação de *hippie*³⁹, as identidades de artesão e artista de rua marcam a percepção desses sujeitos, mas também de outros grupos, como o dos malabaristas e músicos, que são mais recentes, em certo sentido. Embora algumas práticas culturais se encontrem entre esses grupos, existem códigos culturais distintos. Não são estes grupos estáveis, há zonas de desorganização e articulação entre essas práticas. Nessa zona se encontra Gabi. Ela é parte do grupo de mulheres que vêm questionando e reivindicando novas regras de conduta que não sejam baseados em valores morais que desvalorizam a autonomia vestir-se e comportar-se desse grupo de mulheres, abrindo espaço para *pedras* organizadas por artesãs, por exemplo, ou ainda para um afastamento de uma identidade fixa, na qual, outros fazeres e práticas possam coexistir. Os diálogos com Gabi, dão conta de que há frestas em uma identidade que se construiu na estrada entre a artesã e a malabarista. Isso nos ajuda a pensar que a artista de rua desenvolve múltiplas habilidades na estrada. É assim que ela se sustenta quando também está vivendo em algum lugar.

Gabi representa os entremeios que derivam da cultura que se forma na estrada, mas que ganha novos sentidos, principalmente a partir da ampliação do debate sobre os diversos lugares das mulheres na sociedade, das novas formas de circulação, das novas formas de liberdade, pois questiona o pensamento patriarcal ainda muito presente no grupo de artesãos de estrada. Em nossas conversas se destacava o tema da arte de rua, de ser mulher na estrada, do trabalho com artesanaria e com malabarismo e a experiência da maternidade.

Gabi localiza-se na fronteira entre os dois grupos, entre *malucos* e malabaristas – que podem apresentar certas rivalidades em torno da disputa por espaço e legitimidade.

³⁸ Muitos diálogos foram construídos com minha melhor amiga que é artesã e *maluca de estrada*, atualmente está viajando de kombi pelo Brasil.

³⁹ Os artesãos e as artesãs são associados, em certa medida, ao grupo que por muito tempo convencionou-se chamar de *hippie* desde a década de 1960. Kaminski (2018) disse que existiam “pessoas que se declaravam artesãs ou artistas, negando o rótulo de “hippie” que não lhes é corretamente atribuído, apesar de adotarem estéticas e práticas consideradas *hippies* pelo grande público” (p. 220). O artesanato tornou-se parte da identidade de muitos jovens que circulavam no Brasil desde o pós-guerra. O trabalho era um fator de distinção de latinas/os-americanas/os que, diferentes dos *hippies* europeus e norte-americanos, viajavam e trabalhavam. A ideia geral sobre os *hippies* era de improdutividade e ociosidade, como disse ainda o autor, porém havia grande parte do grupo que não se enquadrava nessa ideia.

Percebi que ela transita entre os dois grupos com facilidade. Gabi dizia que os malabaristas são mais abertos, não seguem códigos de conduta tão rígidos enquanto grupo e são mais propensos a ensinar aos outros, assim como os músicos de estrada. Mesmo com diferentes formas de expressar e de mostrar as artes que cada um é capaz de criar, ou ainda das diferentes regras de conduta de cada grupo, esses grupos compartilham dos espaços da rua, dos parques, das feirinhas, dos faróis, dos *mocós*, e de um repertório cultural que é particular de quem constrói o sentido da vida transformando a estética das ruas e parques das cidades sul-americanas. Porém, é cada qual com seu “*corre*”⁴⁰, ou seja, cada qual constrói sua rota na estrada à sua maneira, mesmo com os vários espaços e códigos compartilhados.

O *mangueio* é o aspecto que perpassa a todos esses grupos. Embora seja um termo multivocal, no universo viajante o *manguear* pode ser percebido como uma habilidade necessária para o trabalho *callejero* de artesãos/os, malabaristas, músicos e diversos outros tipos de trabalho que se desenvolve na estrada. O termo refere-se tanto ao ato de trabalhar quanto a uma habilidade desenvolvida com base no ato comunicativo, que busca convencer ou se apresentar para clientes, a fim de vender ou trocar as suas artesanias, artes, comidas, balas etc. O ato do mangueio pode se dar em um ponto fixo – como a *pedra* – ou em movimento, apresentando o *trampo* de pessoa em pessoa. Assim, “*sair no mangueio*” pode ser essencial para o sucesso nas vendas das artesanias, nas apresentações de músicos, nas vendas de balas, no malabarismo no semáforo.

No sentido antropológico, *mangueio* é agência. A capacidade de agência (Ortner, 2007) que envolve técnica e desenvoltura, que não são características naturais, mas sim aprendizados de estrada. Algumas pessoas têm mais facilidade com o *mangueio*, outras menos, mas é a estratégia que vai caracterizar cada forma de *manguear*. Para as viajantes *callejeras*, essa forma de trabalho é acionada como forma de manter-se na estrada, sendo que o sucesso ou não de um *mangueio* em um lugar determina a permanência ou a partida. A rua, o parque, o semáforo tornam-se espaços produtores de significado, pois são nestes que o *mangueio* acontece, mas também o palco aberto é onde o artista de rua pode apresentar o seu trabalho ao público transeunte.

⁴⁰ “Corre” é uma expressão utilizada para designar a atuação de um sujeito na resolução de algum problema ou situação de interesse pessoal ou coletivo. É uma expressão polissêmica. “Fazer o corre”, é “fazer o seu”, ir à luta para articular que uma situação seja resolvida, mas também tem o sentido de trabalho e renda, para trabalhos pontuais. No sentido desta frase, “cada qual com seu corre” quer dizer cada um com sua responsabilidade, com suas obrigações, com suas articulações.

As estratégias de *mangueio* podem ser demonstrativas, uma apresentação de um número seguida pelo ato de “passar o chapéu”, assim como pode ser de convencimento, por meio de uma abordagem direta ou abordagem indireta, na qual é oferecido algum produto. *Para conseguir dinheiro na época, a gente parava na frente das botellerias, colocava o chapéu no chão e começávamos a treinar malabares aí, pedindo uma contribuição ou alimento para a galera que saía* (Gabi).

A exposição é uma das formas de *mangueios* principais para artesãos/ãs – às vezes combinada com a abordagem direta – pois ali se organiza e expõe o *pano*. O *pano* é o expositor principal, gerando expressões como “estender o pano”. Há *panos* com diferentes *trampos*. A apresentação e o passe do chapéu é uma das principais estratégias utilizadas por malabaristas, músicos. O *mangueio* é um aprendizado, que só se aprende *mangueando*.

Mesmo com o clima de tensão, circulei pelas ruas vazias e pelas manifestações nas praças e parques de Santa Cruz de la Sierra junto com minhas interlocutoras. Deixei-me levar pelos passeios e *mangueios* que compuseram as experiências de caminhar pelas ruas da cidade com duas jovens artistas de ruas em meio ao *paro* boliviano. Nesse movimento de transitar junto, acompanhar o trabalho na rua era um espaço importante. As condições de trabalho não eram as melhores. Mesmo com a pouca experiência na estrada, Rosa tinha aprendido com rapidez a arte do *mangueio*. Fazia abordagens diretas nas ruas, entrava em restaurantes, bares, falando em um *portunhol* que a anunciava como estrangeira, e poderia ser um aliado na estratégia do convencimento do potencial cliente. Pois a narrativa do “sofrimento” longe de casa, tinha mais força para sensibilizar as pessoas abordadas.

Rosa era uma viajante aprendiz. Saiu na companhia da amiga confiando no aprendizado. Foi aprendendo na estrada. O trabalho na estrada era o elemento articulador principal da viagem. Quando Rosa saiu de Campinas ela não sabia fazer nenhum tipo de trabalho, *fazia duas semanas que eu estava começando a aprender a fazer malabares e eu saí para viajar para a Bolívia. Eu aprendi mais na estrada mesmo*. Esse tipo de construção de subjetividade circula por entre os aprendizados – nas ruas, nos alojamentos, no semáforo, nas ocupações, nas *pedras*, é o aprendizado que acontece no durante.

Sobre a experiência do *mangueio*, registrei no diário de campo:

Parecia só um passeio pela cidade – mas para mim era uma oportunidade de observação e, portanto, trabalho – para elas era também parte do trabalho, pois iam entre transeuntes e clientes de bares e restaurantes oferecendo as pulseirinhas de

macramê desenvolvendo a arte do “mangueio”: atitude de sair nas ruas, bares, parques, restaurantes vendendo a arte ou ainda trocando por comida. Rosa era mais desenrolada para manguear. Mas acho que Gabi estava preguiçosa para fazer o corre - ela já tinha feito as pulseirinhas. Como as meninas são mais noturnas, quando elas saem com os “tramos” para “manguear” nas praças e bares, aproveitam para se divertir, encontrar a galera viajante, beber uma cerveja, enfim, socializar. Eu estava evitando sair, por conta da situação tensa na cidade, mas ontem saímos. Fomos ao Parque Urbano que está aqui nas redondezas, uma área “nobre” da cidade, e onde se reúne a galera viajante, como artesãos e malabaristas. O chamado “mocó”. Elas precisavam manguear para fazer dinheiro, para pagar a comida e o alojamento, mas pouco conseguiram pelo fraco movimento das ruas. (Fragmento etnográfico, Santa Cruz de la Sierra, Diário de campo, 2019).

Mesmo com todo o esforço, o *mangueio*, que depende do fluxo nas ruas, não rendia o suficiente. Minhas companheiras se encontravam em uma situação delicada. Meu último dia na cidade foi triste, pois presenciei as duas companheiras saindo do alojamento por não terem conseguido dinheiro suficiente para pagar a hospedagem. Esse episódio gerou uma tensão com o dono da hospedagem, que exigia que elas pagassem o que deviam, mesmo que fosse evidente que elas não tinham dinheiro algum.

Com as ruas vazias, conseqüentemente não conseguiam trabalhar. Essa sensação se aproximou do que Ruth Behar chamou de “Antropologia que parte o coração”, quando não podemos amparar nossas interlocutoras, isso partiu meu coração, afinal criamos laços afetivos nestes dias que compartilhamos tantos eventos e tantos “nervosos”, muitos dos quais foram dolorosos naquela circunstância, mas que também produziram memórias e afetos.

Voluntariado

Quando Jak chegou em La Paz, ficou um tempo trabalhando em um hostel. *Acho que fechou uns dois meses em La Paz. Ela contou que foi uma experiência bem legal. Era hostel, mas todas as pessoas que trabalhavam no hostel, que tem isso muito na Bolívia, pegam voluntário, mas também a maioria das pessoas que trabalham são pessoas locais. E aí que eu conheci uma señora de pollera, fui entender como é que era, tinha uma senhora que trabalhava lá, ela gostava muito de falar, falar da cultura das senhoras e falar de comida, nossa eu tenho um caderninho até hoje guardado, assim, de ela falar os*

pratos, os condimentos, eu nem sabia escrever, escrevia alguma coisa que lembrasse aquilo. Fiquei dois meses lá! Saí para viajar, fui pra Copacabana, Tihuanaco... (Jak).

Jak e a prima fazem parte do grupo de mulheres que utilizaram do trabalho voluntário como estratégia de viagem. O relato de Jak revela alguns dos sentidos da experiência do voluntariado, que para ela foi especialmente marcante na Bolívia e também no Peru. Foi possível observar que a prática do voluntariado é muito comum, assim como a troca de trabalho por hospedagem. Lanna também tinha suas próprias estratégias.

Ela contou que: *na estrada eu fiz muito voluntariado, chegava no hostel e falava: sei lá, nem WorldPackers eu usava, era chegar e falar: - Oh, tô precisando de um lugar para ficar, eu posso trocar isso e pago tanto na rede para dormir. Aí tem um lugar mais barato aqui? Tem uma cama? Então às vezes eu ficava no quatinho do fundo do hostel, sabe? (Lanna).* Esse tipo de atitude, na forma de articular pouso e trabalho, era mais uma escolha que uma imposição, uma vez que viajava de forma economicamente confortável, mas também precisava economizar o dinheiro.

Essas experiências deslocaram suas perspectivas sobre o trabalho em situações futuras. Mesmo que nessa ocasião não tenha desenvolvido outras formas de trabalho, afinal, *eu sou jornalista, então, eu poderia escrever artigos nessa viagem, foto não tirei, não tirei, eu não trabalhava naquela época, mas hoje eu trabalho com foto e vídeo, fazer logo também e marketing digital, que é algo que eu faço até hoje, que é gerenciamento de redes para empresas ou pra marca pessoal também (Lanna).* A nômade se percebe múltipla em habilidades. Inclusive aceitava trabalhos que não sabia como fazer, mas ia em busca de aprender “como”. Faz o que aparecer.

Carol narrou que não costuma fazer voluntariado, *eu nunca faço voluntariado viajando, é bem pouco o voluntariado que eu fiz em toda esta caminhada,* porém houve uma experiência que foi especialmente marcante no Equador, fez parte de uma transformação pessoal. *Eu fiz um voluntariado, e nossa, isso mudou minha vida! Porque pra chegar lá já era todo um caminho.* Ficou marcado para ela como o instante em que percebeu que não desejava voltar da viagem. Queria viver na estrada. Para chegar até a uma comunidade na Amazônia equatoriana, o Facebook foi o mediador: *um cara, que é meu amigo* falou desse lugar e de uma pessoa que havia mediado o contato, e ela foi em busca deste na rede social. Falou por privado, combinou sobre os detalhes e mesmo sendo um completo estranho, *eu confie nele, confie. Porque hoje em dia eu desconfiaria.* Mas naquele instante, ela estava confiando na estrada, e assim seguiu as instruções dele.

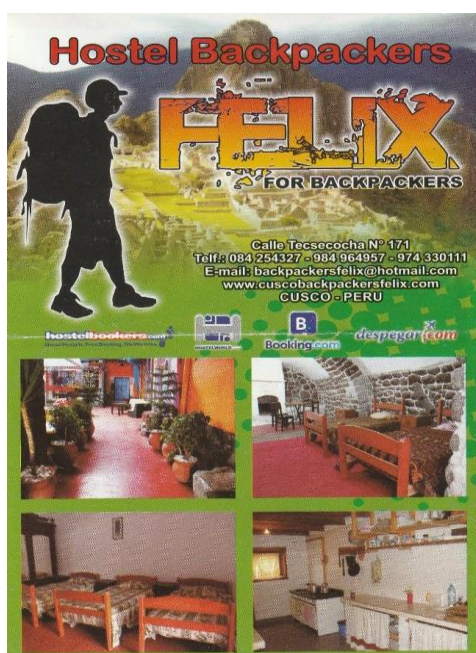
Cheguei de carona, eu viajava de carona e chegava a lugares no tempo certo, imagina, cheguei lá conheci ele, aí fuímos... Ônibus, otro ônibus, aí chegamos, caminhando a trilha, atravessar o rio, aí atravessando o rio, chegamos. Foi muito mágico chegar lá porque era bem no meio da Amazonia. E aí nada, morei aí, morei aí um tempinho, com a galera de lá (Carol). Dessa vivência comunitária, pensou em não retornar a rotina da vida cotidiana de estudante em uma grande cidade, mas ponderou sobre a importância de concluir a graduação, retornou um pouco contrariada por dentro.

O voluntariado é uma prática de viagem que possui diversas camadas. Para Carol foi uma experiência contextual, para mim também o foi. Minha experiência no *hostel* Felix, em Cusco, foi com trabalho no bar do estabelecimento, que estava fechado por conta da pouca movimentação na baixa temporada. Fui aceita para fazer o voluntariado por uma semana, dessa forma foi possível ficar hospedada sem pagar, e ainda garantia a quantia de cinco soles para o almoço. Pareceu-me que só consegui o voluntariado no bar – que estava fechado até eu iniciar – porque era de interesse da administração manter o local com fluxo, já que era a baixa temporada, e o fato de eu ser mulher tornava minha presença interessante e “atrativa” para o espaço. Isso tornou-se evidente quando Liz contou que uns amigos colombianos não haviam conseguido a vaga para voluntariar – o que para mim foi muito fácil – e mais ainda quando um dos donos do *hostel* convidou uns amigos para irem ao bar, que foi, aliás, o único dia em que houve muitos clientes. Na ocasião, houve um episódio no qual fui assediada pelos clientes do bar, me senti erotizada por ser brasileira.

Liz me fez refletir sobre as relações de gênero em torno da prática do voluntariado em *hostel*. Pensava que poderia ser mais fácil para as mulheres conseguirem trabalho voluntário pelo fato de serem mulheres – nesse caso, é necessário também considerar a nacionalidade da/o viajante, visto que há as classificações que hierarquizam categorias de “bons e maus viajantes” – principalmente nos estabelecimentos locais, mas também entre os grupos de viajantes. É mais fácil associar as mulheres à categoria de “boas viajantes”, que não representa perigo – e que, no meu caso, servia de alguma “atratividade extra” para o local. Nessa conversa, Liz me contou dos dois amigos colombianos que conheceu no Equador, estes estavam com dificuldades de encontrar voluntariado em Cusco e em outras cidades – considerando que foi muito fácil para nós duas. Ela atribuía isso ao fato de serem homens e por serem colombianos, segundo diziam estes não eram viajantes “bem vistos” em alguns lugares do Peru.

Quando conheci Liz, logo em seguida mudei para instalar-me no *hostel* que ela estava voluntariando. O *hostel* possui vários quartos individuais e coletivos, uma imensa área central com mesas de jogos, cozinha, jardim, bar e muitos banheiros (com água quente). A infraestrutura costuma ser um diferencial para um espaço desse tipo. Fica localizado numa área movimentada, com muitos turistas a noite e está localizado próximo a muitos *pubs* e bares, onde acontece a maior parte da vida noturna dessa parte da cidade.

Figura 58- Card de divulgação do hostel em Cusco



Fonte: Ester Corrêa, 2019.

O voluntariado me possibilitou ficar mais uma semana em Cusco e ter uma experiência com trabalho voluntário, além de um contato mais profundo com Liz, pois passamos a dividir o mesmo quarto. A experiência do voluntariado no *hostel* teve duas motivações, a primeira foi de que possibilitava essa aproximação com minha companheira de viagem, e segundo, era uma saída para minha própria condição de pesquisadora viajante sem financiamento, naquele instante, já que eu tinha pouco dinheiro disponível para manter-me na cidade até o final do mês, e menos ainda para movimentar-me para outras cidades.

Liz realizava o trabalho no *hostel* e recebia em troca hospedagem e 5 soles para a alimentação diária. É comum que o trabalho em *hostel* seja na recepção, limpeza etc. – esse tipo de trabalho também pode ser realizado em outros locais. Estes costumam ter

uma escala de serviço com horários diários, flexíveis e curtos. Existem plataformas digitais que mediam esse tipo de trabalho, como o *www.worldpackers.com* – para associar-se é necessário pagar uma taxa anual – no site é possível procurar por trabalho voluntário nos lugares onde deseja ir. Mas no caso de Liz, ela utilizou também o *Facebook* para entrar em contato direto com o *hostel* e conseguir trabalho voluntário.

As narrativas das experiências são distintas. Para Nanda, em uma ocasião: *foi ótimo, sabe, porque a gente passou uma semana que a gente não tinha que trabalhar, não tinha que fazer nada quando foi no último dia que era véspera de outro feriado, ele designou, éramos uns oito voluntários que não faziam absolutamente nada, a gente acordava de manhã, tinha fila do banheiro e a fila do café da manhã* (Flora). Por outro lado, para Liz o horário era desagradável, pois obrigatoriamente tinha que estar acordada muito cedo para servir o café da manhã, porém, após as 9h da manhã estava com o dia todo livre. As medições sobre a simetria entre o trabalho que desenvolve e o que se ganha por ele, não é tão fácil de realizar, uma vez que pode ser contextual.

Há situações em que pode haver abusos ou episódios ruins, como o que aconteceu com Nanda. Na chegada ao *hostel*, teve um episódio em que foi assediada pelo dono do estabelecimento, cogitou deixar o lugar, porém, no dia seguinte o sujeito em questão, talvez por constrangimento, viajou. Isso a deixou confortável para permanecer no lugar. Assim, embora a experiência tenha sido marcada por esse evento, ela classificou como uma experiência positiva, pois acabou se tornando uma semana tranquila, sem afazeres e de trocas de experiências e saberes entre as pessoas que estavam fazendo o voluntariado.

Ainda nesse sentido, Flora disse que umas das principais estratégias de viagem era *trocar trabalho por hospedagem, então como eu e a Nanda a gente falava inglês, e já “falava” um pouco espanhol e português também, porque tem muito turista brasileiro nesses países, então assim, a gente acaba conseguindo fácil para intercambiar, a gente tinha acho que o WorldPackers, tinha o CouchSurfing e tinha a assinatura do WorldPackers. Então a gente conseguia normalmente hostel, para trocar para o trabalho pelo WordlPackers. Prosseguiu contando que levei o material para fazer tipo imã de geladeira com as minhas fotos, umas livretas e tudo mais, mas daí no fim a gente tava em Guatapé, na Colômbia, a mulher gostou do nosso negócio, uma dona lá do artesanato, uma lojinha de artesanato e ela comprou os negócio tudo. Dessa forma, trocar hospedagem de trabalho era mais uma forma de economizar o dinheiro guardado do que uma necessidade urgente. Porque assim: a gente tinha juntado muito dinheiro para poder viajar, porque nesse começo também, eu queria descansar entendeu. Tipo: - não, quero*

viajar tranquilo! E a gente economizava, então a gente tinha uma planilha, tinha um controle diário do que a gente gastava, se a gente podia gastar menos, a gente gastava menos, mas a gente não tava, tipo, contando moedinhas. A gente tava fazendo um rolê light, mais tranquilo. A gente tava conversando meio que tentando criar um ritmo mesmo de trabalhar, vender coisa durante a viagem, para poder conseguir, conseguindo grana e deixando a grana guardada, que é como um seguro (Flora).

Porém, nessa ideia de economizar sempre, Nanda contou que acabaram entrando em alguns *perrengues*. Em determinada ocasião, as irmãs tiveram que sair às pressas de um *hostel* que estavam voluntariando e ficaram sem saber para onde ir. Lembraram de uma senhora que haviam conhecido em um *hostel* em Salento, a cidade que tinham passado anteriormente: *ela tinha gostado muito da gente, era uma senhora pedagoga aposentada, e chamava a gente de muito “juiciosas” [...] ela adorou a gente, a gente ligou pra ela, ela tinha dado o contato pra gente: oh, se vocês precisarem, precisar desse negócio de voluntário, que a gente foi explicar pra ela, que ela nunca tinha feito nada. Explicou o que tinha acontecido e perguntou se podia ir pra lá. Para trabalhar no hostel... E foi massa, a gente voltou e passou mais uns dias lá, só de boa. Trabalhava de manhã, limpando o hostel, e às vezes tinha que ficar lá, quando ela precisava sair, fazer compra, alguma coisa assim, a gente ficava meio que de recepção* (Nanda). Nesses depoimentos percebemos que o voluntariado pode ser articulado de muitas maneiras, tanto por meio da internet quanto do encontro físico. E essa vivência está além de uma questão somente financeira; é uma forma de poupar o dinheiro disponível, ter controle financeiro sobre as planilhas, mas também é um lugar de profundos encontros culturais.

Percebi como esse tipo de trabalho é importante para as mulheres. O trabalho voluntário é uma chave importante para a permanência na estrada. Juana empreendeu um trabalho viajante. Dentre as formas que articulava suas experiências de viagem, também está o voluntariado. Liz fez trabalho voluntário em quase todos os lugares por onde passou, contou-me sobre muitas experiências em *hostel*, assim como Juana que também fez esse tipo de troca por onde passou. Mas há outros tipos de voluntariados que diferem do que estou abordando.

Durante minha estadia em Cusco, também estive hospedada em um *hostel*, onde funcionava uma agência de voluntariado atuando junto a uma ONG que tinha como objetivo “*ayudar a los niños*” em “projetos de educação, saúde e desenvolvimento comunitário”. A maioria das pessoas hospedadas, europeias e estadunidense, eram voluntários na ONG. Dentre as voluntárias da ONG, que trabalha com crianças locais,

observei a presença de francesas, alemãs e americanas. A maioria são mulheres jovens brancas. Mas confesso que não tive muita facilidade para interagir com europeus/ias, que são mais fechadas para aproximações, além das barreiras linguísticas.

Esse tipo de trabalho voluntário é especialmente adotado por europeus e norte-americanos em países do Sul, como países da África e da América do Sul. Nas cidades turísticas da América do Sul mais famosas, como Cusco ou Rio de Janeiro, existem muitas ONGs que oferecem trabalho voluntário em organizações – a maioria envolve crianças – o que proporciona tempo também para vivenciar os lugares. Algumas dessas experiências têm gerado um efeito social, que foi nomeado ironicamente de uma “síndrome” chamada de “branco salvador”⁴¹, sobre pessoas brancas que viajam para países “pobres” para fazer voluntariado em alguma ONG ou comunidade, como uma busca por experiência “autêntica” e que se torna um voluntariado feito para si mesmo, nos quais os agentes se consideram como espécie de heróis ou salvador. Uma atitude percebida, por mim, como colonialista. Nas viagens com esse propósito, muito comum entre jovens europeus, voluntariar tem um sentido diferente. É uma prática virtuosa, na maioria das vezes para a edificação de si, de viver uma “experiência transformadora”. Enquanto que para minhas interlocutoras o voluntariado é uma forma de agenciar paragens e seguir os trânsitos.

La plata se hace

Jak sentiu um choque ao chegar no Chile, pois *na época, eu não sei como é que tá hoje, espero que tenha mudado isso, porque é um povo sofrido pra caralho, porque era um país, na época, muito caro*. Contou que durante o tempo que esteve por lá, viveu à base de macarrão e pão que era o mais barato, sentiu até que começou a engordar – o que era uma constatação, não uma preocupação. Como nasceu e foi criada boa parte da vida no Oeste do Paraná, próximo à tríplice fronteira – Brasil-Argentina-Paraguai –, contou que estava familiarizada com a situação econômica da Argentina, então, tinha conseguido se virar bem no país, já esperava os preços altos por conta da inflação em curso no país, desde muitos anos. Porém quando chegou no Chile: *eu não tava preparada. Quando eu cheguei, aí eu falei: - nossa, vou precisar arrumar um trampo, trabalhar.*

⁴¹ Essa categoria circula na internet de forma irônica para satirizar a forma como viajantes brancos representam a si mesmos a partir dos voluntariados realizados no continente africano, principalmente. Expondo fotos com crianças negras e cenários não-urbanos, sugerindo atuação em meio à pobreza e miséria, como um ato heróico. Algumas são utilizadas e postadas em redes sociais como o *Tinder* e *Instagram*, conteúdo sobre isso pode ser visto em <https://humanitariansoftinder.com>

[onde?] *Em Valdívia, fui trabalhar em um Sushi bar. Foi legal? Sim, mas nossa, xenofobia total (risos) (Jak).*

Durante o período do desenrolar da viagem já havia realizado alguns trabalhos temporários em diferentes locais, mas: *eu já tinha trabalhado em outros lugares, de pegar uma noite trabalhar num restaurante, um bar, a gente já tinha feito isso antes.* Então ela encarou o desafio do trabalho com tranquilidade, porém no Chile foi *trabalhar no sushi bar, só final de semana, fazer um dinheirinho. E eu tava acostumada com as pessoas virarem pra mim e falarem: - ah, esse acento é da onde? Esse sotaque? Brasileira? Legal, brasileira. Lá era o contrário. Sou brasileira as pessoas já: 'hum' (entortando o nariz e a boca).* Jak ainda contou que essa experiência foi desgastante emocionalmente, não conseguia interagir com as pessoas e se sentia desconfortável.

Esse foi um dos motivos que a fez começar a sentir que já queria partir do Chile. Além de ser tudo muito caro, ainda sentia a xenofobia. O orçamento já estava reduzido: só tinha disponível aproximadamente R\$ 1.000,00 (mil reais) do dinheiro que havia economizado para a viagem. Embarcou então para o Peru. Acreditava que ficaria mais uns dias no país e retornaria ao Brasil, pois já estava com a *grana* contada. Daria apenas para alguns dias a mais. Mas chegada ao país foi fascinante.

Quando a gente chegou no mercado San Pedro, em Cusco, a gente ficou louca: comida, muita comida, cê pagava 4 pila, vinha muita comida e sopa, e suco e chá, não sei o quê. Meu deus, demais! - Meu deus do céu, por que a gente ficou tanto tempo no Chile? Gastamos um dinheiro, devia ter vindo pra cá. Vamo ter que achar um trabalho, vamo ficar. Trabalhamos em Cusco um tempo [Em quê?] em “disco”, em balada. Começava a trabalhar às seis da noite até cinco da manhã. [Servindo o quê?] servindo bebida, no balcão, na entrada, distribuindo panfleto, limpando banheiro, tudo... tudo rolou ali, tudo, tudo. 'Te dou vintão pra fazer tal coisa.' Eu fazia. (Jak)

Essa experiência ela carrega consigo. Ela carrega uma frase que aprendeu com um anfitrião em Pisac, no Valle Sagrado peruano: *la plata se hace – o dinheiro a gente faz.* Jak recordava que nessa época em que ficou em Pisac, ela exercia múltiplas atividades durante o dia: *De dia, à tarde, a gente trabalhava junto. A gente trabalhava de manhã no hostel, até meio dia, à tarde a gente trabalhava junto com o Lucho, porque ele era desenhista [...], a gente ficava ali auxiliando ele com alguma coisa ou outra, e a gente ainda ia pra rua na mesma tarde, pra tentar captar uns turistas pra levar pro hostel. A gente ganhava com isso! E 5h da tarde a gente tava lá na pizzaria. Trabalhava até às 11h da noite. Então era doidera! E daí 11 horas até uma hora da manhã nós ficava*

tomando cerveja com o dono da pizzaria, que era muito gente boa também. E era isso (Jak). Assim, Jak ia fazendo o dinheiro que precisava.

A viagem foi acontecendo de forma que ela ficou muito mais tempo no país do que havia pensado. As coisas foram acontecendo, e ela foi seguindo viagem pelo país. Além dessa oportunidade, ela ficou um mês em Lima, fazendo dinheiro. Lá ela trabalhou de costureira. Fazia bainha de calças colegiais. Quando seguiu para a região do pacífico, também trabalhou em hostel e outras atividades que iam aparecendo.

As cidades sul-americanas como galeria aberta de arte

O contexto da América do Sul, no que diz respeito ao tipo de atividade exercida, só é possível por conta da tolerância em várias cidades com o trabalho informal, pois como já tratei, faz parte da nossa forma de organização social, na qual o desemprego e a pobreza empurram mulheres e homens para a criatividade em busca de sobrevivência. Sabemos, porém, que isso não é um fenômeno exclusivo da região. Mas foi possível observar que aqui surgem formas de trabalho particulares que ocupam calçadas, ruas, praças e parques. É importante dizer que essa tolerância pode não se manifestar em cidades turísticas, como por exemplo, na Plaza de Armas de Cusco ou nas ruas de Buenos Aires. Pois esse tipo de atividade informal ainda está associado à desorganização e, às vezes, à poluição do ambiente, que se pretende ser higienizado para o turismo.

Uma das coisas que observei durante a pesquisa é que atualmente as pessoas que viajam trabalhando utilizam de diversas ferramentas, que constroem múltiplas possibilidades de sobreviver na estrada. O encontro dos diferentes grupos nas rotas sul-americanas acontece em especial nas cidades onde há um intenso fluxo de pessoas, mas não apenas. Assim, cidades como Santa Cruz de la Sierra, Salvador, Cusco, Buenos Aires, São Paulo, se tornam galerias a céu aberto para o desenvolvimento das habilidades de artistas e artesãos de todo lugar.

As cidades sul-americanas assumem o lugar de “arena culturais”, como trataram Peixoto & Gorelik (2019). A intensa produção na estrada de arte evidencia o caráter criativo, de produção cultural aos quais as viajantes se associam. Nessa forma de produzir, produzem a si mesmas, pois, além de produzir cultura, essa cultura produzida na estrada são importantes construções de suas próprias subjetividades, formando uma espécie de produto cultural que circula junto e entre elas, mas que também é aprendido no decorrer

do trajeto com diferentes sujeitos e em diferentes espaços. A participação das mulheres na arena cultural sul-americana acontece de maneiras complexas, interessantes e intensas.

O trabalho na rua se evidencia como forte estratégia utilizada na construção dos fluxos e trânsitos de *viajeros* pela região, dentre os quais muitos são mulheres e, a maioria, jovens que trafegam pelos alojamentos, campings, *pedras*, parques e estradas dos povoados e cidades sul-americanas vendendo ou manguendo seus *tramos*. Essa ocupação do espaço público também adentra a estabelecimentos particulares, como os restaurantes e bares. Assim, se desenvolve na América Latina a articulação entre viagem e trabalho artesanal como características de um grande grupo de pessoas em trânsito.

Além de ser um trabalho contextual, a arte pode ser também uma estratégia de vida “cotidiana”, ou ainda de quando não se está em trânsito. Como é o exemplo de Gabi, que contou: *Eu me sustento da arte de rua, faço malabares no farol, artesanatos, dreads e outras manualidades. [...] Já tive várias experiências de hospedagem distintas: hotéis, albergues, casas culturais, ocupações, casas de pessoas que me adotaram e de amigos, pensões, acampamentos e dormi muito na rua e em rodoviárias. Hoje em dia, todo meu sustento vem do dinheiro que faço no farol, hospedagem, comida e todo o resto* (Gabi). Embora esta se mantenha em trânsito em locais de curtas distâncias, imobilizada de forma temporária pela maternidade, o universo da arte, do circo, faz parte de suas estratégias de vida.

Agora eu tô de boa aqui, tô conhecendo, faço trilha, tô treinando, tô de boa aqui. Tá tudo acontecendo. Eu igual saí a trabalhar. Porque como sou artista de rua, e minha fonte principal é o sinal, e é fazer bares e shows. Eu preciso sair pra outros lugares, pra fazer a grana e voltar, e ficar mais tranquila aqui. Que nem aqui às vezes rola, trabalho, assim aleatório, mas eu vou seguindo para rua ainda porque é a principal fonte, eu teria nem pra pagar aluguel, e tudo isso, e aqui realmente, rola bastante troca, voluntariado, que são muito massa também (Carol). Seja em trânsito ou nos interstícios destes, ou ainda quando a imobilidade atravessa as experiências das mulheres, em especial as artistas de rua, alguns espaços são importantes nessa construção espacial. Os faróis são os espaços de malabaristas. São os semáforos de trânsito onde bolinhas, argolas, claves, facões são lançados ao ar em manobras habilidosas entre o abrir e fechar de um sinal de trânsito. Brincadeiras com o fogo, como o que Rosa trabalhava fazendo “*swing*” no semáforo, fazem parte dessa performance de rua. Ela recordou durante a nossa entrevista que: *o que eu mais sinto falta: quando eu estou andando na rua e vem aquele cheiro de gasolina. Lembro que eu chegava ao semáforo, colocava gasolina no meu swing, começava a*

treinar com um sonzinho (Rosa). O semáforo é um lugar de trabalho e de aprendizado, além dos malabares, ela aprendeu a fazer “tramos” novos, como o artesanato. Esse aprendizado acontecia nesses espaços como a rua, o semáforo, a *pedra*, o alojamento, pois era onde circulavam os saberes, as ideias, os códigos de conduta do grupo.

As ruas e os parques são espaços centrais nessa cultura da estrada. São as galerias onde essas artes e artesanias são expostas, também são pontos de conexão, pois é a partir daí que objetos e representações se deslocam no tempo-espaço, adquirindo novos sentidos. São atividades que precisam do fluxo cotidiano ou extraordinário da cidade para *manguear*. Nesse caso, as cidades turísticas são focos pois é onde se encontram o prazer da viagem à necessidade do mangueio. Os cruzamentos, os faróis, os restaurantes, os bares, os parques, são nesses espaços da cidade que as formas de trabalho aparecem. O mangueio é a arma necessária para fazer o *trampo* circular.

A *pedra* e o semáforo se transformam na vitrine dos artistas de rua e *malucos de estrada*. Assim, como os transportes públicos e as feiras. Não são lugares aleatórios, geralmente são espaços de referências em um ponto central de uma cidade/lugar, é conhecido pelo grupo, por meio das informações que transitam por essas rotas, e é por onde circulam muitas pessoas, sendo propício para vendas/apresentações. Geralmente esses lugares tem um sentido de grupo, é construído pelo grupo como o local de expor e *manguear* o trabalho. O semáforo é o lugar da performance.

Figura 59 - Uma pedra em Salvador, Bahia.



Fonte: Ester Corrêa, 2019.

Além da contribuição das interlocutoras, durante as viagens de campo encontrei outros sujeitos artistas de rua: três argentinos que estavam hospedados no alojamento – viajaram junto com minha interlocutora até ali – faziam música argentina *norteña* pelos bares e restaurantes da cidade, como uma forma de conseguir dinheiro para viajar⁴², e também Leo e Alejo, os dois universitários colombianos com quem compartilhei o trajeto de Copacabana até Cusco, viajavam com dois violões tocando música latina em bares e restaurantes. No Vale do Capão, havia colombianos viajando com malabares.

Dessa forma, é possível pensar que sujeitas/os viajantes de diferentes nacionalidades circulam pelas estradas latino-americanas, formando uma espécie de diáspora regional que se formam contrapõem e desenham novos contornos a desterritorialização, não apenas como essa “força básica do mundo moderno”, na qual há uma atração de trabalhadores para “sociedade relativamente próspera” (APPADURAI, 1998, p. 313) – embora isso também aconteça em níveis locais – mas também como forma de conhecer e contestar o mundo e os valores da sociedade de consumo, acrescentando outra dimensão aos deslocamentos da atualidade.

⁴² Houve ainda os colombianos que vendiam doces e balas nas ruas e parques da Bolívia.

CAPÍTULO 4

Cruzamentos, aprendizados e fins de rotas



Olho nos *stories* do *Instagram* uma foto de Flora e Nanda diante de uma montanha colorida. A localização marcava a cidade de Jujuy, Norte da Argentina, o ano era 2022. Talvez reconhecesse aquelas montanhas coloridas. Acionou minha memória daquela paisagem pela janela panorâmica do ônibus, quando cruzei pelo Norte do Chile em direção à Salta, no Norte da Argentina. Nanda havia embarcado para conhecer o Uruguai para visitar a irmã, alguns anos após cruzar a fronteira transnacional da Bolívia com o Brasil de ônibus, em uma espécie de retorno para casa. Na ocasião do retorno não planejado, cruzaram em 2016 a mesma fronteira que Rosa e Gabi cruzariam em 2019 – porém em sentido inverso. Ficaram dias dentro de um ônibus desde os Andes com destino à São Paulo. Chegaram de volta ao lugar do qual haviam fugido. Mas nada mais estava no lugar. O lugar parecia o mesmo, mas as duas irmãs, não. O sentimento de incompletude do projeto de viagem, se fazia presente e voltava ora e outra.

Com o passar do tempo, cada qual seguiu o seu próprio caminho. Produzindo suas linhas de vida a partir de suas próprias expectativas. Nanda ficou no Brasil. Flora migrou para o Uruguai. Mas ambas seguiam com o sentimento de incompletude do projeto iniciado e com o desejo de se reencontrarem na viagem. Como o fluxo do universo tem seus próprios caminhos, as irmãs se reencontraram após quase quatro anos distantes uma da outra, separadas também por uma pandemia global. Flora ainda estava trabalhando e morando em Montevideo e Nanda, esteve em trânsito entre Natal e Teresina nos últimos anos – entre várias experiências profissionais. E ali, entre as montanhas coloridas do território argentino, elas viviam novamente uma aventura e talvez conjuraram futuros possíveis juntas. Novos caminhos estavam por vir, nesse vai-e-vem da vida em deslocamento.

I - Encontros e cruzamentos: fluir com o universo

Acho que esse negócio de você ser viajera, as pessoas se interessam, elas te veem como uma pessoa diferente, ou seja, alguma coisa no estilo de vida, e elas querem esse... [encontro]: - Ah, vou te mostrar tal coisa desse lugar! (Jak)

É na dimensão das relações fronteiriças que se constroem os encontros na estrada. Esses encontros proporcionam experimentar as relações sociais transculturais, por meio de *trocas* e *partilhas* que são baseadas em solidariedades, “namoros” temporários, afetividades e amizades (temporárias e duradouras) entre homens, mulheres e pessoas não-binárias de diferentes nacionalidades e pertencimentos culturais e linguísticos, dando diferentes significados aos encontros.

As viajantes, enquanto sujeitas em deslocamento “produzem relações transnacionais”, como consideram Navia *et al* (2020), essas relações dizem muito mais sobre o movimento e encontros vividos através das fronteiras do que “através dos estados-nacionais” (p. 15). O encontro é onde se estabelecem as relações intersubjetivas e as interações com pessoas e paisagens. Este é também umas das principais motivações para empreender uma viagem. Durante os trânsitos, têm o poder de direcionar itinerários, desconstruir rotas, apontar novas direções, dar sentido de lugar, enfim, dar outros desdobramentos a uma linha.

Foi possível perceber e vivenciar os encontros de forma que demonstra que estes acontecem tanto de forma casual, quanto de forma planejada. Embora aconteça geralmente pela espontaneidade do acaso, também podem ser planejados e/ou construídos a partir das relações familiares e afetivas constituídas nas vidas ordinárias ou cotidianas das sujeitas. Nessa dimensão, há “quando te encontram na estrada”, geralmente, alguém do círculo familiar ou de amizade. Isso aconteceu com a Lanna, quando a mãe foi “visitar” ela na estrada para passar o dia das mães juntas na Colômbia, assim como com Nanda e Flora quando um amigo foi encontrá-las no Equador e também, comigo, quando estive em Arequipa-Peru, encontrei um amigo paraense artesão, além disso, também meu companheiro foi me encontrar quando eu estava em Buenos Aires.

No sentido das relações espontâneas, estas estão presentes de forma muito marcante na experiência da viagem. Seja a relação de uma amiga que ensinou os primeiros

passos na estrada ou com quem compartilhou um trajeto, ou aquele *boy* com quem se teve um romance ou um relacionamento mais casual. Todas essas possibilidades fizeram parte do itinerário das interlocutoras. Apostar no poder dos encontros na estrada, foi uma das grandes motivações metodológicas desta tese. Mas como e onde acontecem esses encontros?

A arte do encontro

Acontece como deve acontecer. Disse Lanna quando a perguntei sobre como se deram os encontros na estrada para ela. A primeira pessoa que ela pensou foi uma viajante; a segunda brasileira que ela conheceu na estrada. Ela relatou que: *A gente se conheceu na casa de um CouchSurfing na cidade de Rocha, no Uruguai, uma pessoa incrível, a gente é amiga até hoje. Ela já tava na estrada tinha um ano mais ou menos, se eu não me engano, e eu ainda tava com aquele olhar de assustada, sabe? Tipo meio que tentando entender como é que funcionava CouchSurfing, como é que funciona? Eu tenho que...? Tentando entender. E ela me sentou no sofá, ela me segurou e começou a me dar muita dica, assim, contar como é que era das experiências dela, das histórias do que ela passou, e conselho. Eu lembro de uma frase que ela tava falando para mim.*

Eu falei: - nossa D, tu é muito louca.

Ela falou: - ih, você acha que cê não?

Eu falei assim: - Não!

Ela falou: - menina, tu chegou até aqui de carona, você tá na casa de um desconhecido.

Ela começou a me zoar: - tu é doida também, menina, tu é louca também [risos].

E me ajudando assim, de pegar na mão. Ela foi minha mentora de viagem. Eu brinco com ela, que ela foi a mentora porque ela me ajudou ali no momento, me deu várias dicas. Eu sempre falo isso dela, que ela foi minha professora (Lanna).

Antes de encontrar essa viajante, já havia cruzado o caminho de outra brasileira viajante, que pra ela foi o *primeiro grande encontro*, pegaram caronas juntas para Cabo Polônio, além disso, passaram um tempo juntas. Mas para ela, a viajante do relato acima foi a *pessoa que mais marcou*, também teve *muitos encontros*, *eu fiz muitas amizades que parecia que eram da infância*. Esses contatos iniciais, que ela considera tão importantes no seu trajeto, a motivaram e a ensinaram vários códigos e maneiras à estrada que se desdobraram quando Lanna retornou ao Brasil. Estava com a ideia de pensar em *outras*

mulheres sendo professora de outras mulheres, ajudando e apoiando e aconselhando. Foi isso que a motivou a criar o projeto “Elas viajam sozinhas”: promover encontros para compartilhar experiências e aprendizados. Contarei mais sobre isso adiante.

Quando Lanna saiu do Brasil, havia feito três promessas para a mãe: 1) não pegar carona; 2) não dormir na casa de homens; e 3) não desviar do roteiro planejado. O encontro com uma brasileira viajante logo no primeiro embarque a direcionou para outros caminhos que a levaram a quebrar as três promessas no primeiro dia de viagem. Embarcou de carona para Cabo Polônio – que não estava no roteiro – e dormiu na casa de um anfitrião – homem – no *CouchSurfing*. Esses surgimentos de eventos inesperados, se comparam às irrupções de Sarlo (2015), que são capazes de embaralhar uma sequência, como escreveu a autora, arrastando a viagem para outros lados, levando a consequências desconhecidas. A autora chamou de “mudança repentina de programa”, para Lanna era uma quebra de promessa. Esse desvio da rota de Lanna “desorganiza o previsível, rompe o cálculo e, de repente, abre uma fenda por onde aparece o inesperado”. Cria-se uma “desordem e golpe do acaso” (Sarlo, 2015, n.p). A viagem foi arrastada para o litoral uruguaio, onde conheceu a segunda viajante, com quem estabeleceu relações que se perpetuam até o presente.

Encontrar a primeira viajante se deu num instante em que estava tomado pelo medo inicial do embarque e com muitas dúvidas e incertezas. Ao desembarcar no meio da noite na rodoviária do Chuí, sentiu um medo que a fez questionar se estava fazendo a escolha certa. *O que que eu tô fazendo?* Estar na companhia de outra viajante experiente foi *uma coisa muito boa*, pois ela contava com essa ajuda *para tirar um pouco desses medos que eu tinha, porque eu tava sozinha e, como eu já tava acostumada a tomar decisões em conjunto, ter ela no começo me ajudou a tranquilizar com a estrada, que tava tudo bem eu tomar decisões*. Isso a mobilizou para embarcar junto com a nova companheira em sua primeira carona no dia seguinte, como uma decisão pessoal.

Esse relato de Lanna sugere que há um desvio na rota e os planejamentos não são fechados. Isso geralmente acontece de forma casual e espontânea, nesse contexto se relaciona com a identificação que ela teve com outra sujeita. De acordo com Sarlo (2015, n.p), “as experiências inesquecíveis são feitas de matérias perfeitamente casuais, mas dispostas de um modo que as torna significativas, embora esse significado nem sempre possa ser explicado”. Naquele instante da viagem, ter uma referência em outra viajante experiente a ajudava a lidar com o medo, com as tomadas de decisões, indicava o que

fazer em determinadas situações, dentre outras dicas. Tornou-se um encontro inesquecível.

O “desvio de rota” perpassou as interlocutoras de diferentes maneiras. Se para Lanna a companhia de uma viajante experiente a encorajava a *seguir o fluxo do universo* – como disse Flora – para Liz foi o coração que fez uma curva na sua rota. Quando estava em Quito, fazendo voluntariado em um *hostel*, conheceu um colombiano por quem se apaixonou, ficaram vários dias convivendo e trocando afetos até que ele estava de retorno a seu país. Ela começou a se sentir seduzida pela ideia de ir até a Colômbia com ele e ficar alguns dias, de forma que acabou embarcando em um ônibus e cruzando a fronteira do Equador-Colômbia na companhia do rapaz. Passaram alguns dias juntos, venderam empanadas na praça, ela fez novas amizades, porém sentiu que o rapaz não estava sendo sincero com ela: descobriu que ele tinha uma namorada. Ficou decepcionada, arrumou as mochilas e decidiu firmemente retornar para a rota que havia planejado.

Da mesma forma, Lanna havia conhecido um rapaz espanhol em Santiago-Chile, um *amor de estrada*, com quem começou um relacionamento amoroso. Como estavam indo na mesma direção, decidiu seguir com ele até a região do Atacama, apesar de certo medo em seguir viagem com um homem que havia acabado de conhecer. Entre encontros e desencontros, ficaram vários dias juntos, mas como cada uma tinha seus próprios planos, acabaram por fazer trechos separados, se reencontrando em diferentes lugares. Um desses reencontros aconteceu na Bolívia. Na ocasião decidiram alugar um carro e seguir pelo Norte da Argentina. Apesar de ser uma região que Lanna já havia visitado, decidiu voltar por dois motivos: primeiro, para viver uma aventura de carro a dois; e segundo porque precisava retornar à Argentina para resolver questões burocráticas de entrada-saída do país.

Ainda nesse sentido dos desvios de rota, Flora e Nanda contaram que chegaram a desviar a rota ao entrarem em contato com um uma viajante na casa de um anfitrião do *CouchSurfing* na Colômbia. Era uma espanhola que viajava o continente de carona. Além de terem aprendido a pegar carona com ela, como já contei no capítulo anterior, foram parar em Jardín, a cidade na qual foram recebidas por uma família. A viajante espanhola havia contado que teve uma experiência incrível com essa família, nessa cidade. Isso as levou a tomar outro rumo, em busca dessa experiência. Além dessa indicação, a viajante espanhola também atuou como *mentora*. *Foi ela que ensinou a gente a pegar carona. E foi ela que falou de uma cidade que não tava no roteiro, que não era uma rota turística,*

mas que ela tinha ficado em CouchSurfing na casa de uma família que ela tinha se apaixonado, e a gente: ah, vamo, né? (Nanda).

O resultado foi um encontro em meio a uma vivência familiar descrita como inesquecível, na qual ficaram vários dias a mais do que o previsto e se despediram da família aos prantos, pois estabeleceram uma relação de afeto. Nanda contou que *foi maravilhoso, a gente tinha combinado com essa família três dias [...] e ficou oito dias.* Flora disse *que saiu de lá chorando [...] a gente se apaixonou pela Paola, pelo filho dela, e era aquela família, era uma vidinha pacata, no meio do nada, e a gente foi embora chorando, porque a gente tinha que ir.* Esses depoimentos sugerem que os relacionamentos afetivos costumam ser parte significativa da experiência da viagem.

Além desses encontros afetivos, Nanda e Flora tem suas próprias histórias de relacionamentos na estrada que as fizeram vivenciar uma experiência amorosa transnacional, em contextos diferentes. Flora conheceu um argentino num *hostel* em Monpiche, com quem viveu um romance curto, mas confessou que pensou em seguir viagem com ele. Isso não aconteceu pois eles estavam transitando em sentido inverso. Enquanto Flora havia saído da Colômbia, estava indo no sentido Equador-Peru, ele estava no fluxo inverso, indo no sentido Colômbia.

Enquanto estávamos em Santa Cruz de la Sierra, Rosa estava tendo um relacionamento com um venezuelano que conheceu na cidade. Assim, quando ela e Gabi decidiram fazer caminhos diferentes, permaneceu na companhia do rapaz e juntos cruzaram para o Brasil pela fronteira de Cáceres. Jak construiu uma possibilidade no traçar de sua linha a partir do convite de um rapaz que havia conhecido em La Paz. Na sua passagem pela capital da Bolívia, conheceu um chileno que morava em Valdivia, no Sul do Chile. Quando chegou ao país, este a convidou para ficar uns dias na sua terra, e ela aceitou. A prima decidiu ficar em Santiago, na companhia de algumas pessoas que havia conhecido durante um intercâmbio, em outras épocas. Apesar de ter experimentado o trabalho na cidade, ter tido hospedagem solidária na casa do amigo, ter feito alguns amigos e de ter conseguido viajar um pouco pela região, o contato transcultural foi incômodo. Não se sentia bem-vinda enquanto brasileira nos lugares que frequentava.

Jak contou que enquanto esteve em Valdívia se esforçou para se enquadrar no espaço local, mas teve dificuldades com a língua e no relacionamento com as pessoas, além disso, o país era caro e ela já sentia as dificuldades financeiras. Havia conseguido o emprego temporário, tinha feito algumas boas amizades, não estava pagando aluguel, mas

não estava satisfeita com a experiência. Em determinado instante, quando já estava há dois meses no país, decidi ir embora. Seguir a rota.

Como fiquei quebrada no Chile, falei com minha prima, ela tava em Santiago. Eu falei: quero ir embora, chega, já deu, dois meses no Chile, não, não tá rolando. Eu tava assim com o coração pesado também, muito pesado porque tinha uma amizade bem boa com esse menino, fiz amizades com os amigos dele, teve uma brasileira que acolheu a gente lá (...) uma baiana, nossa, gente bueníssima. Foi queridíssima! (...) Mas eu falei: - ah não, deu, não consegui me sentir, de alguma forma pertencer a isso ou tá colaborando de alguma forma, ou tá compartilhando com as pessoas. Não tô sentindo isso (Jak).

Esse sentimento de “não sentir fluir”, não entrar na *vibe* do lugar e das pessoas, interferia na decisão de permanecer. Se, por um lado, ela foi atraída ao lugar por conta de uma conexão que se construiu na estrada e que fazia sentido para ela, por outro lado, não sentia o “*compartilhar*” com as pessoas locais, e isso a empurrava de volta para a rota. Esse evento me ajuda a pensar que nem todos os encontros são harmoniosos, os conflitos estão sempre à espreita, mas principalmente que, quando o encontro com o “outro” não é prazeroso, não há motivação para permanecer em determinado lugar.

Embora tenha sido uma experiência difícil, as ideias políticas que circulavam na época eram parte da magia dos encontros e diálogos que estabelecia. Isso a fazia confirmar que algumas de suas ideias políticas encontravam ressonância. Algumas pessoas com quem interagi comentavam sobre o golpe político que estava em curso, contra a então presidenta Dilma Rousseff no Brasil. Ao mesmo tempo, essa troca também a fazia conhecer as ideias políticas nacionais, como a forte permanência de ideias conservadoras. Jak saiu do Chile com muito pesar, pois gostaria de ter conhecido muito mais do país, mas a moeda, o preço de tudo e o custo de vida era tão alto que naquele instante só desejava seguir um pouco mais, antes que a *grana* acabasse. Assim, decidiu partir para Santiago e de lá seguir para o Peru. Precisava de novos encontros.

Nessa direção, é possível dizer que os encontros na estrada moldam o desejo de ficar, de permanecer em determinado lugar. Isso está relacionado com os encontros culturais propiciados. Uma das motivações para minha permanência na Argentina foi o encontro com amigos, em uma pequena cidade no interior da província de Buenos Aires. Mesmo Rojas sendo uma cidade sem nenhum atrativo turístico, a possibilidade de compartilhar e vivenciar momentos junto com meus amigos me atraiu para o local.

Carol ficou vários meses no Vale do Capão, e isso estava fora dos seus planos. Tinha planos de seguir para ver a família, quando nos conhecemos, apesar de conhecer a

“fama” do lugar de não deixar as pessoas saírem tão facilmente. Planejava ficar três meses, chegou no mês de fevereiro de 2022, permaneceu no lugar por muito tempo do que havia planejado. A permanência tem a ver com a *vibe* do lugar e também com os encontros, as condições de moradia e de trabalho. Encontrou uma *mana* com quem se identifica para dividir o aluguel de uma casa, além disso, o fato de o lugar possuir alguns espaços que possibilitam o desenvolvimento artístico, também influencia na escolha da permanência. Ela tinha a oportunidade de fazer suas apresentações e performances artísticas em festas, circo, locais públicos, etc.

Percebemos que os significados do encontro se revelam na experiência compartilhada tanto com outras/os viajeras/os quanto com outros agentes locais. Os encontros educativos envolvem valores como a solidariedade e afeto. Durante as paragens, as hospedagens solidárias são pontos fundamentais de encontros e trocas, é uma atitude principalmente de pessoas locais. Além disso, o compartilhamento de espaços de hospedagem é outra importante característica dos encontros e formas de permanência.

Estes não se dão apenas na fixidez, o relato inicial de Lanna sugere que há possibilidade de estabelecer relação durante o movimento, como por exemplo, dentro dos ônibus e trens que levam a um mesmo destino. Isso quer dizer que no sentido espacial, esses encontros acontecem tanto nas paragens quanto em deslocamento. Dessa forma, alguns lugares são mais propícios, como os *tours*, as trilhas, o *hostel*, o ônibus, o trem, mas alguns locais determinam a duração do encontro. Alguns podem ser contatos mais rápidos, enquanto outros podem ter continuidades e tornar-se duradouros.

A dimensão do encontro e da troca

Mauss (2003) aponta que as trocas não se dão apenas no plano de bens e riquezas, é possível estabelecer trocas por meio de gentilezas, banquetes, festas, etc. como parte de uma circulação de riquezas que faz parte de um contrato maior. Para o autor, há um sistema que sustenta a “moral da dádiva-troca”, segundo o qual as dádivas não são desinteressadas, exigem reciprocidade, além de que servem para manter alianças. Neste caso, por exemplo, oferecer hospedagem é uma forma de estabelecer uma relação de troca. Não é uma ação totalmente desinteressada, pode ser uma maneira de um sujeito

adquirir prestígio, por meio de um intercâmbio cultural⁴³, por exemplo. Pelo lado da pessoa que recebe esse tipo de dádiva, é moralmente compelida a passar adiante o gesto de gentileza. Mesmo quando uma dádiva não é retribuída à mesma pessoa, ou entre os mesmos agentes da dádiva, ela gera certa onda de solidariedade, criando uma espécie de *mana*. Embora seja uma questão de experiência particular, os gestos de solidariedade, ou ainda o compartilhamento de saberes, perpassam a experiência viajante.

Foi a partir da experiência no *CouchSurfing*, durante a viagem, que Flora e Nanda passaram a receber viajantes quando se estabeleceram no litoral do Piauí. Além dessa ocasião, Nanda também continuou praticando a hospedagem solidária quando se mudou para Natal. Da mesma maneira aconteceu comigo. A troca de hospedagem faz parte do meu *status* de viajante, embora não utilize mais a plataforma *CouchSurfing*, continuo praticando esse tipo de solidariedade.

Esse cruzamento de experiências demonstra que é no encontro que acontece a troca. Troca-se hospedagem, experiência, *tramos*, dicas, trabalho, conhecimento, afetos, ideias, etc. O valor material diminui enquanto o valor simbólico se sobressai. Quando não acontecem as trocas, ou estas são insuficientes, isso pode dissolver o interesse em determinados lugares e pessoas, como vimos anteriormente com Jak.

Carol compreende o significado das trocas de maneira especial, de forma que nos ajuda a compreender como essa ideia transita entre as viajantes. Durante a estadia no Vale do Capão, tem vivenciado isso por meio das relações que constrói no lugar. Mas essa dimensão da troca sempre esteve presente nos seus diversos trânsitos. Como é possível perceber no relato: *Eu fiz voluntariado no começo, e agora tô fazendo muita troca, tipo, de “aula por aula”. Tive uma aula de yoga por uma aula de tecido, uma aula de bambolê por uma aula de dança. Assim é massa. É massa porque tem un espacio pra ficar tranquila, onde estou agora, está massa. Para pensar coisas, projetos futuros, coisas que eu quero fazer. E aí depois sair recarregada pra vida, pra trabalhar muito mais no caminho e seguir cumprindo sonhos* (Carol).

Esse depoimento me sugere que os intercâmbios que acontecem nem sempre são uma questão material, nesse caso, a troca de conhecimentos emerge com força. Dessa forma que Nanda pensava no *trocar*; como parte de uma experiência boa, que aconteceu

⁴³ Em algumas situações, como por exemplo no *CouchSurfing*, esse tipo de relação pode se desdobrar em um relacionamento afetivo e/ou sexual. Há muitas pessoas, principalmente homens, que oferecem hospedagem interessados em “algo a mais” com a/o visitante. Além dessa expectativa, há um sistema de classificação dos usuários do *CouchSurfing* por meio de depoimentos, a quantidade de depoimentos positivos recebidos faz parte da construção do prestígio dentro da comunidade.

principalmente durante as experiências de voluntariado. Em determinada ocasião, quando voluntariava em um *hostel*, recordava que após o banho e o café da manhã, o pessoal se reunia e *a gente ia trocar*. Nessa troca, havia um compartilhamento de habilidade, experiências e saberes. Ela e Flora ensinavam *o pessoal a fazer as encadernações*, ao mesmo tempo em que *tinha uma menina que ensinava a gente como fazer macramê, tinha um pessoal tocando, tinha uma galera desenhando no mural*. Disse que esse período do voluntariado *foi uma semana que a gente só fumava e trocava* (Nanda).

Além desse episódio em específico, em que o ambiente coletivo do *hostel* tornou a troca propícia, havia também a relação com a comida. Esta aparece como marcador importante na experiência da troca. Lembrou que Flora: *cozinhava muitos pratos na viagem também rolou muita troca pelo fato de a gente gostar muito de cozinhar, então sempre rolava muito essas trocas. Ela cozinhava muitos pratos na viagem, também rolou muita troca pelo fato de a gente gostar muito de cozinhar, então sempre rolava muito essas trocas! De a gente fazer pratos brasileiros para a galera e a galera fazer outros tipos de pratos dos países deles para gente. Sempre rolava essa troca* (Nanda).

É fácil perceber que a cozinha se torna um ponto central, assim como para Aldana (2018, p. 27), que contou que nas noites “*la cocina se tornaba en el centro social de la casa*”, era nesse espaço que “*compartíamos alrededor de un mate, un café, un porro (cigarrillo de marijuana) o una comida*”. Em algumas ocasiões se reuniam várias pessoas mesmo quando o espaço era pequeno. Já vivenciei muitas ocasiões com esse sentido de reunião em torno da cozinha, durante minhas viagens.

É nesse sentido que o sair pra comer, cozinhar juntos, comer o que a/o outra/o cozinhou ou cozinhar ganham um sentido, fazem parte das minhas próprias experiências da viagem de campo. Tornou-se notável como determinados espaços e atividades, seja a cozinha do *hostel* ou um jantar especial, marcam as relações transnacionais e regionais. Essa vivência de cozinha, cruzou a experiência etnográfica no Camping do Seu Dai – Vale do Capão – onde a cozinha funcionava como um espaço agregador, a hora de cozinhar reunia as pessoas que estavam hospedadas, as que haviam recém chegado, era onde conhecíamos uns aos outros, marcávamos passeios juntas/os, etc. Na experiência transnacional, há sempre um compartilhamento no ato de cozinhar uma comida brasileira, ou ainda, compartilhar sobre os sabores da região amazônica.

Entre os diversos sentidos que a comida possui na estrada, diz também sobre o partilhar de modos de vida, como por exemplo o veganismo. O veganismo compõe essa perspectiva. As preocupações ecológicas são ideias que circulam, politizando o ato de

comer. Carol afirmou ter tido o veganismo como um ponto de transformação. Isso aconteceu durante a viagem. Pode ser um modo de vida que agrega sujeitos em grupo, mas que também produz diferenças políticas e ideológicas. Aqui, percebo que a comida faz parte desse universo da troca, e é rico para pensar as relações sociais em deslocamento na contemporaneidade. Arelado a essas práticas pode vir uma crítica ao modelo da monocultura de alimentos, do consumo de animais, e outros posicionamentos políticos.

A experiência da viagem permite a produção de complexas práticas alimentares, que vão desde os sentidos sociais da transformação dos alimentos, como o ato de cozinhar, até os posicionamentos políticos em torno de “o que comer”. Essas experiências envolvem o local e o global. No Vale do Capão havia uma variedade gastronômica de comida vegana e vegetariana, como por exemplo, os famosos pastéis de jaca.

Esses movimentos indicam certa contestação da padronização da alimentação típica do capitalismo moderno, embora exista uma costura entre as práticas alimentares, com, por exemplo, a alimentação rápida dos embutidos, que também estão presentes. Ainda assim, a viagem proporciona um embarque na culinária local, assim, quinoa, acarajé, ceviche, *asados*, papas, carne de lhama, milhos em cores diversas, dentre outras riquezas alimentares da América do Sul. Uma outra perspectiva que contrapõe um modelo de consumo descartável é o reaproveitamento de alimentos. Gabi contou que nas suas práticas também faz o reaproveitamento: *reciclávamos alimentos quando tínhamos a oportunidade de passar em algum povo que tinha feira*. Nessa experiência sensorial e visual, a paisagem central são as feiras, os mercados, *tiendas*, vendas, etc., presentes nas cidades sul-americanas.

A característica de uma viagem com poucos recursos, empurra a preferência por comidas baratas, que geralmente é “comida de rua” ou de estabelecimentos locais. A comida de rua é também uma grande característica da organização social dos países da América Latina, tanto a produção quanto o consumo de alimentos “obedecem a práticas e ordenamentos locais/específicos de cada lugar” (BENVEGNÚ; MANRIQUE, 2020, p. 45). Nesses percursos, é possível cozinhar a partir dos elementos da culinária local, o que torna a experiência do cozinhar mais rica, na qual o cozinhar distante do próprio contexto cultural desperta diferentes sentidos e sensações, afinal como consideram Oderich; Ruiz (2019, p. 125) “cada cultura possui uma cozinha peculiar, com diferentes ingredientes, aromas, técnicas de preparo, combinação de alimentos e maneiras de servir e comer.” As autoras ainda consideram que um/a viajante acolhe as mudanças durante uma viagem, valorizando, em especial, compartilhar o comer.

Atribuir significado ao ato de cozinhar e de transformar o alimento, enquanto troca, sugere que a comida é um ponto de encontro – e de desencontro – mas acima de tudo de partilha. Por essa perspectiva, cozinhar estabelece laços entre as pessoas, seja entre anfitriões e visitantes, ou ainda entre diferentes viajantes que se encontram em um *hostel* ou um *camping* – e também entre pesquisadora e interlocutoras, como foi o caso desta pesquisa.

De forma marcante, tive a oportunidade de cozinhar com Liz diversas vezes na cozinha do *hostel*, também íamos juntas ao mercado escolher alguns produtos, frutas e legumes. Na Argentina, cozinhei uma feijoada, comum no Brasil, com alguns ingredientes locais, e compartilhei com um grupo de pessoas na casa onde fui hospedada. Era uma forma de retribuir a solidariedade. O ato de cozinhar uma feijoada foi possível porque encontrei *porotos negros* – feijão preto – no supermercado, o que indica que alimentos tidos como brasileiros circulam na região. Tive que fazer uma combinação diferente dos ingredientes com o que havia disponível no supermercado local e isso marcou outras formas de preparo.

Oderich; Ruiz (2019) consideram que a “comida, a maneira de prepará-la, a forma e lugar de servi-la, os momentos de compartilhá-la, são capazes de informar sobre as pessoas, falar de identidades, cotidianos, valores, diferenças.” Nesse mesmo contexto, e por outro lado, os amigos anfitriões proporcionaram em várias ocasiões *asados* tipicamente argentinos, que estavam dentro dessa rede de troca e partilha por meio da alimentação. De minha parte, me interessava em experimentar pratos das culinárias locais, com a curiosidade habitual.

Figura 60 - Ceviche em Cusco.



Fonte: Ester Corrêa, 2019.

As refeições foram momentos de grande interação com Liz, por diversas vezes saímos para comer juntas. Discutimos sobre preços, sobre o que gostamos e o que não gostamos de comer, descobrimos cheiros e sabores juntas. O horário do almoço ou a ida à tarde juntas na padaria, diz sobre uma experiência gastronômica compartilhada. O mercado de San Pedro em Cusco, o restaurante Bom Samaritano – um restaurante local muito econômico –, os hambúrgueres de *palta y queso* – abacate e queijo –, faziam parte da nossa busca por comida econômica. Às vezes, a comida era improvisada, outras vezes sentávamos em um restaurante para comer um menu mais elaborado.

O Mercado San Pedro é uma dessas experiências gastronômicas inesquecíveis, oferece uma variedade e um colorido de frutas, legumes, quiosques de venda de alimentos, temperos, além de roupas, etc., é bastante frequentado por turistas, viajantes, pessoas locais, dentre outros. A experiência gastronômica de Jak também percorreu os mercados, os sabores e os preços em Cusco, como já contei.

O mercado é um espaço fechado que se estende para os arredores, onde se arma um mercado de rua ainda maior, e onde é possível encontrar com mais sujeitos locais que oferecem as cores e sabores da culinária local. Por meio desse exemplo, é possível localizar os mercados, as feiras, os restaurantes populares, etc. como espaços de vivências e de sentir o gosto das coisas, proporcionando uma experiência sensorial inesquecível. É importante contextualizar que a comida ocupa um lugar central no mundo andino. No ritual sagrado dos povos andinos na festa de todos os santos, que participei em na comunidade Aymara, a comensalidade é central, foram ofertados pães, pipocas, *papas*, etc. A comida atua como um sistema de símbolos (ODERICH; RUIZ 2019) que envolve o ritual e o cotidiano. Além disso, há outro significado que pode ser atribuído ao lugar da comida na experiência viajante. O ramo da alimentação e gastronomia acaba sendo um dos que acolhe trabalhadores temporários como Jak.

De acordo com o relato, quando chegou ao Peru, já estava com pouca grana. Planejava visitar Machu Picchu, o Valle Sagrado – e o que mais fosse possível – e retornar ao Brasil. Porém, quando estava próxima à fronteira do Brasil com o Peru percebeu que não estava pronta para voltar. Assim, decidiu ficar um tempo mais no país, e nesse período começou a namorar um anfitrião que as tinha recebido pelo *CouchSurfing*. Isso a levaria para outros caminhos e a fez traçar novos planos. Naquela altura já contava com poucos recursos, porém diversos outros caminhos foram se abrindo, de forma que possibilitou a permanência dela no país. *Comecei a me envolver com esse cara, trabalhando nessa pizzeria, eu lembro que várias vezes a gente tomava muita cerveja, festava muito e*

trabalhava muito. Nos dois meses em que ficou no lugar, criou uma rotina, que era café da manhã, trabalho o dia inteiro e também bastante diversão, incluía a presença do rapaz peruano e a prima.

Essa experiência de Jak sugere que há outras dimensões do encontro, que se entrecruzam e direcionam os itinerários, como o trabalho. Os espaços de partilha são múltiplos. Incluindo a hospedagem solidária. Júlia comentou que as trocas de hospedagem foram importantes nos seus trânsitos, não somente quando estava viajando – como a minha própria experiência de quem estabeleceu vínculos temporários e duradouros por meio da troca de hospedagem. Hospedar outras e outros viajantes é também estar conectada em uma rede, que é global, de pessoas que compartilham um mesmo estilo de vida e interesses em comum, que tem a ver com uma visão de mundo – que em maior ou menor nível de politização –, pensam uma ideia de mundo mais plural. Carregam experiências nacionais, linguísticas, regionais, de classe, de gênero, etc., mas o encontro das realidades cria formas de se entender e de partilhar ideias e/ou ideologias. E é isso que faz com que esse tipo de viajante – que está em busca da troca – sempre se encontre na estrada. Nas trocas se estabelecem relações verdadeiras, mesmo quando são efêmeras. Trocar é aprender.

Quando se estabelece uma relação de troca, na qual os significados se introjetam de forma duradoura na vida dessas mulheres, isso costuma ser um convite para repassar adiante um gesto de generosidade. A generosidade e a solidariedade, para Flora, *é o tipo de coisa que não tem como você ficar ileso. Você vê a generosidade do outro, você passa para frente. Nem sempre [é para a mesma pessoa]... mais uma vez a coisa de tá no fluxo. Às vezes você tá no fluxo da coisa, normalmente você não vai receber de volta da mesma pessoa, entende?* Ou seja, mesmo quando a dádiva não é devolvida à mesma pessoa de quem se recebeu, é impelida a devolver. Esse é um dos maiores acréscimos nas subjetividades, no sentido dos encontros

II - Aprendizados e descobertas de si

Viajar para mim significa viver! Conhecer culturas, línguas, lugares e povos com costumes e vidas muito distintas da sua e o principal de tudo: conhecer a você mesma! (Gabi)

Liz transpassou uma fronteira que ela achava incapaz. Durante a trilha para Machu Picchu, acampou em uma barraca compartilhada entre quatro pessoas, no meio do “nada”, entre uma das margens do rio Urubamba e a ferrovia. Antes de assentar o acampamento, havíamos parado em uma ruína antiga para nos abrigar da chuva e, ali mesmo, comemos uns sanduíches improvisados de queijo e abacate. Nessa mesma trilha, que durou várias horas, ela me contava que não se considerava uma “mochileira raiz”, então, atitudes como viver de arte e *manguêio*, acampar em “qualquer lugar”, comer “qualquer coisa” dentre outras, não eram práticas aceitáveis para ela. Ainda assim, além de estar na companhia de uma dupla de músicos de rua, ter acampado na trilha, ter almoçado uma comida improvisada, passamos três dias em um camping público, com um banheiro sem água quente, no *pueblo* de Águas Calientes – quando poderíamos ter ficado em uma das centenas de *hostel* ou hotel adequado ao nosso perfil. E optamos por seguir comendo “qualquer coisa”, que quer dizer, qualquer comida improvisada.

O plano de fazer a trilha foi sugerido pelos dois músicos mochileiros colombianos. Era a forma mais econômica de acessar Machu Picchu. O trajeto envolveu uma trilha não-oficial e não-recomendada. Mas ainda assim, nós duas entramos nos planos. Assumimos o risco. Liz parecia, inclusive, animada naquela manhã de novembro, quando a vi atravessando a Plaza de Armas, com uma mochila cargueira, gorro e casaco, para aguentar o frio da jornada. Chegou sorrindo até o grupo, contando que havia conseguido com sucesso a dispensa do voluntariado que tinha acabado de iniciar. Fomos sentadas lado a lado durante o trajeto de micro-ônibus que nos levou até Ollantaytambo, um dos pontos bases antes de iniciar a longa caminhada pelo trilho do trem.

Durante os momentos compartilhados na trilha e nos acampamentos, a reflexão sobre os medos, eram constantes, porém na prática, estávamos ali, fazendo aquilo que considerávamos “perigoso”. No instante não parecia que estávamos fazendo algo “tão” perigoso assim. No trajeto apareceram as oportunidades para refletir sobre medos e coragens, mas acima de tudo, assumimos a atitude de “se deixar levar” para experimentar eventos impensáveis no nosso imaginário. Nessa situação, foi um processo “dar-se conta” de que estávamos fazendo aquilo que parecia loucura quando envolvia os outros. Isso também se dá no encontro com esse outro, que age diferente daquilo que imaginamos para nós, mas ao mesmo tempo nos encoraja a confiar e aproveitar o que a estrada nos oferece. O encorajamento é um aprendizado de práticas.

É na viagem que descobrimos quem somos

Há um sentido de aprendizado nos encontros. A conversa com Juana foi muito marcante nesse sentido. A argentina reconhecia o valor do aprendizado em uma viagem, sugerindo que a viagem tem um papel pedagógico importante. Há aprendizados que só o viajar corpóreo te proporciona. Ela dizia que viajar é aprender. É um constante aprendizado lidar com os problemas, os imprevistos, os *perrengues*, encontrar soluções, aprender noções de câmbio, de economia, de geografia, de história, de culinária, etc., é um tipo de educação para a vida toda.

O período em que Jak ficou trabalhando na pizzaria, em Pisac, foi uma experiência que ela descreve com grande carinho. Inicialmente pensava que ia trabalhar no balcão ou fazendo caipirinha ou no atendimento, mas aos poucos foi adentrando o universo da cozinha. Mesmo sendo uma cozinha de pizzaria, sem pratos mais elaborados, foi um aprendizado de vida, pois foi esse contato que a permitiu expandir os horizontes no sentido de conhecer e vivenciar vários aspectos do lugar, e também das próprias capacidades de aprendizado.

Foi bem legal esse período porque eu conheci bastante gente, ao mesmo tempo que eu conheci muita gente de fora, eu conheci muita gente do local, então, o cara que fornecia o ovo, a farinha, é tudo, assim, a granel, é um negócio muito: ah, vem de não sei onde, eu plantei no meu quintal, sabe, aquelas plantações de quinoa (...) Foi um período muito importante porque eu conheci muita gente diferente, num período que foi curto, foram dois meses em Pisac, e muito familiar o tempo todo. Eu lembro que eu ia tomar a chicha, porque a gente observava pra ver se tinha a bandeirinha do lado de fora da vendinha da senhora, porque a senhora colocava a bandeirinha quando tinha chicha. Ela ficava dois dias seguidos vendendo chicha e três dias da semana ela ficava fazendo a chicha. Tinha que ficar observando! Às vezes todas as senhorinhas da cidade tavam fazendo a chicha, não tinha nenhuma vendendo. Então quando abria... Aí sentava, entrava, o botequinho dela era a sala da casa dela, e ela tava vendo novela, servindo você, aí: 'ah, vocês são de onde? não sei quê...' vinha o vizinho, vinha não sei quem, ela vinha servindo naqueles negócio de barro, desse tamanho, assim, ó! Ela pegando aquela chicha, era surreal aquilo! Lembro agora contando, eu olhava e falava: cara, posso pegar no olho, eu tô vendo, eu tô vendo isso mesmo? Tá acontecendo isso, muito legal (Jak).

Esse é o relato de que há uma forma de pertencer à viagem que se eterniza na memória. Os detalhes de uma vivência são mais que memórias, são pensamentos vivos. Sarlo (2015, n.p) dizia que “se nunca deixei de pensar nessas viagens é porque pertenço a elas de uma maneira radical: não são simplesmente recordações, mas sim as formas nas quais a experiência me modificou em cada momento”. Jak explica que o fato de esse período ter sido muito importante tem a ver com as pessoas diferentes que conheceu e de sentir-se parte da dinâmica do local. Assim como de experimentar sabores relacionados a formas tradicionais de fazer.

Figura 61 - Jak na Isla del Sol, no Lago Titicaca.



Fonte: Acervo da interlocutora. Cianotipia por Ester Corrêa.

Para Flora o grande aprendizado de toda a viagem foi *um desapego do que é material, no sentido de ter uma cabeça muito mais aberta no sentido social*. Exemplificou como isso opera no nível prático dizendo que a sua experiência de viver *num meio de classe média, classe média pra alta*, traz algumas coisas que ela abomina e que a faz refletir sobre a forma como quer se relacionar com o mundo. Explicita dizendo que *se tem uma coisa que eu abomino, tipo: você tá no restaurante tudo mais, claro, que chega às vezes é chato tal ter alguém chegando, te pedindo dinheiro, te pedindo comida, eu normalmente dou, assim, e a galera fica: esse cara vai gastar com droga* (Flora).

Para ela não interessava que destino a pessoa daria para aquele tipo de ajuda, reconhecia o direito, inclusive de se drogar, visto que é possivelmente um sujeito *que vive numa situação muito pior que a minha, que a nossa... Pára!* Esse caso sugere que um dos grandes aprendizados foi o desapego do material ou ainda as ondas de solidariedade. Estes remetem a situações vivenciadas; de quando ela era “a outra”, a estranha, quem precisava de ajuda. As experiências vividas na estrada são assimiladas em outros contextos. Isso a ensinou sobre empatia social. Ademais, para ela, reconhecer os privilégios de classe e exercitar a empatia social é parte dessa transformação em ver o mundo, que parte da experiência da viagem.

Nesse sentido, repensar uma percepção de si e do mundo em transformação, floresce de forma muito particular, mesmo quando as experiências vivenciadas são compartilhadas ou análogas. Assim, como para a irmã, Nanda sentiu um ponto de transformação a partir do ato de repensar sobre o próprio lugar do privilégio que ocupa na sociedade. Isso inclusive era bom para relativizar algumas noções de mundo e adotar posturas mais reflexivas. *Eu sou de fora... E de outra realidade, sabe? Porque a própria viagem acho que também se desenvolveu de uma forma, devido a gente vir de onde vem. É tanto que a gente levou um puxão de orelha da galera, dos viajeros mais raiz.*

O contexto do episódio era de que estavam apegadas a um conceito de viagem relacionado com as próprias percepções de classe. Um conceito *de viagem, de vida e de experiência mesmo, de não conseguir pensar na experiência do outro, não sei se vou conseguir me fazer entender nisso: é que eu venho de um lugar de privilégio, e que talvez muitas vezes pode ser perrengue para mim, mas para outra pessoa, tá de boa, é só mais uma situação. E não sei, fico me questionando muito sobre isso, como as relações se desenvolveram, por eu vir de onde eu venho. Como eu queria fazer diferente só que eu não sei se eu seria capaz* [risos] *porque ainda hoje, eu me pego falando merda, por vir de onde eu venho* (Nanda).

O que Nanda sugere é que houve encontros nas quais os confrontos de perspectivas sobre o modo de viajar a faziam refletir sobre os próprios lugares de privilégio de classe. Silva (2015, p. 53) chama de “confronto com a alteridade proporcionado pelos deslocamentos”. A forma como percebia a experiência das outras pessoas era analisada a partir das suas próprias vivências, e por isso levou um “puxão de orelha” de uma “galera *viajera* mais raiz” – mais experiente e menos “preocupados”. Assim, passou a relativizar a noção de *perrengue* e a perceber que as relações estabelecidas com os outros estavam minadas pelas próprias percepções. Passou a

considerar que gostaria de viajar de uma forma diferente, porém reconhece as limitações construídas no contexto social de origem.

Talvez isso se relacione com o que Lanna tratou quando dizia que há uma romantização da viagem que é necessário superar. Embora Lanna se referisse à outras formas de romantização, há uma espécie de enquadramento do que consiste em ser um/a “viajante raiz”, que costuma conceber a “verdadeira viagem” como uma espécie de receita a ser seguida. *Eu acho que é muito romantizado, tá na estrada, siga sua intuição que “tudo vai dar certo”, e que essa vida, viva sabe, “largue tudo, abandone tudo”* (Lanna).

Isso aponta para uma classificação de viajantes de acordo com as práticas desenvolvidas. Acredito que a classificação da/o “viajera/o raiz” se relaciona um pouco mais com as práticas de Gabi, Rosa e Carol. No caso de Gabi, a maneira como reagiu a situação política do *paro*, encarando os *perrengues*, marcou de forma significativa as vivências na cidade e no país. A circunstância levou as minhas interlocutoras a uma situação extrema de falta de dinheiro, levando-as a procurar alternativas de dormida, por exemplo. Gabi não me parecia muito preocupada com o perigo ou com a própria segurança. Encarava esse *perrengue* – exemplo: dormir no *mocó* – com certa tranquilidade. Ou pelo menos, me pareceu que havia outras questões mais preocupantes naquele instante do que o temor pela segurança pessoal.

Rosa contou que no começo do *paro* manteve o pensamento positivo, acreditava que iria ficar tudo bem e logo tudo voltaria ao normal, mas foi percebendo aos poucos a gravidade, a sensação de prisão que as pessoas estavam sentindo, da qual ela compartilhava, disse que *tudo ficou muito louco*, para ela *todo dia era um nervoso diferente*, isso afetava a todos do grupo com quem vivenciava. Mesmo em meio a esse caos, disse, com certo saudosismo, que sentia muita falta da Bolívia, de todas as aventuras.

Isso gerou um tipo de experiência, de aprendizado que também marcou a passagem de uma viajante que inscreveu sua presença naquele lugar, naquele tempo, no sentido das memórias e da construção de si a partir dos desafios enfrentados e superados. Mais do que apenas uma recordação ruim, as histórias compartilhadas, as dificuldades superadas, as experiências geradas pela dificuldade se transformaram em aprendizados, em coragem para transpor os limites. Essas memórias atribuem sentido ao contexto, aos trajetos, aos afetos construídos e à própria capacidade de se descobrir na viagem.

É na viagem que descobrimos quem somos, o que queremos e tomamos consciência de que tudo é passageiro, temporário, principalmente as pessoas; estamos

todo o tempo entrando e saindo da vida de alguém. É viajando que você testa seu limite e descobre onde seus pés e tua força de vontade podem te levar. É ver que o mundo é gigante e a vida é uma só, nós deixamos de fazer coisas que nos satisfazem por medo de não conseguir, por duvidar da nossa própria capacidade de fazer as coisas e na viagem vamos resgatando isso todo o tempo, percebendo que todos os sonhos cabem na mochila e que não há lugar onde seus pés não possam te levar, escreveu Gabi.

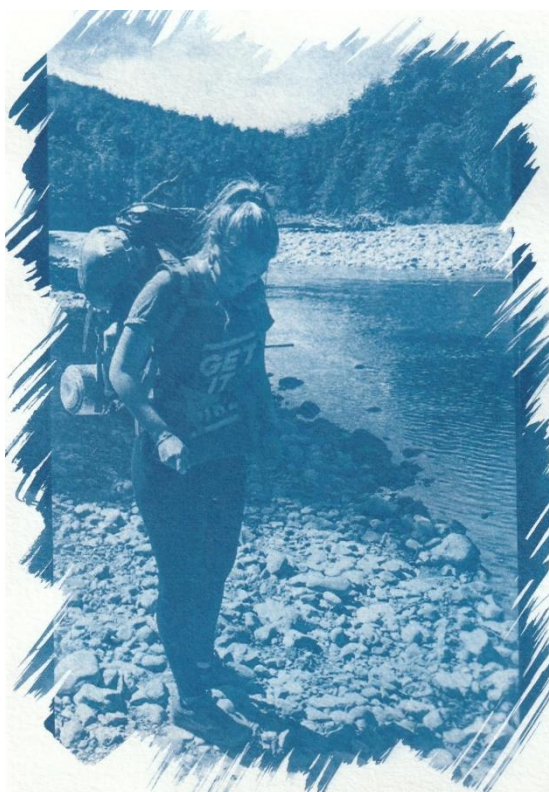
Quando Lanna *foi para a estrada*, percebeu que aquilo ali não tinha nada parecido com a rotina em que vivia. Ao contrário das vivências que a machucava, e toda a transformação que teve que assumir para se encaixar no espaço do trabalho, ela percebeu que *na vida na estrada eu conseguia ser muito mais “eu”, assim, coisas que eu queria fazer, sei lá, por exemplo: eu cortava meu cabelo chanel, bem curtinho aqui abaixo da orelha, para parecer mais adulta no trabalho, e me levarem a sério, deixei o cabelão crescer na estrada, foda-se! Sabe? Assim, quem que vai ligar, só eu mesmo, e coisas pequenas também, de roupa, poder usar a roupa que eu quero, porque lá era só roupa formal e pintar ou não pintar a unha, e se eu não quiser pintar, assim, eu pintei a unha pela primeira vez em dois anos agora. Tá um outro processo para mim agora que eu raspei o cabelo. Porque agora que eu raspei, eu tô tentando me expressar de outras formas então, eu tô usando colar colorido, meu cabelo tá meio roxo, então assim, [tá lindo!], tô fazendo outras coisas nele, mas eu tô tentando me expressar de outras formas agora. Naquela época, eu me vi muito me testando, me descobrindo, então, pô que roupa eu realmente gostaria de usar? Ou então eu com gilete: pô, será que eu quero realmente ficar raspando axila? Será que eu quero realmente ficar raspando minha perna? Tá mais me atrapalhando do que outra coisa. E aí deixar crescer e perceber que ninguém se importa, que realmente, ninguém tá olhando, quem tá incomodada no caso era eu, com aquilo, porque “aí, o que as pessoas vão pensar?” Só que o mundo dos viajantes é muito mais aberto com essas, com essas questões, né, de pelo no corpo e tudo mais, então para mim foi muito natural (Lanna).*

O relato de Lanna confirma que o “se testar”, experimentar novas sensações, se descobrir, se expressar, vai sendo reinventado e resgatado o tempo todo. Xavier (2011) também se percebeu assim, acreditava que “quando uma pessoa fica sozinha longe do seu meio, assim como estou, é incrível como pode ver tudo com mais clareza com relação à vida em geral e à sua própria vida”. A autora conta que passou a “analisar as coisas sem ideias pré-concebidas”, percebendo que vivia numa época de grandes mudanças

históricas (p. 137). E assim, se vai esquadrinhando sonhos, olhando a vida, o mundo e a si mesma com outros olhos.

Nesse sentido, Juana me escreveu que a experiência da viagem sozinha *cambió la forma de vivir. Me transformó. Fue el capullo necesario para que la oruga se convierta en mariposa*. A estrada é esse casulo. A estrada oportuniza conhecer a si mesma, descobrir potencialidades, limites, explorar medos, desmistificar práticas, testar formas de se expressar esteticamente.

Figura 62 - Juana de mochila na Patagônia argentina.



Fonte: Acervo da interlocutora. Cianotipia por Ester Corrêa

Gabi considera que na viagem – se referindo à viagem sozinha – *que a gente testa nossos limites, descobre nossa força e capacidade, percebe que na realidade nascemos e vamos morrer assim, sozinhas. Aprendemos a valorizar nossa própria companhia, a nos amar, nos aceitar e confrontar nós mesmas*. Transformar as percepções de mundo e de si. Transformar um conceito de viagem. Algumas percepções pré-formatadas se diluem nas experiências vividas.

Se por um lado, há as potencialidades, o caminho também faz assumir os limites. Aquilo que se é capaz ou não de assumir para si. Nanda assumiu isso *eu acho que essa*

vida não é para mim... porque tem muita gente que vive disso, realmente. Eu gosto de ser nômade, mas eu gosto também de criar relações e de criar raízes de alguma forma. Mas é como se o projeto tivesse sido interrompido, sabe? Foi um projeto interrompido, por medo, por imaturidade, acho que hoje em dia se eu fizesse uma viagem dessas seria completamente diferente, muito mais desarmada, mais solta.

Embora Nanda demonstrasse esse desejo de voltar para a estrada, assumiu honestamente seus limites. Para ela, viajar sozinha, por exemplo, ainda desperta muito medo: *Viajar sozinha eu confesso que eu tenho medo, mas eu queria... eu queria muito. Eu acho que o lance para mim de viajar sozinha, o peso seria estar duplamente em alerta. Porque tipo acho que foram raros os lugares e as situações em que permitiu beber um pouco além da conta, usar alguma coisa que tire o sentido. É claro que nesses espaços também dependendo de por onde você anda tem lugares seguros. Mas, agora que a gente pensa... mas eu também não... é porque eu não tenho mais a vontade de fazer a viagem como turista. Claro que o turismo faria parte, mas eu queria um objetivo maior, sabe? Tipo pesquisar, tipo aprender [sobre medicinas naturais]. O lance não seria nem para pesquisar, poderia ser também, mas para aprender... essas medicinas (Nanda).*

Nanda passou a pensar na viagem como uma possibilidade de outros aprendizados, outras experimentações, com um objetivo maior, como por exemplo, a pesquisa, como aconteceu comigo, resultando nesta tese.

Contrapondo essa expectativa, Liz disse que viajar sozinha foi uma das melhores experiências da vida: *faria novamente. Mudou minha vida e minha maneira de pensar, porque antes ela era perfeccionista, queria ter tudo controlado, em questão de tempo e planejamento, e a viagem me ensinou a não planejar, que tudo pode mudar de noite até de manhã, tive que tomar decisões, não necessariamente rápido, mas sem pensar muito. As melhores experiências da minha vida. Voltaria a fazer sem dúvida alguma. Mas também te enche de medo, enche de inseguranças durante a viagem, depois você aprende a confrontar isso. Tinha medo que acontecesse alguma coisa, de encontrar personas malas, por assim dizer, mas não, minha viagem foi muito boa, sempre encontrei pessoas incríveis (Liz).*

Durante o tempo que estivemos juntas, Liz demonstrou ser uma mulher com estratégias e formas diversas de negociar a realidade. Aprendia a *soltar-se diante do mundo*. Considerava a comunicação como um dos pontos necessários, *para poder ter uma viagem boa tem que ter muita comunicação*, era fácil perceber que ela exercitava a comunicação. Embora estivesse em processo de descoberta, de repensar a si, de “se virar”

sozinha, que é parte do aprendizado e autoconhecimento proporcionado por essas viagens, possuía uma admirável capacidade de se comunicar, de aprender, de planejar e desenrolar qualquer situação que aparecia. Era uma descoberta durante os trajetos.

A América Latina bate muito forte

A cena narrada de reconhecer pela janela do táxi e sentir-se em uma “quebrada” na Bolívia, me remeteu a sensações parecidas a que um bairro periférico de Belém me desperta. Jak contou o quanto enxergava ou achava parecido o movimento do bairro de Mangabeira, em João Pessoa, com Lima ou La Paz. Isso diz muito sobre o que compartilhamos para além das fronteiras nacionais. E como atravessar essas fronteiras e lidar com as particularidades e as familiaridades pode ser uma porta de entrada para a percepção da nossa história social e política, que está em cada esquina que cruza uma viajante.

Nesse movimento transfronteiriço latino-americano, Nanda assume que a ideia de começar pela América do Sul foi *por ser mais barato e aí algumas ideias foram surgindo*. Ela se referia à amplitude de tempo-espço percorrido com o dinheiro que havia conseguido guardar, ou seja, os trânsitos na região eram muito mais econômicos que ir a outras regiões do mundo, por exemplo. Além disso, havia sempre as possibilidades de trabalho, de fazer algum dinheiro vendendo umas *livretas*, mas também havia um interesse em histórias de pessoas locais: de registrar relatos e experiências de pessoas com quem cruzavam. Embora esses planos não tenham se concretizado como gostaria, ainda assim, percorrer o continente e estabelecer contatos locais foi um aprendizado constante.

Mesmo com as diferenças linguísticas e culturais, há várias formas de se entender na região. A língua é um aprendizado que se concretiza na estrada, entre diferentes sotaques, além das diferentes línguas. A improvisação faz parte da comunicação no trajeto. Nanda disse que: *botava um sotaque espanhol no português, de uma forma que a pessoa entendia o que a gente tava falando. Eu fui com o espanhol da escola, a gente sofreu demais no começo porque a gente caiu no pior lugar da Colômbia, que é a na costa, que o povo fala, come metade das palavras, e minha irmã nessa de me tornar mais independente, ela falava: vai lá e pergunta como que a gente chega em lugar tal. Ela ficava só de longe olhando. Aí ela dizendo que olhava assim de longe, tava eu só olhando pra cara da pessoa e balançando assim [balançando a cabeça positivamente], só rindo,*

balançando a cabeça, e só rindo. - E aí Nanda? Como é que a gente faz? - Eu não entendi nada [risos]. Ela ficava puta. Não entendi nada! Mas a gente aprendeu rápido, o pessoal falava que a gente falava muito bem o espanhol, mas eu acho que na verdade, a gente fala muito bem o portunhol. (Nanda)

Esse aprendizado linguístico acontece nos trânsitos entre países com idiomas diferentes. Misturando sotaques, gírias e expressões locais e regionais. Esse “portunhol de rua”, com diferentes gírias colombianas, era falado por Gabi. Essa forma de comunicação complementava a forma de se expressar junto ao grupo de viajantes malucos/*locos* de diferentes países com quem interagia. Para além dessa interação específica, ela também se expressava assim, quando falava comigo e com Rosa. O fascínio por outra língua é fruto de um aprendizado que aconteceu principalmente transitando entre grupos *viajeros* latino-americanos. O fato de Gabi ter uma larga vivência em uma casa cultural que abriga viajantes das diferentes nacionalidades latino-americanas explica essa adoção do portunhol.

O encontro de Aldana (2018) com os *locos* e *locas* – majoritariamente jovens latino-americana/os – que cruzava pelas rotas pela América Latina, mostra um aspecto da percepção desse tipo de viajante; elegem viajar pela região, além de que encaravam uma espécie de “cidadania latino-americana”, que ultrapassa as cidadanias nacionais, consideravam o continente como um espaço único, no qual não havia fronteiras. Esses cruzamentos se davam nas muitas casas de *locos* por onde passou. Nestas havia um fluxo de viajantes, cada dia chegava alguém diferente, e também alguém ia embora. Aldana (2018) reforça, com os achados de sua pesquisa, que existe um circuito latino-mericano de viajantes, que inclui cidades, lugares, rotas, onde diferentes viajantes se encontram na América do Sul.

Esses trânsitos que expressam uma identidade latino-americana e/ou sul-americana está presente em outros contextos históricos. Xavier (2011) já dizia que “os caminhos dos viajantes mochileiros são sempre os mesmos” (p. 151), quando iniciou o planejamento da viagem, com a escassez de informações, percebeu que “as informações desejadas só poderiam ser encontradas com outros jovens que haviam feito um caminho semelhante e foi assim que planejei a viagem”. Durante seus trânsitos, localizava a cidade de Cusco como “lugar de mochileiros, hippies, artistas” (p. 29). Isso sugere que já existia uma rede de viajantes latino-americana, o que foi confirmada por Matos (2020) ao percorrer essa rede de comunicação viajante entre as mobilidades latino-americanas, que essa rede de informação continua funcionando.

Esse sentimento de pertencimento foi anunciado por Flora quando lhe perguntei os motivos de ter escolhido viajar pela América do Sul: *Eu acho que a minha alma de 200.000 anos, ela é daqui! Então, se tu me falar assim amanhã tu tem oportunidade de voltar e ir para estrada tu vai escolher América do Sul, ir para os mesmos lugares que tu escolheu e tu já foi ou tu vai para a Europa ou vai para Tailândia? Eu vou começar tudo de novo da Colômbia e vou descendo até a Terra do Fogo. Não sei, não sei, eu tenho um amor, uma paixão, uma loucura por isso aqui, por essa cultura, essa diversidade, pelo povo, pela língua, eu sou muito apaixonada, eu amo falar espanhol. Então também é outra coisa assim, como o português, eu sinto também no espanhol como uma língua materna, sei lá... pra mim é natural, também, então não sei, acho que eu não tenho... Talvez seja de outras vidas [risos].*

A percepção que tenho do relato de Flora é que ela celebra uma paixão pela América do Sul, que se expressa pela língua, pelo povo, pelas manifestações culturais. Esse sentimento não está desconectado daquele narrado por Sarlo (2015, n.p), para quem “mover-se para conhecer a América Latina nos anos sessenta tinha um sentido que o relato pode restituir, assim como talvez possa restituir o conjunto de sentimentos de preconceitos dos viajantes diante daqueles que encontram no seu caminho”. Na época, ela assume que poderia aparentar uma “das ideologias pequeno-burguesas: viajar para seguir as vias da revolução ou viajar para conhecer seus futuros protagonistas”, segundo ela era “um preconceito positivo.” Nessa década, ela confessa que buscavam um continente em transformação, “era preciso viajar pela América Latina porque o deslocamento nos levaria a formas semiocultas ou mais ou menos visíveis do futuro”.

A perspectiva política da viagem da qual trata Sarlo (2015) tem continuidade, por exemplo, nas percepções de Lanna com relação à América Latina. Ela pensa uma história compartilhada e defende um olhar político necessário. Ela assume: *eu gosto muito disso, e aí eu queria ver, aprender aquilo pessoalmente, imagina que legal então se eu for na comunidade Moche lá no Norte do Peru, imagina que incrível! Quais comunidades têm na Bolívia que eu não conheço, sabe, que pra mim tava mais difícil estudar as comunidades antigas lá naquela região, então aprender com as pessoas que estão lá, sabe, pô eu vou na Bolívia e as pessoas tão falando Quechua, tipo, caralho gente, que da hora, sabe, que incrível isso! Vou no Paraguai tão falando Guarani, então, aprender no local sobre as pessoas que estão lá e também por tentar entender nossa realidade porque a gente adora se comparar com outros países do hemisfério Norte, tipo: - não, porque na Alemanha eles fazem isso. - Não sei onde eles fazem aquilo. Mas não é a nossa realidade,*

não é a nossa história. A América Latina tem, é a nossa história. Então muitas coisas que eles estão fazendo, estão passando, a gente tá passando, muitas coisas que a gente tá passando às vezes eles vão passar, é tudo um efeito dominó na política, e a gente tá perto da nossa história muito parecida, então esse senso de comunidade. Ao invés de eu querer ficar imitando o que estão fazendo lá nos Estados Unidos, que estão fazendo na França, na Inglaterra, não cara, nossa população é totalmente outra, nossa cultura é outra a gente tem que fazer entre nós aqui. A gente tem que aprender refazer o que estava entre nós. Não é olhando para fora. Daí eu acho que veio esse senso de aprender da América Latina, assim de olhar para a gente, e, assim, política para mim é tudo (Lanna).

A identidade latino-americana expressa por meio da viagem faz parte do relato de Jak. Quando ela ultrapassou as fronteiras da Bolívia, teve contato com um tipo de (re)organização social e cultural que a fez pensar e sentir: *Eu sou Latina!* As descobertas de si fluíram pela cartografia do trajeto, se costurando através das fronteiras nacionais, desestabilizando noções de pertencimento. O deslocamento de um lugar a outro, de um país a outro, chama a atenção para uma dimensão da viagem: certa diluição das identidades nacionais, mesmo que em diferentes níveis e de maneiras distintas ou pelo menos confere um certo movimento às identidades fixas. Mesmo que de maneira distinta, percorrer a superfície e experimentar o continente, traz à tona alguns temas que vão dando outros contornos subjetivos à viagem. Assim, *mochilar* é estar atenta às suas próprias mudanças e se perceber em constante transformação.

Por isso, se deslocar pela superfície, cruzar zonas fronteiriças é também um deslocamento subjetivo. “Os deslocamentos de pessoas também são deslocamentos de ideias, subjetividades, representações e objetos de consumo” (Navia *et al*, 2020, p. 14). É também fazer parte do “etnopanorama”, proposto por Appadurai (1998), como uma dimensão do fluxo da cultura global. As viajantes fazem da constituição deste, pois participam do “panorama” dos lugares, da estética de um mundo em transformação, a forma como a estabilidade dos sujeitos é tecida se entrelaça por “uma trama de movimento humano”. (p. 313). Esse movimento é um processo de desterritorialização-reterritorialização, no qual as fronteiras que são cruzadas, vão revelando o caráter subjetivo da fronteira. Por exemplo, nesse movimento das viajantes por entre subjetividades e fronteiras, para Jak e Lanna foi uma descoberta de uma latinidade, para

mim, foi uma descoberta de *Abya Yala*⁴⁴ e daquilo que Gonzalez (2018) chamou de América Ladina.

III - Desembarques ou quando termina uma viagem

Ser mulher cansa

Sentada em uma praça de alimentação de um supermercado em Ica, Liz decidiu antecipar a viagem de volta para casa. Estava farta do Peru. Queria ir para casa. Na noite anterior de sua decisão havíamos dormido em Huacachina: o oásis peruano em meio ao deserto. Havia faltado energia durante a noite e tivemos uma estadia muito desconfortável em uma barraca de um camping que conseguimos por conta do anfitrião do *CouchSurfing*, que trabalhava no lugar. Não sei exatamente qual foi o disparador, mas eu também estava cansada. Talvez tenha sido o desconforto. De forma que, quando voltamos ao centro de Ica – uma cidade que nem eu, nem Liz havíamos gostado – havia uma indescritível tristeza no ar.

Passamos o dia entre o *shopping* e o supermercado aguardando a hora de pegar o ônibus para nosso próximo destino: dali cada uma seguiria seu trajeto. Liz ligou para a mãe, desabafou ao telefone e disse, chorando, que queria voltar para casa. O afetuoso acolhimento da mãe a fez rever os planos e antecipar a data da volta. Para isso, deveria antecipar a passagem aérea e seguir direto para Lima, de onde sairia o voo. Ainda daria uma pausa em uma cidade onde havia marcado um voluntariado, mas para ela, a viagem havia acabado. Queria mesmo retornar para casa. Estava farta.

Flora e Nanda ainda sentem um tipo de frustração por não terem concluído o plano de viagem, que era de três anos. *Pelo menos ter chegado até Ushuaia*. Lamentou Nanda. Pensavam inclusive que, após chegar em Ushuaia, *de repente de lá pegar algum voo para a Europa. Fazer por lá também. Ou Ásia*. Era um plano a longo prazo que não se concretizou. *A gente já tava em Lima, a gente combinou: então, a gente vai para São Paulo, passa um período em São Paulo porque a gente também ficou, a gente não*

⁴⁴ Abya Yala é uma categoria anticolonial para denominar o que se conhece por continente americano, uma politização do território que faz parte da concepção do Povo Kuna, da Colômbia. Contrapõem às condições as quais vêm tentando submeter, em sentido prático e epistemológico, os povos originários e diaspóricos. É a forma política de dizer que América é, na verdade, território indígena que antes da invasão já era nomeado e foi apagado.

conseguiu fazer dinheiro na viagem [risos], todos os planos foram frustrados. Pensavam em passar um tempo no Brasil *porque no Brasil a gente sabe como fazer dinheiro*, juntar mais dinheiro, quem sabe, seguir o plano. Essas circunstâncias eram diferentes da de Jak, que havia sentido uma sensação de projeto realizado na decisão de retornar para casa.

O retorno de Nanda e Flora teve três motivos principais: a) o compromisso trabalhista de Nanda; b) os conflitos familiares e c) o cansaço emocional. Com relação às relações familiares, quando elas voltaram para São Paulo, os pais foram reencontrá-las. Havia essa responsabilidade com as relações familiares, porém o relato das irmãs me leva a pensar que o fator que mais pesou na decisão de retornar foi o cansaço emocional. *Quando a gente chegou no Peru, já tava meio esquisito, porque foi uma sequência de despedidas muito foda, muito dolorosa, sabe? Acho que isso na estrada é uma prática de desapego, acho que a maior prática do desapego é essa.* As constantes despedidas, mudar a todo instante de referência, as deixava tristes a cada partida.

Equador foi a parte mais difícil, que foi um mês com elas [viajantes espanholas], e o segundo mês com o Edu, que é um amigo da minha irmã de São Paulo. Ele foi para o Equador para passar as férias com a gente. E a gente passou o mês inteiro recorrendo o Equador, e foi maravilhoso! Assim, foi maravilhoso. Edu virou o irmão, depois desse mês. A gente funcionou muito bem os três (Nanda).

Quando o amigo foi embora, elas cruzaram a fronteira para o Peru. Além da dolorosa despedida do amigo, *a gente já tava meio que emocionalmente fatigada. É cansativo você ser mulher viajando porque você tá com medo o tempo todo.* O que Nanda sugere é que a fadiga emocional está relacionada em grande parte ao fato de ser mulher. A expectativa de se manter segura, as constantes estratégias para lidar com o trajeto, o medo de andar em determinados lugares, etc., são esses fatores que as deixava emocionalmente cansadas.

Tanto Nanda quanto Flora retornaram com a sensação de um projeto interrompido. Inicialmente, Flora pensou em seguir viagem sozinha, ainda organizou algumas ideias que poderia fazer enquanto esperava que Nanda resolvesse seus problemas no Brasil. Porém, acabou embarcando junto, pois ela também estava preocupada com os conflitos familiares, além de que, havia certa pressão para que ela retornasse junto com a irmã. Nas relações pessoais ela cultivava o apego, então o apego familiar era muito forte, para ela *essa questão desse desapego só veio muito depois, eu acho que quando eu voltei, a gente entrou muito no núcleo familiar, nos nossos conflitos familiares, que pela primeira vez dentro da nossa família de comercial de margarina, começava a borbulhar (Flora).*

A vontade de seguir na estrada era contrabalanceada pela urgência da resolução e enfrentamento de conflitos familiares. Nessa decisão de voltar: *caí de cabeça nos conflitos familiares. Quando a gente voltou, que eu não ficava meio que “aí eu quero voltar porquê...” eu não queria voltar porque eu tava começando, entrando numa outra coisa, vivendo uma outra coisa, que eu queria viver finalmente e também porque eu queria sair, talvez fugir, mas eu acho que foi muito importante também voltar e ter esse conflito e resolver esse conflito para poder sair de novo. Acho que talvez, sei lá, nada é por acaso* (Flora).

Nessa volta para São Paulo, Nanda e Flora encontraram os pais e saíram juntos em viagem. *A gente fez uma viagem - foi ótima - com meus pais. A gente botou na cabeça, que a gente tinha que consertar a vida deles. A gente tinha obrigação de voltar porque tinha que salvar o casamento e a vida financeira deles.* Esse sentimento de obrigação estava relacionado ao fato de que *eles ajudaram a gente para caralho depois, quem sustentou o rolê, e ajuda até hoje, são eles.* Por um lado, havia esse sentimento de retribuição, mas por outro lado, também era uma desculpa porque viver na estrada tinha também seus desconfortos.

Eles mesmos resolveram as questões deles. Até a gente chegar nesse entendimento, a gente usou isso como desculpa porque claro, a gente tava com medo, e não só com medo: viver na estrada demanda muito desprendimento, de conforto, de tudo, a gente, tipo, tinha que contar quando a gente tomava uma cerveja, quando a gente se permitia isso, muito esporadicamente, os perrengues de hospedagem a maioria era porque a gente tava procurando alguma coisa mais barata pra ficar, e a gente passou muito perrengue de hospedagem, é... então é isso, no dia do aniversário da minha irmã ela ganhou de presente o benefício de lavar roupa na lavanderia e a gente jantar numa pizzariazinha. Nanda talvez queira dizer que esse desconforto da vida na estrada também gera o cansaço, que o desapego é cansativo. A demanda desse estilo de vida pode ser difícil de encarar, em vários momentos, pois há uma limitação financeira que leva à privação no que comer, o que beber.

Além da viagem de carro com os pais pelo sudeste do Brasil, muitas outras coisas aconteceram nesse desembarque, de formas que as irmãs não conseguiram retomar a viagem, como haviam planejado, porém conseguiram levar alguns planos adiante juntas, no período em que moraram no litoral do Piauí. Mas a vida de ambas tomou destinos totalmente diferentes: Flora, algum tempo depois, se mudou para o Uruguai. Nanda se mudou para Natal, no Rio Grande do Norte.

Os depoimentos acima dão conta de que o cansaço e a fadiga mental são causadas pelas intensas emoções e mutabilidade das situações as quais as viajantes precisam ir se adaptando. Não apenas o cansaço mental é marcante, o cansaço físico também. Por exemplo, alguns pequenos acidentes podem acontecer e comprometer a saúde física. Além disso, o excesso de informação, de novos dados, costumes e hábitos, etc., são também motivos que contribuem para a sensação de cansaço e vontade de ir para casa: *eu tava no final da viagem, eu já tava muito esgotada, assim, bem cansada e fisicamente também quebrada, eu torci a coluna na viagem e o joelho, como eu tava com a coluna um pouco danificada a lombar por causa da torção, eu comecei a pesar muito no joelho direito e eu torci o joelho numa trilha que eu fui fazer na Nicarágua e até hoje. Quando eu voltei pro Brasil tive que fazer fisioterapia, então, já tava bem cansada, mentalmente também, cansada de fazer amigos, sabe, cansada, de todo lugar que eu vou ter que refazer a rede de apoio, todo lugar que eu vou ter que reaprender sobre a cidade, assim, é algo que demanda muito da gente, algo que cansa. Mas daquele sentimento de estar sozinha é um êxtase para mim, ele é maravilhoso, quando eu aprendi a lidar com ele, porque como eu era muito de comunidade, no começo vinha muita solidão, então, eu sentia muito um vazio dentro de mim. Mas depois eu fui preenchendo esse vazio com outras coisas que já tinham dentro de mim também, que é aprender a lidar, às vezes, com o silêncio. Tipo: tô morando sozinha, se eu ficar quieta não tem barulho, é aprender às vezes com isso também. E então, eu tava muito exausta, e quando eu voltei, eu lembro que a última cidade que eu fui, foi Cancún e a minha ideia era viajar naquela região um pouquinho e depois voltar para casa. Eu tava tão cansada, tão cansada que eu fiquei 7 dias no quarto do hostel, assim, comendo o que dava para comer e dormindo, escrevendo muito, escrevendo demais, mas, assim, eu já tava exausta, eu não queria conhecer mais nada, não quero ir mais em nenhum museu. Que eu amo museu, só que chegou no ponto da viagem que eu falei: eu não consigo absorver, eu não tenho a capacidade mental, tipo meu cérebro tá falando: Lanna aqui não entra mais, esquece, esquece, aqui não vai, não vai, tá cansado, já chega.*

O relato de Lanna nos ajuda a perceber que a sensação de satisfação advém de um sentimento de ter vivenciado ao máximo o que podia, todos os aprendizados acumulados, todas as demandas da estrada. E que a viagem é um projeto desgastante, causa mal-estar físico, despertando para a compreensão dos próprios limites físicos e emocionais. O peso emocional das escolhas, das múltiplas despedidas se torna dispendioso e cansativo, pois as despedidas são rupturas de laços afetivos estabelecidos. Romper laços, embora se tenha

a clareza que são temporários, são eventos que acumulam um peso capaz de acarretar em desgaste emocional. Isso pode ser determinante na decisão de voltar para casa ou encerrar uma viagem.

Por mais que eu queira ficar num canto, sempre vou dar rolê

Carol morou por um longo tempo em Olinda, durante a pandemia. *Olinda era minha base, mas eu já queria parar de viajar.* Assim, *dava rolê* em lugares próximos e retornava para a cidade. Porém, apesar de toda a riqueza da experiência vivenciada, um dia ela seguiu para o Piauí. Se estabeleceu um tempo em Teresina, onde novamente ficou vivendo por um bom tempo. Porém, também continuava a *dar rolê* pelas áreas próximas. Dizia que quem *tem essa alma de viajero, por mais que queira ficar num canto, sempre vai dar rolê.* Em um desses *rolês* em Fortaleza, comentou que *quando dei esse rolê, que eu fui pra praia, eu falei: nossa, eu vou a ir embora de lá, eu já tava com ganas, ai confirmé, falei: não, vou a ir embora.* Retornou para Teresina planejando tomar outros caminhos. Um Pai de Santo, que era um amigo de uma amiga, falou para ela – quando estava em dúvida se retornava para Amazônia ou ia para a Chapada Diamantina: *amiga, se você sigue um consejo, você vai pra um lugar novo.*

Figura 63 - Carol treinando a suspensão em tecido na Chapada Diamantina.



Fonte: Acervo da interlocutora. Cianotípia por Ester Corrêa

Carol parecia, em diversos instantes de sua narrativa, flutuar entre a vontade de parar de viajar e a de seguir se movimentando na estrada. Por um lado, pretendia ir à Argentina, para visitar os familiares, mas ressaltou que era apenas uma visita, não um retorno definitivo. Porém, me parecia também que havia certa mudança na percepção do tipo de viagem que já havia feito: assumiu não ter coragem de fazer algumas coisas que já fez. *Não sei, cada coragem, eu me vejo hoje em dia e eu me vejo naquele dia, 5 anos atrás e falo: a gente jogada a qualquer coisa. Aí me joguei no sonho, mas tudo tem um tempo né? Todo tem um processo* (Carol). Além disso, havia certa vontade de permanecer em determinados lugares, mas também não de forma definitiva. Talvez haja um meio-termo que ela esteja disposta a experimentar.

Esse meio termo para Nanda é *ser nômade de alguma forma*, mas não necessariamente se estabelecer ou ficar imóvel. *É muito louco isso, porque a gente viveu muita coisa a partir dessa viagem! Tanto eu quanto ela [Flora]! E a gente ainda é muito cobrada por isso, e eu acho que a gente caiu, muitas vezes, nessa cobrança, nesse apelo ao consumo, à estabilidade. Porque a gente não precisa ser viajero para sempre, mas, por exemplo, a gente pode ser nômade de alguma forma e ter um certo grau de desapego, né? E de trânsito mesmo, sem que isso implique uma irresponsabilidade, uma visão, que: não, tá errado! Nem errado, nem certo, são perfis* (Nanda).

IV - Continuidades da viagem e outros fluxos

Voltando para o porto seguro

Os trajetos de volta, que levam aos desembarques, longe de ser uma etapa de pouca valia analítica, são eventos emocionantes e em muitos casos invadidos de sentimentos confusos e estranhos, de medo, misturados com as felicidades dos reencontros com familiares e hábitos culturais. Algumas frustrações podem desembarcar junto com as viajantes.

Para Lanna: *eram muitos medos que estavam surgindo. No que eu cheguei no Brasil foi assim, eu chorei, chorei, chorei, acho que é 24 horas o voo, porque eu tive que fazer escala no Panamá. Eu chorei, eu chorei, eu chorei, a aeromoça, tadinha, ficava me trazendo água achando que eu tava indo para um velório, eu: “o velório é meu [risos]”. Eu sei lá o que tá acontecendo, eu sei lá, eu tava enterrando a pessoa que eu era antes.*

Nessas experiências de desembarques, Jak contou que chegou de caminhão em uma cidade próxima de Cascavel, após ter cruzado os estados do Mato Grosso e uma parte do Mato Grosso do Sul. Ela chegou de surpresa em casa. Queria fazer uma surpresa para a mãe. As duas se abraçaram em meio aos xingamentos jocosos da mãe, que só esperava sua chegada para uns dias posteriores. Para Gabi e Rosa foi uma experiência um pouco mais dolorosa, como tiveram que realizar os trajetos a pé. Gabi contou que passou momentos difíceis na Bolívia, em meio ao caos da cidade, sem dinheiro, dormindo na rua e caminhando, o desembarque e a chegada em casa tinha certo sentimento de alívio, embora a alma viajante a levasse a outros caminhos em breve. Essa permanência flutuante marcou o desembarque dela.

Desde que retornou de viagem, ficou pouco tempo na cidade de origem. Recordo-me que quando nos encontramos, ela dizia que o *paro* havia atrapalhado os planos de chegar ao Peru. Por outro lado, e também a medida em que a situação política ia se desenrolando mais caótica, ela constantemente falava da saudade da filha. Além disso, a preocupava o bem-estar da criança, embora soubesse que ela estava bem aos cuidados dos avós. Essa relação familiar, a puxava de volta. Recordo de uma foto postada em uma rede social, que descrevia a emoção do reencontro.

Jak já estava há 10 meses viajando de mochila. Havia terminado o namoro (que iniciou com um peruano em Pisac) quando estava no litoral do Peru, para onde haviam ido juntos. Porém mesmo com o término decidiu ficar mais um tempo pela região. Conseguiu trabalho voluntário em um *hostel* na cidade litorânea de Lobitos, foi quando começou a pensar sobre retornar ao Brasil. Não era a primeira vez que pensava sobre isso, mas agora as ideias estavam organizadas e sentia que havia cumprido com sucesso sua jornada. Estava satisfeita. Queria voltar.

Quando estava em Cusco, meses antes dessa decisão de retornar, havia empreendido uma visita a um primo do pai que morava na cidade de Puerto Maldonado, próxima à fronteira com o Brasil. Ela e a prima pensaram em tomar o rumo de casa, pois estavam com pouca *grana*. Pegaram o ônibus em Cusco e foram até Puerto Maldonado. Mas não viram esse primo: *a gente chegou de manhã cedo, nós tava fudida de dinheiro, olha como tocou, aquilo tocou o coração, cara, eu não tô preparada pra voltar, eu não acredito que eu cheguei no Peru e fiquei um mês aqui, eu vou ter que voltar, lembro que no outro dia a gente chegou de manhã cedo da viagem, era de noite até de manhã cedo, a gente chegou de manhã cedo, na rodoviária, olhou uma pra outra assim, triste, eu falei: - ah prima, não to sentindo que a gente tem que voltar pro Brasil, entrar no Brasil (Jak).*

Mesmo estando a poucos quilômetros de cruzar para o país, a prima também assumiu que não estava pronta para voltar. Decidiram juntas, voltar para Cusco e tentar novamente uma hospedagem possível que haviam consultado no *CouchSurfing*, em Pisac. Decidiram retornar a Cusco, depois seguiram para Pisac. Como a experiência deu certo, acabaram ficando cinco meses no Peru, até a chegada em Lobitos, onde começou a pensar que queria voltar daquele ponto. Pensava nessa volta porque sentia saudades dos pais, *eu queria muito voltar, porque eu queria ver meus pais e queria restabelecer, fazer isso, essa ideia de [viajar pelo] Brasil*. Então, ela decidiu voltar. Apesar de considerar a experiência linda, começou a pensar: *O que eu quero agora? Eu tava com vontade de reorganizar as coisas, hoje eu penso isso, mas na época eu não tinha isso. Eu queria voltar. Eu queria voltar pro porto seguro, parar: agora eu vou organizar tudo. Porque eu tinha visto que tinha dado certo, eu andei quantos... eu fiquei 10 meses viajando e deu certo!* (Jak)

A sensação de sucesso da jornada a fazia se sentir pronta para voltar, reorganizar a vida, matar a saudade dos pais e sair novamente de viagem. Pensava em ficar *uns dois três meses em Cascavel, ver minha família, juntar nem que seja um quinhentão – quinhentos reais – e seguir a estrada*. A saudade da família, principalmente dos pais, a fazia querer voltar.

A minha relação com os meus pais, eu acho que, batia muito forte, porque eu tinha passado lá no começo da ideia toda, eu tinha passado pela relação abusiva, então meu pai e minha mãe deram muito suporte, meus pais são um gracinha, são maravilhosos, e eu tinha, e ainda tenho, hoje é uma coisa que eu falo: vou voltar pro Sul por causa dos meus pais, gosto muito dos meus irmãos, família, vô, vó, mas assim, a relação com os meus pais era muito importante porque tem uma relação muito forte, eu me considero de sorte (Jak). A boa relação com os pais, que “são especialíssimos”, a fazia sentir *essa vontade de tá perto*.

Porém, nem sempre a relação familiar é sem conflitos. No caso de Lanna, contou que em determinado instante da viagem, ela e a mãe estavam entrando em uma série de conflitos, principalmente porque rompeu com as promessas que havia feito à mãe. Em meio a brigas e até rompimento temporário, Lanna a convidou para “visitá-la” na Colômbia. Ao entrar em contato com a forma como a filha viajava e o que ela estava se tornando, mudou a relação entre mãe e filha, chegou a relatar na plataforma que *foram naqueles dez dias entre três cidades da Colômbia que eu conheci a minha mãe e a minha mãe me conheceu*. Como já assumiu acima, ser viajante não significa ser desapegada dos

laços familiares. Mesmo em meio a esse conflito, Lanna reconhecia como era importante ter um porto seguro para voltar.

Jak tem a mesma sensação. Mesmo sendo *viajera* há uma conexão forte com as raízes do núcleo familiar. Enquanto para algumas pessoas, a estrada poderia ser uma forma de se afastar dos conflitos familiares, se ela pudesse: *Levaria o pai e minha mãe pra Bolívia, pro Peru, nossa, trazer junto aqui pra Paraíba. Direto eu falo pra minha mãe: mãe, vocês se organizem, vem pro Nordeste e vem pra João Pessoa de novo. Já vieram uma vez. Vem de novo. Fiquem mais tempo, vocês estão aposentados, eu fico só conversandinho, jogando umas [ideias]⁴⁵... porque é uma relação muito boa. Já era muito boa (Jak).*

Essa relação familiar incluía a prima, *que ficou morando com a gente um tempo antes da gente viajar, com meus pais juntos, sempre foi muito tranquilo, legalize, muito tranquilo.* A ideia de voltar para casa tinha a ver com a desorganização que uma vida em trânsito acarreta na estabilidade cotidiana, embora isso não signifique uma desistência de viver a estrada. São pausas necessárias. Jak pensava sobre isso, sobre voltar para casa e *[...] reorganizar as coisas. Eu tinha muita vontade, a minha ideia inicial mesmo de viajar, era viajar pelo Brasil, eu tenho muita vontade de conhecer a Amazônia, eu tenho muita vontade de conhecer o Pará. Conhecer o Piauí. Eu tenho vontade de conhecer aqueles lugares que, pra gente, tá muito lá no canto, sabe? Roraima. Porque assim, Brasil a gente pensa, pra gente que tá no Sul: o Norte é Amazonas, o centro e o Nordeste. E quando você tá aqui cê vê: meu deus do céu [...] Nordestes! (Jak)*

Desde antes de sair em sua jornada, ela já tinha vontade de viajar pelo país, *mas na época, eu achava caro, eu achava várias coisas.* O que pesou na sua escolha pela América do Sul, *era que eu tava buscando uma experiência mais assim, língua, cultura, choque, foi super válido, mas aí a intenção era voltar para viajar pelo Brasil.* Na volta, reencontrou um amigo e começou a namorar com ele, seu atual companheiro de vida e de viagem. Ele também é acostumado a *dar rolê* de mochila, e juntos passaram a planejar a atual viagem pelo Brasil.

Lanna retornou para a casa dos pais. Além do estranhamento no contato com amigas e amigos, o convívio familiar também teve alguns conflitos iniciais. Ela foi questionada sobre suas escolhas, principalmente por um *choque* dos pais, já de início,

⁴⁵ No dia 12 de novembro de 2019, os pais e outros familiares vieram para João Pessoa para ficar um tempo junto com Jak.

quando ela advertiu que tinha aderido a um novo estilo de vida. *Eles estavam achando que eu ia voltar e ia voltar a fazer algum outro trabalho lá na Assembleia e ia pegar algum trabalho presencial aqui e seguir a vida, que eles não entenderam que era um novo estilo de vida.* Afirmar uma posição de não ter a intenção de retornar ao trabalho também a angustiava, se sentia confusa ao falar sobre isso, *porque por mais que eu tivesse feito alguns bicos pela estrada, eu já tava muito esgotada de grana.* Havia conseguido concluir o projeto da viagem, mas não tinha nenhuma reserva de dinheiro. Agora precisava encarar essa preocupação financeira.

Considerava que *talvez eu precise ficar aqui um tempo e depois juntar grana e viajar, na minha cabeça tava, eu não sabia o que eu fazia, e foi, é muito doido porque como viajar pela América Latina, não viajar sozinha, mas viajar pela América Latina era um sonho muito grande, parece que quando eu voltei eu também passei meio que por um luto, que é do tipo agora eu não tenho sonho, e é muito doido, né, porque eu realizei esse sonho e hoje eu tenho outro, só que naquela época eu acho que eu tava tão, tentando lidar com as minhas mudanças e com a cidade que eu tava... voltar voltar pra casa dos meus pais, sabe, de que já é outra convivência, e na casa dele, ao mesmo tempo, eu tô sem dinheiro para poder sair e tretas em casa, porque né, e fazer alguns bicos, mas tipo nenhum trabalho que me sustentasse na estrada naquela época, então, assim, privilégio gigante, agradeço demais pelo apoio que eles me dão, físico mesmo também, né, porque eu tenho um teto, qualquer coisa que aconteça comigo, eu sei que eu vou tem um abrigo para um abraço, que seja sabe, tipo, um sofá para me receber, então, é muito mais confortável também caí na estrada sabendo que tem esse apoio essa rede de apoio né, do que realmente não tem nenhum laço com ninguém e depender só, só de si, então é muito mais confortável para mim também sair pra estrada quando tem esse porto seguro, né, para voltar (Lanna).*

Esse universo complexo dos conflitos familiares, a forma diferente como o tempo passa para os sujeitos que viajam e os que ficam. A mudança de perspectiva pode gerar um choque inicial de reconhecimento, ou não-reconhecimento. A cobrança pelo retorno a um modelo de vida, que muitas não desejam para si, pode ser o início de um conflito, para os pais de Lanna foi muito complexo compreender a recusa dela quando o *antigo emprego me ligou pra me ofereceu trabalho de volta, num cargo maior, salário dobrado, aquela história toda que a gente já conhece e eu neguei.* Isso também abriu a possibilidade de ela contar sobre todo assédio que havia vivido naquele lugar.

A casa dos pais costuma abrigar o desembarque, mas isso costuma ser uma solução provisória. Para Jack era o porto seguro, para onde poderia voltar para reorganizar as ideias. Para Lanna também. Contar com o apoio dos pais e familiares marca os rumos do retorno. Por outro lado, dificilmente apareceu um desejo de retornar ao convívio cotidiano familiar. Passa a ser uma situação incômoda e de não-adaptação, às vezes conflituosa, por isso, tende a ser temporária. Liz retornou para casa dos pais. Fez algumas viagens pelo país, as quais acompanhei pelas redes sociais, várias das viagens pareciam ser motivadas pelo trabalho. Não obtive diálogo suficiente para acompanhar como se deu esse retorno.

No caso de Júlia, que já possui uma dinâmica de vida relacionada ao trabalho e estabelecimento em outra cidade. Atualmente mora no Amazonas e vive o trânsito em Belém e Manaus. Júlia retorna para a vida cotidiana do trabalho e planeja a próxima viagem, sem necessariamente “largar tudo”. Porém isso não a isenta, por exemplo, de algumas críticas. *Juntar dinheiro quando a gente nasce pobre é uma demanda muito surreal, então, quando conseguia uma grana valendo assim, de um trabalho, desenvolver alguma coisa, e aí eu viajava! Tenho esse negócio de viajar, e assim, muito criticada por que é uma grana que tu pode tá fazendo... tu pode tá comprando tua casa, tu pode tá comprando isso, “tu só gasta teu dinheiro com isso, menina”. Sempre essa jogada na cara, sendo que é uma coisa que tenho prazer, que eu gosto, uma coisa que: é meu, é minha identidade.* Júlia continua investindo o dinheiro em viagens.

Figura 64 - Júlia em Machu Picchu.



Fonte: Acervo da interlocutora. Cianotipia por Ester Corrêa.

Flora e Nanda ainda ficaram um tempo na casa dos pais, mas em seguida se mudaram para o litoral do Piauí, e abriram uma cozinha de comida vegetariana juntas. Por esse tempo, permaneceram conectadas a uma rede de viajantes latino-americanos, ofereciam hospedagem pelo *CouchSurfing* e faziam pequenas viagens pela região. Nesse período ainda pensavam em voltar para a estrada. Nanda estava reflexiva sobre uma possível dependência da irmã mais velha e queria experimentar novos caminhos. Flora seguia com vontade de estrada. Não se imaginava vivendo por mais tempo na Parnaíba.

Foi assim, que a vida de Flora deu uma virada. De viajante a migrante. Os deslocamentos subjetivos, demonstram que o desembarque – a volta pra casa –, impacta as pessoas de diversas formas, justamente porque a experiência experimentada é múltipla. É subjetiva. O desejo é subjetivo. Mesmo duas mulheres que experimentaram de um mesmo tempo-espço, ainda assim, seguiram por caminhos diferentes, a partir das relações, desejos e vínculos construídos individualmente na vida vivida anteriormente. Mantiveram por algum tempo planos em comum, mas seguiram planos distintos. Nanda voltou para São Paulo, aceitou uma nova proposta de trabalho na sua área de formação, e depois se mudou para Natal para assumir um concurso público e uma vida relativamente fixa.

Flora seguiu o desejo e o projeto de migrar, morar fora e aprender o espanhol, se fixando temporariamente além de outras fronteiras. Ela confessou que sempre quis ir para a Argentina, mas que por uma decisão mais racional, levando em conta principalmente as oportunidades de trabalho, optou pelo Uruguai. *Depois de viajar e pesquisar bastante, eu já queria sair pra morar em outro lugar, para aprender espanhol também. Nessa época eu tava fazendo uma pós-graduação em tradução do espanhol, e aí, acho que o Uruguai também foi aquela questão de que, quando eu vim eu fiquei muito apaixonada, mas eu queria, hoje honestamente eu queria ter ido para Buenos Aires, eu queria ter ido morar em Buenos Aires. Eu sou louca apaixonada por Buenos Aires* (Flora).

A decisão de ir para o Uruguai levava em consideração vários fatores. Ela decidiu sair da Parnaíba, motivada também pela mudança de Nanda para São Paulo, além disso, considerava que *Parnaíba é uma cidade muito pequena, muito provinciana, já não tava mais dando para mim*. Decidiu ir junto com a irmã, apesar de não querer voltar para essa cidade. Porém, pensou consigo mesma: *Volta para São Paulo, junta uma grana e enquanto isso decide pra onde que tu vai!* Assim fez. Inicialmente pensava em remontar a cozinha vegana. Havia acabado de *abrir a empresa para continuar a fazer o restaurante lá*, já tinha várias coisas organizadas e já tinha começado já a vender. Foi quando a Nanda

passou em um concurso público para Natal. *Falei: - bom, agora que eu não fico mesmo, já não queria. Voltei para São Paulo por causa da Nanda para gente estar junto e para juntar uma grana* (Flora).

Então, apesar da vontade de ir para a Argentina, tomou a decisão de ir para o Uruguai, principalmente porque não conseguiu *juntar uma grana* no Brasil. Pegou um empréstimo e decidiu: vou morar no Uruguai. *Não gosto de pensar no que deveria ter sido. Eu vim para cá com uma decisão muito racional, aqui é indiscutível, eu ia conseguir trabalho muito rápido, eu ia conseguir me estabilizar muito rápido, eu sabia que eu ia ter que, primeiramente, ia conseguir um trabalho no call center, muito provavelmente, tudo mais, a ideia era: vir para cá, passar um ano, juntar uma grana e ir para Argentina. Mas aí o que aconteceu? Pandemia* (Flora).

No momento da entrevista, Flora assumiu que havia conseguido uma estabilidade financeira, após quase três morando no país. *Finalmente tenho estabilidade financeira, um trabalho legal.* Estava trabalhando em um *call center*, com assistência técnica de computador, considerava ser *muito mais fácil* porque não era no ramo de vendas, nem de Cassino. Confessou que ainda assim, tem dias que *é muito barra pesada, que eu penso em desistir, que eu falo: meu Deus, o que é que eu tô fazendo da minha vida aqui?* Por outro lado, *financeiramente tá valendo a pena, e eu posso juntar uma grana.* Calculava que se fosse para a Argentina com o *dinheiro que eu juntar aqui, eu tenho três vezes mais dinheiro lá, então eu posso passar muito tempo até eu conseguir um trabalho* no país. Se conseguisse alguma *estabilidade, posso passar um tempo viajando.*

Para ambas foi uma mudança de estado, mas mantiveram os desejos e os planos em comum, aquilo que as une fortemente, que é o desejo pela estrada, e a superação do gosto ruim que a ruptura do projeto deixou. E isso, só se resolve na estrada. E foi por isso que as irmãs começaram a planejar um reencontro quando as fronteiras da pandemia começaram a se abrir. Flora já pensava em voltar para o Brasil e Nanda estava sem emprego. Planejaram outra viagem juntas, um pouco mais curta. O encontro foi em Montevideú, de onde cruzaram para a Argentina.

Mudanças, transformações e outros voos

[...] *É muito doido porque as pessoas, elas esperavam, é, que eu tinha mudado obviamente. Por tantas coisas que eu passei, as pessoas esperavam que eu tinha mudado,*

mas não mudado o suficiente a ponto delas não reconhecerem. E eu acho que eu mudei o suficiente a ponto delas não reconhecerem muita coisa, então, não só de roupa, de estilo, de vontade, mas de palavra, tipo da decisão de impor meus limites, de falar realmente o que eu quero, tipo: “Lanna, vamo em tal lugar?” “Não?” “Não, por quê?” “Porque eu não quero!” Simples assim, sabe, as pessoas tipo assim, nossa que rude! Só que no meu mundo aquilo já era comum, verbalizar o que eu quero e o que eu não quero, o que me faz bem e o que não me faz, então, às vezes, era uma balada. [... não era assim: - Lanna vem aqui que eu preciso de você! Aí eu vou até Marte se quiser, Marte, Júpiter, mas tem um lugar que eu não quero mais ir (Lanna).

Esse relato sugere que a mudança de Lanna em sete meses de viagem, que chegou ao ponto de não ser reconhecida, fez com que ela aprendesse novos valores, fortalecido os mesmos, e que pensasse de forma diferente a sua participação no mundo. Há transformações e mudanças que ocorrem em diferentes camadas, há quem volte para o cotidiano do trabalho, quem adote a viagem como modo de vida ou ainda quem migre, etc., mas enfim, há uma transformação ou reorganização dos gostos, do estilo de vestir, etc. no desembarque.

Lanna confessou que a nova forma de ver a vida, acabou por selecionar algumas amizades, as amigas que, por exemplo, tinha *um contato muito por bar, por alguma festa outra, eu não conseguia manter o contato com elas porque eu não tinha mais aquele vínculo com esses ambientes*. Isso significava que não gostasse mais de ir em uma balada, mas *“eu mudei nos gostos, eu mudei as coisas que eu queria fazer, então eu acabei perdendo alguns vínculos nisso, mas aí é que tá, que quando eu perdi esses vínculos, esses vínculos eram realmente importantes na minha vida?”* (Lanna).

Juana confessou que quando decidiu viajar sozinha enfrentou o preconceito dos outros e o seu próprio. Ela flutuava entre a vontade e o medo. Na época *una persona que conozco, que había transitado por una experiencia similar, me dijo antes de emprender el viaje: - el viaje va a ser mucho más de lo que esperas y mucho menos de lo que temes. Y así fue*. Para ela, a experiência da viagem: [...] *fue un descubrir constante, un conocer, aprender, intercambiar, pero no sólo de los lugares que visité, sus culturas os eventos históricos, sus tradiciones y habitantes, sino también que fue un viaje hacia mí, hacia mi esencia, hacia mis reales deseos. Fue un viaje de conexión interna y externa. Fue enfrentarme con mis miedos y mis miserias. Fue entender que puedo sola. PUEDO. Puedo lo que quiera. Conocí muchísimas personas hermosas en el transcurso, con los que conecté desde mil lugares distintos, pero especialmente conocí a alguien nuevo con*

la que hoy me gusta compartir el día a día: YO. Y si, es alguien nuevo claramente porque el viaje me cambió por completo la forma de ver las cosas, de sentir, de resolver, de enfrentar las problemáticas más o menos graves (Juana).

Juana também sugere que essas mudanças envolvem descobrir os reais desejos, aquilo que se gosta de fazer, enfrentar a si mesma, resolver os próprios problemas. É também uma transformação na forma de ver o mundo. Dessa forma, os relatos de Juana e Lanna evidenciam que estas passam a expressar uma subjetividade outra, agora acrescida de detalhes da experiência da viagem. Isso ajuda a perceber que, para elas, a experiência da viagem é um processo de significação que, como defende Brah (2006, p. 360), “é a condição mesma para a constituição daquilo a que chamamos “realidade””. A “realidade” da vida cotidiana passa a se constituir de uma maneira diferente, agora de acordo com os novos valores que passaram a cultivar, guiados pelas visões de mundo que passam a sustentar.

Nesse sentido, valorizava impor os próprios limites, negociar outras formas de lazer e até desfazer laços que não se sustentavam, como parte dessa experiência subjetiva de se expressar no mundo. Já na década de 1970, Xavier (2011) assumia que para ela: “Tudo havia mudado. Na verdade, havia mudado minha visão. Agora havia um eu mais consciente. A certeza de que a vida é uma aventura e que cada dia reserva uma nova experiência me dava a gostosa sensação de plenitude. De vida!” (p. 286).

Isso se relaciona com o que expressa Brah (2006, p. 370) de que “os processos de formação da subjetividade são ao mesmo tempo sociais e subjetivos”. Essa subjetividade outra, inclusive, se sente segura para contestar antigos e reivindicar novos lugares na sociedade para as mulheres. Ainda de acordo com Brah (2006) podemos pensar “a experiência como um lugar de contestação: um espaço discursivo onde posições de sujeito e subjetividades diferentes e diferenciais são inscritas, reiteradas ou repudiadas.” (p. 361)

E nesse sentido, *eu voltei muito mais segura de mim, muito mais decidida, e já sabendo também, o que era para mim e o que que não era, em termos até de amizades, ou então de relacionamentos, assim, eu não vou aceitar isso no relacionamento, sabe, porque eu sei que XYZ, eu não vou aceitar isso no trabalho porque XYZ, então a pessoa ela volta muito mais corajosa, sabe, para as outras partes da vida também, então eu acho que isso é revolucionário para a mulher porque a gente é ensinada o contrário muitas vezes, então você ter esse sentimento, é potente sim, eu não acho é pouco!* (Lanna)

Essa coragem adquirida é um sentimento potente, que segundo Lanna, é revolucionário para a mulher. Pois coragem é tudo que a sociedade não espera que as

mulheres construam. Uma sociedade que constrói o lugar da mulher cercada pelo medo do perigo, dos riscos construídos que já tratei anteriormente, certamente não é natural uma mulher que diz: eu não vou aceitar isso! Seja no relacionamento ou no trabalho, por exemplo. Isso está de acordo com Brah (2006), quando diz que “a experiência é o lugar da formação do sujeito”. Nessa transformação que a estrada proporciona, aprende-se o contrário do que nos é ensinado: falar abertamente sobre seus limites, dizer “não!”, ser mais decidida, segura de si, dentre outros ganhos subjetivos que nos constituem como sujeitas políticas e históricas.

Descobrendo novas formas de me expressar no mundo

Foi muito difícil a volta, de me entender mesmo, e eu acho que quando a gente volta, a gente consegue, também, assimilar quem a gente é, agora, pós viagem! Porque as pessoas te comparam tanto com quem você era, que você fala: você entende mais sobre quem você é agora que você se tornou. Então, sei lá tipo: nossa, mas antes você não usava brinco! Agora eu uso porque eu raspei o cabelo careca e eu tô tentando, eu tô descobrindo novas formas de me expressar no mundo. Eu usava o cabelo para me expressar e agora eu tô me expressando de outras formas. Nossa, mas antes você ia para tal lugar! Agora não quero, nossa, mas antes você... agora não... então, também é muito curioso, como voltar para o seu lugar, te mostra, te evidencia as mudanças que você teve, porque a todo momento você é jogado na cara, quem você era. Você fala: caraca, eu era assim! Agora eu não sou mais, agora eu sou isso, não sou mais aquilo, então é muito doído ver isso (Lanna).

A mudança proporcionada pela viagem já ficou evidente nos relatos anteriores. Em alguns casos, a mudança é tão evidente que, como disse Lanna, é necessário um tempo para *assimilar quem a gente é agora*. O retorno para o seu lugar evidenciou algumas mudanças, que foram primeiramente percebidas pelos outros e vai sendo assimilada pela pessoa a partir dessa constatação “o que eu era - o que eu sou agora”, isso vai se tornando parte da autopercepção. Isso geralmente é um processo. É comum que após – ou no decorrer – da viagem, a interação com outros sujeitos e ideias despertem o interesse por outras formas de se expressar, algumas têm relação com espiritualidade, alimentação, política, saúde, etc.

Há perfis de sujeitas viajantes que se interessam por esses temas como yoga, veganismo/vegetarianismo, feminismo, consumismo, dentre outros temas variados. Jak,

por exemplo, adotou a prática de yoga como parte do estilo de vida. Carol o veganismo. São esses estilos de vida compartilhados que proporcionam e possibilitam encontros na estrada e fora dela. Além disso, a noção de trabalho é ressignificado. As formas de se expressar profissionalmente ganham outros contornos.

Na volta de Flora e Nanda, as irmãs decidiram morar em um apartamento da família localizado no litoral do Piauí. *Só para não ter que morar em Teresina, e voltar a morar com o papai e com a mamãe, depois de tantos anos morando fora.* Nanda disse que *depois que a gente voltou, a gente ainda tentou, ficou três meses em São Paulo tentando se fixar por lá. Só que São Paulo é uma cidade muito cruel, não fazia sentido, a gente passar perrengue em São Paulo, já que nem eu nem ela tínhamos emprego. Sempre tinha o Piauí aqui esperando a gente, onde as coisas seriam muito mais fáceis e aí a gente foi para o Piauí.* Porém não queriam retornar para a casa dos pais.

Nanda ainda assume que optar por se mudar para o litoral e abrir um negócio foi uma decisão muito feliz, pois *foi um dos momentos que, eu acho que eu me senti mais inteira, sabe? Mais coerente!* Lembra que, se por um lado, *a gente não tinha dinheiro pra muita coisa não, o que tinha na poupança ainda, a gente tava pagando uma pós-graduação em tradução, que a gente decidiu que a gente ia mudar de ramo, já que nenhuma das vezes queria voltar para suas profissões iniciais.* O dinheiro que ganhavam com as *quentinhas* que vendiam era suficiente só para pagar as contas e mais nada. Por outro lado, ela celebrava a liberdade de ter tempo livre, fazer o que queria, como por exemplo pedalar na praia e fazer yoga.

Mesmo antes de empreender a viagem, quando moravam em São Paulo, elas começaram a *fazer quentinha, só que era quentinha fit, a gente ainda cozinhava com carne,* quando se mudaram para a Parnaíba esse aprendizado acumulado ganhou novos contornos: *depois da viagem, a gente fez essa escolha de não cozinhar mais animais, a gente não queria mexer com nada com animais.* Assim, começaram um movimento *com a galera vegetariana. Foi o primeiro lugar que vendia comida vegetariana e todo mundo assim o circuito da galera alternativa, começou a comprar da gente [...], como é uma cidade pequena, mas com uma produção cultural muito intensa, a gente entrou nesse circuito, com a produção culinária, todo mundo conhecia a gente! [...] Mudar mesmo paradigma das pessoas sobre comidas vegetarianas ser sem graça, ser só folha, a gente fazia muita coisa. Começou a vender a parte de açougue, então a gente vendia salsicha de ervilha, hambúrguer, três sabores de hambúrguer vegetal diferente, linguiça, vendia as maionesezinha, tudo vegano sabe?* (Nanda). A cozinha foi esse ponto de ruptura

profissional, de assumir novas formas de se expressar. Influenciada pelo pai, é de família de cozinheiro, *a gente sempre teve o gosto pela cozinha, mas desenvolveu-se quando minha irmã resolveu se tornar vegetariana*. A adoção de um estilo de vida baseado também no vegetarianismo, por parte de Flora, trazia algumas rupturas assim como outros ganhos e aprendizados.

A vida delas começou a criar um movimento próprio na cidade, e *começou a se intensificar muito*. *A gente começou a receber a galera em CouchSurfing, e era um circuito de ciclo viajero, então, a gente hospedou acho que pelo menos uns 5 cicloviajero*. *Tinha essa minha amiga espanhola, que eu conheci no Equador e tava fazendo, que é desse projeto que eu te falei, ela já tinha começado a fazer a viagem dela, e a gente sempre tava em contato, e eu tava nessa ideia sabe: o que eu queria fazer? Queria juntar dinheiro, para fazer essa viagem, comprar a bicicleta, me equipar para fazer essa viagem e ao mesmo tempo tava se intensificando, acho que pelo fato da gente tá mais próximo dos nossos pais também, se intensificou essa relação de dependência entre eu e a minha irmã, na verdade, não é que tenha se intensificado a relação de dependência, é que eu comecei a perceber e começou a me incomodar*. A partir desse incômodo, Nanda assumiu que tinha um nível de dependência da irmã, *eu falei: cara eu preciso me afastar, preciso me afastar porque eu dou conta só* (Nanda).

Foi necessário um tempo para *assimilar quem ela era agora* e o que queria fazer dali em diante. O retorno para um ambiente familiar, evidenciou algumas mudanças. Ela contou que um ponto de ruptura foi quando uma viajante que tinha se hospedado por meio do CouchSurfing fez o seguinte comentário: *- Ah, la mamá!* Se referindo a maneira como Nanda consultava a opinião da irmã. Ao assimilar essa percepção, que foi acentuada por outros episódios, ela conta que: *tomei a decisão de que eu precisava me afastar, que aí foi quando eu fui passar uma temporada em Teresina meio que com uma filial da Veg*. Nessa época *apareceu esse concurso, eu fiz essa prova e na minha área, inauguraram um setor de cardio-pediátrico [em São Paulo] é um negócio muito específico [...] e queriam gente com experiência aí eu fui*. *Era um salário bom, ia ter que voltar para São Paulo, eu não queria*. Aceitou o trabalho, embora não desejasse voltar para essa cidade. E isso a colocou em uma crise. *Voltar a trabalhar numa coisa que eu tinha falado que eu não queria mais, voltar para São Paulo que era uma cidade que eu disse que não moraria mais, e aí foi só ladeira abaixo* (Nanda).

Esses depoimentos sugerem que a volta para casa pode ser um processo difícil de compreensão de si, de quando as transformações começam a aparecer para a realidade

vivida, que leva um tempo para assimilar quem se é no pós-viagem. Quem você é, que planos se quer perseguir e que novos rearranjos são possíveis. Alguns levam a rupturas mais bruscas, como Lanna, que decidiu viver na estrada. Outros podem ser uma continuidade de caminhos já estabelecidos. Os principais conflitos desse tipo de transformação estão no âmbito profissional. No caso de Jak, houve uma adaptação da expectativa profissional; passou a utilizar a profissão de formação para desenvolver trabalhos de forma remota. Lanna mudou de área de atuação, passou também a atuar de forma remota. E Nanda optou por retornar a atuar na sua área.

Contar a viagem: embarcar, aprender e repassar

Aquilo que se produz por meio da experiência da viagem, são formas de contar a viagem e de produzir uma narrativa de si. São alguns dos produtos da estrada. Augé (2010) reconhece que, embora um turista/viajante não escreva um estudo elaborado sobre as pessoas com as quais cruza, “às vezes, suas fotos, seus filmes e seus postais constituem, ao final, uma espécie de obra, ao menos um inventário de sua experiência” (p. 77). Sarlo (2015) considera que “a foto tirada com o celular ou com a câmera demonstra a verdade da sua visão e, portanto, da sua experiência”. Registrar a experiência da viagem é uma prática que acompanha a expectativa de viajantes, pois o contar a viagem faz parte da mágica desta, embora tenha variação em relação a forma.

Aquilo que se produz em uma viagem, segundo considerou Peixoto (2015), como as correspondências, diários e escritos, relatos, desenhos e fotografias, se tornam registros valiosos para a recuperar o processo do trânsito. Nesse sentido, assim como para a autora, a memória de viagem pode funcionar como uma “ponte entre dois mundos”, além disso, “pode funcionar também para subverter o tempo. Viajar para conhecer e, sobretudo, para lutar contra a velhice e a morte” (p. 21). Produzir conhecimento a partir da viagem reveste a experiência do deslocamento de novos sentidos, não apenas de partidas e chegadas, mas localizando a viagem como uma forma de estar e ser no mundo (PEIXOTO, 2015).

O projeto “Elas viajam sozinhas” administrado por Lanna é um desses produtos da (e na) estrada. É menos um inventário da própria experiência e sim das experiências de outras mulheres. O projeto começou no *Instagram*, publicando histórias de mulheres de diferentes lugares do Brasil, de diferentes idades e experiências, que compartilham relatos e reflexões sobre suas experiências sozinhas pelo mundo. Nessa pluralidade de

relatos, aparecem diferentes identidades, diferentes gerações de mulheres que tem procurado na estrada e na viagem sozinha uma forma de experimentar ser e estar no mundo. Um dos temas interessantes da discussão é, por exemplo, sobre mulheres que mesmo estando em um relacionamento optam por viajar sozinha.

A iniciativa é um projeto fruto de um investimento próprio, sem patrocínio, com intuito de criar essa comunidade de compartilhamento de experiências. *Esse é meu objetivo ainda, que seja uma comunidade onde as mulheres possam se ajudar a cair na estrada porque eu acho que a mulher que viaja sozinha, isso eu aprendi muito comigo e com mulheres que conheci na estrada*, é um processo que sofre com a falta de referência. Lanna sugere que uma comunidade com informações compartilhadas pode se constituir como uma ajuda mútua, uma forma de solidariedade, um aprendizado repassado entre mulheres – o que para ela foi muito importante no próprio processo de organização.

Nessa pluralidade de relatos compartilhados, estão representadas outras gerações, como a Jô, uma viajante negra de aproximadamente 60 anos que leva a mochila para o mundo. Passei a segui-la no *Instagram* após a participação na reportagem “Vai sozinha?”. Ela que já visitou aproximadamente 50 países, circula por algumas plataformas de viajantes, como o “Elas viajam sozinhas”. Acompanhei pelo *Instagram*, durante parte do ano de 2022, uma viagem que realizou pela América do Sul. Começou na Colômbia e foi até o Uruguai. Os locais de hospedagem, as pessoas que conhecia, os desafios, faziam parte da sua forma de contar a viagem por meio de postagens nos *feed* e no *stories*. Escreveu em um *post*, em um relato através da plataforma “Elas viajam sozinhas”, onde é possível perceber temas como maternidade, racismo, etarismo, dentre outros que acabam por cruzar a jornada.

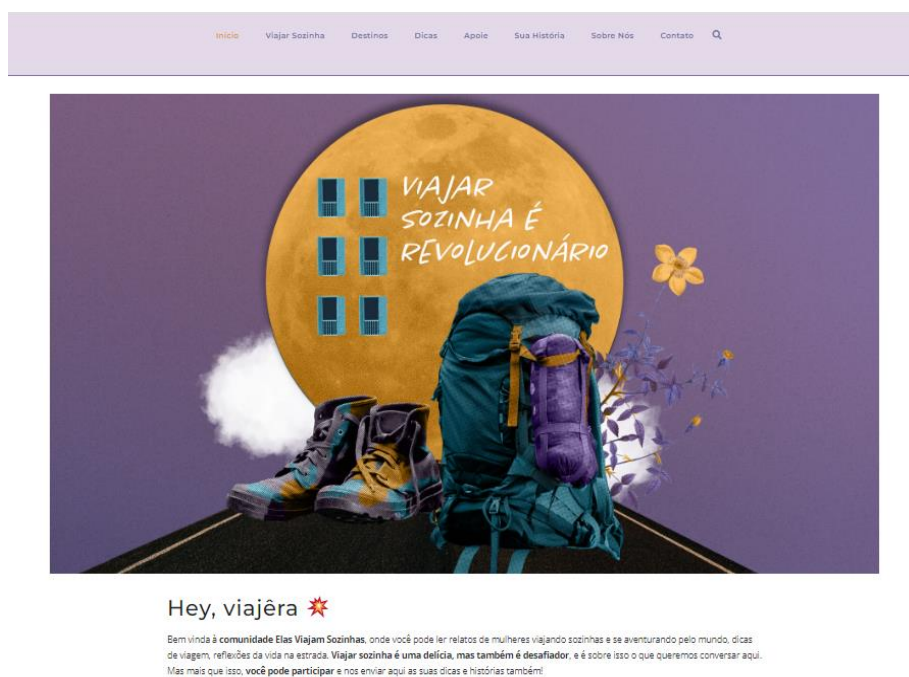
Quando resolvi encerrar a minha carreira no sentido de não precisar estar monitorando mais meus filhos, vê-los andando com as próprias pernas, decidi cuidar da minha vida, de me dar prazer, de realizar os meus sonhos: concretizar-me nesta vida de mochileira, como sempre quis que acontecesse. Entendo hoje que só estou aqui porque os meus filhos me ajudaram (Jô, relato no projeto “Elas viajam sozinhas”).⁴⁶

O relato da viajante revela que esse estilo de vida não está limitado a um grupo de mulheres jovens, como pode sugerir o grupo das interlocutoras centrais desta pesquisa. Jô nos faz refletir que esse tipo de viagem não é só uma experiência juvenil ou um fenômeno jovem, e isso amplia os sentidos da juventude. As viagens não dão sentido

⁴⁶ Disponível em: <https://elasviajamsozinhas.com.br/ressignificando-o-que-e-ser-mae/>

somente as experiências de jovens, nem são um tipo de vivência que está centrada em uma fase da vida. As atitudes aventureiras, desviantes, transgressoras não se fecham em um ciclo da vida – embora suponho que há limitações e arranjos outros articulados desde a experiência geracional.

Figura 65 - Site do projeto “Elas viajam sozinhas”



Fonte: <https://elasviajamsozinhas.com.br/>

O conteúdo digital disponibilizado principalmente no *Instagram*, *Youtube* e *Facebook*, comunidades de viajantes e outros espaços virtuais, tem produzido um reservatório de imagens, ideias e informações que circulam para além das plataformas, e contam sobre as experiências das mulheres. O *podcast* também tem sido uma ferramenta de produção de conhecimento sobre viagens e viajantes. Há conteúdos direcionados para diferentes perfis de pessoas. São diversos os canais de transmissão de informações. O fluxo de informações é crucial no processo de criação e manutenção de uma rede de encorajamento. Mas não são apenas os espaços digitais que ajudam a contar a viagem.

O Bitonga Travel é um *podcast* feito por mulheres negras que objetivam produzir conteúdo para mulheres – e pessoas negras – ao redor do mundo. Rebecca Aletheia, que é uma das administradoras do projeto, além do conteúdo na plataforma *Spotify*, também produz para o *Instagram* e recentemente lançou um livro com as suas *escrevivências* de

viagem, principalmente pela África. Rebecca produz um conteúdo que sigo ativamente no *Instagram*, de forma que trocamos algumas ideias por meio da plataforma. No início do ano, acompanhei a viagem que realizou pela Venezuela e Colômbia – e em várias partes do Brasil. Nessa ocasião, ela também organizou um grupo de mulheres negras viajantes, com quem se encontrou na Colômbia.

Esses exemplos evidenciam que a experiência da viagem tem continuidades. O livro de Ângela Xavier é um registro ímpar, uma preciosidade. Por meio da experiência da autora, é possível fazer um traçado histórico sobre rotas e experiências das mulheres brasileiras sozinhas pelos Andes na década de 1970. Xavier destacou alguns desafios de ser um corpo feminino circulando sozinha pelas cidades sul-americanas como Lima e La Paz em um período de repressão. A autora relata que era percebida como disponível sexualmente por estar sozinha. Relatou que causava admiração por onde passava, como um brasileiro que encontro e que se admirou muito ao ver uma mineira, do interior, viajando sozinha, pois diziam que “mulheres mochileiras percorrendo a América é realmente algo raro, principalmente sendo uma mineira do interior.” (p. 95). Esse material produzido por meio dessa experiência de deslocamento, localiza uma experiência vivida em um tempo-espaço particular, que foi a repressão da ditadura, revelando sentidos diversos às ideias e pessoas que circulavam naquele período.

Além disso, revela também práticas específicas entre viajantes que já aconteciam na época, como a prática da hospedagem solidária. Nesse sentido, os encontros direcionavam os caminhos, modificavam as relações e lugares de hospedagem, assim como a prática da carona. A viagem de Xavier de carona no caminhão cheio de barris de Cochabamba a La Paz, vivenciando o frio ou ainda a viagem de volta em cima de um trem, ilegalmente, retornando ao Brasil pela Bolívia – com um amor de estrada que havia conhecido no Peru –, são esses aspectos que contam sobre a dinâmica da mobilidade de uma época.

Muito mais que uma experiência localizada em um passado remoto, em diversos instantes as experiências de Xavier se cruzavam com as das interlocutoras desta pesquisa. Além das muitas rotas e lugares em comum, quando ela relatou que, junto com o companheiro, pegou os vagões de gado do “trem da morte”, isso me transportava à experiência de Rosa, viajando por entre a carroceria do caminhão que transportava gado, com o seu amor de estrada, cruzando da Bolívia para o Brasil, quase 50 anos depois.

Os perigos e ilegalidades de viajar em cima de um trem, como o fez Xavier, pareciam reatualizados no caminhão “caindo aos pedaços” que trouxe Rosa de volta ao

Brasil. Além disso, a experiência narrada na Amazônia peruana, quando teve a oportunidade de vivenciar junto a uma comunidade local eventos profundos e transformadores, me recordou da narrativa de Carol sobre a vivência transformadora na Amazônia equatoriana; que foi um instante de ruptura com a vida a qual levava na cidade em que vivia.

Na atualidade, os livros que contam experiências de viagem são menos raros. A gaúcha Rafa Ely publicou suas aventuras nas estradas sul-americanas. Escreveu que na estrada, buscou abrigo com auxílio do *CouchSurfing*, dormiu em colchões imundos na casa de desconhecidos, *hostel*, armando a barraca em *camping*, comendo qualquer comida improvisada, caminhando em alguns trechos e realizando voluntariados diversos. Vendia pelo caminho umas pulseirinhas em macramê que havia levado consigo. Passou pelo Uruguai, cruzou de *Buque Bus* para Buenos Aires. Da Argentina: curvas da *carretera de los caracoles* chegando ao Chile, por esse trajeto seguiu de ônibus e caronas em caminhões, motocicletas pelos outros países da América do Sul até chegar à Colômbia. Trouxe consigo uma vasta experiência que envolveu intercâmbio cultural, contato com pessoas de diferentes nacionalidades, apropriação das narrativas históricas, reflexões e projeções de/para si. Concluiu o projeto de viagem, retornou e escreveu um livro sobre os 500 dias viajando sozinha, entre maio de 2017 e setembro de 2018. Além disso, ela disponibiliza conteúdo no Youtube.com e em um *blog*, como se tornou comum na atualidade.

A ideia de documentar a viagem, não parte só do objetivo de alimentar as redes sociais, *blogs* ou escrever um livro. Nem todas as viajantes são super ativas na rede. Nanda confessou que pensava em *documentar a viagem, do ponto de vista feminino. A intenção era menos falar das experiências da viagem em si e mais das experiências de mulheres com as quais cruzou*. Porém isso acabou não se concretizando. Flora se identifica com a fotografia e por isso, documentou em fotos as paisagens naturais e humanas que viu. Publicou algumas de suas fotografias de viagem em uma revista no Piauí. Nanda me presenteou com algumas fotografias de Flora, quando se mudou de Natal.

Figura 66 - Fotografia capturada por Flora.



Fonte: Acervo da interlocutora.

Dessa forma, é possível pensarmos que as formas de contar a viagem perpassam o físico e o virtual. Mostram-se como um processo de afirmação da individualidade, envolvendo vários aspectos da percepção e construção de si, que está além de somente compartilhar uma foto de viagem nas redes sociais. Embora vivamos também uma era do “egoturismo” ou “ego trip” – o turismo/viagem como foco em si mesmo e não na interação respeitosa com o ambiente –, que é uma forma eminentemente egocentrada de contar a viagem principalmente a partir das fotografias de si, levando inclusive a ocorrências de fatalidades em nome de uma “boa foto”. Postar uma foto do que se viu ou por onde esteve é mostrar uma perspectiva de mundo.

Os textos sobre desafiar a si e as limitações que são socialmente impostas sobre a mobilidade feminina, marcam a narrativa sobre um estilo de vida entre as fronteiras do “eu” e o “mundo”. Fotografar, escrever e falar sobre si é uma forma de contar o mundo que se viu.

Sujeitas móveis e em transformação

Acho que a pessoa acaba encontrando seu seu estilo. Às vezes, falando da viagem, a galera falando: - nossa, tu passou por isso? Porque? - Porque foi o que apareceu! - Mas precisava? - Talvez não. Mas eu queria. (Flora)

Há um bom tempo na antropologia tem se pautado uma ideia de cultura que está em constante transformação, que é dinâmica, que se movimenta, que é criativa e criadora

(WAGNER, 2010). De acordo com Ortner (2007) a cultura tornou-se “um objeto pelo menos parcialmente móvel”, embora haja formações culturais com “epicentros”. Essa forma de pensar uma cultura que transita por “fronteiras sociais, culturais e políticas”, confere esse caráter móvel, de forma que podemos considerá-la como algo que se “desdobra e que é apropriado de maneiras muito mais variáveis”. (p. 34). Nessa direção, faz sentido pensarmos em processos culturais. Clifford (2000) também dá conta dessa visão mais móvel quando propõe uma cultura viajante. Conforme essa percepção, as/os sujeitas/os são cada vez mais móveis, e em transformação. A viagem é um aspecto que mobiliza dinâmica cultural, as culturas viajam, transitam entre fronteiras, se articulam, contrapõem, reafirmam, ressignificam.

As viajantes desta etnografia são essas sujeitas móveis que produzem, modificam e transportam culturas. Como argumentou Ortner (2007) a vivência concreta dessas mulheres, enquanto sujeitas históricas e políticas, é capaz de transformar a cultura. Ao mesmo tempo em que, é a cultura que constrói as pessoas como atores sociais, e como agentes. As agências vão se costurando por entre as construções culturais. Ortner (2007) ainda nos ajuda a pensar que embora seja necessário considerar a coerção cultural, as sujeitas sociais se produzem “por meio da prática no mundo e da produção do próprio mundo” (p. 38). A produção de um mundo que é compartilhado – com as devidas limitações de marcadores sociais já considerados – entre mulheres que aprendem e que ensinam. Que trocam e compartilham. Que assumem medos e coragens.

Os efeitos da viagem das mulheres causam transformação na vida social. Nessa “nova” realidade vivida seja no trabalho, na performance de gênero, na estética, nos relacionamentos, modelos de família, atitudes, etc. Essa construção enquanto sujeita social, por meio da experiência particular da viagem, não é uma construção individualista ou solitária, pois, como explicitou Ortner (2007, p. 47), “o agente sempre está inserido em relações de (pretensa) solidariedade – família chegada, amigos, parentes, esposos/companheiros, filhos, pais, professores, padrinhos, e assim por diante”.

Viajar é uma experiência compartilhada, embora existam significados políticos no ato de viajar sozinha, é possível percebermos que o plano de viagem das mulheres envolve a presença de uma filha, irmã, mãe, amiga, prima, enfim, para a realização de um projeto de viagem, as sujeitas estão envolvidas em contextos de solidariedade. Perceber isso, inclusive, oferece outras perspectivas à ideia de viagem sozinha: não como uma prática solitária, mas compartilhada. Uma viagem individual não é necessariamente solitária. Embora eu considere politicamente importante reafirmar a viagem sozinha como uma

etapa importante da formação das subjetividades das mulheres viajantes. Isso balança a ideia tão estática de um viajante que é solitário, heróico, egoísta – típico do ideal masculino de viajante.

Carol ia descobrindo mais sobre si à medida que aprendia novas habilidades artísticas, como o violão e o bambolê. Em seus depoimentos destacava os aprendizados que obtinha nos vários lugares que passava. Vive um aprendizado constante, isso demonstra que está em constante transformação. Aprendeu diferentes habilidades artística, em diferentes cidades sul-americanas. Trabalhou muito tempo com música, tocava violão e cantava, aprendeu malabares, acrobacias em tecidos, além disso, começou a fazer bambolê. A cada lugar que vivencia aprende algo que leva consigo adiante.

Quando entrevistei Carol fazia aproximadamente um ano que havia voltado a viajar, após a pandemia. *Comecei a viajar de novo, só que pra mim voltar a viajar era tudo novo, porque eu fiquei parada muito tempo lá [em Olinda]. Embora tivesse acumulado algumas coisas e não sabia o que fazer, mas eu tinha que ir embora de Olinda porque vejo quando algo acabou seu tempo. Eu já quero ir embora de lá! Eu queria ir embora e falei: tal data vou embora! Ninguém acreditava porque, é tipo que nem no Capão; que daqui não pode sair, que é difícil sair daqui. Lá é a mesma coisa, o lugar não deixa ir embora a você. Aí falei: Não, cara, eu vou embora esse dia. Fizemos uma despedida, ninguém acreditava que eu ia embora, ninguém se despediu como se eu fosse embora, mas eu fui (Carol).*

Para ela, sair de viagem não é um acontecimento extraordinário, é a forma de deixar fluir o fluxo da vida. *Deixar fluir* proporciona uma dinâmica que transforma essas viajantes em pessoas móveis, não estáveis, em transformação. *É uma constante transformação sempre porque estamos em movimento, e sempre estamos mudando. Eu sinto que cada dia eu mudo um pouco mais, que eu me dou conta pelas aprendizagens, porque uno vai mudando pelo que vai vivendo na vida, pelas idas-e-voltas, pelas coisas ruins, pelas coisas boas, mas também tem as coisas que não gostamos. Mas isso são coisas que mais nos fazem crescer, na verdade, as coisas que não queremos que aconteça, mas acontecem, as coisas más... pá, aprendi, pronto, isso já não quero mais na minha vida. Uno vai aprendendo asi, é, muito aprendizado, em constante transformação. Eu já não sou a mesma Carol de cinco ou três anos ou dois anos atrás, ou um ano atrás, eu já não sou a mesma pessoa. Minha irmã, eu te falo que a viagem que eu fazia há cinco anos atrás, eu não faço agora. Agora eu vou mais organizada, com minhas coisas, eu já consigo lugar onde ficar, eu vou pra outro rolê, eu trabalho muito, já é outro rolê*

totalmente diferente agora do que eu fazia no começo. Uma constante transformação, tudo que aconteceu foi por alguma coisa e é um aprendizado cada vivência (Carol).

A argentina está em constante movimento, se estabeleceu em alguns lugares, mas ela sabe quando acaba o tempo em cada lugar. Pensava em visitar os pais na Argentina, mas não tinha planos futuros definidos sobre para onde ir, ou se queria se estabelecer definitivamente em algum lugar. *Não sei, mas na frente veremos, hoje em dia estamos aqui [risos]. [Tu gosta de morar no Brasil?] Eu gosto do Brasil, o Brasil é massa, da hora, o Nordeste é da hora. O Nordeste é muito massa no Brasil. O Norte e o Nordeste, a cultura, as comidas, tudo que tem aqui, eu falo pra galera: galera vocês são muito abençoados de viver aqui, muito abençoados (Carol).*

Lanna encarou a mudança a tal ponto de decidiu viver na estrada. Assumiu a identidade *nômade perdida*. Desde então, se desloca pelo Brasil e por alguns países da América do Sul, com visitas ocasionais à sua região. Estava de viagem pela Bahia quando a pandemia chegou ao Brasil. Ficou morando durante o tempo do isolamento social no estado. No ano de 2022, viajou para a Argentina, tentou entrar na Bolívia, mas não conseguiu, e está envolvida com projetos e *podcast*, relacionados ao universo viajante. Além de que atualmente namora um rapaz que também é viajante, com quem desenvolve também alguns projetos em parceria. Tornou-se atuante na produção de conteúdo sobre viagens pela América do Sul – recentemente lançaram um documentário sobre viagens. Realiza trabalhos de forma remota, e isto a possibilita permanecer na estrada.

Jak conseguiu de alguma forma voltar e se reorganizar, para decidir o que realmente queria fazer. A experiência *vajera* a faz dominar códigos e continuar a desenvolver as próprias estratégias de viagem, mesmo estando acompanhada. Repetiu o trabalho voluntário em vários lugares. Articula lugares de acolhida, trabalhos, etc. Fez uma longa pausa em João Pessoa, como uma estratégia: dar uma pausa, construir um *motorhome*, talvez e seguir o plano de conhecer o Norte do Brasil. Ou então, abraçar os planos outros que parecessem viáveis. Durante o tempo que está na estrada, já mudou de planos algumas vezes, primeiro com relação à duração. Depois com relação à forma de mobilidade. Essas mudanças de planos ao “longo de” a mostram como uma pessoa em constante transformação.

Logo depois de retornar, Gabi voltou à casa cultural Ouvidor 63, fez alguns trânsitos pela região, ficou um tempo no Rio de Janeiro, já na companhia da filha. Voltou para São Paulo, onde permaneceu na *Okupa* Ouvidor 63. Estava se relacionando com um rapaz e maternou pela segunda vez: é mãe de um menino. A arte de rua e o circo

continuam fazendo parte de suas estratégias de vida vivida. Ela vive o movimento das ruas. Porém agora, com novos desafios. A maternidade solo. Talvez a responsabilidade que a maternidade impõe sobre as mulheres seja um ponto imobilizador para Gabi. E aqui marco uma diferença gritante entre homens e mulheres viajantes, principalmente as artistas de rua. Que além de carregar o peso dos malabares, ainda carrega o peso que a maternidade impõe: de responsabilizar as mulheres, quase que exclusivamente, pelo cuidado com as crianças.

A maternidade se torna parte desse constante processo de viajante. Nos momentos de interação espontânea, como nas caminhadas pela cidade, surgiam as conversas que possibilitam conhecer sobre as experiências de viagem. Contou-me sobre a que fez de bicicleta pelo litoral de São Paulo e outra pelo sul do Brasil. Atribuindo significados a suas viagens, o trajeto pelo litoral de São Paulo teve um elemento especial que foi o fato de ela ter feito isso com a filha. *A primeira viagem veio depois do nascimento de Alice, enfrentei uma depressão pós-parto profunda e quando ela tinha 22 dias saímos pela primeira vez, sozinhas. Ficamos um mês fora e retornamos.* Nesse caso, a maternidade aparecia de forma muito significativa na apresentação de suas motivações e itinerários.

Dessa forma, ela assumiu que no meio do caos de Santa Cruz de la Sierra, uma das dificuldades era saber que a filha tinha adoecido. *Nunca antes havia passado um monte de situações difíceis de uma vez só: todo um país parado, um amigo recém operado do apêndice, ocupando um parque e mangueando o que comer nas casas vizinhas todos os dias, minha filha doente no Brasil e a missão de voltar 600km para trás, andando, sem transporte e sem alternativa. Pegamos algumas caronas, dormimos em estradas vazias, dormimos na rua, fomos adotados por uma família.* Todas essas dificuldades foram por conta do *paro cívico* na Bolívia. Quando nos encontramos na Bolívia ela mantinha contato cotidiano com a filha. E esse era, visivelmente, um dos motivos que a empurrava de volta para casa.

Refletir a partir da experiência de Gabi, não nos deixa perder de vista a complexidade que há nas relações sociais na nossa sociedade hierarquizada e desigual. Assim, as sujeitas negociam as realidades vividas de diferentes formas. Têm sido tempos difíceis, a maternidade ainda é um fator de imobilidade para as mulheres, além disso, o empobrecimento dos últimos afetou muito mais a mobilidade de mulheres de classes populares. Não é possível perder de alcance o que escreveu Piscitelli (2002, p.198) sobre a viagem, como “uma noção que estaria marcada por diferenciações de classe, gênero, raça, localizações culturais e históricas e privilégios”. Ainda é de se indignar com o fato

de que as interlocutoras com menor margem de mobilidade são as mães e de classes populares. Outro fato que chama a atenção é a pouca presença de mulheres negras e trans na estrada.

Ainda no sentido de refletir sobre privilégios, o ato de agir para alcançar um projeto de viagem não garante transformações “revolucionárias”. A viagem não é um ato de libertação para todas as mulheres, pois na construção dos projetos não basta a intencionalidade, ou seja, não basta só querer. Como argumentou Ortner (2007, p. 47), enquanto agentes, estamos sempre enredados em relações de poder e desigualdade. Há vários fatores que implicam nas margens de mobilidade das mulheres: o trabalho, a renda, a nacionalidade, a regionalidade, a raça. Mas, acredito que a experiência da viagem pode ser um encontro com o movimento da vida que encoraja a desafiar fronteiras estabelecidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS E OUTROS MOVIMENTOS

Não há uma única maneira de organizar, executar e perceber uma viagem de mochila na América do Sul. As diversas formas que as mulheres pegam a estrada, partem de percepções heterogêneas, que por vezes, trilham caminhos divergentes e até antagônicos, embora algumas práticas sejam convergentes. Demonstrei vários dos contornos possíveis na prática das viagens de mochila. Foi possível perceber que são experiências culturais multifacetadas, por meio da etnografia cruzei as práticas de trabalho, as estratégias de deslocamento físico, de deslocamento subjetivo, agências, transposição de fronteiras, os processos de formação de si, a formação dos trânsitos e como se desenham os fluxos na região.

As viajantes de mochila constroem seus trajetos e itinerários por meio de um projeto de autogestão, desenhado a partir de estratégias de deslocamento que são formas de agências acionadas de acordo com os signos e valores associados às diferentes categorias de viajantes que habitam a estrada. Os trajetos são construídos e organizados – em maior ou menor grau – anteriormente à viagem. A construção dos itinerários está vinculada ao desenvolvimento – ou não – de formas de trabalho durante o trajeto e a escolha dos meios de deslocamento e hospedagem utilizados, além disso, os encontros e os desembarques, se constroem como parte igualmente importante da experiência. Nesse tipo de experiência de viagem os agenciamentos das subjetividades, que envolvem a formação e a representação de si, marcam as identidades e se desenrolam por meio de estratégias mobilizadas nas práticas sociais presentes nos deslocamentos e nas permanências.

As diferenças se estabelecem na forma como o gênero se constrói na estrada. Nessas práticas sociais de transitar entre os lugares, são entrecruzados alguns marcadores como a nacionalidade e a classe – e outros marcadores sociais que podem aparecer no caminho. Isso quer dizer que as mulheres que se constroem como viajantes estabelecem suas diferenças por meio nacionalidade, classe, idade, práticas de trabalho, práticas de deslocamento, escolhas estéticas.

Essas viajantes se constituem como sujeitas históricas e políticas contemporâneas para quem o viajar é um desejo. Porém, há diversos motivos pelos quais uma pessoa faz uma viagem. Se perguntarmos para as mulheres ao nosso redor, há sempre uma viagem que elas gostariam de fazer. Talvez seja uma viagem para os destinos presentes nos imaginários turísticos, ou talvez uma viagem de intercâmbio, uma viagem de trabalho,

enfim, há diferentes interesses que moldam esse desejo, e mesmo assim, podemos dizer que viajar é uma espécie de desejo coletivo. Tal desejo nem sempre se concretiza, mas pode ser um desejo realizável, principalmente, entre pessoas das camadas médias.

Nas últimas décadas, a institucionalização da categoria *backpacker* ou mochileira/o enquanto categoria de viajante, sugeriu uma certa tendência universalista das experiências, sendo que estas se desenvolvem de forma desigual e plural ao redor do mundo. Assim, criou-se um quadro interpretativo da categoria *backpacker* que pouco representa, de forma universal, os sentidos de quem viaja desde/para/entre países do Sul global – que são representados como lugares para onde as/os *backpackers* do mundo inteiro visitam, principalmente pela questão da vantagem econômica em se deslocar por esses países. Além disso, o debate avançou pouco na discussão sobre o gênero das fronteiras.

Para além das categorias epistemológicas, se construiu uma *imagem social* sobre *backpacker*. Nesse sentido, situei algumas informações que ajudam a compreender que as viagens as quais me refiro, operam no cruzamento com este conceito, porém, o transpassa, com afastamento e aproximações na nossa região: por um lado, há uma imagem construída em torno da figura da classe média latino-americana, isso de alguma forma se concretiza nas experiências dialogadas. Mas que é refutada por algumas viajantes mais *roots* – como as *callejeras*, embora não apenas por estas. Gabi por exemplo dizia que não se identificava como mochileira porque isso estava na “moda”.

Porém, as ideias de uma grande jornada de busca pessoal ou de que é preciso largar tudo para pegar a estrada ou ainda as longas viagens, como por exemplo, o ano sabático, muito presentes nesse imaginário europeizado, se diluiu nas formas das viagens aqui experimentadas. Cada vez mais se busca pensar aqui formas que não precisam ser validadas por práticas alinhadas a um modelo estabelecido de viagem “alternativa” ou de um *mochilão*. Fugir de um estereótipo. É necessário reforçar que os tipos de viagem se entrecruzam, mas não precisam caber em *caixinhas*. Isso demonstra que na América do Sul não se segue, necessariamente, os roteiros físicos e subjetivos daqueles ditos globais e eurocentrados, embora entre cruze-os.

Os itinerários da pesquisa me levaram aos encontros viajantes que apresentei. Tais encontros etnográficos aconteceram na estrada virtual e física, sendo planejado em alguns casos, em outros, foram encontros espontâneos, principalmente nas rotas físicas. Neste último caso, o *hostel*, o alojamento, a feirinha, a trilha, o mercado, foram lugares propícios para encontros e interlocuções, além disso, estar conectada a uma rede de contatos

também foi um facilitador. No primeiro caso, o meio virtual foi de suma importância para construir entrevistas, que aconteceram por esse meio, principalmente por conta da pandemia da Covid-19. Os encontros virtuais foram menos uma escolha e mais uma imposição desse contexto de isolamento social, nos quais as interações se limitavam ao virtual. Nesse sentido, estar conectada anteriormente a uma rede de viajante, foi de grande valia.

Pela perspectiva de sentir a experiência etnográfica no corpo, de fazer uma etnografia viajante, jogar o corpo no mundo foi essencial para construir as rotas da pesquisa, mas também foi uma tarefa difícil realizar os distanciamentos e estranhamentos necessários, pois toda essa experiência envolveu as construções culturais da pesquisadora. Tentei manter a vigilância sugerida por Roy Wagner, de exercitar a reflexão de que a/o antropóloga/o está minado com os valores de sua própria experiência cultural. Afinal, meu corpo e minhas emoções fizeram parte dessa rota de pesquisa. As estratégias metodológicas que transitaram comigo – principalmente a ferramenta de acreditar nos encontros –, foram responsáveis pela construção dos principais espaços e fluxos de pesquisa. E isso também está diretamente relacionado com certa experiência pessoal – e coragem –, enquanto viajante.

Nessa “arte do encontro”, diversas fronteiras transnacionais e transregionais envolveram a dinâmica e a cartografia etnográfica. As viajantes com quem encontrei são oriundas de três países diferentes da América Latina: duas argentinas, uma mexicana, e as demais brasileiras. Estas últimas são oriundas das diferentes regiões do Brasil: uma paraense, duas piauienses, uma paranaense e três paulistas. A faixa etária das viajantes está entre 21 e 35 anos. Mesmo que isso sugira que o público jovem pode ser maioria, é importante ressaltar que os perfis geracionais das viajantes são cada vez mais múltiplos. A questão geracional não é mais um marcador central. As viagens ocorreram entre 2015 e 2022, e seguem acontecendo. Esse aspecto temporal me parece “bom para pensar” as viagens de mochila e pode ser melhor explorado em pesquisas futuras.

Os traçados dos itinerários e os trajetos, se relacionam em alguns casos com a regionalidade/nacionalidade. A minha nacionalidade – e as redes construídas no meu país – influenciou, obviamente, no número de encontros com brasileiras, porém a maior quantidade de interlocuções com brasileiras, não necessariamente quer dizer que há maior quantidade destas nas estradas. Há outras reflexões que podem ser traçadas, a partir disso, como por exemplo, o dado de que pessoas de nacionalidade argentina marcam presença significativa nas estradas sul-americanas. Talvez esta seja uma das limitações da

pesquisa, e por tanto, sejam necessários estudos futuros que explorem as experiências de viajantes das diferentes nacionalidades latino-americanas, assim como, explorar outras rotas em países não visitados no *mochilão etnográfico*.

Além dessa forma de participação, os procedimentos analíticos foram marcados pela escuta. O “ouvir” foi importante, tanto nas conversas gravadas quanto nas interações espontâneas. Nesse sentido, fizeram parte desse arcabouço analítico a interpretação das vozes que contam e narram as experiências de viagem e também das práticas observadas em trânsito compartilhado. Por meio da memória e da experiência compartilhada foi possível a reconstrução dos trajetos, caminhos e percursos; a contextualização de lugares, espaços, eventos, trajetórias; a contrastação das experiências – considerando as posições ocupadas no mundo e as visões e percepções de mundo – e também, a explicitação de categorias e formas de se ser, se deslocar e permanecer, comum aos diferentes grupos.

Às ferramentas metodológicas já tradicionais da antropologia, como o diário de campo, foram acrescentadas a consulta de dados e informações em *podcast*, livros de relatos de viagem, filmes, ou seja, uma produção cultural que demonstra uma inserção do tema no âmbito cultural e social. Diante disso, defendo que essas ideias representadas em diversos espaços, em especial na internet, são produtos da experiência subjetiva de viver a viagem. Além disso, são formas de contar a viagem “de mulheres para mulheres”, como por exemplo, a página “Elas viajam sozinhas”, que acumula informações direcionadas a outras mulheres. Esses encontros virtuais são parte das continuidades da viagem.

A produção de conteúdo digital em *blogs*, comunidades e redes sociais, assim como nos livros, e-books, programas de tv, filmes, fotografias, que passaram a circular com mais frequência desde o início do século, constituem-se como materiais ricos para análise etnográfica, além de ser também uma possibilidade de dialogarmos com a arte. A narrativa visual dos itinerários em fotografias, mapas, vídeos e relatos fazem parte da construção de uma estética, que compõem a poética da estrada.

Com relação à pluralidade dos trânsitos que se desenham na região, os achados da pesquisa dão conta de que as fronteiras sul-americanas têm gênero, ou seja, as mulheres viajando na região ainda são questionadas, pois isso é visto como uma atividade perigosa para nós. Há um risco construído socialmente sobre essa prática. Mesmo assim, há mulheres viajando, sozinhas ou na companhia de outras mulheres. A construção de uma viagem como um projeto individual, pode ser uma viagem sozinha ou entre-mulheres, acompanhada de uma prima, amiga, irmã.

A viagem de mochila toma aspectos de autogestão, pois mesmo quando acompanhada, as margens para as agências individuais estão sempre presentes, ou seja, viajar acompanhada não produz perda de agência. Inclusive porque a noção de “sozinha” é complexa; sempre há uma rede de apoio, construída ao longo da viagem ou por meio de relações familiares e afetivas, que proporciona um suporte para que o empreendimento se realize. Havia um suporte financeiro de um “namorado” de uma das interlocutoras que viajava sozinha, por exemplo. Assim como, as redes de apoio das mães viajantes, era os familiares que cuidavam das crianças durante a ausência, ou seja, o apoio familiar ainda é presente em grande parte dos trânsitos.

Na organização do roteiro as comunidades virtuais de voluntariado ou ainda de hospedagem solidárias são mobilizadas, previamente e/ou durante o trânsito. Além do suporte organizado por meio de plataforma de voluntariado e/ou hospedagem, ainda há a utilização de plataformas que movimentam informações específicas para as mulheres – e também informação para o público usuário em geral. Essa preparação da viagem é uma construção particular, mas algumas estratégias se cruzam, como por exemplo, fazer uma reserva de dinheiro para esse fim. Esse tipo de organização, marca um grupo de viajante, mas há também outros grupos que, por exemplo, articulam o trabalho durante o trânsito para seguir de lugar em lugar com a arte de rua, *fazendo farol e mangueio*. Uma das interlocutoras dizia *pal faro que la birra no se paga sola* – para o semáforo que a cerveja não se paga sozinha. Isso expressa a forma como ela encara a viagem.

Os roteiros são construídos e se desenrolam de diferentes maneiras, mas uma característica marcante é o fato de que nunca são controláveis, o trânsito desorganiza, e abre possibilidades para desvios, isso tem a ver com os encontros durante a viagem. Embora seja um roteiro planejado, essas viajantes flutuam entre um roteiro pré-estabelecido e o “deixar fluir como universo”.

A organização não está relacionada somente em torno da questão financeira, a noção de segurança pessoal também é constantemente acionada e negociada. Nesse entrecruzamento de viagem, mulheres e perigo, há a consciência do risco construído socialmente, que se movimenta por entre as fronteiras sul-americanas junto com as viajantes. Liz considerava um risco associado a “mochileiros raiz” a prática do acampamento, por ser uma atividade perigosa preferia reservar um *hostel*, que era percebido como seguro. Porém, as relações construídas em trânsito, mudou consideravelmente suas percepções sobre isso, pois algumas de suas práticas foram se resignificando na prática, como por exemplo, o fato de ter acampando em duas ocasiões

e de ter deixado a mala de rodas para trás – e adotado a mochila – logo depois de ter chegado ao Equador e ter interagido com outras/os viajantes.

Essa relação entre viagem e perigo, torna as partidas negociadas, porém as noções de medo são tomadas em diferentes sentidos, uma das interlocutoras disse que ter o medo como companheiro é uma estratégia. Ter que “ser estratégica” marca esses trânsitos. Para as artistas de rua, por exemplo, o risco se dilui de forma que é mais fácil de ser administrado, pois estas estão em contato mais direto com a dinâmica das ruas. Em alguns casos, ser oriunda de um contexto de empobrecimento e/ou violento, já ativa um sinal que auxilia a identificar o perigo.

No sentido de como etnograficamente apareceram as diferentes categorias de viajantes que habitam a estrada, é possível recuperar os trajetos, reconstruindo os itinerários, que vão desde as fronteiras da Amazônia aos Andes. Houve três *mochilões* de longa duração, de sete e dez meses. Duas irmãs que viajaram juntas, duas amigas e duas primas. Houveram também as jornadas sozinhas, entre ônibus, caronas e caminhadas. E há os trânsitos construídos nos interstícios da vida profissional.

Por meio desses percursos é possível construir uma outra cartografia viajante do continente. Assim, fronteiras entre todos os países sul-americanos foram cruzadas: da Argentina à Venezuela. Nos caminhos traçados, as nacionalidades e as relações socioculturais são negociadas, no sentido das construções de gênero, quer dizer, na forma como se administra ser mulher na estrada, tanto na preparação da viagem – ex. escolha de países e meios de transportes –, quanto no trânsito em si – ex. horários específicos para se deslocar.

Com relação às formas de habitar a estrada, as formas de permanecer e se deslocar são múltiplas. Por um lado, tudo que se move pode ser um meio de transporte. Porém, entre os significados dos trânsitos, cada forma de se deslocar tem um sentido e uma organização diferente. Por exemplo, as estratégias para pedir carona envolvem o engajamento corporal, em rodoviárias e postos de combustíveis, por meio do qual se evidenciam as construções de gênero e as formas de encarar o perigo. Esse tipo de estratégia exige certa coragem, que algumas assumem não ter, principalmente por conta da construção do perigo em torno da carona.

A carona é praticada de forma mais plural em termos de classe. Foi possível perceber que diversas interlocutoras *echaran* dedo na estrada, inclusive, algumas que viajavam com alguma grana *ahorrada*. Isso sugere que há um significado especial na viagem e carona, que está além do fato de ser um meio de deslocamento “gratuito”. O

“pedir carona” exige aprendizado e alguma coragem para assumir o risco. Há uma certa desconstrução da feminilidade em algumas ocasiões, principalmente nas que são consideradas de risco, para evitar o assédio. Isso demonstrou como o espaço é negociado desde uma perspectiva de gênero. A prática da carona por mulheres também se apresentou como um universo a ser explorado mais aprofundado, pois várias características desse tipo de deslocamento, apontam para questões sobre as performances e construções da feminilidade. Uma das questões a serem exploradas é, por exemplo, como as mulheres trans encaram esse desafio.

A etnografia mostrou que nem todas as percepções sobre a carona são negativas, embora envolvam certo risco. As experiências positivas são ressaltadas a partir da riqueza do contato cultural. Além disso, é possível pensar que o fato de ser mulher pode ser um facilitador para conseguir a carona. Embora isso também seja determinado por uma questão racial e dependa do país no qual se transita. Uma das interlocutoras assumiu que conseguiu caronas mais facilmente pois a ideia da fragilidade de uma mulher sozinha pode ser um fator de comoção para um/a condutor/a.

Nesse sistema de mobilidade que se estabelece, ainda existem as paisagens vistas da janela dos ônibus, de vans, de carros, balsas, *tuc-tuc*, Uber, trem, metrô e outros transportes peculiares. O avião é um meio de transporte utilizado de forma muito contextual para conectar escalas continentais – o grupo das *callejeras* nunca se utilizaram deste – enquanto que o ônibus é quase que a principal forma de deslocamento, por terra, pois transmite certa noção de segurança e custa pouco em alguns países da região como Bolívia e Peru.

Nesses percursos, as limitações econômicas levam ao desenvolvimento de formas de trabalho particulares da região, os arranjos são feitos dentro de um quadro de possibilidade que inclui o trabalho artístico manual e artesanal nas ruas e praças, mas também aqueles mediados pelas grandes plataformas globais de trabalhos voluntários, além dos trabalhos ocasionais que vão aparecendo pelo caminho em mercados, restaurantes, no meio digital etc.

Ainda no sentido de pensar as permanências e deslocamentos, as questões econômicas (de classe) e sociais (trabalho que pode desenvolver) se entrecruzam. A etnografia revelou que o artesanato é um dos sentidos da viagem na região: tudo o que se faz com as próprias mãos, movimenta os trânsitos. Assim, o trabalhar viajando (ou viajar trabalhando) se constitui em espaços como os semáforos, feiras e *pedras*. Os *mangueios* são partes principais dessa dinâmica. Os artesanatos, como a *pulseirinha de macramê*, o

malabares, a comida, a música, e diversas outras manifestações manuais e artísticas envolvem essa ocupação *callejera*. É uma forma de ocupar a rua, a praça e o parque, que são os espaços propícios ao *mangueio*, pois é por onde as pessoas locais ou visitantes transitam. Como me disse Gabi, atualmente as pessoas estão viajando com todas as ferramentas possíveis, construindo várias possibilidades de sobreviver na estrada, viajando e fazendo dinheiro como podem. Assim, encontra-se vendedores de doces e balas, entre o grupo que costuma se utilizar do trabalho manual, o *mangueio* gira em torno dos malabares, circo, música, macramê, aço, incenso, comida, etc.

Há certos conflitos, por conta da pretensão de pureza dos “malucos de estrada”, que pensam a organização a partir de códigos de ética que são considerados, por Gabi, como machistas. Enquanto os/as malabaristas podem seguir outros códigos culturais, marcados por uma identidade menos fixa; onde pode-se fazer malabares, mas também fazer artesanato, ou outras atividades artísticas. Embora isso não signifique que estes últimos sejam menos machistas. O trabalho na estrada para quem viaja com pouco dinheiro, é ir fazendo de farol em farol ou de cidade em cidade, e/ou ir desenvolvendo diferentes formas de trabalho. O *manguear* entrecruza esses grupos, se torna uma arte, aprendida e desenvolvida como instrumento de (sobre)vivência. O trabalho artesanal ganha múltiplos sentidos e produzem uma estética particular às cidades sul-americanas. Na qual as mulheres estão constantemente presentes produzindo artesanias, lugares e sentidos.

Sobre as construções de gênero nas formas de trabalho, há certo confinamento em espaços fechados como *hostel*, para realizar trabalho voluntário. Por uma perspectiva de classe, as profissões desenvolvidas na vida cotidiana, marcam as formas de transitar, e isso se relaciona com o nível de escolaridade, embora não seja um fator determinante, pois há as costuras entre a origem de classe e os níveis de escolarização. Alguns desses lugares podem considerar melhor, por exemplo, uma pessoa que fala outra língua – por exemplo, o inglês.

Nesse sentido, algumas diferenças se estabelecem a partir da forma de conseguir o dinheiro para empreender a viagem. As interlocutoras que ocupam profissões como jornalistas, bancárias, tendem a realizar uma jornada com um dinheiro guardado, isso é o que possibilita o trânsito, geralmente duradouro, enquanto que as *callejeras* se utilizam da estrada, sendo esta o próprio meio e fim para conseguir uma *grana*. Isso é possibilitado pelas múltiplas habilidades que uma viajante desenvolve ao longo do trajeto, geralmente um aprendizado que acontece na coletividade, é uma forma de ocupar a rua, a praça, o

parque, mas também uma formação que acontece em espaços específicos como as ocupações. O “partir” é impulsionado, assim, pela reserva de dinheiro ou ainda pela confiança nas habilidades constantemente aprendidas.

Há também diferentes tipos de viajantes habitando os mesmos espaços, que são particulares e também híbridos. As paragens e permanências, aparecem etnograficamente nos *mocós*, nos *alojamientos*, nos *hostel*, dentre outros, como espaços pré-construídos, mas pelos caminhos as paragens também são marcadas pela espontaneidade dos encontros, nos quais as relações de hospedagens solidárias se estabelecem. Ainda sobre as relações solidárias, estas se constituem como uma espaço-chave para várias interlocutoras e para a pesquisadora, como por exemplo o *CouchSurfing*. Além deste, há diversos outros espaços possíveis, como por exemplo o *camping*, que também foi experimentado pela pesquisadora durante as duas viagens de campo.

Os diferentes tipos de hospedagens são mobilizados em fluxo, há uma tendência que as sujeitas de classe média, viajando com *grana* se hospedarem em *hostel* e *CouchSurfing*, enquanto que os espaços mais “inseguros”, espontâneos e/ou improvisados é o que marca as permanências das “malucas de estrada”, artistas de ruas, *callejeras*, etc. Há uma tendência que mulheres de classe média e com nível superior, realize mais viagens que outras. O mesmo acontece com a questão racial; mulheres brancas são mais facilmente encontradas nas estradas, o que não acontece tanto com as mulheres negras. Nesse sentido, não foi possível aprofundar as questões específicas de racialização das fronteiras, porém este ainda é um ponto em aberto, que pode ser explorado de forma mais aprofundada em pesquisas futuras. Atentando para a formação das subjetividades de mulheres negras viajantes, pois este tema tem se mostrado com muitas possibilidades de abordagem.

Sobre os espaços experimentados e por onde os encontros se deram, com Juana, por exemplo, nos encontramos em um *hostel*. Durante o Paro em Santa Cruz, o *alojamiento* foi meu espaço de segurança, e também ponto de encontro e vivência com Gabi e Rosa. A partir dali, saíamos para viver a cidade parada, enquanto as artistas *mangueavam* acompanhando o ritmo da cidade, eu *mangueava* meus dados etnográficos no meio do caos. Sentia-me uma *pesquisadora-mangueadora*, fazendo *meu corre* para construir diálogos e vivências. A diferença pelo trabalho é um dos fortes influenciadores na construção das identidades na estrada.

O “trabalhar viajando” é, portanto, uma das bases das viagens autogeridas das mulheres. É uma das formas de agência e de autogestão que possibilita ou motiva seguir

os trajetos. No sentido de demarcar as fronteiras da noção de trabalho, demarco outras diferenças: algumas interlocutoras não dependiam exclusivamente de desenvolver algum tipo de trabalho para seguir viajando, outras optavam por desenvolver trabalhos voluntários que estavam mais restritos ao ambiente fechado, como *hostel*, mas também é certo que há outras que aceitavam “todo tipo de trabalho” que cruzavam seus itinerários. Por outro lado, o trabalho voluntário estava circunscrito a perfis específicos de viajantes – incluindo nesse “específico” a questão da nacionalidade e classe. Parecia-me pouco provável que o *hostel* onde fiz voluntariado, no centro turístico de Cusco, admitisse um perfil de viajante como Rosa e Gabi. E menos provável ainda que as artistas de rua procurassem esse tipo de lugar para se hospedar.

As agências vão aparecendo em cada movimento *callejero*, em cada conexão com as plataformas de voluntariado e/ou de hospedagem, enfim, são diferentes formas de negociações dos espaços. Por meio da experiência de trabalho das interlocutoras, é possível perceber que se estabelecem diferenças partindo da experiência de classe, mas além disso, a experiência na estrada faz parte dessa forma de habitar e transitar pelas ruas, espaços e territórios. As formas de habitar a estrada, as formas de permanecer e se deslocar se constroem como um aprendizado. Por um lado, tudo que se move pode ser um meio de transporte. Porém, entre significados dos trânsitos, cada forma de se deslocar tem um sentido e uma organização diferente. Assim, os deslocamentos pelo tempo-espaço, se dão em muitas camadas e mobilizam vários sentidos, como os pés no chão, o caminhar, experimentar o mundo na ponta dos pés, parafraseando Tim Ingold.

A limitação temporal pode ser marcada pelos arranjos familiares e profissionais. Existe quem consegue “largar tudo” e pegar a estrada, mas há também quem precisa, realizando assim viagens não prolongadas. Nem todo mundo que viaja tem o privilégio de poder “largar tudo”, quando se tem pouco, por isso, a viagem pode ser temporalmente limitada. Essa limitação temporal depende do contexto de origem de cada sujeita; muitas pessoas intercalam as viagens pois precisam retornar para casa, para a família, para o trabalho.

Nos cruzamentos que esse fluxo proporciona se constroem amores, amizades, redes de apoio e outras conexões afetivas. Nesse ponto, a dimensão da troca e do encontro são fundamentais. Troca, partilha e aprendizado apareceram lado-a-lado. Os pontos de troca e partilha se dão no encontro entre alteridades, assim, “se encontrar” na estrada é sempre uma forma de se relacionar, e assim, de aprender. Os cruzamentos de destinos,

são como os fios do artesanato em macramê, que se interligam por meio dos nós, criando formas e contornos únicos.

Os aprendizados são mobilizados pelos encontros com outras viajantes experientes, seja por meio das dicas de carona, ou ainda do ensinar como funciona o uso do *CouchSurfing*. A natureza desses encontros pode ser também uma experiência afetiva, como nos relacionamentos amorosos que se constroem na estrada. Viver os afetos e amores na estrada pode colocar as rotas em desvio e modificar os itinerários. No caso de uma das interlocutoras, esta tomou o caminho contrário, não planejado, para seguir o coração, ao encontrar um rapaz com quem teve um romance. Outras histórias de “amor na estrada” também apareceram nas narrativas.

O encontro pode redirecionar os trajetos e itinerários, mas também pode agregar pessoas às suas rotas. Ser encontrada na estrada, é quando alguém do círculo familiar ou de amizade vai ao encontro. As relações afetivas se estabelecem ou se reforçam nesses encontros. Na história contada sobre a viagem, há uma tendência nas narrativas à valorização das experiências afetivas sobre amor, amizade e família. Nessas, os relacionamentos afetivos são evidenciados, e podem aparecer também narrativas sobre a sexualidade ou práticas sexuais na estrada. Alguns encontros são efêmeros, uns duradouros e outros se desdobram vida a fora. Podem durar anos, dias, meses ou horas. A troca de informações atravessa os itinerários de forma que, por exemplo, os maiores aprendizados trocados entre mulheres são sobre dicas e códigos para se movimentar com segurança.

Por outro lado, os encontros afetivos sucessivos, geram despedidas dolorosas, e essas despedidas podem motivar um certo cansaço, capaz de interferir no encerramento de uma viagem. Inclusive um cansaço de ser mulher na estrada. Quando Liz disse: Basta! Parecia cansada da dinâmica da estrada. Porém, essa espécie de retorno para o familiar, nunca é definitiva. É marcada por planos de seguir outros rumos. Em alguns casos, a casa dos pais ou da família, é apenas um campo de visita. Há poucas experiências de retorno definitivo a uma vida antiga.

Há outros desembarques possíveis. Gabi escolheu se estabelecer em uma casa coletiva, compartilhada por outras artistas e viajantes. Além disso, há sempre os entre-isso-e-aquilo. Isso faz perceber que estas não estão nunca fixas. Sempre em movimento. Geralmente, a viagem não acaba no desembarque. Há as continuidades da viagem. Essa continuidade pode levar a tornar-se uma migrante, por exemplo. O estranhamento de uma vida estável, não raro, mobiliza essas mulheres a tomar outros rumos em suas vidas.

Os deslocamentos subjetivos demonstram o quanto a volta para casa impacta as pessoas de forma particular, justamente porque a vivência experimentada é múltipla, e ao mesmo tempo, subjetiva. Os desejos são subjetivos. Mesmo duas mulheres que experimentaram de um mesmo tempo-espaço, ainda assim, seguiram por caminhos diferentes, escolhidos a partir das aspirações e desejos individuais da vida vivida.

No caso das duas irmãs interlocutoras, para ambas foi uma mudança de estado, mantiveram os desejos e os planos em comum por um tempo, mas cada uma seguiu seu caminho, porém continuaram unidas no desejo pela estrada, sonhando com a superação do gosto ruim que a ruptura do projeto deixou. Esse caráter subjetivo da fronteira, é o que faz com que cada uma siga com a vida, ou tome rumos diferentes, e ainda assim, compartilhem projetos e sonhos. É nessa direção que posso dizer que a viagem não é uma experiência estática no tempo-espaço, com as fases de embarque-trajeto-desembarque. Não é uma fase, é uma forma de deixar fluir o fluxo da vida. O que quero dizer é que uma experiência de viagem pode direcionar as identidades das mulheres para adoção de um estilo de vida que é móvel.

Com relação aos significados que uma viagem adquire, a descoberta de si se traduz em autoconhecimentos. As fronteiras subjetivas cruzadas nos fazem conhecer a nós mesmas. Aquilo que se é capaz de fazer mesmo quando não condiz com uma projeção da viagem, e de assumir os próprios medos e as limitações. Negociando consigo mesma. A transformação interior ocorre como um processo construído ao longo das experiências, e isso tem pouco a ver com “um roteiro executado com sucesso” e mais com o “fluir do universo”, para onde os encontros, afetos e compromissos apontam antes, durante e depois da viagem.

A formação das subjetividades, as fronteiras ultrapassadas, os deslocamentos subjetivos, constroem práticas e discursos em torno da autonomia, liberdade, diversão, tempo livre, arte, artesanato, viver o agora. Além disso, as experiências vividas na estrada são assimiladas em outros contextos, pois remete a uma situação análoga que foi vivenciada quando você era o outro, o estranho, quem precisava de ajuda. Isso desperta uma empatia social, novas formas de se relacionar com o outro, de impor os limites e vontades.

As estradas sul-americanas são mais que um espaço, um prolongamento espacial de um caminho, tem uma espacialidade que se prolonga para além do sentido físico, se desloca para o sentido subjetivo. Há os elementos da estrada que fazem parte da vida ordinária – quando existir – e tem continuidade após o desembarque. Pegar a estrada,

viver a estrada, estar na estrada é uma oposição à vida ordinária, cotidiana, é experimentar a vida sem afazeres obrigatórios – o que não significa falta de responsabilidade – do trabalho comum, repetitivo. A estrada é contestação de um modelo de vida capitalista. Dessa forma, a estrada se mostra como um lugar complexo na qual as relações sociais se desenrolam em contexto transcultural, tornando os contatos intensos, e mesmo quando superficiais, as diferenças culturais estão dispostas em cada esquina, proporcionando aprendizados e transgressões. A estrada é um espaço não acabado, não delimitado, sempre em transformação.

Cada fronteira cruzada nas estradas sul-americanas, cada contato cultural, cada alojamento diferente, cada *pedra* diferente, a cada novo lugar, constituem um repertório cultural que diz sobre as formas de pertencer a este continente. Os próprios contornos políticos das viagens dizem muito sobre nossa organização social. Uma das interlocutoras disse que imaginava ser diferente viajar na Europa, este é um estudo comparativo possível, perceber os significados em torno das viagens de mochila pela Europa e pela América Latina. As mesmas construções de medo são acionadas?

A realidade social latino-americana tem a cara dos tais “jeitinhos”, do imprevisto, do trânsito entre o legal e o ilegal, como por exemplo na trilha em fizemos para Machu Picchu. O encontro cultural se dá sob uma forma de pertencer, de “ser latino-americana”. E isso marca uma forma de se relacionar. Os trajetos são marcados pelos relacionamentos entre sujeitas e sujeitos construídos historicamente em um continente marcado por invasão, guerras, ditaduras, golpes de estado, revoltas populares e resistências. Esses fatores determinaram a forma como nossa organização social se constituiu.

Como disse uma interlocutora, a América Latina bate muito forte. Eu também sinto isso. Foi na viagem que eu descobri minha identidade latino-americana. Uma forma de ser no mundo. Reconhecer-se latino-americana e sul-americana na viagem por meio do olhar o outro, do encontro de alteridades. Escrevi certa vez num *blog* que: *Na primeira vez que viajei de mochila descobri minha latinidade. Na última viagem, quase 10 anos depois, desconstruí minha latinidade e comecei a compreender que a dita América é mais negra e indígena que latina, que havia algo estabelecido aqui antes da invasão, que esse vasto território era habitado e nossos ancestrais o chamava de Aby Yala.* A viagem é sempre uma descoberta. Reconhecer-se nas *señoras de polleras*, nos povos andinos, nas ruas de Salvador, em outras línguas. Viajar pela América do Sul faz girar nosso mapa.

Uma mulher que viaja pelas nossas fronteiras tem que encarar diferentes tipos de violências impostas pelo colonialismo patriarcal e racista. Na hierarquização que se faz

da sociedade, na qual para negra/os, mulheres, LGBTQIA+ são atribuídos papéis sociais menos importantes. Mesmo com todas as transformações sociais, os papéis de gênero ainda continuam direcionando as mulheres para o espaço do doméstico, no qual a figura de um homem continua sendo central. O avanço significativo do conservadorismo na região nos últimos anos, é uma reação aos questionamentos, por parte desses grupos sociais, desse modelo social.

Tentei abordar nesta pesquisa etnográfica sobre o caráter posicionado e politizado da viagem, pois inevitavelmente os diálogos se deram em contextos políticos específicos, nos quais acontecimentos históricos eram simultâneos, como o que aconteceu na Bolívia e nas eleições presidenciais na Argentina. Além disso, há outras implicações políticas nessas rotas, que se relacionam com questões sociais atuais latentes como militâncias, feminismo, veganismo e a condição das mulheres na sociedade. Algumas situações e eventos foram marcantes, uma questão importante que apareceu pessoalmente, foi sobre os deslocamentos influenciados pelos contextos políticos, como por exemplo, a questão da diáspora de venezuelanos que traz à tona questões importantes para a discussão sobre xenofobia.

Realizei esta pesquisa interpelada pela primeira pandemia global do século XXI, que afetou de forma definitiva uma ordem vigente mundial, com implicações direta no universo das viagens. Desde que desembarquei de volta no Brasil da primeira viagem de campo, muita coisa mudou em relação às dinâmicas do “presente etnográfico” desta pesquisa. Desembarquei em Natal, em janeiro de 2020, um mês antes do início da pandemia da Covid-19 no Brasil. O novo vírus mudou completamente a forma de pensar as viagens, muitas viajantes ficaram “presas” em outros países, outras precisaram ser repatriadas. As fronteiras fecharam e a viagem passou a ser uma grande vilã. O enclausuramento, o distanciamento social, a vida mediada pelas mídias digitais, inseriram outras referências à vida social e cultural de indivíduos do mundo todo. Esse é um exemplo evidente de como os países latino-americanos têm constantemente ressignificado as suas fronteiras.

A pandemia nos atingiu aliada às crises políticas que se desenrolaram na região. O mundo das viajantes na era da pandemia foi de imobilidade. Impossibilidade de transitar. Algumas interlocutoras, foram forçadas a se estabelecer nos lugares por onde estavam passando. As restrições fronteiriças, afetou em cheio as brasileiras – o Brasil foi o país com pior enfrentamento à pandemia, isso gerou uma onda de medo e repulsa –, assim como o empobrecimento causado pela inflação e pela crise financeira. As diversas

faces das fronteiras se evidenciaram durante a pandemia. Com a abertura das fronteiras, após certo controle da Covid-19 na região, algumas das interlocutoras tentaram alguns trânsitos. Lanna, por exemplo, tentou entrar na Bolívia, mas não conseguiu. Seguiu para a Argentina, e depois para o Peru, por onde viajou um tempo junto com o namorado. Segue viajando pela América Latina.

É possível fazer alguns apontamentos sobre a forma como a pandemia afetou a organização na estrada, interrompendo vários projetos, esvaziou as ruas e o trabalho de rua, encerrou as possibilidades de hospedagem voluntária e possivelmente, os espaços coletivos – como um *hostel*. Mas, como defendo, a cultura que se forma na estrada é parte da criação e recriação de si dos lugares ao redor, o diálogo entre o tempo-espço e as pessoas gera novos significados culturais. O recriar constante, o movimento, os deslocamentos e os “realocamentos” são parte da inventividade humana, assim como o próprio movimento de ir e vir é uma constante recriação do espaço e do lugar.

O conturbado desembarque na Bolívia, narrado no início deste texto, possui muitos significados pessoais, e agora, enquanto pesquisadora. Ainda sinto certa frustração por não ter vivenciado experiências, quero dizer, ter aproveitado mais a estadia no país. A Bolívia é um marco para mim, na minha trajetória e na forma como passei a me perceber como pessoa e também como latino-americana. Na primeira viagem que realizei ao país, em 2011, tive um encontro cultural com as pessoas, com os lugares, com a paisagem andina, etc. que foram transformadores, como por exemplo o Salar do Uyuni e La Paz. Na época vivi o fascínio de conhecer outra cultura, de viver o choque cultural, e foi isso que me despertou o interesse para ampliar minhas percepções das realidades sul-americanas, de transpassar as fronteiras da língua e elaborar reflexões sobre nossa própria história em comum, de colonização e resistência.

Me interessei por livros, filmes, músicas, histórias, e todo tipo de arte produzida na América Latina. Quase dez anos depois dessa experiência, decidi começar a viagem de campo por essa mesma rota. Acreditava nos encontros que os Andes poderiam proporcionar. Pensava que os encontros iriam me direcionar para mulheres com estilos de viagens e interesses similares – embora devo assumir que também tinha saudade de percorrer essas rotas. E sim, foi assim, de certa forma. Ao mesmo tempo em que a experiência na Bolívia foi assustadora e até frustrante, tanto do ponto de vista pessoal quanto de pesquisadora.

Porém atribuo isso ao contexto político de tensão social, uma marco na nossa história política, que nunca foi estável. Quando eu estava no aeroporto de El Alto, após

uma noite mal dormida, li as notícias sobre confrontos, mortes e toda tensão que estava acontecendo lá fora. Perguntava-me como estaria a América do Sul quando eu terminasse esta tese. Se quer imaginava quanto desafios ainda enfrentaríamos. Naquela época eu refletia sobre os tempos de relativa estabilidade econômica que vivenciamos, e também sobre o avanço do conservadorismo e da direita na região.

O caráter dinâmico da cultura demonstra que, durante os quase cinco anos que durou essa pesquisa, o contexto político-cultural tem se modificado. Na Bolívia, houve novas eleições em 2020, o partido de Evo Morales (MAS) elegeu em primeiro turno o presidente Luis Arce. Jeanine Añez que havia assumido como interina, foi presa no ano de 2022. No final do ano de 2020, a Argentina aprovou a lei de interrupção voluntária da gravidez – embora se tenha acentuado a crise econômica, isso é um avanço na política para as mulheres na região. Esse era um cenário que já se desenhava no país quando passei por lá. A Colômbia elegeu pela primeira vez na história, um governo progressista, o qual tem como vice-presidenta uma mulher negra, Francia Márquez. Em 2021, o Chile elegeu um presidente de esquerda – embora tenha rejeitado uma proposta de nova constituição. E por fim, em 2022, o Brasil elegeu o presidente Lula da Silva, derrotando um governo devastador e trazendo esperança de dias melhores para o Brasil.

Além deste texto, esta pesquisa resultou em um detalhado relato de viagem, nestes há descrição de lugares de escrita, de acontecimentos, expressão de impressões e emoções, reflexões contextuais, anotações sobre conversas, valores, datas e outras observações que vão construindo uma narrativa por entre o itinerário que percorri. Planejo transformar futuramente o relato de viagem em um livro. Além do mais, esta pesquisa gerou um ensaio visual publicado em revista científica, uma exposição visual, um resumo e dois artigos, escritas em um *blog* de viagem, fotografias, textos e vídeos no *Instagram*. As experiências resultaram em objetos e afetos. Materialidades constituídas nas fotografias, histórias, mapas, *souvenir*, objetos, e imaterialidades como memória, amizades, conexões, redes de contato, por meio das quais é possível construir uma cartografia e uma narrativa descritiva e visual da viagem.

É satisfatório, de alguma forma, finalizar esta tese com certa esperança de que haja novamente um fortalecimento do Mercosul, e que certa integração política e econômica se desenhe a partir desse novo cenário político. Mas acima de tudo, é necessário ainda que as fronteiras sigam sendo contestadas e transpassadas. Mulheres, sigam desejando ultrapassar as fronteiras, carimbando papeis e passaportes. Por uma **latinoamerica** unida e viajante. E também pela retomada de **Abya Yala!**

BIBLIOGRAFIA

- ABU-LUGHOD, Lila. Locating Ethnography. **Ethnography** 1(2): 261-267. 2000.
- ABU-LUGHOD, Lila.; REGO, Francisco. C. V. S. DO; DURAZZO, Leandro. A Escrita contra a cultura. **Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social**, v. 5, n. 8, p. 193-226, 23 nov. 2018.
- ADELMAN, Miriam. Viajantes e migrantes: pessoas e teorias em um mundo pós-colonial. In: Miskolci, Richard; Pelúcio, Larissa. (Org.). **Discursos fora da ordem: sexualidades, saberes e direitos**. São Paulo: AnnaBlume, 2012, v. 1, p. 29-58.
- AGIER, Michel. **Migrações, Descentramento e Cosmopolitismo**: uma antropologia das fronteiras. Tradução: Bruno César Cavalcanti, Maria Stela Torres B. Lameiras, Rachel Rocha de A. Barros. Maceió/AL:São Paulo/SP: EDUFAL: Editora UNESP, 2015.
- ALDANA, Santiago Esteban Laguna. “**Vivir viajando, viajar viviendo**”: Búsquedas y transformaciones personales de los “locos” viajeros en Latinoamérica. (Trabajo de grado). Universidad Nacional de Colombia. Facultad de Ciencias Humanas. Departamento de Antropología Bogotá. Colombia, 2018.
- AMANTE, Maria de Fátima. Das fronteiras como espaço de construção e contestação identitária às questões da segurança. **Etnográfica** [Online], vol. 18 (2) 2014. Disponível em: URL: <http://journals.openedition.org/etnografica/3770>. DOI: <https://doi.org/10.4000/etnografica.3770>
- ANTONIOLI, Fernanda. **Viagens no feminino**: gênero, turismo e transnacionalidade. Campinas: Unicamp (Dissertação de Mestrado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2015.
- ANZALDÚA, Gloria. Como domar uma língua selvagem. **Cadernos de Letras da UFF**. Dossiê: Difusão da língua portuguesa, nº 39, p. 297-309, 2009.
- ANZALDÚA, Gloria. **Borderlans/La frontera**: The new mestiza. Capitán Swing: Madrid, 2016 [1987].
- ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Estudos Feministas** 1. Ano 8, 2000.
- AZEVEDO, Pietra. “**As travas de jardim são unidas**”: etnografia da performance identitária das travestis em contextos rurais e interioranos do sertão potiguar. (Dissertação de mestrado) Departamento de Antropologia. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal: UFRN, 2020.
- AOQUI, Cássio. **Desenvolvimento do Segmento Backpacker no Brasil sob a ótica do marketing de Turismo**. (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2005.

APPADURAI, Arjun. Disjunção e diferença na economia cultural global. In: FEATHERSTONE, Mike (org.). **Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999. p. 311-328. UFMG, 1998.

AUGÉ, Marc. **Por uma antropologia da mobilidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1ª edição, 2010.

BARRETTO, Margarita. O imprescindível aporte das ciências sociais para o planejamento e a compreensão do turismo. **Horizontes Antropológicos**, 9(20), 2003. 15-29.

BEHAR, Ruth. Out of exile. In: **Women Writing Culture**. BEHAR, Ruth; GORDON Deborah A., eds. Berkeley: University of California Press, 1995.

BEHAR, Ruth. **The Vulnerable Observer: Anthropology that Breaks Your Heart** Ruth Behar. Beacon Press, 1996.

BENVEGNÚ, Vinícius Cosmos; MANRIQUE, Diana. Colonialidade alimentar? Alguns apontamentos para reflexão. **Mundo Amazônico**, 11(1): 39-56, 2020.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV editora. 1996.

BURRELL, Jenna. The Field Site as a Network: A Strategy for Locating Ethnographic Research. **Field Methods** 21 (2): 181–99. 2009.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cad. Pagu**, n. 26, p.329-376, 2006.

CAVE, Jenny; RYAN, Chris. Gender in backpacking and adventure tourism. **Advances in Culture, Tourism and Hospitality Research**, v. 1, 189–219, 2007.

CARVALHO, Debora. **Turismo Backpacker: Um estudo exploratório sobre perfil, características e motivações**. Niterói: UFF, (Trabalho de Conclusão de Curso). Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Turismo. Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2009.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. São Paulo: Veneta, 2020.

CLIFFORD, James. “Culturas viajantes” in: A.A.Arantes (org) **O Espaço da Diferença**. Campinas: Papirus, 2000.

CONNELL, Raewyn. **Gênero em termos reais**. São Paulo: nVersos, 2016.

CORRÊA, Ester; BEMERGUY, Telma. Fronteiras contemporâneas e diferenças em movimento. **Revista Equatorial**, Natal, v. 7, n. 12, jan/jun 2020.

CORRÊA, Ester. Itinerários de mulheres negras na antropologia: pensando viagens com Zora Hurston e Lélia Gonzalez. **Ayé Revista de Antropologia**, v.3, n. 1, 2021.

CORRÊA, Mariza. O espalhar de minha avó: linhagens femininas na antropologia. **Horizontes antropológicos**, v. 3, n. 7, 1997.

DAVID, Ashleigh. **Rites of Backpacking**: An Ethnographic Study of Backpacker Culture and Identity in Western Europe. Anthropology Senior Theses. Paper 203, 2020.

DUARTE, Constância; MUZART, Zahidé. Pensar o outro ou quando as mulheres viajam. **Revista Estudos feministas**. Florianópolis, 16(3): 424, 2008.

DUTRA, Mariana. **Turismo 2.0: um estudo de perfil de usuários da rede CouchSurfing**. (Trabalho de Conclusão de Curso). Faculdade de Biblioteconomia e comunicação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2010.

EDWARD, Russell Lee. **Backpacking in the digital age**: Ethnographic Perspectives From Latin America. University of Central Florida, 2009.

ELKIN, Lauren. **Flâneuse**: Una paseante en París, Nueva York, Tokio, Venecia y Londres. Espanha: Malpasso Editorial, 2019.

ELY, Rafaely. **Me leva embora estrada afora**: 500 dias viajando sozinha pela América do Sul. E-book, 2020.

ESCOBAR-GARCÍA, Natalia. ¡No Es Mi Culpa! enfrentando el acoso sexual y la violencia de género en trabajo de campo. **Cadernos de campo**, São Paulo, vol. 27, n.1, 2018.

FACUNDO, Ângela. **Êxodos e refúgios**: colombianos refugiados no sul e sudeste do Brasil. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2017.

FASSIN, Didier. Policing borders, producing boundaries. The governmentality of immigration in dark times. **Annual Review of anthropology**, v. 40, p. 213-226, 2011.

FALCÃO, Denise. **Experiências de mochileiros**: sentidos e significados em uma dinâmica de lazer na sociedade contemporânea. (Dissertação de Mestrado). Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

FALCÃO, Denise. Ser mochileiro: uma constituição social e pessoal do “mochilar”. **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 76-90, dez. 2016.

FLEISCHER, Soraya; BONETTI, Alline. Etnografia arriscada: dos limites entre vicissitudes e “riscos” no fazer etnográfico contemporâneo. **Teoria & Pesquisa**, v. 19, n. 1, 2010.

FLORESTA, Nísia. **Três Anos na Itália, seguidos de uma viagem à Grécia**. Tradução de Maria Selma C. L. Pereira. (Volume 2) Natal: IFRN, 2018.

FONSECA, Cláudia. O anonimato e o texto antropológico: Dilemas éticos e políticos da etnografia ‘em casa’. **Teoria e Cultura**, v. 2, n. 1 e 2. 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/12109>. Acessado em maio/2022.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca; LAGES, Mauricio. A virada das mobilidades: fluxos, fixos e fricções. **Revista Crítica de Ciências Sociais** [Online], 123 | 2020. Disponível

em: URL: <http://journals.openedition.org/rccs/11193>; DOI: <https://doi.org/10.4000/rccs.111932020>

FREIRE, Maíra S. Uno nunca regresa como sale: a viagem das palenqueras com os doces. **Equatorial** – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, [S. l.], v. 7, n. 12, p. 1–35, 2020. DOI: 10.21680/2446-5674.2020v7n12ID18600. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/equatorial/article/view/18600>. Acesso em: 4 mar. 2023.

GAMA, Fabiene. A autoetnografia como método criativo: experimentações com a esclerose múltipla. **Anuário Antropológico** v. 45, n. 2, pp. 188-208, 2020.

GEERTZ, Clifford. **Obras e vidas: o antropólogo como autor**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

GONÇALVES, Marco Antonio. Etnobiografia: biografia e etnografia ou como se encontram pessoas e personagens. In: **Etnobiografia: subjetivação e etnografia**. marco antonio gonçalves roberto marques vânia z. Cardoso (Org). Viveiros de Castro Editora Ltda: 7 letras, 2012.

GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras: Lélia González, em primeira pessoa**. São Paulo, UCPA, 2018.

GRABURN, N. 2009. **Antropologia ou Antropologias do Turismo?** Turismo e Antropologia: novas abordagens. Campinas: Papirus.

GROSSI, Miriam. Na busca do “outro” encontra-se a “si mesmo”. In: **Trabalho de campo, ética e subjetividade**. Miriam Pillar Grossi [el al. 1. ed. Tubarão (SC): Copiart: Florianópolis (SC): Tribo da Ilha: 2018.

GUARDIA, Sara Beatriz. **Viajeras entre dos mundos**. Dourados: Ed. UFGD, 2012.

GUEVARA, Ernesto. **Notas de viaje**. Editora Abril: Ciudad de La Havana, 1993.

GUPTA, Akhil; FERGUSON James. Discipline and Practice: “The Field” as Site, Method, and Location in Anthropology. Em: Gupta, Akhil, James Ferguson (eds.), **Anthropological Locations**. Boundaries and Grounds of a Field Science, Berkeley: University of California Press. 1997.

GUPTA, Akhil; FERGUSON James. Mais além da Cultura. In: A.A.Arantes (org.) **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000.

HANNAM, Kevin; SHELLER, Mimi; URRY, John. Editorial: Mobilities, Immobilities and Moorings. **Editorial: Mobilities, Immobilities and Moorings, Mobilities**, 1:1, 1-22, 2006. DOI: 10.1080/17450100500489189

HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 7-39, 1997.

HANNERZ, Ulf. Beeing there... and there... and there!: Reflections on Multi-Site Ethnography. **Ethnography**, Stockholm, v. 4(2), n. 201, 2003.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, 5. Campinas, Ed. Unicamp, vol 5, pp 07-41.1995

HARKOT, Marina Kohler; LEMOS, Letícia; SANTORO Paula. Mobilidade e gênero em São Paulo, Brasil: como a desigualdade de gênero se expressa no espaço urbano através do uso da bicicleta? **Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress** (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017.

HINE, C. **Ethnography for the internet: embedded, embodied and everyday**. Huntingdon, GBR: Bloomsbury Publishing, 2015.

HURSTON, Zora Neale. **Dust Tracks On a Road: An Autobiography**. New York:HarperCollins Publishers, 1995.

INGOLD, Tim. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. São Paulo: Vozes, 2015.

INGOLD, Tim. **Lines: a brief history**. London: Routledge, 2007. 188 p.

JIRÓN, Paola; SINGH, Dhan Zunino. Dossier. Movilidad urbana y género: experiencias latinoamericanas. **Revista Transporte y Territorio**, Buenos Aires, n. 16, 2017, p. 1-8.

JIRÓN, Paola; GÓMEZ, Javiera. Interdependencia, cuidado y género desde las estrategias de movilidad en la ciudad de Santiago. **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, v. 30, n. 2. 2018.

JOSEPH, Handerson. Por um mundo pós-fronteiriço. 2021. Disponível em: https://migramundo.com/por-um-mundo-pos-fronteirico/?fbclid=IwAR2W3EbfY7LbeOMIyZ7su9jCNvXxY2u_-O9EaRASvJzA4TbFSXH2LRGgXow. 2021

JUODINIS, Gisele. O Turismo Mochileiro: os caminhos e as experiências vividas. In **Anais do VIII Congresso Luso-Brasileiro de Ciências Sociais**.2004.

KAMINSKI, Leon F. **A revolução das mochilas: contracultura e viagens no Brasil ditatorial**. (Tese de Doutorado). Programa de pós-graduação em História. Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2018.

KAMINSKI, Leon; VIEIRA, Danusa. Rosa dos ventos no peito: mulheres, viagens e contracultura. **Equatorial** – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, [S. l.], v. 7, n. 12, p. 1–29, 2020. DOI: 10.21680/2446-5674.2020v7n12ID18614. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/equatorial/article/view/18614>.

KERRY, Emley. **Backpacker selves in a hostel: discourse, identity, and existential authenticity**. LSU Master's Theses, 2013. Disponível em: https://digitalcommons.lsu.edu/gradschool_theses/3759

KEROUAC, Jack. **On the road: pé na estrada**. Coleção L&PM. 2008.

KRAVANJA, Bostjan. The place of backpacker enclaves: Exploring the concept towards its temporariness and situational contexts, **Anthropological Notebooks**22 (3): 87–107. 2016.

KUKLICK, Henrika (1997) After Ishmael: The Fieldwork Tradition and Its Future. In: Gupta, Akhil and Ferguson, James (eds.), **Anthropological Locations**. Boundaries and Grounds of a Field Science, Berkeley: University of California Press. 1997.

LEITÃO, Leonardo. Sobre malucos e micróbios: estilo de vida e trajetórias de artistas nômades. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Antropologia, 2014.

LEITE, Miriam. Mulheres viajantes no século XIX. **Cadernos Pagu** (15), Campinas: UNICAMP, 2000. pp.129-143.

LUGONES, Maria. Colonialidad y gênero. **Tabula Rasa**. n. 9. Bogota, Colômbia. Jul-dec. 2008.

MATOS, Marcela Belchior. **Processos de comunicação na rota de viajantes: uma poética da mobilidade na América do Sul**. (Tese de Doutorado). PUC. São Paulo, 2020.

MARCUS, George. Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-Sited Ethnography. In: **Annual Review of Anthropology**, 24:95-117. 1995.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARIO, Larissa Resende; NAGANO, Carolina Mitie; CUZZIOL, Eloisa Cezar; Borges, Gabrielle. Turismo e Tendências Contemporâneas: Mulher como viajante solo Cenário – **Revista Interdisciplinar em Turismo e Território**, Brasília, v. 9(3), Set/dez. 2021.

MARQUES, Teresa; MELO, Hildete. Os direitos civis das mulheres casadas no Brasil entre 1916 e 1962. Ou como são feitas as leis. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 16(2): 440, maio-agosto/2008.

MARTÍN-CABELLO, Antonio. El turismo «backpacker» en Chile como expresión de una subcultura juvenil global. **Cuadernos de Turismo**. N. 34, 2014. pp. 165-188

MASSEY, Doreen. “Um sentido global do lugar”. In: A.A.Arantes (org.) **O espaço da diferença**. Campinas: Papyrus, 2000.

MASSEY, Doreen Barbara. **Space, place, and gender**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1994.

MAUSS, Marcel. Mauss, Marcel (2003), Sociologia e antropologia. Ubu Editora: 2017.

MILLER, Daniel; SLATER, Don. **The Internet: an ethnographic approach**. Oxford: Berg, 2000.

MILLS, Charles Wright. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

MONTAÑO, Isabel. **Los locos viajeros por Suramérica**. (Tesis de pregrado). Facultad de Comunicación y Lenguaje. Universidad Javeriana. Colombia. Bogotá, 2012.

MORATÓ, Cristina. **Viajeras intrepidas y aventureras**. Broché, 2002.

MYERS, Linda Mary. **Women's Independent Travel Experiences in New Zealand**. (Tese de doutorado). University of Sunderland, 2010.

NAVAZ, Liliana Suarez. Colonialismo, Gobernabilidad y Feminismos Poscoloniales. SUÁREZ, Liliana & HERNÁNDEZ, Rosalva Aída (Org.). **Descolonizando el feminismo**. Teorías y prácticas desde los márgenes. Editorial Cátedra; Madrid, España, 2008.

NAVIA, Angela Facundo; ESGUERRA MUELLE, Camila.; PADOVANI, Natália Corazza. Mobilidades e fronteiras: perspectivas antropológicas feministas para uma mirada interseccional. **Vivência: Revista de Antropologia**, [S. l.], v. 1, n. 56, 2020. DOI: 10.21680/2238-6009.2020v1n56ID23675. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/vivencia/article/view/23675>. Acesso em: 25 nov. 2022.

NOY, Chaim. Traversing hegemony: gender, body and identity in the narratives of israeli female backpackers. **Tourism Review International**, Vol. 12, pp. 00–00. 2008.

NUNES, Priscilla. **A percepção dos backpackers sobre a exploração financeira em suas viagens**. Monografia (Graduação em Turismo) Niterói: UFF, 2012.

ODERICH, Constance; RUIZ, Eliziane Nicolodi Francescato. Comer viajante: uma incursão pela alimentação em diferentes países. **Illuminuras**, Porto Alegre, v. 20, n. 51, p. 117-144, dezembro, 2019.

OLIVEIRA, Rui José de. Turismo backpacker: um estudo dos viajantes internacionais no Brasil. **Cultur Revista de Cultura e Turismo**. Ano 02, n. 01, 2008.

ORTNER, Sherry. Poder e projetos: reflexões sobre a agência. In: GROSSI, Miriam, Pillar et all. (Orgs.). **Conferências e diálogos: saberes e práticas antropológicas**. Blumenau: Nova Letra, 2007. p. 45-80. a

ORTNER, Sherry. Subjetividade e crítica cultural. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 375-405, jul./dez. 2007

OYHANTÇABAL, Laura Mercedes. Cuando el viaje se siente en el cuerpo: Algunas reflexiones sobre viajes, nomadismo y género. **Encuentros Latinoamericanos**. V. II, nº 2, 2018.

OYHANTÇABAL, Laura Mercedes. Viajeros y vínculos. El viaje como modo de vida. **Rev. Plural**. n 1. Vol. 1. P 73-102. 2018.

PEIRANO, Mariza. “Sem lenço, sem documento”: cidadania no Brasil. In PEIRANO, Mariza. **A teoria vivida e outros ensaios de Antropologia**. Rio de Janeiro; Jorge Zahar Editor, 2006. p. 121-134.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 20, n. 42, p. 377-391, dez. 2014.

PESSOA, Gabriela Urban. **Mulheres pelas estradas latino-americanas**: uma análise dos road movies “qué tan lejos” e “sin dejar huella”. (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal Fluminense, 2018.

PEIXOTO, Fernanda Arêas. **A Viagem como vocação**: Itinerários, parcerias e formas de conhecimento. São Paulo: Fapesp/Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

PEIXOTO, Fernanda Arêas; GORELIK, Adrian. **Cidades sul-americanas como arenas culturais**. 1ªed. EDITORA: SESC SP, 2019.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **Made in China**: (in)formalidades, pirataria e redes sociais na rota China-Paraguai-Brasil. São Paulo, Hucitec: Anpocs, 2011.

PISCITELLI, Adriana. “Gringas ricas”: Viagens sexuais de mulheres européias no Nordeste do Brasil. **Revista de Antropologia**, V.53, São Paulo: USP, 2011, pp.79-117.

_____. Atravessando fronteiras: teorias pós-coloniais e leituras antropológicas sobre feminismos, gênero e mercados do sexo no Brasil. **Contemporânea**. V. 3. N. 2. 2013. p. 377-404.

_____. Exotismos e autenticidade: relatos de viajantes em busca de sexo. **Cadernos Pagu** (19), Campinas: UNICAMP, 2002, pp.195-231.

_____. “#queroviajarsozinhasemmedo”: novos registros das articulações entre gênero, sexualidade e violência no Brasil. **Cadernos Pagu** (50), Campinas: UNICAMP, 2017.

_____. **Trânsitos**: brasileiras nos mercados transnacionais do sexo. Rio de Janeiro, Editora UERJ/CLAM, 2013.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, 2005.

REBELO, Cátia Filipa. **Turismo backpacker um retrato em Portugal**. Leiria: IPL, (Dissertação de Mestrado). Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar. Instituto Politécnico de Leiria. Leiria, 2012

REIS, Alana Martins. **Mulheres e viagens: insegurança e medo?** (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Turismo e Hotelaria, 2016.

ROCKWELL, Elsie. **La experiencia etnográfica**: historia y cultura en los procesos educativos. 1a ed. - Buenos Aires: Paidós. 2009.

SARLO, Beatriz. **Viagens – da Amazônia às Malvinas**. E-galaxia. E-book. 2015

SARTORI, Maria Ester de Siqueira Rosin. **Maria do Carmo de Mello Rego**: diário de uma mulher viajante do século XIX, a memória perpetuada na palavra escrita. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP: 2018.

SILVEIRA, Ronie Alexsandro. América Latina como fronteira. **Epistemologias do Sul**, Foz do Iguaçu. /PR, 2 (1), PP.190-210, 2018.

SAWAKI, Douglas Eigi; SAWAKI, Júlia Flores Hüller & NETO, Eduardo Hack. Mochileiros: um segmento a ser explorado no Brasil. **Anais do I Encontro Semintur: Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul**. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2010. Disponível em: <https://www.uces.br/site/midia/arquivos/mochileiros_um_segmento.pdf> Acesso em set/2017.

SILVA, Igor. **O mundo não é tão grande**: uma etnografia entre viajantes “independentes” de longa duração. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza: UFCE, 2015.

SILVA, Juliana Oliveira. **Entre swings, bolinhas e pernas de pau**: circulação e trocas entre malabaristas de rua. (Trabalho de Conclusão de Curso). Centro de Ciências humanas. Universidade Federal do Maranhão, São Luís: UFMA, 2015.

SILVA, Yolanda Flores e, LIMA, Felipe Borborema Cunha & OLIVEIRA, Luana de Sousa. Antropologia e turismo: notas para um debate sobre a pesquisa etnográfica no Brasil. In **Turismo, ensino e práticas interdisciplinares**. Barueri: Manole, 2013. pp. 251-262.

SØRENSEN, Anders. Backpacker ethnography. **Annals of tourism research**. v. 30, n.4, 2003.

SCHWADE, Elisete. Gênero e ativismo político: mulheres no MST e em assentamentos rurais. In: Gláucia de Oliveira Assis Luzinete Simões Minella Susana Bornéo Funck. (Org.). **Entrelugares e mobilidades**: desafios feministas. 1a.ed. Tubarão: Copiart, 2014, v. 03, p. 229-248.

SCHWADE, Elisete. Construção da militância, gênero e geração no MST e em assentamentos rurais: reflexões sobre um processo de pesquisa. In: Oliveira, Kelly Emanuely; Oliveira, Luciana Maria Ribeiro; Neves, Ednalva Maciel. (Org.). **Pesquisa e ética na antropologia contemporânea**: territorialidade, gênero, saúde e patrimônio. 1a.ed. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2013, v. 01, p. 41-80.

_____. Poder do “sujeito”, poder do “objeto”: relato de uma experiência de pesquisa em um assentamento de trabalhadores rurais. In: **Trabalho de campo, ética e subjetividade**. Miriam Pillar Grossi [et al. 1. ed. Tubarão (SC): Copiart: Florianópolis (SC): Tribo da Ilha: 2018.

_____. Etnografia e subjetividade na pesquisa antropológica. IN: **Trajetórias antropológicas** [recurso eletrônico]: encontros com Gilberto Velho / Cristina Patriota de Moura e Lisabete Coradini (organizadoras). – Natal, RN: EDUFRN, 2016. 238 p

SOUZA, Candice Vidal e. Habitar e mover-se no deserto que se torna cidade. In: **Antropologia das mobilidades** / organização Candice Vidal e Souza, André Dumans Guedes. -- Brasília: ABA Publicações, 2021.

STOCKING Jr., George W. The ethnographer’s magic: fieldwork in British anthropology from Tylor to Malinowski. In George W. Stocking, Jr. (org.), **Observers Observed**:

Essays on Ethnographic Fieldwork. Madison e Londres, The University of Wisconsin Press. 1983.

TING, Amanda; KAHL, Christian. Self Discovery and Backpackers: A conceptual paper about liminal experience. **International Journal of Religious Tourism and Pilgrimage**. Vol. 4: Iss. 1, Article 5, 2016.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1994.

VELHO, Gilberto. O desafio da proximidade e “Projeto, emoção e orientação em sociedades complexas”. In **Individualismo e cultura**. Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar. 1981.

VERSIANI, Daniela Beccaccio. Autoetnografia: uma alternativa conceitual. **Rev Letras de Hoje**. Vol. 37. N. 4. p. 57-72. Porto Alegre: 2002.

VESELKA, Vanessa . **Green Screen**: The Lack of Female Road Narratives and Why it Matters. October 2012. Disponível em: <http://theamericanreader.com/green-screen-the-lack-of-female-road-narratives-and-why-it-matters/>. Acessado em: novembro de 2020.

VIDAL, Paloma. **Estar entre**: ensaios de literaturas em trânsito. Rio de Janeiro (RJ): Papéis Selvagens, 2019.

XAVIER, Ângela Leite. **Olhos de Estrela**: Chaskañawi. Ouro Preto: Edição da autora, 2011.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo. Cosac Naify, 2010.

ZAMARAITE, Ieva. **Backpacking in India**: Understanding the gap between backpacking ideals and practices. MSc. Thesis Cultural Geography, WAGENINGEN University, 2015.

ZHANG, Jingru; TUCKER, Hazel; MORRISON, Alastair M.; WU, Bihu. Becoming a backpacker in China: a grounded theory approach to identity construction of backpackers. **Annals of Tourism**, 2017.

YANG, Elaine. **Risk-taking on Her Lonely Planet**: Exploring the Risk Experiences of Asian Solo Female Travellers. Thesis (PhD Doctorate). Griffith Business School. Queensland, 2017.